

EVOLUÇÃO DO
POVO BRASILEIRO

2098

OBRAS DO AUTOR

Populações Meridionaes do Brasil, vol. I, 3.^a edição, São Paulo, 1938.

Pequenos estudos de psychologia social, 2.^a edição, São Paulo, 1923.

O idealismo da evolução politica do Imperio e da Republica, São Paulo, 1922.

Evolução do Povo Brasileiro, 4.^a edição, São Paulo, 1938. Ha uma traducção em lingua hespanhola e outra em japoneza.

O occaso do Imperio, 2.^a edição, São Paulo, 1933.

O Idealismo da Constituição, Rio, 1927.

O credito sobre o café, Rio, 1927.

Problemas de politica objectiva, São Paulo, 1930.

Raça e assimilação, São Paulo, 1932.

Formation ethnique du Brésil colonial, Paris, 1932.

Serie 5.^a

BRASILIANA

Vol. 10

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

OLIVEIRA VIANNA

Membro titular do Instituto Internacional de Anthropologia; socio da Sociedade dos Americanistas, de Paris; da Sociedade Portuguesa de Anthropologia e Ethnologia e da Academia Portuguesa de Historia; da Union Cultural Universal, de Sevilha; da Academia de Sciencias Sociaes, de Havana; socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, etc.

EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO

TERCEIRA EDIÇÃO ILLUSTRADA



1938

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre



PREFACIO A 2.^a EDIÇÃO

Este livro sáe nesta nova edição como sahio na primeira: não lhe introduzi modificação alguma, salvo ligeirissimos retoques de forma.

Não vi razão para alteral-o nem no seu pensamento, nem nas suas conclusões. Estes dez annos, decorridos depois da sua primeira edição, não trouxeram nenhum desmentido ás suas affirmações; antes, as robusteceram em muitos pontos. Todas as tendencias nelle assignaladas, sociaes, ethnicas e politicas, se accentuaram cada vez mais: SOCIALMENTE — a tendencia colonisadora para os chapadões centraes; ETHNICAMENTE — a evolução aryanisante dos nossos grupos miscegeneos; POLITICAMENTE — o movimento para a centralização, para a ascendencia do poder central.

Dos meus livros foi este o unico que teve uma critica pouco sympathica e isto mesmo porque esta se limitou a focalisar a sua attenção exclusivamente sobre um ponto unico, entre muitos outros abordados no livro: a questão da presença do famoso dolico-louro, do H. EUROPEUS, de Lapouge, na aristocracia do bandeirismo.

Era esta these, como o leitor verá, apenas uma vaga conjectura, simples e innocente hypothese, sem alcance

nenhum pratico, que eu havia aventado como factor provavel de explicação para a psychologia excepcional dos antigos pioneiros paulistas. Os criticos, entretanto, uns de boa fé, como Taunay e Ellis, e outros de visivel má, não quizeram considerar esta these como eu a havia posto, isto é, como uma pura hypothese, uma supposição méramente conjectural — e a tomaram (ou fingiram que a tomaram) como uma affirmação definitiva.

Tendo concentrado a sua analyse exclusivamente sobre este thema (cujo desdobramento, no livro, occupa menos de meia duzia de paginas), os criticos acabaram dando a impressão, aos que costumam ler a critica dos livros, mas não os livros criticados, de que todo volume da EVOLUÇÃO havia sido exclusivamente consagrado á sustentação dessa these temeraria. Em certo momento, acabei mesmo passando por ter escripto uma obra volumosa para expor e defender, no Brasil, a these da superioridade da raça germanica... Pura obra de critica insincera ou deshonesta, como se vê.

Dahi uma viva reacção — e a atoarda foi grande. O unico, entretanto, que não deu quasi nenhuma significação á critica feita fui eu mesmo; porque sempre considerei este thema como um ponto secundario e insignificativo, que não valia aos meus adversarios perderem tanto tempo em combatel-o, nem a mim em defendel-o.

Devo confessar, entretanto, que um estudo mais profundo dos problemas da Raça e o crescente contacto, em que entrei, com as grandes fontes da elaboração scienti-

fica neste dominio, renovaram profundamente minhas idéas sobre este e outros problemas da ethnologia e da anthropo-sociologia. Destas idéas uma synthese rapida já foi esboçada num pequeno volume, sahido nesta mesma collecção (RAÇA E ASSIMILAÇÃO, 1932) — e só em dous outros volumes, ainda em preparação, poderei expol-as na complexidade dos seus detalhes.

Sob este novo angulo de visão, a questão da raça germanica, do dolico-louro e da sua superioridade, etc., reduziu-se muito da sua importancia e acabou sahido do horizonte das minhas preocupações, pelo menos no que concerne ao Brasil. Outros problemas mais interessantes e fecundos — o das selecções telluricas, o da acclimação, o da selecção eugenica da immigração, o da assimilação, o dos cruzamentos, o da psychologia differencial dos typos anthropologicos — tomaram o seu logar e começaram a me absorver o pensamento e o gosto da investigação.

Minha convicção, aliás, é de que o clima incompatibilisa o nosso meio para habitat do grande typo de Lapouge: ora, isto é bastante para tornar o assumto do dolico-louro sem interesse, presentemente, para o nosso paiz. E muito menos o interessará no futuro, dado o deslocamento progressivo dos grandes fócios emigrantistas do occidente para o oriente e sul da Europa, regiões de celtas, de slavos, de mediterraneos, de iberos — e não de nordicos. Dahi a minha despreocupação actual por esta these.

Foi, destarte, esta segunda parte, que versa sobre a evolução da raça — a unica, das tres de que se compõe

o volume, que soffreu realmente critica e contestação. Quanto ás outras duas — sobre a evolução da sociedade e a evolução das instituições politicas — passaram incolumes e nenhuma critica se fez que me obrigasse á defesa. Devem estar certas, pois.

Revedo-as, agora, reconheço que o meu pensamento não soffreu, em relação a ellas, modificação alguma. Dahi subscrevel-as, hoje, como fiz ha dez annos: com a convicção de que podem ser lidas em confiança pelas consciencias honestas, que procuram, de boa fé, um raio qualquer de verdade sobre o nosso passado.

OLIVEIRA VIANNA

PREFACIO A 3.^o EDIÇÃO

I

Este livro foi escripto em 1922; ha trez lustros, pois. Neste decurso de tempo, o Brasil mudou muito na sua estructura: tem crescido, evoluído, progredido. No entanto, repito nesta nova edição o que já disse no prefacio da anterior: não ha nenhum motivo novo que me leve a modificar qualquer das conclusões, a que cheguei, ao estudar o nosso povo no triplice aspecto da sua sociedade, da sua raça e das suas instituições politicas. Trez tendências revelei então na evolução da sociedade, na evolução da raça e na evolução das instituições politicas — e estas tendências persistem e continuam a se accentuar cada vez mais; socialmente — a tendencia da população no sentido do oeste, para os platós centraes; ethnicamente — o augmento da massa aryana e a aryanização progressiva dos grupos miscigenos; politicamente — a marcha para a centralização politico-administrativa, a crescente hegemonia da União.

No ponto de vista da expansão territorial e do povoamento, novos centros de colonização se constituíram, desenvolvendo-se esplendidamente, em zonas que, na

data da primeira edição deste livro, estavam, por assim dizer, ainda habitadas do íncola bravio ou recobertas de florestas primitivas. Povoações e cidades novas surgiram em regiões apartadas do planalto meridional — como Londrina e outras, nos altos sertões do noroeste paranaense — que constituem, presentemente, focos de extraordinaria expansão desbravadora e colonizadora. Por sua vez, no amago do Brasil Central, um novo centro demographico — a cidade de Goyania — construida com surpreendentes rigores de technica urbanistica — denuncia, para os immensuraveis sertões goyanos e matto-grossenses, uma era de profunda transformação nos seus aspectos geographicos e culturaes. Uns e outros constituem verdadeiros centros vitaes, sem duvida poderosamente expansivos, de irradiação demographica imprevisivel. Uns e outros denunciando essa incoercivel projecção das nossas populações no sentido dos grandes planaltos centraes e que é um dos traços mais impressivos e relevantes da nossa expansão colonizadora.

No tocante aos aspectos ethnicos, a massa immigratoria, não obstante um pouco reduzida nas suas correntes por motivo de restricções impostas pelos paizes de emigração e por força de dispositivos constitucionaes, cresceu sensivelmente. O character quasi exclusivamente aryano, que sempre teve, complica-se agora com os affluxos asiaticos, em cuja composição predominam quasi exclusivamente os japoneses. Estes attingem uma população de, talvez, duzentos mil individuos, concentrados quasi num só Estado — o de São Paulo. Comtudo, o dominio,

até agora incontrastavel, das correntes latinas continua permittindo á população branca do paiz manter-se dentro do padrão anthropologico e cultural das raças mediterraneas — as mesmas que, desde do berço, vêm presidindo á nossa formação.

II

Os aspectos, entretanto, mais interessantes são relativos ás instituições politicas. Observando-as, hoje, concluimos que a obra da unificação nacional e da centralização politica prosegue acceleradamente. Caminha-se, neste sentido, a passo de carga. Tanto os meios de circulação material, como os de circulação espiritual, se desenvolveram, com effeito, intensamente neste espaço de trez lustros: — ferrovias, navegação, telegraphos, correios, como se verá nas notas com que actualizamos os dados estatisticos.

Ha que accentuar o advento de trez novos meios de comunicação, que nos vae permittir uma maior aproximação, não só material como espiritual, de todos os centros de população do paiz: quero me referir á radiophonia, á radiotelegraphia e á aviação. Todos os trez agentes por excellencia da nossa unificação material ou moral. Todos os trez destinados a ser factores poderosissimos na obra do desenvolvimento e consolidação da nossa consciencia collectiva nacional.

Explorados e diffundidos até o maximo das suas possibilidades, outros factores constituirão, certamente, no futuro, como, aliás, já estão constituindo, ao lado das rêdes de comunicação postal, telegraphica, ferroviaria e maritima, os mais efficazes instrumentos com que poderemos contar para ultimar esta empreza em que estamos empenhados ha mais de um seculo: de corrigir — pela acção disciplinar de uma organização politica centralizadora e unitaria — os inconvenientes da nossa excessiva base physica, da nossa dispersão demographica e da acção centrifuga dos agentes geographicos.

III

Não é só. Dois factos novos, de character social um e politico outro, surgidos o primeiro em 1931 e o segundo em 1937, vão concorrer, da forma mais decisiva para assegurar melhores e mais seguras condições de exito a este pensamento centralizador, velho de duzentos annos. O primeiro é a organização sindical e o segundo é a organização corporativa.

Iniciada em 1931, a organização sindical é recente, está ainda em começo, mas já vem desdobrando os seus effeitos no sentido da articulação das forças productoras e economicas do paiz num plano nitidamente nacional. Presos á disciplina do poder central, porque giram em torno do Ministerio do Trabalho, as classes productoras, através dos seus sindicatos, desprendem-se cada vez mais

dos liames localistas e provincialistas, proprios dos clans politicos que gravitam historicamente em torno dos governos locais, e vão construindo, através de suas federações, uniões, confederações, um verdadeiro tecido conjunctivo, dentro de cuja trama todas as forças vivas do paiz começam a se arregimentar sob uma inspiração puramente nacional. Só os cegos não verão que o desenvolvimento deste tecido conjunctivo, a sua rapida e crescente anastomose, implicará na morte, por asphyxia lenta, do nosso velho espirito regionalista, com o seu territorialismo mal comprehendido.

Está claro que, assentando-se sobre esta vasta sub-estrutura sindical, o regimen, corporativo, com a sua super-estrutura centralizada e federal, contribuirá, sem duvida, para abreviar ainda mais esta asphyxia, estabelecendo a preponderancia definitiva do nacional sobre o local. Quem é que não vê que, partindo do centro, — da União —, como não pode deixar de partir, e extendendo-se a todo o territorio nacional, como tambem não pode deixar de extender-se, a disciplina unitaria de todas as nossas forças economicas, que este regimen pressupõe, irá desintegrando, progressivamente, todos os velhos "complexos", ainda subsistentes, do nosso espirito provincial e, consequentemente, consolidando a unidade moral da Nação?

Ha quinze annos, quando escrevemos este livro, ao sintetisar as tendencias da nossa evolução politica, diziamos, concluindo, que tudo estava indicando que o poder

central acabaria tendo sobre as forças centrifugas do localismo e do provincialismo o triumpho definitivo.

Os acontecimentos estão mostrando que esta conclusão — induzida da observação dos factos da nossa realidade politica e social — não continha uma prophacia vã. O direito da Nação á sua unidade e, como expressão desta unidade, á sua supremacia sobre todos os centros regionaes e locaes de vida politica, é hoje, com effeito e tudo o está demonstrando — um direito definitivamente adquirido, para sempre incorporado ao patrimonio constitucional do paiz. Nenhum brasileiro, dotado de um grão de senso politico, por menor que seja, admittirá mais a possibilidade de um retorno á dissociação e á desintegração anteriores.

O. V.

EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO

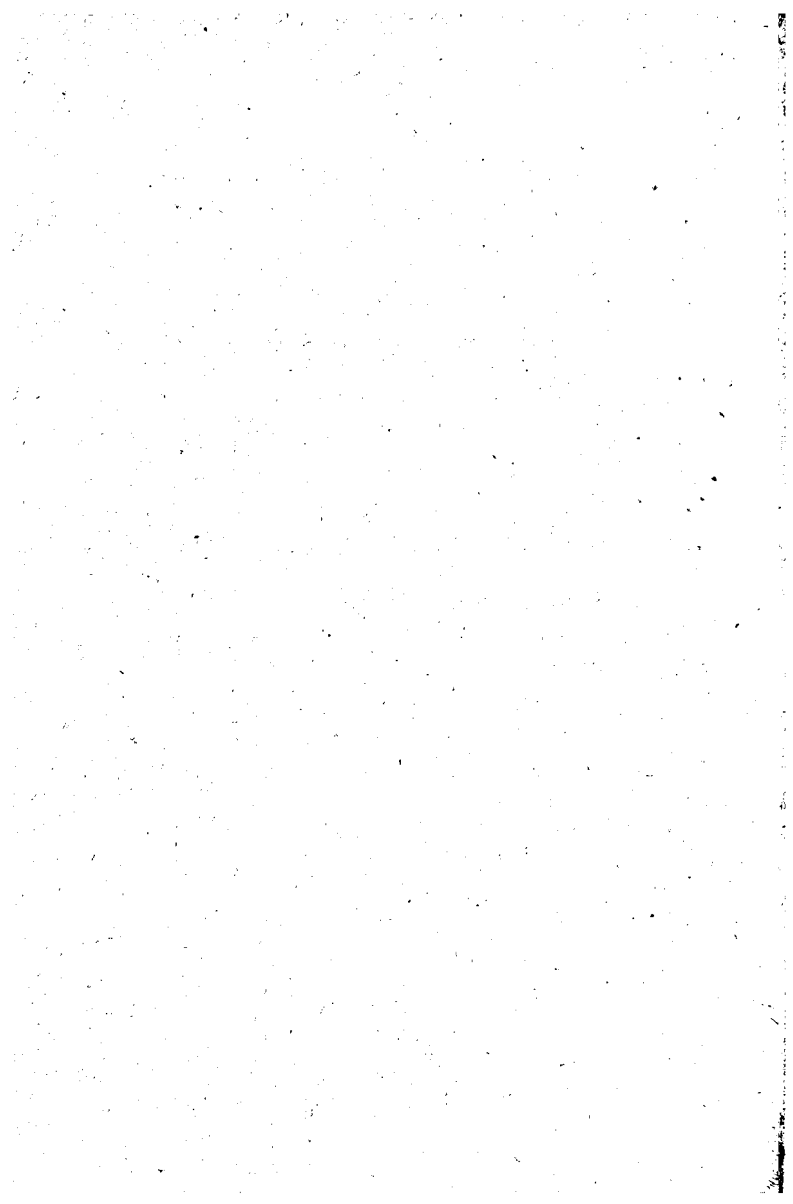
**La science politique
est la science de l'évolu-
tion sociale, et l'art poli-
tique celui de diriger
aux mieux l'évolution à
venir.**

LAPOUGE



INTRODUÇÃO

- I — O moderno conceito da evolução social.**
- II — Utilidade dos estudos brasileiros.**

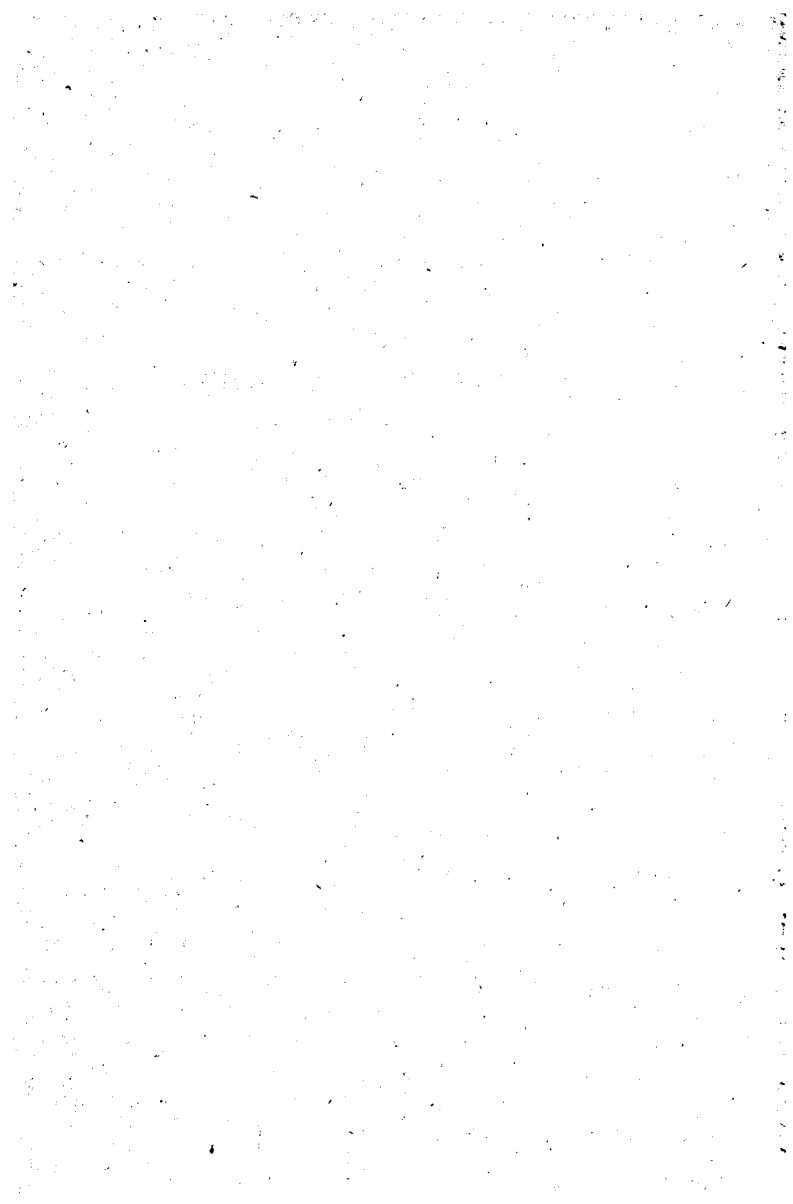


I

O moderno conceito da evolução social

SUMMARIO:

1. O grande movimento da renovação scientifica no seculo passado. O pensamento evolucionista nas sciencias naturaes. Repercussão das theorias de Spencer, Darwin e Haeckel no dominio das sciencias moraes politicas. Fundação da sociologia e da critica historica. Os primeiros enthusiasmos e as primeiras desillusões. II. O primitivo conceito da evolução social. Evolução unilinear da sociedade, da familia, da lingua, da direito, das instituições politicas. Falsidade do conceito da evolução unilinear. Reacção contra o "homogeneo inicial", de Spencer. Gabriel Tarde e os seus seguidores. O moderno conceito da evolução social. III. O "heterogeneo inicial", de Tarde. Factores de differenciação dos grupos humanos: sua complexidade. O moderno conceito da influencia do meio cosmico. O "possibilismo", de Vidal de La Blache. Reacção contra o fatalismo geographico de Ratzel. IV. — O meio cosmico. Sua importancia como modificador social. Como os grupos humanos se adaptam ao meio physico. Revelações da anthropogeographia. Influencia do solo. Influencia do clima. O verdadeiro objecto das sciencias sociaes. Utilidade dos estudos monographicos. Os elementos da futura synthese geral.



HA cerca de cincoenta annos, o grande objectivo dos sociologos e historiadores era formular aquillo que chamavam pomposamente “as leis geraes da evolução dos povos”. Spencer havia estabelecido as leis da evolução universal, Darwin descoberto as leis da selecção das especies e Haeckel lançado os fundamentos da theoria transformista.

Seguidores fieis dos caminhos abertos por esses grandes mestres, numerosos pensadores entraram para logo a pesquisar, no dominio das sciencias moraes e politicas, a verificação dessas surprehendentes leis evolutivas, á luz de cujo conhecimento se haviam tão larga e profundamente clareado os horizontes das sciencias naturaes. Todas as grandes instituições e todos os aspectos da vida social foram revolvidos, escrutados e analysados: o direito, a politica, a arte, a religião, os costumes, a lingua. Todos os grandes povos da historia foram intimados a dar o seu testemunho: dos grandes povos modernos aos grandes povos antigos, aryas, egypcios, assyrios, babilonios, chaldeus, hebreus, gregos, romanos. Todas as raças foram chamadas a exame: desde as

hordas selvagens, que fervilham actualmente nos recantos mais ignorados do globo, até ás hordas primitivas, que habitavam as cavernas dos troglodytas do periodo paleolithico ou as aldeias de palafitas da éra neolithica. Todos. Tudo. Nada havia escapado á analyse formidavel: nenhum ponto do globo; nenhum recanto da historia. Todas as sombras, todos os equivoccos, todas as duvidas parecia haverem desaparecido ao dardejar do clarão poderoso da idéa evolucionista. Revelados, os mysterios da origem das especies. Revelados, os segredos da origem do homem. Reveladas, as leis geraes da evolução das sociedades. Reveladas, as leis particulares da evolução das instituições. Mais nenhum segredo. Mais nenhuma duvida. Mais nenhuma obscuridade.

Passado, porém, o deslumbramento dos primeiros entusiasmos, começou-se a ver que essa prodigiõsa edificação, construida pela orthodoxia evolucionista, estava mal alicerçada e mesmo mal travada nos seus vigamentos. Observações mais attentas, experiencias mais efficazes, descobertas novas, devidas á paciencia investigadora dos eruditos, acabaram mostrando que essas supposta "leis geraes" não comportavam toda a realidade da evolução das sociedades e das instituições. Os que as haviam induzido tinham partido de observações de casos restrictos e generalizado depois, audaciosamente e tambem precipitadamente, as suas conclusões parciaes, extendendo-as a todos os casos aparentemente analogos. Dahi

as insufficiências, os equívocos, as contradicções numerosas, que acabaram por desaprumar a rigorosa esquadria da portentosa construcção (1).

II

Para os evolucionistas, por exemplo, o núcleo familiar era a célula originária das sociedades. O agrupamento de famílias dá a tribo. O agrupamento de tribos dá o povo. O agrupamento de povos dá a nação. De modo que as sociedades humanas, mais ou menos complexas, não eram sinão uma integração progressiva de famílias. Todos os grandes povos da antiguidade haviam tido esta genese e esta evolução. Ora, a erudição histórica, com Eduardo Meyer, com Meillet, com Camillo Jullian e outros, mostrou que esta lei não era geral, que nem todos os povos da antiguidade haviam tido esta marcha evolutiva e era em associações muito mais vastas que elles buscavam a sua origem (2).

Para os evolucionistas, a família, em todas as sociedades, havia seguido a mesma evolução uniforme: primeiro, a promiscuidade da horda troglodytica; depois, o

(1) v. SOROKIN — *Social Mobility*, 1927, pag. 32. E ainda Sorokin — *Contemporary Sociological Theories*, 1928; HANKIN — *Introduction to the study of Society*, 1929.

(2) v. MORET et DAVY — *Des clans aux empires*, 1923, pgs. 13-17,

matriarchado; depois, a organização patriarchal; por fim, a familia moderna. Ora, estudos posteriores revelaram que nada autorisava a affirmar que a fórmula inicial do grupo social havia sido a horda promiscua, nem que o matriarchado fôsse o élo necessario entre a promiscuidade e o regimen das patriarchias. Muito ao contrario, povos havia que não tinham conhecido nem a promiscuidade, nem o matriarchado, e outros em que a promiscuidade havia sido, não o principio, mas o termo de um longo processo evolutivo.

Para os evolucionistas, todas as linguas haviam tido o mesmo ponto de partida — uma lingua-mãe, e haviam seguido a mesma evolução: primeiro, o monosyllabismo; depois, a agglutinação; depois, a flexão; por fim, o analytismo. Ora, investigações mais acuradas e mais extensas provaram que nem todas as linguas têm obedecido, nas suas successivas transformações, a essa ordem evolutiva e que linguas existem absolutamente irreductiveis a um *typo commum*.

Os evolucionistas diziam que a humanidade, na sua evolução, havia sido primeiramente caçadora, depois pastora e, por fim, agricultora. Essas phases se succediam regularmente em todos os povos em particular e na humanidade em geral. Ora, a observação mostrou que ha povos agricolas que nunca foram pastores, como ha povos pastores que nunca foram caçadores, como ha povos que, de caçadores, passaram a agricultores, sem terem atravessado a phase pastoral, como ha povos que são, cumulativamente ou alternativamente, caçadores e agriculto-

res, pescadores e pastores. E nós mesmos temos, em nossa historia e em nosso povo, desmentidos flagrantes dessa famosa lei evolutiva, com a primitiva população de açorianos do Rio Grande do Sul, que, de um regimen agrícola pronunciado, evoluiu rapidamente para um regimen pastoril pronunciado, ou como essas actuaes populações insulares de Santa Catharina, oscillando, em rythmo regular, entre a pesca e a agricultura (3).

Segundo ainda os evolucionistas, á maneira de Létourneau e Dareste, em todos os povos o direito e as suas instituições haviam tido a mesma evolução e passado pelas mesmas phases: o direito criminal, o direito publico, o direito processual, o direito civil e, dentro deste, o direito da familia, o direito da propriedade, o direito das successões, o direito das obrigações. O mesmo acontecia com a evolução das instituições politicas: todos os povos haviam passado pelas mesmas phases, ou haviam de passar. Primeiro, a monarchia. Depois, a aristocracia. Por fim, a democracia. De modo que, dado um povo qualquer, antigo ou moderno, seria facil, pela simples applicação dessas "leis geraes", conhecer a sua evolução no passado ou deduzir a sua evolução no futuro.

(3) v. *Populações Meridionaes do Brasil*, v. II (em preparação) e VIRGILIO VARZA — *Santa Catharina*, I pg. 422, 264. E' o que se dá tambem com os "caçadores de onça", de Matto Grosso (v. A. Marquez — *Matto Grosso*, 1923, pg. 89) e com os "apanhadores de ovos" de tartaruga, no Amazonas (v. *Boletim do Serviço Geologico*, n.º 31, pg. 38): uns e outros oscillam entre uma phase agrícola e outra caçadora.

Era o pleno triumpho da concepção unilinear da evolução. Cêdo, porém, começou-se a sentir que esse unilinearismo falseava a verdade e não explicava nada. Longe de obedecer a essa unilateralidade de evolução, revelavam os grupos humanos uma incomparavel riqueza de modalidades evolutivas. Comparando-se, por exemplo, a historia do direito francez e a historia do direito allemão, viu-se que, embora tendo partido do mesmo ponto inicial — o direito franco, esses dous direitos evoluíram de tal forma e tão particularmente que, “salvo o esforço crescente de um ou de outro para a centralisação legislativa, em nada mais se assemelham no seu curso” (4). O mesmo se deu com o direito inglez e o direito francez, que, partindo do mesmo ponto commum no seculo XII, acabaram constituindo duas legislações absolutamente diferentes — tão diferentes que parece não terem partido do mesmo ponto commum. Por outro lado, na Suecia e na Dinamarca, o começo da evolução do direito foi a “communidade de aldeia”; entretanto, o curso ulterior da evolução juridica dos dous povos leva um, a Suecia, a uma “organisação aristocratica”, e outro, a Dinamarca, a uma “organisação democratica”.

Tarde observa que a mesma diversidade se verifica no tocante á evolução das instituições politicas, quando comparamos a historia da Inglaterra com a historia da Allemanha, e estas com a historia da França. Sabindo

(4) TARDE — *Les transformations du droit* — Paris, 1894 pag. 163

do chãos mediavel, essas tres nações traziam em seu seio as quatro grandes forças, que se entrechocavam naquelle periodo: a monarchia, a egreja, a feudalidade e o povo. Entretanto, na evolução ingleza a preponderancia final cabe ao povo; na evolução franceza, á monarchia; na evolução allemã, á feudalidade. São tres evoluções inteiramente differentes. E Tarde pergunta: “— Si taes differenças se assignalam entre povos irmãos, em permanente contacto de exemplos e modelos, que não se dará entre nações sem parentesco, nem contacto?” (5).

Estes factos vieram provar quão precipitados haviam sido os sociologos da orthodoxia evolucionista na formulação das suas famosas “leis geraes da evolução das sociedades”. Gabriel Tarde, pensador genialissimo, foi um dos primeiros a reagir contra essas generalisações temerarias e essas conclusões prematuras.” — Ce ne sont pas ces études que j'ai combattues — dizia elle, respondendo a uma critica menos justa de Adolfo Posada —; mais, les conclusions prématurés, les généralisations précipitées qu'on a baties sur elles, et le principe même de ces généralisations abusives, à savoir: l'hypothèse sans preuve et sans vraisemblance que, malgré la dissemblance des races et de circonstances, tout les sociétés ont eu le même point de départ et suivent ou tendent à suivre *normalement* les mêmes series de phases” (6). E a esse velho e

(5) TARDE — *ob. cit.* pag. 163.

(6) TARDE — *ob. cit.* pag. I.

falho conceito da "evolução linear" elle contrapôz o novo e fecundo conceito da "pluralidade das linhas de evolução".

Na esteira e no exemplo de Tarde, seguiu-se toda uma geração de pensadores, que acabaram mostrando, da maneira mais robusta e peremptoria, a inanidade das velhas formulas geraes e reconhecendo que Tarde tinha razão quando affirmava a existencia de numerosos typos de evolução independentes.

Dessas desillusões dos primeiros enthusiasmos parece que a sciencia colheu, afinal, a lição de um sabio scepticismo. Dir-se-á que os modernos pensadores se louvavam naquelle conselho de prudencia de um personagem de Maeterlinck: "— Ne faisons pas de lois avec quelques débris ramassés dans la nuit qui entoure nos pensées".

Não vae, porém, nesta attitude sceptica e prudente nenhum principio de negativismo da capacidade da sciencia para elevar-se ás grandes leis geraes, nem uma confissão da bancarrota dos seus principios fundamentaes. Essa attitude é apenas o reconhecimento da precipitação com que andaram alguns dos mestres mais graduados do pensamento moderno. Reage-se contra o uniformismo, o unilateralismo, o fatalismo da evolução; pedem-se formulas mais largas e menos rijas, capazes de conter toda a incontavel riqueza de formas da vida social.

E' tamanho o espirito de liberdade, que está presidindo a investigação scientifica contemporanea, que já se começa a dar lugar, entre os factores determinantes da evolução dos povos, a uma causa, que, ha cincoenta

annos, parecia ser incompativel com qualquer explicação scientifica da sociedade e da historia: — o acaso. Não, por certo, o “acaso”, o puro e simples acaso dos eventualistas; mas, o “acaso historico”, de Henri Berr (7).

III

Ha uma grande idéa dominante em todo esse movimento de reacção renovadora, que lavra os dominios das sciencias sociaes de ha trinta annos para cá. E' a idéa daquillo que Tarde chamou “o heterogeneo inicial”, em contraposição ao “homogeneo inicial”, de Spencer.

Ninguem, hoje, que esteja ao corrente das idéas mais recentes trazidas ao patrimonio da cultura universal pela geographia, pela anthropologia, pela sciencia social, pela anthropogeographia, pela anthroposociologia, pela critica historica, crê mais na hypothese de que possam existir grupos humanos identicos, por mais affins que elles sejam. Cada aggregado humano é hoje, para a critica contemporanea, um caso particular, impossivel de assimilação integral com qualquer outro aggregado humano.

Não falemos dos grandes povos civilizados. Nestes a heterogeneidade é sensivel aos olhos dos observadores mais broncos. Mesmo, porém, em relação a essas sociedades primitivas da Asia, da Oceania e da Africa, con-

(7) HENRI BERR — *La synthèse en l'histoire*, 1911, pg. 55.

sideradas homogêneas pela velha escola evolucionista, já a ciência verificou a falsidade daquellas categorias geraes, em que costumavam enquadrar-as os historiadores, geographos, sociologos e ethnologos de ha cincoenta ou quarenta annos passados, presos ainda ao rigorismo litteral das idéas de Darwin, de Spencer ou de Ratzel.

Obedecendo essa tendencia geral do pensamento contemporaneo, que é, segundo René Pinon, "introduzir a realidade precisa do detalhe nas sciencias economicas e historicas", uma legião de estudiosos entrou a observar, de perto e com o mais absoluto rigor scientifico, a vida e a estrutura desses rudimentares grupos humanos, que habitam as florestas da Africa, as steppes da Asia e as ilhas da Oceania: e a conclusão que de lá trouxe foi que essas pequenas sociedades possuíam uma estrutura muito mais complexa do que presumiam observadores superficiaes, e que aquelles quadros schematicos, dentro das quaes as haviam emoldurado imaginosos sociologos de gabinete, eram demasiadamente estreitos para comportar-as todas na rica variedade dos seus typos e aspectos (8).

Como explicar então essa variedade de aspectos? Como explicar essa diversidade de typos? Como explicar, em summa, esse "heterogeneo inicial?"

Para essa multiplicidade de typos, para essa variedade de linhas de evolução, para este heterogenismo

(8) TARDE — *ob. cit.*, pag. 7; LUCIEN FEBVRE — *La Terre et l'évolution humaine*, Paris 1922 pgs. 284, 335.

inicial contribue um formidavel complexo de factores de toda ordem, vindos da Terra, vindos do Homem, vindos da Sociedade, vindos da Historia: factores ethnicos, factores economicos, factores geographicos, factores historicos, factores climaticos, que a sciencia cada vez mais apura e discrimina, isola e classifica. Estes predominam mais na evolução de tal aggregado; aquelles, mais na evolução de outro; mas, qualquer grupo humano é sempre consequencia da collaboração de todos elles; nenhum ha que não seja a resultante da acção de infinitos factores, vindos, a um tempo, da Terra, do Homem, da Sociedade e da Historia. Todas as theorias, que faziam depender a evolução das sociedades da acção de uma causa unica, são hoje theorias abandonadas e peremptas: *não ha actualmente monocausalistas em sciencias sociaes.*

Entre essas forças, que influem sobre a evolução das sociedades e concorrem para a heterogenisação da sua estrutura e da sua marcha, estão, em primeira linha, porque irreductiveis e incoerciveis, as forças oriundas do meio cosmico, principalmente o solo, que é base physica das sociedades. Para Ratzel, por exemplo, elle “regula o destino dos povos com uma céga brutalidade”. Certo, hoje, ninguem partilha desse fatalismo geographico de Ratzel. Em logar desse determinismo cégo, a sciencia moderna contrapõe o “possibilismo” de Vidal de La Blache, que faz do homem uma força intelligente, reagindo contra o determinismo do meio physico, e não um mero automato, impellido

cegamente por elle (9). Comtudo, por mais que o homem faça para se libertar das influencias do ambiente cosmico, dellas nunca conseguirá libertar-se inteiramente. Dil-o Lucien Febvre, embora partidario decidido do "possibilismo" de La Blache (10). E com elle toda a sciencia social contemporanea.

IV

Os antigos, aliás, tinham um sentido muito subtil desses efeitos das influencias locais. De cidade a cidade, dentro de um mesmo povo, elles sentiam que havia qualquer cousa impalpavel, mas real, que as fazia diferentes — e attribuem este facto á acção de uma poliada ou demonio invisivel, a que elles chamavam o "genio do logar", *genius loci*. Hoje, a sciencia dos geographos, dos meteorologistas, dos physiologistas, dos anthropologistas, dos psychologos, dos sociologos, dos historiadores reconhece e justifica a sabedoria da experiencia antiga e explica pela acção modeladora do meio cosmico essas differenças subtis, em que os antigos viam a traça misteriosa de uma entidade sobrenatural.

Cada sociedade tem, na verdade, a sua maneira propria de arranjar-se no seu habitat, de adaptar-se

(9) BRUNHES et VALLAUX — *La geographie de l'histoire*, 1921, pg. 69.

(10) FEBVRE — *ob. cit.*, pag. 383.

a elle. Os trabalhos dos investigadores da escola anthropogeographica de Vidal de La Blache, como os de Sion sobre a Normandia e o Var, os de Demangeon sobre a Picardia, os de Blanchard sobre as Flandres, os de Vallaux sobre a Bretanha, os de Sorre sobre os Pyreneus e os de Levainville sobre o Morvan, e as luminosas e bellas monographias dos discipulos da escola de Le Play mostram, da maneira mais impressiva e frisante, como os menores accidentes do terreno, as peculiaridades do relevo geographico, a estructura geologica, as condições especiaes da insolação, o regimen das precipitações pluviaes e das correntes atmosphericas influem sobre as condições sociaes e politicas das regiões. Uma pequena differença nos aspectos topographicos do modelado, uma variação qualquer, embora apparentemente insignificativa, na direcção das correntes atmosphericas, no coefficiente pluviometrico, na composição do solo aravel basta para introduzir, na vida do aggregado humano sujeito á sua influencia, um elemento de differenciação local, que, com o tempo, pela lei do *consensus*, acabará repercutindo por toda a estructura social — desde os methodos de trabalho até a organização dos poderes publicos.

Por outro lado, os estudos recentissimos de Woodruff, de Hellpach, de Dexter, de Huntington, de Courcy Ward e outros demonstram, atravez de pesquisas severas e rigorosas, como os aggregados humanos são organismos extremamente susceptiveis á acção dos factores cosmicos e como as curvas dos diagrammas

estatísticos, demonstrativos da sua vitalidade e do seu dynamismo, reflectem as mais leves variações de certos agentes meteorologicos, que pareciam não exercer nenhuma influencia apreciavel: o rythmo das estações, o gráo de humidade do ar, o indice das pressões barometricas, o coefficiente thermometrico, a nebulosidade do ceu e até mesmo as cargas electrico-magneticas desencadeadas á passagem impetuosa das tempestades e dos cyclones (11).

E', como se vê, todo um complexo prodigioso de agentes subtis de modelagem e transmutação, que, actuando de uma maneira constante sobre os grupos humanos, acabam por estabelecer entre elles differenças irreductiveis, mesmo entre os que vivem mergulhados na mesma atmospherá de civilisação.

O estudo dessas modalidades differenciaes, oriundas das necessidades de adaptação de cada sociedade ao seu meio cosmico, como o estudo das outras modalidades differenciaes, oriundo das necessidades de adaptação ao meio social, ao meio ethnico e ao meio historico, é o verdadeiro objecto da investigação scientifica contemporanea.

Ha cincoenta annos, o que se procurava, como principal objecto das sciencias sociaes, eram as "leis geraes da evolução dos povos". Hoje, ao contrario, essa preoc-

(11) v. HUNTINGTON — *Civilisation and climate* (2.^a ed. 1922); — *The Charater of Races*, 1927; — *The Human Habitat*, 1930.

cupação deixou de ser immediata, porque se veio a comprehender que todas as theorias engenhadas até então haviam falhado justamente porque aquellas sciencias não haviam collectado ainda elementos bastantes para essas grandes syntheses finaes.

O que se procura hoje, como objectivo immediato da investigação social, são os estudos locaes, os trabalhos monographicos, a analyse particularisada de cada aggregado humano. E' um trabalho cyclopico, que deve ser extendido a todas as regiões do globo, onde quer que o homem haja formado uma sociedade, por mais rudimentar que seja.

Só depois desse formidavel trabalho de investigações e analyses, consubstanciadas em monographias exhaustivas sobre cada agrupamento humano, e do estudo meditado dessa massa colossal de dados e conclusões locaes, vindo de todos os pontos do globo, será possivel á sciencia social elevar-se ás grandes syntheses geraes sobre a evolução do homem e das sociedades. Por agora, como diz Lucien Febvre, estamos ainda como que no primeiro dia do Genese, ante os primeiros fremitos da claridade, que annuncia o advento da Creação: — "Nous n'ens sommes, dans la Genèse, qu'au jour où les Ténèbres commencent à se séparer de la lumière. Une immense perspective s'étend pour nous, historiens et géographes, sur un avenir indefinit" (12).

(12) FEBVRE — *ob. cit.* pag. 448.



II

Utilidade dos estudos brasileiros

SUMMARIO:

I. Dupla utilidade do estudo da nossa historia. Conceito da historia como "mestra da politica". O preconceito da identidade entre nós e os povos civilizados: seus inconvenientes. Problemas locais. II. Pontos de semelhança: função uniformisadora das correntes de civilização. Função diferenciadora dos agentes locais: pontos de dissemelhança. III. Plano de estudos brasileiros: o seu desdobramento. Objectivos visados. Explicação das lacunas deste volume. IV. Methodos de escrever a historia. O "methodo secular" e a sua insufficiencia. Os nossos velhos historiadores e a sua maneira. Factores esquecidos: necessidade de reintegra-los em nossa historia. O methodo objectivo na exegese historica: suas vantagens.



I

DESDE o momento em que a sciencia confessava a sua illusão e reconhecia que as leis geraes, a que havia chegado, não correspondiam á realidade das formas infinitas da vida, comprehendi que a melhor cousa a fazer não era insistir por encerrar a nossa evolução nacional dentro dessas formulas vans ou querer subordinar o nosso rythmo evolutivo a um supposto rythmo geral da evolução humana — ao evolucionismo spenceriano, como fez Sylvio Romero, á theoria philogenetica de Haeckel, como fez Fausto Cardoso, ou á lei dos tres estados, de Comte, como têm feito os positivistas systematicos. Pareceu-me trabalho inutil esforçar-me por descobrir nos acontecimentos da nossa historia a revelação dessas leis geraes, de que a propria sciencia acabava de instaurar o processo de fallencia. O mais sabio caminho seria tomar para ponto de partida o nosso povo e estudar-lhe a genese e as leis da propria evolução. Si estas coincidissem com as suppostas leis geraes, tanto melhor para a sciencia e para nós; sinão, ficaríamos, pelo menos, “conhecendo-nos a nós mesmos” — o que já seria alguma cousa, porque valeria o consolo de estarmos com a sabedoria dos antigos.

Fariamos com isto um trabalho de dupla utilidade. Preparariamos, por um lado, elementos para a futura synthese geral, concorrendo assim com o nosso esforço para a obra commum da sciencia; e, por outro lado, com o conhecimento integral das leis que presidem a nossa formação, preparariamos as bases de uma politica objectiva e experimental, de uma politica organica, induzida das condições especificas da nossa estrutura social e da nossa mentalidade collectiva.

Ha uma anamnese das nações, como ha uma anamnese dos individuos — e é tão necessario, no governo dos povos, o conhecimento daquella, para a determinação de qualquer politica reformadora, como o desta para a exacta diagnose de qualquer caso clinico. Bem razão têm os historiadores allemães, da escola de Ranke e Mommsen, quando fazem da historia, não propriamente, como queria Cicero, “a mestra de vida”; mas, principalmente, “a mãe e a mestra da politica”. E’ que cada povo tem, como acabamos de ver, a sua maneira propria de ser e de existir — e essa maneira só a historia, pela comparação das diversas phases evolutivas de cada um, é capaz de definir com precisão.

Nenhum erro maior do que o daquelles que, partindo de uma supposta identidade entre nós e os outros grandes povos civilizados (porque temos a mesma civilização), julgam-se dispensados de estudar o nosso grupo nacional nas suas peculiaridades. Essa abstenção envolve um erro immenso, comparavel ao erro do me-

dico, que, partindo do facto de que todos os homens têm a mesma physiologia, se julgasse dispensado de pesquisar, para a formulação do seu diagnostico e a determinação da therapeutica aconselhavel, as particularidades idiosyncrasicas de cada doente. Faria, neste caso, não obra severa e honesta de sciencia e, muito menos, obra technica de medico, mas apenas obra grosseira ou leviana de charlatão, á semelhança dos nossos boticarios de aldeia, tão deliciosamente interessantes no desembaraço com que applicam, a olho e pelas apparencias, conhecidas formulas feitas, pilhadas ao Chernoviz.

Já mostrei, aliás, no meu ensaio sobre *O idealismo na evolução politica*, como tem sido funesto para nós esse preconceito da absoluta semelhança entre nós e os outros povos civilizados e como esse preconceito, com que justificamos a imitação systematica das instituições europeas, nos tem valido, ha cerca de cem annos, decepções dolorosas e fracassos desconcertantes.

Nunca será demais insistir na urgencia da reacção contra esse preconceito secular; na necessidade de estudarmos o nosso povo em todos os seus aspectos; no immenso valor pratico destes estudos: *somente elles nos poderão fornecer os dados concretos de um programma nacional de reformas politicas e sociaes, sobre cujo exito nos seja possivel contar com segurança.*

Ha, por exemplo, para nós, povo de transplantação, em cujo solo confluem tantas raças exoticas, um formidavel problema pratico, que interessa fundamentalmente a orientação dos nossos destinos. E' o conhe-

cimento das reacções do nosso meio cosmico sobre o advena, aquillo que Huntington chama “o conhecimento de como adaptar o homem á natureza, ou de como adaptar a natureza ao homem” (1). E’ um problema central, de que está dependendo o futuro e a grandeza da civilisação do Occidente — flôr delicada dos climas frios — nestes climas tropicaes. Ora, este problema não póde ser inteiramente resolvido com formulas feitas fóra daqui, mas sim com o estudo local e particular do nosso meio e da gente, que o habita. Entretanto, eis ahi um problema fundamental, que está na raiz de todos os outros — dos problemas economicos aos problemas de educação, dos problemas de educação aos problemas politicos e administrativos.

II

Ha, certamente, e seria absurdo que não houvesse, pontos numerosos de semelhança entre o nosso grupo nacional e os outros grupos nacionaes do mundo civilizado. Herdamos o mesmo cabedal de elementos civilisadores, a mesma cultura, os mesmos ideaes, as mesmas instituições politicas e sociaes e continuamos a respirar dentro do ambiente cultural, em que elles respiram, e a vibrar, tanto quanto possivel, ao rythmo das suas aspirações, sentimentos e idéas.

(1) HUNTINGTON — *Climate and civilization*, pag. 144.

Somos parte integrante de um grande todo: nelle estamos e delle participam por milhares de dependencias, claras e visiveis umas, obscuras e invisiveis outras, mas não menos sensiveis e efficientes. Mas, embora todas essas attinencias e affinidades, dependencias e semelhanças, não nos confundimos: somos diversos por muitos aspectos, distinctos por muitos lados, peculiares e exclusivamente nós mesmos por muitos modos de ser e de existir.

Essas similitudes, resultantes da identidade de civilisação, entre nós e os outros povos, não implicam, nem podiam implicar, a inexistencia e, muito menos ainda, a desaparição das peculiaridades locais e das characteristics nacionaes da nossa gente. Entre os grandes povos occidentaes, por exemplo, a imitação reciproca se opera da maneira mais intima e intensa; mas, nenhum desses povos abdica das suas particularidades nacionaes, ou as reconhece despreziveis na solução dos seus problemas fundamentaes. — “Esses mesmos povos que tendem assim a se assemelhar cada vez mais — diz Lucien Febvre —; que se imitam reciprocamente, que se penetram inconscientemente, que se modelam pela imagem de cada um e fazem fluctuar acima delles, como uma sorte de emanação subtil, uma civilisação commun; esses mesmos povos, não menos fortemente, não menos activamente, esforçam-se por se distinguir cada vez mais dos seus vizinhos e, por meio de uma cultura attenta dos seus dons particulares, por accentuar o mais

possivel os traços caracteristicos da sua physionomia" (2).

Certo, a acção das correntes de civilisação, essencialmente uniformisadoras, tende a corrigir e contrabater a acção dos agentes diferenciadores, isto é, a acção das particularidades locais do solo, da raça e da historia; mas, essa acção niveladora da imitação não poderá ser tal que annulle a acção toda poderosa daquellas. Esta é incoercivel e acaba sempre por revelar-se na resultante das forças que determinam a evolução de cada grupo.

E' preciso não perder de vista nunca este facto e convencermo-nos que são elles, estes agentes locais, que terão sempre, nos destinos das instituições importadas e das idéas imitadas, a palavra final e definitiva. Tem sido assim até agora e não ha razão alguma para crer não continue a ser assim.

O modo de distribuição da nossa população bastaria por si só para mostrar que não somos os mesmos e que essa identidade, que muitos presuppõem existir entre nós e os outros grandes povos civilizados, é meramente illusoria. Nem seria possivel admittir que sejam identicas as condições organicas de dous povos, um dos quaes, a Belgica, por exemplo, concentra em cada kilometro quadrado de territorio uma massa formigante de mais de 200 individuos, e outro que, em cada kilome-

(2) FEBVRE — *ob. cit.*, pg. 383.

tro quadrado, não consegue sinão distribuir escassamente 4 individuos. Ora, todos nós sabemos que a densidade da população é um factor poderosamente influente na genese e no funcionamento das instituições sociaes, desde as cooperativas locaes de consumo, producção ou credito até o quadro geral dos poderes publicos.

Essa dissemelhança de estructura, derivada da nossa dispersão demographica, agrava-se com a dissemelhança de estructura, derivada da nossa defectiva organização de classes. Somos um povo, que, por motivos particulares á nossa evolução, não temos, no quadro das nossas classes sociaes, uma classe media á maneira européa, nem as classes existentes, populares ou dirigentes, possuem a coherencia, a integração, a unidade das classes correspondentes nos grandes povos civilizados (3). Falta-nos, por exemplo, uma aristocracia local, com a educação, o prestigio, o civismo da *gentry* saxonica: e é sabido que todo o jogo das instituições do *self-governement* inglez repousa exclusivamente na capacidade e na actividade desta classe. E' este um ponto de dissemelhança irreductivel entre a sociedade ingleza e a nossa — é mais de uma vez o desconhecimento deste facto nos tem valido decepções lamentaveis.

Estas differenças de estructura complicam-se com differenças mais subtis de mentalidade. Esta repre-

(3) v. *Populações meridionaes do Brasil*, parte II: *Formação social*.

sentam um complexo, que nasce da lenta accumulacão de mil causas obscuras, desde as vicissitudes historicas de cada grupo humano ás qualidades dos elementos ethnicos que collaboram na sua formacão. Conjuncto inextricavel de idéas, sentimentos, preconceitos, desejos, crenças, tendencias, para elle tambem contribuem os reflexos multiplos, perceptíveis ou imperceptíveis, das forças modeladoras da terra e do clima e, tanto quanto as influencias da historia e da raça, essas reacções, vindas do meio cosmico, concorrem para dar á mentalidade de cada grupo humano certos attributos, que a tornam perfeitamente inconfundivel (4).

III

Plenamente convencido dessas idéas, é que metti hombros á empresa, cuja enormidade cada vez mais se accrescenta e desmesura ante os meus olhos, entre deslumbrados e aturdidos: estudar a origem e a evoluçã do nosso povo.

Materialisações grosseiras destas intimas preoccupações do meu espirito, tres volumes já sahiram, tão desiguaes no valor, quanto no tamanho: *Populações meridionaes do Brasil*; *Pequenos estudos de psychologia social*; *O idealismo na evoluçã politica*. Sãe agora este,

(4) V. RAHAKAMAL MUKENJEE — *Regional Sociology*, 1926.

que é o quarto sobre a nossa evolução nacional. Obedece ao mesmo methodo dos ensaios anteriores: como *Populações meridionaes* e *O idealismo na evolução politica*, o seu ponto de partida é ainda “o quadro das realidades naturaes e sociaes, que nos cerca e em que vivemos”. E’ apenas uma synthese rapida, sem pretensão nenhuma a analyses exhaustivas dos assumptos, que aborda. Representa mais um conjuncto de suggestões de estudos a fazer do que propriamente um trabalho definitivo.

No volume das *Populações meridionaes*, o meu principal objectivo foi discriminar e resaltar a trama das vinculações que prendem os *individuos* aos *grupos regionaes*, a que pertencem: é, por isso, um ensaio de sociologia historica e psychologia social. Neste volume, porém, que agora sáo, o meu objectivo principal é mostrar as correlações existentes entre os *individuos* e o *territorio*, em que habitam: é, pois, um estudo de anthropogeographia economica e politica.

Retomando as considerações feitas em *Populações meridionaes* sobre a formidavel função colonizadora dos paulistas antigos, faço neste volume de agora uma discriminação mais justa e minuciosa das causas economicas, sociaes e ethnographicas do bandeirismo. Mostro como as particularidades do nosso relevo geographico, da nossa estructura geologica e das nossas condições phytographicas explicam e condicionam todas as modalidades e directrizes daquella maravilhosa irradiação.

Trato, porém, muito syntheticamente da projecção desses grandes colonisadores na direcção da grande planície platina; como tambem é muito syntheticamente que descrevo a expansão dos antigos vaqueiros do S. Francisco no sentido dos sertões do nordeste e dos modernos sertanejos cearenses no sentido das florestas amazonicas. Mas, isto porque são assumptos que pretendo estudar, com mais largueza e minucia, no volume II das *Populações meridionaes*, dedicado exclusivamente á formação do nucleo gaúcho, e nos volumes das *Populações septentrionaes*, inteiramente consagrados ás origens historicas das nossas actuaes populações sertanejas.

Na parte II, referente á evolução da raça, desenvolvo com mais amplitude as minhas idéas sobre o problema ethnico brasileiro, de que havia feito uma synthese rapida no capitulo VI das *Populações meridionaes*, quando estudei a ethnologia das nossas classes ruraes. Detenho-me agora principalmente sobre os aspectos anthropologicos da nossa formação racial. Os aspectos propriamente moraes, relativos á nossa pscologia ethnica, trato-os um tanto ligeiramente neste ensaio. E' que são pontos, ou já estudados na minha contribuição sobre *O typo ethnico brasileiro e os seus elementos formadores*, escripta para o *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, publicados pelo Instituto Historico Brasileiro, ou são pontos que irei estudar mais em detalhe no volume, que planejo — *O aryano no Brasil* — onde analysarei certos aspectos ainda obscuros da nossa pscogenese, á luz dos modernos criterios da anthropologia social.

Na parte III, encontrará o leitor um pequeno ensaio sobre as reacções que factores geographicos têm exercido sobre a evolução das nossas instituições politicas. Deixo de parte o estudo da influencia exercida pelos agentes culturaes, porque sobre este ponto já expuz o meu pensamento no rapido ensaio sobre *O idealismo na evolução politica*, que faz parte da pequena "Bibliotheca do Estado de São Paulo". Se nada digo tambem da nossa psychologia politica propriamente, é que este ponto já foi amplamente estudado, no tocante ás populações do centro-sul, nos ultimos capitulos do primeiro volume das *Populações meridionaes*, e o serão futuramente, no tocante ás populações do extremo-sul e á dos sertões do norte, nos volumes que dedicarei a esses dous grupos regionaes.

Escrepto em pouco menos de um mez, resente-se um tanto este livro da celeridade com que foi feito. Dahi, em grande parte, as lacunas, que apresenta. Digo em grande parte, porque para isto tambem concorreram as condições da sua publicação official. Editado, em primeira mão, pelo Ministerio da Agricultura, como contribuição historica ao volume prefacial dos resultados do Recenseamento de 1920, esse character official da sua edição não podia deixar de influir sobre a orientação de minhas idéas e o modo do seu desdobramento.

Em primeiro lugar, sendo como que o prefacio de um recenseamento demographico e economico, pareceu-me que este ensaio se devia limitar apenas ao estudo dos aspectos economicos e demographicos da nossa evolu-

ção. Eis porque deixei de parte inteiramente, ou meramente esbocei, o estudo da nossa evolução artistica, da nossa evolução religiosa, da nossa evolução literaria, da nossa evolução juridica e de outros aspectos interessantes da nossa evolução social, como a evolução da familia, a evolução dos costumes e a evolução das classes ou profissões.

Por outro lado, ao receber o encargo de synthetizar a nossa historia nacional, recebi tambem o aviso de que o meu trabalho não devia ultrapassar cem paginas do formato habitual das publicações da Directoria Geral de Estatistica. Esta limitação de espaço obrigou-me, mesmo para os aspectos, que me propuz estudar, ao abandono de certos detalhes interessantes, que, devidamente escrutados, poderiam fazer-me ir muito além das raias pretraçadas á minha exposição.

Outra causa, que me levou a não dar a esse estudo uma maior amplitude, foi o facto mesmo de ser publicado sob a egide official. Confesso com a maior franqueza que este facto me constrangeu um tanto na apreciação dos acontecimentos politicos do periodo republicano, especialmente nas suas ultimas decadas. Excusei-me, por isso, de commentar certos lados obscuros e depressivos deste periodo, cuja critica, para ser justa, não podia deixar de ser condemnatoria. Espero, porém, poder fazel-o, com a imparcialidade devida e tambem a maior liberdade, quando tiver de estudar, na *Introducção á Historia da Republica*, o novo regimen e os seus agentes.

IV

No tocante especialmente ao trabalho tecnico de reconstituição do nosso passado, segui neste ensaio, como nos anteriores, um methodo inteiramente diverso daquelle "methodo secular", de que fala Ferrero a proposito dos historiadores romanos anteriores a Sallustio. Estes, como Atticus e Cornelius Nepos, limitavam-se, nas suas narrações, a enfileirar seccamente os factos historicos anno por anno, "como se os personagens da historia fossem sombras e os acontecimentos simples objecto de enumerações monotonas".

Em vez dessa exhibição de mostruario de museu, procurei, ao contrario, fazer vir á tona e desprender-se a enorme reserva de vida latente, contida nos codices empoeirados dos nossos archivos e nas paginas dos nossos velhos chronistas coloniaes, de modo que a nossa historia se mostre o que ella realmente é: uma obra bella, heroica e viva de intelligencia e coração, cujos personagens — dos maiores aos mais obscuros — sentem, reflectem, resolvem, agem como sêres sensiveis e consciences que são, dentro de um ambiente physico e de um ambiente social, sobre os quaes elles actuam e dos quaes recebem reacções inevitaveis.

Duas cousas, realmente, não apparecem nas obras dos nossos velhos historiadores senão furtivamente e a medo, duas cousas sem as quaes a historia se torna defectiva e parcial. A primeira é o povo, a massa humana

sobre que actuaem os criadores apparentes da historia: vice-reys, governadores geraes, tenentes-generaes, funcionarios de graduação, directamente despachados da metropole. A segunda é o meio cosmico, o ambiente physico, em que todos se movem, o povo e os seus dirigentes, e onde um e outros haurem o ar que respiram e o alimento que lhes nutre as cellulas, e que age com o seu relevo, a sua estructura, o seu subsolo, a sua hydrographia, a sua flora, a sua fauna, o seu clima, as suas correntes atmosphericas e as suas intemperies. Tudo isto influe, tudo isto actua, tudo isto determina as acções dos homens na vida quotidiana — e, entretanto, nada disto parece se reflectir na explicação da nossa gente.

Não vae nesta affirmação a mais leve censura aos nossos velhos historiadores, nem o mais leve despreço á sua obra formidavel de analyse das fontes documentarias e de pesquisa dos nossos archivos. Mas, seria impossivel negar que essa bella e soberba obra está truncada e incompleta, porque nella não apparecem dous factores capitaes da nossa historia: nem o *meio cosmico*, com o seu poderoso determinismo, nem o *povo*, que é, afinal, o verdadeiro creador della. Narram-se os seus acontecimentos ou descrevem-se as acções dos seus personagens, como si elles agissem sem dependencia do meio social, em que se movem, e do meio physico, que os envolve. Por detraz do scenario dos acontecimentos, não parece que os nossos velhos narradores hajam sentido o surdo borbulhar da vida social, nem o latejar poderoso das forças do meio cosmico. Tudo é como se a

nossa historia se desenrolasse no ar, sem ponto de apoio material, sem contacto com a terra, misteriosamente suspensa, á maneira daquella "Cidade dos Passaros", ideada pelo genio de Aristophanes.

Pareceu-me isto um excesso de abstracção e, sem querer discutir a superioridade do velha methodo, julguei que não seria de todo desdenhavel fazer baixar a nossa historia das alturas sublimadas, em que pairava, de modo a prendel-a ás complexas realidades do meio social e ás duras realidades do meio physico. Seria, talvez, repassal-a de prosaismo e banalisal-a, mas seria, por certo, fazel-a mais vivaz e humanisada.

Nesse empenho de trazer para a nossa historia o que ella tem de vivo e humano, esforço-me, tanto quanto possivel, para que não se insinue, no meu julgamento dos factos e dos homens, nenhum preconceito pessoal. Estudando as nossas realidades historicas e sociaes, o nosso povo, a sua vida, a sua estrutura, a sua psychologia, e a vida, a estrutura e a psychologia dos grupos regionaes, que o compõem, faço-o com o mesmo espirito de objectividade e a mesma imparcialidade com que os technicos do Serviço da Defesa Agricola estão agora estudando a "praga vermelha" dos cafesães da Parahyba ou os sabios de Manguinhos estudaram, entre as populações do planato e da costa, a funcção pathogenica do *Necator americanus*.

Como nestes, o que me inspira é o mais absoluto sentimento de objectividade: sómente os factos me preocupam e somente trabalhando sobre elles é que

infiro e deduzo. Nenhuma idéa preconcebida. Nenhuma preocupação de escola. Nenhuma limitação de doutrina. Nenhum outro desejo sinão o de ver as cousas como as cousas são — e dizel-as realmente como as vi.

O meu grande, o meu principal empenho é surpreender o Homem, creador da historia, no seu meio social e no seu meio physico, movendo-se e vivendo nelles, como o peixe no seu meio liquido ou a ave entre as ondas impalpaveis e invisiveis do ether, em que circula.

Nenhuma ambição maior do que a de poder dizer desses meus estudos o que dos seus versos disse Marcial: — “Nelles não encontrareis nem Harpías, nem Centauros, nem Gorgonas; mas, em cada pagina, o homem respira e vive”.

OLIVEIRA VIANNA

São Boaventura, 41
Niteroi

EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO

PRIMEIRA PARTE:

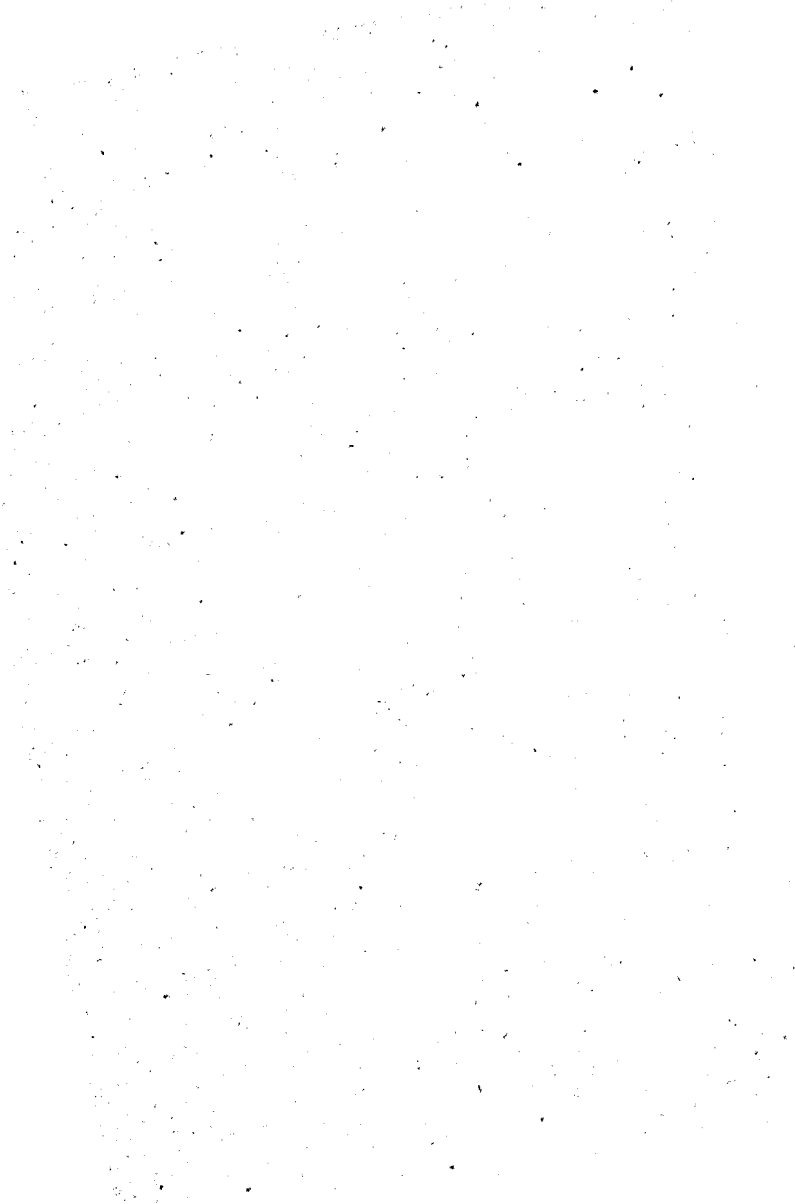
Evolução da sociedade

SEGUNDA PARTE:

Evolução da raça

TERCEIRA PARTE:

Evolução das instituições políticas.



PRIMEIRA PARTE

Evolução da Sociedade

SUMMARIO:

I. O Brasil no tempo de CABRAL. Estado social da população indigena. — II. O regimen da grande propriedade. Porque se estabelece. — III. Fundação da agricultura. Importancia social da canna de assucar. Os engenhos do periodo colonial. — IV. O regimen pastoril. Como se institue e porque se institue. Função social do pastoreio. — V. Instituição da escravidão. Os escravos indios. Os escravos africanos. — VI. Organização social dos grandes dominios. Hierarchia das classes ruraes. — VII. Os grandes dominios e sua organização militar. — VIII. O movimento de expansão sertanista. Causas e directrizes. — IX. Os fôcos de irradiação das correntes povoadoras. — X. O povoamento do norte. Penetração pastoril. Desbravamento do nordeste. Colonização da Amazonia. — XI. Os principaes fôcos de irradiação ao sul. — XII. O movimento das bandeiras: directrizes. Expansão dos paulistas. Corrente mineira. Corrente goyana. Corrente de Matto Grosso. Corrente dos planaltos meridionaes. Povoamento do pampa rio-grandense. — XIII. O movimento de expansão nos seculos II e III. Mobilidade da população. — XIV. O seculo da independencia. Estabili-

zação social. *O Imperio e a aristocracia rural. O cafeeiro: sua função social. — XV. O regimen servil e sua abolição. Effeitos sociaes da abolição. — XVI. O moderno movimento de penetração sertaneja. Conquista do Acre. — XVII O assalto á floresta tropical. Colonização dos platós catharienses e paranaenses. — XVIII. Expansão para o oeste. O paulista e o italiano. Irradiação para o Paranapanema. Conquista do valle inferior do Tieté. — XIX. A marcha para os sertões.*

DESDE os primeiros dias da nossa historia, temos sido um povo de agricultores e pastores. O espirito commercial dos portuguezes do cyclo das navegações, dominante na sua expansão para as Indias, desde que penetra a terra brasileira se obscurece, perdendo, aos poucos, a sua energia até desaparecer de todo. O typo do "natural da terra" cêdo contrasta com o advena pela sua feitura essencialmente rural, pelo seu temperamento fundamental de homem do campo. O urbanismo é condição modernissima da nossa evolução social. Toda a nossa historia é a historia de um povo agricola, é a historia de uma sociedade de lavradores e pastores. E' no campo que se forma a nossa raça e se elaboram as forças intimas da nossa civilização. O dynamismo da nossa historia, no periodo colonial, vem do campo. Do campo, as bases em que se assenta a estabilidade admiravel da nossa sociedade no periodo imperial.

I

Os colonos peninsulares, que iniciam o nosso povoamento, aqui aportam dominados por preocupações commerciaes. Elles buscam, como nas Indias, o commercio com os naturaes, o commercio das especiarias, dos me-

taes e das pedras preciosas: o cravo, a canella, a noz moscada, o ambar, a pimenta, o gengibre, a gomma, o marfim, o ouro, a prata, as gemmas.

Entre as Indias e o Brasil ha, porém, uma differença essencial. Nas Indias, encontram os portuguezes uma civilização milenaria, uma população organizada, com uma maravilhosa riqueza accumulada e uma longa tradição commercial com os povos do Oriente e do Occidente. No Brasil, ao contrario, encontram uma população de aborigens ainda na idade da pedra polida; que não conhece o uso dos metaes; que, na sua maior parte, está ainda na phase puramente caçadora; que pratica apenas uma agricultura rudimentar. Nenhum meio, pois, mais improprio á actividade dos traficantes luzitanos.

Os aventureiros hespanhóes, mais felizes neste ponto, deparam um povo organizado, com uma civilização adeantadissima e que utiliza o ouro como base da sua circulação monetaria: fazem-se, por isso, logo no inicio da colonização, exploradores de ouro.

Os portuguezes, embora trabalhados pela obsessão do ouro, só muito mais tarde, quasi dous seculos depois, é que o descobrem. Durante este longo intervallo, são obrigados a tentar outras fórmias de exploração da terra.

Quando os companheiros de CABRAL desembarcam pela primeira vez em nossa terra, o seu primeiro cuidado é inquirirem dos naturaes si nella existe o ouro: "quanta cousa lhe houveramos perguntado do ouro que

nós desejamos saber si o havia na terra” — diz PERO VAZ DE CAMINHA. Não encontram nenhum animal domestico, nem boi, nem cavallo, nem carneiro, nem cabra, ou qualquer outro bicho afeito á domesticidade: “nem outra nem uma alimária que costumada seja ao viver dos homens” — confessa o mesmo chronista. Um outro chronista dá testemunho de que, exceptuando a canna-fistula e o páo brasil, não existe na terra outra cousa de valor: “navegamos tanto que nos achamos muito engolfados na terra de Vera Cruz ou Brasil, da qual se tira grande quantidade de canna-fistula e do páo brasil — e não achamos mais nada de valor”.

Essa ausencia de riqueza organizada, essa falta de base para uma organização puramente commercial, é que leva os peninsulares para aqui transplantados a se dedicarem á exploração agricola. Não ha outro meio possivel de vida. Dadas as condições particulares em que os descobridores portuguezes encontram a nossa terra, Portugal não tem outro caminho para realizar a nossa conquista senão o da fundação da agricultura.

II

Em nosso paiz, ao contrario dos outros, a agricultura se inicia tendo por base a grande propriedade. Os romanos evoluíram da pequena propriedade para a grande propriedade: das suas primitivas “jugadas” do tempo dos reis, lavraveis em um dia, para os grandes

latifundios da época da conquista. Os outros povos tiveram evolução igual. Nós, desde o inicio, temos sido, ao envez disso, um povo de latifundiarios: entre nós a historia da pequena propriedade pôde-se dizer que data apenas de um seculo. Todo o longo periodo colonial é um periodo de esplendor e gloria da grande propriedade territorial. Então só ella apparece e pompeia; só ella crêa e domina: toda a trama da nossa historia ella é que fia e entretece, estende e recama, durante esses trezentos annos fecundos e gloriosos.

• Podiamos ter começado pela pequena propriedade: o povo portuguez, então como hoje, sempre tem sido um povo de pequenos proprietarios e de pequenos agricultores. O grande centro de emigração colonizadora, a região do norte de Portugal, especialmente a região minhoto-duriense, então como hoje, é toda uma região de pequena propriedade. Pequeno agricultor e pequeno proprietario, o portuguez podia ter estabelecido aqui a pequena cultura em pequena propriedade. Entretanto, o que elle funda aqui, logo que põe o pé em nossa terra, é a grande cultura em grande propriedade.

Ha para isso varias razões, entre as quaes não é menos poderosa a de que os primeiros colonizadores, que chegam a essas nossas terras da America, não são propriamente homens do povo ou, pelo menos, os elementos mais importantes entre elles, não são propriamente homens do povo, pertencentes á plebe peninsular; mas, sim aventureiros á caça de fortuna rapida,

homens da pequena nobreza e, mesmo, da grande nobreza, que emigram para restaurar, nessas novas terras descobertas, nas feitorias da Asia ou nas riquezas da America, o brilho dos seus braços esmaecidos. São, em regra, fidalgos arruinados nas dissipações da Côrte, que procuram reconstruir nas aventuras do novo mundo, as bases da sua fortuna destruida. O grande affluxo plebeu vem depois, quando se descobrem as minas, quando ha já um certo desenvolvimento economico na colonia, quando o trafico já é assignalavel, quando a pequena industria é possivel, quando o gosto do conforto e a riqueza dos habitantes são bastantes para assegurar ao nomadismo commercial da mascateação condições de viabilidade e vitalidade.

Nos primordios, os elementos preponderantes da sociedade colonial não são, com effeito, de modo algum, como se ha dito, essa escorralha de criminosos e degradados, varridos das masmorras peninsulares para o vasadouro americano (1). Estes elementos terciarios, esses detriectos humanos não valem nada como elemento colonizador, como contingente formador do nosso povo, diante dos elementos sadios que para aqui afluem nos primeiros dias da colonização. Mesmo os elementos plebeus que aqui se fixam, quando requerem sesmarias para "fazerem fazendas", costumam allegar que são "homens de calidades", porque só a homens taes se dá

(1) v. VARNHAGEN — *Historia do Brasil* (com anotações de Rodolpho Garcia) I, pg. 484-5.

ingresso á propriedade da terra. Entre esses “homens de calidades” estão numerosos representantes da grande fidalguia peninsular, presos pelos quattros costados ás mais nobres casas européas. Para S. Vicente, com MARTIM AFFONSO DE SOUZA, vem mais de uma vintena de descendentes da nobreza da peninsula. De Hespanha, durante o dominio hespanhol (1580-1640), tambem nos chegam varios brazões assignalados. Em Pernambuco — diz um chronista colonial — a nobreza local é “innumeravel e illustre, como procedida de nobilissimas casas de Portugal, Castella, França, Italia e Allemanha” (2).

Esses elementos aristocraticos, pelo que se deprehende do testemunho dos chronistas coévos, fazem-se os centros de gravitação, os “personagens reinantes”, como diria TAINE, desse pequeno mundo em formação. Elles vivem á maneira fidalga, cultivando as gentilezas dos salões, o gosto das mundanidades elegantes, o amor das sumptuosidades, os excessos da indumentaria luxuosa e brilhante. Em Pernambuco, segundo um chronista do tempo, “as mulheres andavam tão louçãs e custosas que não se contentavam com os tafetás, os chamalotes, os velludos e outras sêdas, senão que arrojavam as finas télas e os ricos brocados: e eram tantas as joias com que se adornavam que pareciam chovidas nas suas cabeças

(2) OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil*, vol. I, cap. I e VI. V. I, cap. I e VI. E tambem GERMAND CORREIA — *Les luzo-descendentes de l'Inde Portugaise*, 1928, pg. 8-9 e — *India Portugueza*, pg. 87 e seg.

e gargantas as perolas, rubis, esmeraldas e diamantes. Os homens não haviam adereços custosos de espadas e adagas, nem vestidos de novas invenções com que se não ornassem. Os banquetes quotidianos, as escaramuças e os jogos de canas em cada festa se ordenava. Tudo eram delicias; e não parecia esta terra sinão um retrato do terreal paraíso”.

Os senhores do sul nada ficam a dever, neste particular, aos senhores do norte: também aqui, como ali, sentem-se a influencia prestigiosa de uma fidalguia, affeita ás graças e aos encantos das côrtes européas daquelle tempo (3).

Os elementos sem linhagem, os colonos não fidalgos, desde que enriquecem, procuram seguir estes modos de vida, praticar as mesmas maneiras, manter o mesmo tom de sociabilidade dessa fidalguia adventicia. Um viajante hollandez, VAN VLIERVELT, que aporta aqui nos meados do seculo III, surprehende-se com isto e escreve: — “O certo é que, em todos os tempos, viram-se, no Brasil, portuguezes, que tinham nascido na Europa na obscuridade e na pobreza, viverem em um luxo e grandeza, que os primeiros fidalgos de Lisbôa não teriam ousado ostentar na Côrte” (4).

(3) *Obra cit.* vol. I. cap. I.

(4) VAN VLIERVELT — *Reflexões sobre o Brasil*, 1745 (in *Revista do Instituto Historico de São Paulo*, vol. V pag. 135).

Esses sentimentos aristocraticos, introduzidos pelos primeiros aventureiros fidalgos, que, nesses remotos tempos, vêm “fazer a America”, tornam o ambiente colonial o menos proprio á instituição da pequena propriedade e da pequena cultura. Esta é essencialmente democratica. O pequeno proprietario é um trabalhador braçal e realiza, com as forças da propria familia, os serviços necessarios á cultura. Esses fidalgos vêm de uma sociedade ainda modelada pela organização feudal: só o serviço das armas é nobre, só elle honra e classifica. Falta-lhes aquele sentimento da dignidade do labor agricola, tão profundo entre os romanos do tempo de CINCINATUS, no qual, no dizer de PLINIO, os arados eram guiados por generaes coroados de louros: *laurenato et triumphali aratore*. Elles vêm de uma sociedade organizada aristocraticamente, assentada sobre a base dos “morgadios”, dos “solares”, das “honras”, das cavallerias”, de terras lavradas pelo braço dos servos. Esses homens, tendo de explorar a nossa terra, só o podem fazer em grande propriedade. Para elles não é possivel a instituição de outro systema territorial.

Demais, o objectivo da metropole, não é tanto colonizar a terra, mas explorar as suas riquezas ou, como diz FREI VICENTE DO SALVADOR, “colher suas rendas e direitos”. O mesmo pensamento domina os “povoadores”, segundo o mesmo chronista: — “deste modo se hão os povoadores, os quaes, por mais arraigados que na terra estejam, tudo pretendem levar a Portugal;

porque tudo querem para lá, e isto não têm só os que de lá vieram, mas ainda os que cá nasceram, que uns e outros usam da terra, não como senhores, mas como usufructuarios, só para a desfructarem, a deixarem destruida”.

Dahi, o principio colonial de só se concederem terras em sesmarias ás pessoas que possuam meios para realizar a exploração dellas e fundar engenhos. Os requerentes das sesmarias têm, por isso, o cuidado de allegar que são homens de posses. Cada um dos pretendentes se justifica dizendo que “hé home de muita posse e familia”, ou que “hé home de posse assim de gente como de criasões q’ha um morador san pertensentes”, ou que “tem muita fabriqua de guado de toda a sorte e escravos como qualquer morador”.

O pensamento da metropole é, evidentemente, realizar a exploração em grande, é a grande cultura: — “A mente de S. Magestade — diz VEIGA CABRAL, governador do Rio Grande do Sul — parece dar preferencia, entre todas as classes de pessoas, aos lavradores e estancieiros, cabeças de casal, que tiverem maior numero de escravos e gados para povoar e cultivar os sobreditos terrenos”.

Todo este conjuncto de circumstancias concorre para que, desde o inicio da colonização, o regimen dominical seja o da grande propriedade sesmeira. Nas zonas puramente agricolas, onde pompeiam os vastos cannaviaes e fumeagam as fornalhas dos engenhos, o dominio sesmeiro não é de menos de 2 leguas em qua-

dra: — “Para esta maravilhosa machina é necessario um terreno de 2, 3 ou mais leguas de terra” — diz um chronista colonial. Nas zonas pastoris, esta extensão é incomparavelmente maior: nas sesmarias do Norte é commum a extensão de 10 leguas em quadra. Mesmo os que, não tendo sesmarias, arrendam terrenos pastoris, não obtêm menos de uma legua: é este tamanho dos lotes que aos seus rendeiros concede o grande GARCIA D’AVILA, nos seus immensuraveis latifundios do S. Francisco.

III

Obrigados a explorar agricolamente a terra, os colonos luzos o fazem, ensaiando aqui as suas culturas tradicionaes ou outras culturas, já de character tropical, que praticam nas suas ilhas atlanticas. Elles introduzem, a principio, a cultura do trigo, da cevada e da vinha, bem como muitas arvores fructiferas, o pecegueiro, a macieira, o marmeleiro e mesmo a oliveira. Em São Vicente fabrica-se, no I seculo, muita marmelada e prepara-se em São Paulo muita farinha de trigo e muito bom vinho de mesa. Falando de um grande da nobreza Paulista, GUILHERME POMPEU, o chronista PEDRO TACQUES louva-lhe os vinhedos excellentes e o primor dos seus vinhos: — “O vinho era primoroso, de uma grande vinha que com acerto cultivava; e, supposto o consumo era sem miseria, sempre o vinho sobrava de anno a anno”. Ha tambem, no extremo-sul, ensaios de cultura do linho. GANDAVO, que testemunha esses pri-

mordios agricolas do I seculo, fala de “muito milho zaborro, de que se faz pão muito alvo e muito arroz e muitas favas de differentes castas e outros muitos legumes que abastam muito a terra”.

Dessas culturas as que são proprias aos climas temperados não perduram. São cêdo eliminadas, por via de selecção economica, pelas outras culturas mais proprias á indole da terra e do meio. Como estas, a cultura do anil e da cochonilha, que, tambem cêdo ensaiadas, acabam perdendo a importancia e sendo abandonadas. Subsistem apenas as culturas tropicaes: o fumo, o milho, o feijão, a mandioca, o cacau, o algodão e, principalmente, a canna de assucar, que os colonos trazem da ilha da Madeira.

E' esta ultima a grande cultura colonial. São as outras pequenas culturas auxiliares ou intercalares, feitas em pequena escala nos grandes dominios ou praticados pelos pequenos rendeiros dos latifundios. Só a canna de assucar se lavra em grande e se faz a base da riqueza agricola no periodo colonial.

Esta cultura exige grandes cabedaes, porque cultura industrial, com complicado e dispendioso beneficiamento. E', por isso, a cultura distinctiva da nobreza da terra, aquella que assignala ao senhor de latifundios uma situação aristocratica: — “Bem se pôde estimar no Brasil — diz um chronista do III seculo — o ser senhor de engenho, quanto proporcionalmente se estimam os titulos entre os fidalgos do Reino”.

O engenho é edificação custosa e complexa. Ha-os de varios typos. Os chronistas coloniaes se comprazem em descrevel-os minuciosamente, com um carinho e um entusiasmo, em que bem demonstram a sua ingenua admiração por essa invenção, aos seus olhos extraordinaria. LORETTO COUTO, o autor dos "Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco", entôa a esses primitivos e rusticos "banguês" do periodo colonial paginas ardentes como as estrophes de um dithyrambo:

— "A officina de Assucar — exclama elle — chamada por autonomasia Engenho, por ser espaçoso theatro da industria do humano engenho, é huma admiravel fabrica, onde se beneficião as marinhas do admiravel Sal, que, com superior nobreza a todos os sâes da natureza, não abate a sua generosidade a conservar com Escabeches e salmouras carnes, nem peixes; mas, cô nativo orgulho escumado, espera que da Região do ar e das mais nobres plantas do campo se lhe entreguem as producções que o fervor sabe sublimar e exaltar ao ponto da perfeição inacessivel ao rigor da maior intemperança do anno. Exterminador dos corpusculos etherogeneos e perito collector das partes homogeneas da mais pura substancia da canna, ao primor do seu magisterio deve a Republica deliciosas utilidades".

Esse maravilhoso mechanismo, ao primor de cujo magisterio deve a Republica tão deliciosas utilidades, nem sempre ostenta a magestosa complexidade, com que apparece nos grandes typos descriptos nas paginas prohibosas de ANTONIL. Na febre de fabricar assucar, os

colonos menos opulentos constróem typos mais que rudimentares: — “Ha engenhocas — diz um outro chronista — que não têm de cobertura senão o espaço que occupam as moendas, cuja cobertura anda á roda, por estar armada por cima das almanjarras — e só móp em tempo de sol”.

Embora assim rudimentar, a construcção de um engenho é empreza que exige um capital consideravel, não facil de obter-se naquelles tempos. São os commerciantes da costa que fazem, então, o papel de banqueiros. São elles que adiantam aos sesmeiros ou lavradores os fundos precisos para a montagem da “fabrica” e mesmo para o custeio da industria. São elles que lhes dão dinheiro “para comprar peças, ferro, aço, enxarcias, breu, velas e outras fazendas fiadas” — diz ANTONIL; o que os obriga a serem impeccavelmente pontuaes para com esses commerciantes, “porque, si ao tempo da frota não pagarem o que devem, não terão com que se apparelharem para a safra vindoura”.

E’ sabido que, em regiões coloniaes, onde não ha ainda vida economica estavel e organizada, os capitaes são raros; considerando-se que os primitivos colonos luzos, que aqui chegam, vêm precisamente tentar reconstruir as suas fortunas arruinadas e são, portanto, homens, na sua quasi totalidade, de pequenos cabedaes ou pobres; pode-se imaginar quanto grande não é, nestes primeiros tempos da colonização, a escassez, a carestia dos capitaes. Dahi essa impressionante desproporção, que observamos nos primeiros seculos coloniaes,

entre a massa da população livre e o numero dos senhores de engenhos. E' assim que na capitania de Ilhéos ha, no I seculo, para cerca de 500 moradores apenas dous engenhos. Na capitania da Bahia, para uma população de quasi 3.000 familias ha, na mesma época, apenas 76 engenhos, e na de Pernambuco, numa população de 2.000 moradores, contam-se apenas 60 engenhos.

O resto dessa população, que não possui engenhos ou não pratica o commercio nas cidades da costa ou a mascateação no interior, os desherdados, os pobres, estes vivem naturalmente em grande miseria: — “Neste Estado, vive com summa indigencia quem não negoceia ou carece de escravos” — confessa um chronista do seculo III. No campo, localizam-se nas terras dos grandes semeiros, como “fóreiros” ou “rendeiros”, e vivem, como hoje os nossos “sitiantes” do interior agricola, abrigados sob tôscas arribanas de sapé e taipa, como o mujik em sua “isba”.

Essa indigencia, dê que fala o chronista, teria exercido sobre essa população inferior uma acção poderosamente selectiva e eliminatoria, si não fôra a fecundidade incomparavelmente dadivosa da natureza tropical. Esta ampara o novo colono com a exuberancia de sua fertilidade e as doçuras da sua amenidade primaveril. O advena encontra aqui, sob um céu benigno, uma natureza aspera, selvagem, de difficil domesticação; mas, tambem fecunda, abundante e inexaurivel em thesouros alimentares: — “E por amor de Christo lhes peço que percam a má opinião que até aqui do Brasil tinham — escreve, em 1560, o jesuita RUY PEREIRA — porque lhes falo a

verdade, si houvesse paraíso na terra, eu diria que agora havia no Brasil. Si tem em Portugal gallinhas, cá as ha muitas e mais baratas; si tem carneiros, cá ha tantos que caçam nos mattos, e de tão bôa carne que me rio muito de Portugal em essa parte. Si tem vinho, ha tantas aguas que a olhos vistos me acho melhor com ellas, que com os vinhos de lá; si tem pão, cá o tive eu por vezes e fresco, e comia antes do mantimento da Terra que delle, e está claro ser mais sã a farinha da terra que o pão de lá; pois, as fructas, coma quem quizer as de lá, das quaes cá temos muitas, que eu com as de cá me quero. E além disso ha cá estas cousas em tanta abundancia, que além de se darem todo anno, dão-se facilmente e sem se plantarem, que não ha pobre que não seja farto com pouco trabalho”.

IV

Evidentemente, esta situação de pobreza bem amparada pela magnanimidade da terra não satisfaz a todos os que não são senhores de engenho. No meio dessa população de proletarios e nababos, ha homens de pequenos cabedaes, mas de temperamento ambicioso, que não se contentam com uma condição humilde e aspiram ingressar nos circulos dessa aristocracia pouco numerosa dos senhores de engenhos. São naturezas activas, energicas, organizadoras, emergindo da massa informe da plebe colonial para conquistar o seu lugar ao sol. Se, nessa nova sociedade em embryão, só a posse da terra classi-

fica, elles querem classificar-se (5). Para as fundações assucareiras faltam-lhes, porém, os meios bastantes. Dahi appellarem para o latifundio pastoril.

O pastoreio é, com effeito, a fórma mais generalizada da exploração da terra no periodo colonial. Mesmo os senhores de latifundios assucareiros não deixam de ser tambem criadores de gado.

Para a fundação de curraes, não se faz preciso grande somma de capital. Não ha nada mais elementar, nem mais rapido. Quando não se pôde obter uma sesmaria, porque esta, como vimos, só é concedida a individuos de algumas pósses, ha o recurso do arrendamento de lotes aos grandes latifundios. Os colonos sómente têm que resolver o problema da aquisição das cabeças iniciais: — “Feita a rustica casa da sua habitação — diz um chronista — não havia outro cuidado sinão adquirir animaes para criar, dando-lhes pouco em adquirir terras, pois, como todas as campinas são seguidas e se communicam, cada um criava onde mais conta lhe fazia, cedendo os grandes proprietarios do logar os campos precisos por um pequeno fôro, quando se queria levantar curral”.

Vê-se por ahi, que o capital-terra não offerece difficuldade de aquisição a esses primeiros colonizadores. Egualmente não é difficil o capital vivo, pois que um curral não pede mais de meia duzia de cabeças para a sua fundação. No seu “Roteiro dos Sete Capitães”,

(5) “Vá para o Brasil, de onde tornará rico e honrado, — dizia a um degradedado o Bispo de Leiria.

o sertanista MIGUEL AYRES MALDONADO, descrevendo o estabelecimento dos curraes, deixa-nos vêr como é rudimentar essa fundação e como é diminuto o numero de animaes nella empregados: — “O primeiro curral — diz elle, em 1664, descrevendo a sua viagem aos Campos dos Goytacazes — foi levantado no dia 8 de Dezembro de 1663, pelo capitão JOÃO DE CASTILHO, em terras que para esse fim lhe cedeu o capitão MIGUEL DA SILVA RISCADO, por achal-as aquelle mais proprias que as do seu quinhão. Na mesma occasião se engenhou alli uma choupana, coberta de palha, para o curraleiro, que era o indio VALERIO DA CURSUNGA. Neste ficaram tres novilhas, uma vacca e um touro. O segundo foi levantado no dia 10 do mesmo mez e anno, na ponta do cabo São Thomé, pelo capitão RISCADO, que, dias depois, e a pouca distancia deste, armou um outro, deixando em cada um delles cinco novilhas e um touro”.

Essa facilidade das fundações pastoris, em contraste com as difficuldades das fundações agricolas, explica a incrivel rapidez com que o regimen do pastorio se difunde pelas zonas que, pela sua topographia e vegetação, se prestam a esse genero de actividade. Os curraes invadem, por isso, rapidamente o nosso interior e levam o povoamento ás regiões mais profundas dos nossos sertões do sul e do norte.

Na obra da colonização do nosso interior sertanejo não ha agente mais poderoso e efficiente do que o pastoreio. O curral precede a fazenda e o engenho. Depois

do vaqueiro é que vem o lavrador: o gado preludia o cannavial e a plantação cerealifera.

No periodo colonial, é elle o agente precipuo do desbravamento da nossa terra. Nas nossas zonas septentrionaes, a conquista dos altos sertões do nordeste é exclusivamente obra dos primitivos criadores, como veremos. No sul, o sesmeiro povôa com os seus gados a sua sesmaria e é depois que levanta a sua "fabrica". CHRISTOVAM MARTINS, por exemplo, sesmeiro de Santo Amaro, confessa não ousar "fazer fazendas nas ditas terras, sem embargo de nellas trazer muito gado vaccum".

Este gado vaccum, bem como o cavallar, e o ovino, e o caprino, e o suino, e mesmo os gallinaceos, não os encontram aqui os colonizadores. Como confessa PERO VAZ CAMINHA, os incolas não possuem nenhum desses animaes domesticos. São os portuguezes que introduzem aqui as primeiras cabeças de gado, quer cavallar, quer vaccum, quer ovelhum, cabrum e suino. Por isso, todas as nossas raças actuaes de gado: a "curradeira", a "caracú", a "mocha", a "franqueira", são variedades, que guardam os caracteristicos das raças peninsulares. E igualmente de typo peninsular, modificado pelo *habitat*, são as variedades dos nossos cavallos do sul e do norte; bem como, nos typos suinos existentes e no nosso rebanho caprino e ovino, os caracteristicos ethnicos dominantes, apesar da introdução ulterior de novos sangues, são os das raças primitivas da Peninsula. E' provavel mesmo que a origem dos vastos rebanhos, que povôam desde o I seculo os pampas do Rio da Prata, seja puramente por-

tugueza: talvez sementes levadas de São Vicente pelos hespanhóes, através os sertões de serra acima até Assumpção e de lá espalhadas pelas planícies campinosas do Paraguay e da Argentina (6).

Como quer que seja, o pastoreio é o recurso supremo para que appellam; nos primeiros tempos da colonização, os "povoadores" sem capitaes ou de capitaes limitados, que não querem vegetar na sombra, em que pullula a plebe nacional. É o primeiro degráo da ascensão social. Nelle vamos encontrar os elementos populares, ricos de eugenismo, cheios de audacia e iniciativa, que a pobreza comprime, por um momento, nas baixas camadas sociaes. É por elle tambem que começam a sua classificação social esses mestiços superiores que o estigma da raça não permite que se classifiquem nos seus meios nativos.

Como a cultura dos cannaviaes se faz nas zonas mais proximas da costa ou dos rios navegaveis, é para o interior dos sertões que vemos correr esses typos superiores, representativos do eugenismo da plebe colonial.

Forma-se, assim, nesses remotos e vagos "borders" pastoris do periodo colonial, uma classe de homens energeticos, cheios de intrepidez e audacia, que representam as qualidades superiores de coragem e força da nova raça em formação.

(6) RICARDO PILLADO — *El comércio de carnes en la Republica Argentina* (in *Censo agro-pecuario de Republica Argentina*, 1908, vol. III).

Elles é que resistem ao primeiro impeto das vagas da selvageria amotinada: — e são como o quebra-mar, que protege, contra a irrupção do gentio, o trabalho pacifico dos engenhos e das lavouras da costa.

Sem duvida, o typo social, que o pastorismo dos primeiros seculos coloniaes cria, não é comparavel ao que se forma na região dos cannaviaes da costa. Este representa um typo social de homens mais ricamente dotados de qualidades organizadoras. O trabalho dos engenhos, a sua montagem, a sua administração, exigem superiores qualidades de energia moral, de tino administrativo, de senso economico, de aptidão organizadora e de capacidade de mando: nem todos podem vencer nesse genero de industria, e não são raros os que, tentando-o, succumbem. Por isso, segundo o testemunho de ANTONIL, muitos lavradores possantes preferem ser apenas plantadores de canna, obrigados á moenda alheia, do que senhores de engenho — e isto devido á “lida e attenção que pede o governo de toda essa fabrica”.

Na região dos cannaviaes, portanto, é que se encontram, no periodo colonial, os typos mais representativos das grandes qualidades da raça: é ahi que estão os homens de mais capacidade, de mais prestigio, mais bem dotados para a vida publica. Dahi é que saem, principalmente, os dirigentes locais, os que vão preencher os cargos de administração das nossas primitivas municipalidades.

Na região do pastoreio, o serviço pastoril é rudimentar, como rudimentar é a organização do latifundio

criador. O typo do criador é, pois, menos desenvolvido socialmente, a selecção economica é menos rigorosa para com elle, exigindo-lhe menos aptidões de organização e administração. No que elle supera o typo agricola é na combatividade, na rusticidade, na bravura physica e nos habitos fragueiros, que é obrigado a cultivar pela sua maior internação sertaneja e pelo seu contacto mais directo com o gentio.

V

Estabelecido, nesses remotos tempos, o systema da grande propriedade e da grande cultura, a organização do trabalho não pôde deixar de ter por base a escravidão: num paiz despovoado e novo, onde, a principio, o homem da plebe, o trabalhador braçal rareia, é impossivel a grande cultura por meio do trabalho livre. O serviço dos engenhos absorve uma quantidade enorme de braços trabalhadores. Para ANTONIL são precisos nada menos de duzentos escravos para cada engenho.

Não são só os trabalhadores do campo e o movimento da fabricação que pedem operarios. Por esse tempo, o dominio rural é omniproductivo: tem que produzir tudo o que é necessario para os serviços da lavoura e da industria, como para a população que nelle vive. Essas industrias, que vemos concentradas hoje nas pequenas cidades do interior e esses varios officios manuaes (ferreiros, ferradores, sirgueiros, marceneiros, pedreiros, carpinteiros, sapateiros, tecelões), tudo, outr'ora, se con-

centra nos grandes domínios: todas essas utilidades devem ser produzidas nos engenhos. Já no IV século, em pleno período imperial, ainda os senhores de engenho costumam dizer com orgulho: — “nesta casa só se compram ferro, sal, pólvora e chumbo”. No período colonial, essa prodigiosa capacidade productiva do grande domínio é ainda mais accentuada, dado o rudimento do nosso primitivo aparelho commercial e industrial. O proprio panno do vestuario, nas suas especies mais grosseiras, se fabrica nos engenhos, com o algodão fiado, tecido e tinto pelas mãos da criadagem, sob a direcção das donas de casa, no interior dos gynecus fazendeiros (7).

Essa multiplicidade de serviços e industrias impõe aos senhores de engenho a organização de numeroso corpo de operarios. Diz ANTONIL: — “Servem ao senhor de engenho, em varios officios, além dos escravos de enxada e foice, que tem nas fazendas e na moenda e fóra os mulatos e mulatas, os negros, e negras de casa, ou occupados em outras partes, barqueiros, canoeiros, calafates, carapinas, carreiros, oleiros, vaqueiros, pastores e pescadores”.

Esse numeroso operariado, não podendo constituir-se com os elementos da população livre, é a escravidão que vae fornecer. O grande sesmeiro do I século recorre simultaneamente ao negro e ao indio. Póde-se dizer mesmo que o negro precede ao indio no trabalho agricola

(7) V. OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil*, vol. I, cap. VII.

organizado pelo branco. Nos engenhos de PERO GÓES, donatario da capitania de S. Thomé, trabalham, ao lado dos serviçaes brancos, muitos negros de Guiné. Os portuguezes, aliás, antes mesmo da descoberta do Brasil, já haviam instituído a escravidão do homem negro.

Entretanto, o trafico africano não tem, nos dous primeiros seculos, grande incremento. Na primeira metade do II seculo, a guerra com a Hollanda chega mesmo a interromper, por algum tempo, o transporte dos negros para o Brasil. De maneira que os colonos luzos são forçados a recorrer ao trabalho dos indios. Estes, como vimos, não exercem sinão uma agricultura mais que rudimentar: são, antes de tudo, caçadores e guerreiros. O rude trabalho dos engenhos os repugna: enquadrados no corpo dos operarios dos latifundos agricolas, resentem-se, quebrantam-se e, na sua maioria, ou refogem para as suas florestas, ou succumbem pela depressão physica.

Comtudo, dada a sua abundancia, e levando em conta a escassez dos negros, os grandes senhores territoriaes não os dispensam. Dahi tornar-se a captura dos indios uma verdadeira profissão, de character guerreiro, praticada por sertanistas intrepidos, que, tanto ao norte como ao sul, á frente dos seus formidaveis bandos de mamelucos, entram os sertões, assaltam as malocas da bugreria mal armada e trazem para os latifundios da costa milhares de indios escravizados.

Mais tarde, com o crescer do affluxo negreiro, a escravização dos indios é, pouco a pouco, abandonada. O negro passa a supprir todas as necessidades do traba-

lho agricola: é elle quem realiza as penosas operações da lavoura e perfaz os serviços subalternos dos engenhos. O indio é empregado, de preferencia, nas zonas pastoris, na vigilancia dos curraes, no cuidado dos rebanhos, na defesa dos latifundios fronteantes com o deserto e, principalmente, como elemento guerreiro das bandeiras, que devassam e conquistam o sertão.

VI

Essa necessidade da concentração de tantos elementos humanos dentro dos latifundios torna os engenhos uma pequena sociedade, complexa, heterogenea, poderosamente estruturada. Ha dentro delles uma população numerosa, toda ella applicada nos mais variados misteres. "São outras tantas villas" — diz o chronista SIMÃO DE VASCONCELLOS.

Dada a sua extrema independencia economica, derivada, como vimos, do seu regimen omniproductivo, e dada a extraordinaria extensão da sua base geographica, essas pequenas sociedades ruraes vivem quasi sem nenhuma relação com as outras convizinhas, pois entre umas e outras medeiam distancias de muitas leguas. De maneira que formam verdadeiros nucleos autonomos, tendo a sua economia propria, a sua vida propria, a sua organização propria: e dão á sociedade colonial um aspecto ganglionar e dispersivo, de extrema rarefacção.

Na sua estrutura social, esses latifundios possuem tres classes perfeitamente distinctas: a classe senhorial;

a classe dos homens livres, rendeiros de dominio; a classe dos escravos, que são os operarios ruraes.

Na classe senhorial estão os senhores do engenho, a sua familia, a sua parentela, muito numerosa, aliás, nesses tempos de grande solidariedade familiar, e os individuos brancos, aggregados ao senhor do engenho. São todos quasi que inteiramente de raça aryana. Os mestiços mamelucos, provindos do cruzamento do indio com o europeu, tambem apparecem ahi com alguns representantes; e, quanto aos mulatos, oriundos do cruzamento do europeu com o negro, a sua presença nessa classe aristocratica é ainda mais rara. De modo que se pôde dizer que a *aristocracia é o ponto de concentração dos elementos aryanos da colonia* (II, § VIII).

Na classe dos rendeiros do dominio é que se vão accumular, ao lado dos brancos pobres, os mestiços de toda ordem, libertos dos laços da escravidão pelo instituto da alforria. Mamelucos, cafusos, mulatos e negros fôrros é ahi que se concentram. Esta classe forma a plebe colonial. Está subordinada á classe aristocratica por uma especie de laço feudal, resultante do contracto de aforamento, e vive agrupada em torno do senhor do engenho, formando um bloco de grande cohesão, que constitue o "clan fazendeiro".

Este clan fazendeiro é uma associação característica do nosso mundo rural. No presente, subsiste muito desagregada e incoherente; nos primeiros tempos da colonização, porém, a sua estrutura é poderosissima. Nelle se aggregam, então, todos os serviçaes do dominio,

todos os seus rendeiros e mais as classes que habitam as pequenas villas, aldeias e povoações, disseminadas pelo interior: pequenos commerciantes de aldeia, os raros pequenos proprietarios existentes, os officiaes de officios manuaes, os chefes de pequenas industrias urbanas e os pequenos funcionarios da administração local.

Toda essa multidão heterogenea está presa ao senhor do engenho pelo dever de fidelidade e obediencia. Delle recebe, em paga, a protecção e a defesa, não só contra o arbitrio das autoridades e a violencia dos poderosos, como tambem contra os assaltos do gentio indomado ou do flibusteiro saqueador (8).

Este grupo tem, no periodo colonial, uma influencia dominante. É elle, sob a direcção do grande senhor rural, que se constitue no centro dynamico de toda a nossa historia e nos dá a chave principal da sua interpretação.

VII

Esses engenhos e curraes não se assentam em terra pacifica e amiga. Os brancos peninsulares encontram, não uma terra deserta, como os Açores, mas uma terra povoada, desde os littoraes até o mais profundo dos seus sertões, de numerosas tribus selvagens. Com estas tribus,

(8) OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil*, vol. I, cap. VIII.

quasi todas de temperamento guerreiro, os colonos brancos são obrigados a abrir lucta: ou para apropriarem-se das suas terras, ou para apoderarem-se das suas mulheres, ou para escravizarem os seus elementos validos. Defendendo o seu *habitat* ou defendendo as suas tabas, os abrigenes reagem pela violencia contra a violencia, de que são victimas: e um estado de guerra generalizado e continuo se estabelece, de norte a sul do paiz, desde os primeiros dias da colonização.

No norte, os colonos brancos têm que fazer caminho através a massa bellicosa dos "caetés", dos "potiguaras", dos "tupinambás" e dos "aymorés", que barram pelo litoral a entrada dos sertões, em Pernambuco, na Bahia, em Sergipe, nas Alagôas, no Rio Grande do Norte, na Parahyba, no Ceará, no Piahy e no Maranhão. No interior, encontram pela frente a ferocidade irreductivel das grandes tribus "carirys": os "sucurús", os "icós", os "canindés", os "jucás", os "payacús", os ariús", os "pimenteiras", que defendem, palmo a palmo, os seus rincões agrestes contra a invasão dos novos conquistadores.

No sul, a reacção não é menos vivaz e continua: "aymorés" no Espirito Santo; "goytacazes" na região do Parahyba; "tamoyos no Rio e em S. Vicente. No extremo sul, as hordas temiveis e indomaveis dos "tapes", dos "minuanos" e dos "charrúas" formam uma barragem viva e mobil, difficultando a penetração do interior e, de quando em quando, em perigosas confederações,

ameaçando de destruição total a obra penosa da colonização (9).

Dahi a necessidade de organizar a defeza dos dominios. Os poderes publicos, nessa época longinqua, não têm força sufficiente para realizar, de maneira efficaz, esta defeza. Os dominios têm que se defender a si mesmos. Elles são obrigados a se organizar militarmente. Dentro de cada engenho, no interior de cada latifundio, na solidão de cada fazenda criadora, vive, por isso, sob a chefia do senhor, um pequeno exercito, perfeitamente organizado.

Essa patulêa de mestiços, que vimos formigar na plebe colonial, é que vae fornecer os elementos necessarios á composição desse grupo guerreiro, incumbido da defeza do latifundio. Della é que sáem os pardos, os cafusos, os mulatos, os carijós, os mamelucos, cuja combatividade os senhores ruraes utilizam para reagir contra a hostilidade do gentio e garantir a integridade dos seus engenhos, das suas lavouras e dos seus rebanhos.

Os engenhos se tornam em verdadeiras fortalezas. Ha, em cada um delles, um complicado arsenal de armas: espadas e facões, mosquetes, clavinas e clavinotes de pederneira, arcos e flexas e, mesmo, gibões de couro, recheiados de algodão, que são como que as cótas de malha desses rusticos lidadores americanos.

(9) v. *Documentos interessantes para a historia de S. Paulo*, v. XLV, pg. 362.

O numero de soldados, que os grandes senhores ruraes conseguem concentrar dentro dos seus dominios, é muito avultado, no sul principalmente: não se conta por dezenas, mas por centenas e milhares. O paulista MANOEL PRETO, grande prêador do gentio e um dos principaes autores da destruição de La Guayra, tem, por exemplo, cerca de 1.000 indios flexeiros, não incluindo os seus numerosos escravos, negros e mestiços. Segundo um chronista, o grande AMADOR BUENO possui milhares de incolas, aldeiados nos seus dominios. Só ANTONIO RAPOSO, o mais bravo e audacioso dos prêadores de indios, ao arrojarse contra as reduções de La Guayra, commanda um corpo de exercito de cerca de 3.000 combatentes.

Então, a importancia social dos grandes senhores é dada pelo numero de homens de que elles podem dispôr, isto é, pelo numero de "arcos", como se diz. — "Potentado em arcos", "opulento em arcos", "homem poderoso de grande sequito", são expressões que enchem as paginas dos chronistas e linhagistas coloniaes. Dos paulistas antigos diz um delles que é "axioma entre elles: Fuão é poderoso por tantas armas: neste numero entram negros, mulatos, indios, mamelucos, carijós e mais variedade de gente que ha por aquelle sertão".

Não são somente os indios que exigem essa organização defensiva da parte dos senhores ruraes: tambem os negros fugidos e ocoutados no interior das florestas, em nucleos a que chamam "quilombos", constituem um grave e inquietante perigo para as populações ruraes

da colonia. Dahi a necessidade de grandes expedições guerreiras para ataca-los e destrui-los (10). Dessas expedições se incumbem os mais famosos potentados ruraes, senhores de vastos latifundios e de arcos innumeraveis. Dos celebres quilombos, formados na região do Rio das Mortes, a destruição é realizada por um grande potentado paulista, BARTHOLOMEU BUENO DO PRADO, que, de volta da expedição, traz, como tropheu de guerra, cerca de quatro mil pares de orelhas de negros aniquilados. No norte, o grande reducto africano, denominado "Palmares", é atacado e dizimado pelo ferro de um caudilho possante, DOMINGOS JORGE VELHO. Com um formidavel exercito de curibocas, desce da sua fazenda de Piancó, nos altos sertões da Parahyba, para realizar esta façanha guerreira.

Em summa, no periodo colonial, especialmente nos II e III seculos, os *grandes dominios fazendeiros não são apenas poderosas instituições agricolas e pastoris, são tambem grandes instituições militares: a sua estrutura economica e social é garantida e protegida pela blindagem resistente dos seus clans guerreiros. Estes é que os cobrem, á maneira de uma carapaça defensiva, assegurando-lhes a incolumidade na sua expansão através os sertões, infestados das hordas da selvageria belicosa* (11).

(10) — DIOGO DE VASCONCELLOS — *Historia Média de Minas Geraes*, pag. 164 ss.

(11) V. OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil*, vol. I, cap. X.

Essa formidável organização militar dos grandes domínios não se teria constituído da maneira efficiente por que se constitue, se não fôra a presença, no interior dos latifúndios, de uma ralé pullulante de cabras, cafusos, mamelucos, índios e negros fôrros. Faltassem elles — e a maravilhosa e rápida penetração dos sertões pelos “bandeirantes” ao sul e pelos “criadores” ao norte não se teria operado. É tão abundante essa ralé que os governadores das capitánias são autorizados, por uma carta régia, a reprimil-os, applicando-lhes a justiça summaria com que se castigam os salteadores. Entretanto, os governadores não os punem com o rigor permittido; ao contrario, se fazem tolerantes para com elles, porque dada a situação da colonia, elles são verdadeiramente uteis: — “Estes vadios — diz um chronista colonial — que em outra parte são prejudiciaes, são alli uteis. Elles, á excepção de um pequeno numero de brancos, são todos mulatos, cabras, mestiços e negros fôrros: por estes homens atrevidos é que são povoados os sitios remotos do Cuyté, Abre-Campo, Pessanha e outros; delles é que se compõem as esquadras que defendem o presidio do mesmo Cuyté da irrupção do gentio barbaro, e que penetram como fêras as mattas virgens no seguimento do mesmo gentio” (12).

Batidos pelas vagas hostis da selvageria insubmissa, os colonos brancos encontram assim, nessa mestiçaria

(12) v. *Documentos interessantes para a historia de S. Paulo*, v. XXIX, pag. 426.

repullulante, uma protecção salvadora. Defendem-se com ella, a principio, dos assaltos do bugre; depois, com ella organizam a grande offensiva da conquista do interior.

O serviço inicial da defesa incute, dest'arte, na população colonial o habito da guerra, aguça-lhe o espirito militar, educa-a sob tradições marciaes. Quando a pressão incoercivel das circumstancias economicas a propelle para o interior, ella está soberbamente adextrada para romper, pela força das armas, a massa hostile da bugreria exasperada.

VIII

Vimos que, na sociedade colonial, o unico meio de classificação social é a posse da terra, é a exploração de um grande dominio. Dahi a incoercivel expansão da população colonial para o interior.

Ha um momento em que os costumes urbanos do luso parecem contrariar esta tendencia. Os elementos mais graduados da colonia, os grandes senhores territoriaes, procuram conciliar os seus gostos mundanos, que só a vida da cidade satisfaz, e os seus interesses economicos, que os obrigam a uma vida rural: — e installam um duplo domicilio.

É, porém, uma situação provisoria, porque a conciliação é impossivel: — “Quem se resolva a lidar com engenhos, ou se ha de retirar da cidade, fugindo das occupações da republica, que obrigam a divertir-se; ou

ha de ter actualmente duas casas abertas, com notavel prejuizo onde quer que falte a sua assistencia, e com dobrada despeza” — diz ANTONIL.

O gosto da vida rural decorre então das proprias condições economicas da colonia. O centrifugismo urbano se torna a força dominante na mecanica dessa sociedade instabilizada (13).

Esse centrifugismo se accentua á medida que o numero dos elementos eugenicos da população colonial augmenta, com o affluxo crescente da immigração peninsular (II, § II). Esses elementos, aguilhoados pela necessidade de classificarem-se, de fugirem á mesquinhez e á indigencia, em que se obscurece a plebe colonial, precipitam-se, no tropel das “monções” ou na avalanche das bandeiras, para o amago dos sertões, em busca das terras para “fazer fazendas”, dos rincões ferazes, onde estabelecer os seus engenhos ou das regiões dos campos opimos, onde abrir os seus curraes e disseminar os seus rebanhos.

Mais tarde, com o advento da exploração das minas de ouro, uma causa de propulsão para o interior se vem ajuntar a essas causas iniciaes. E o deslocamento para os sertões se generaliza a toda sociedade colonial.

Esse deslocamento para o interior, para a conquista da terra, não é empreza suave. O conquistador tem que vencer, a um tempo, as agrestias da natureza tropical,

(13) v. OLIVEIRA VIANNA — *obr. cit.*, cap. I.

as traições das alimarias ferozes e a opposição tenaz e insidiosa do gentio. O indio domesticado, filho da terra e conhecedor dos seus segredos, das suas singularidades, dos seus meandros, dos seus accidentes topographicos, é um auxiliar incomparavel dos colonizadores. É seguindo as suas indicações, palmilhando as suas trilhas e utilizando, para a passagem dos rios, as suas "igaras" e "ubás" que elles penetram o interior do sertão e se orientam no meio da sua immensidade florestosa, seguidos dos seus temiveis exercitos de mamelucos e cabras.

O grande obstaculo, porém, é o indio insubmisso. Este, pugnaz e recalcitrante á expropriação, de que é victima, tem que ser afastado e repellido e dizimado a tiros de mosquete, a ponta de espada ou a golpes de flecha. Para esta proeza, já o vimos, os colonizadores estão magnificamente preparados.

Durante o periodo colonial, a conquista da terra apresenta, por isso, um character essencialmente guerreiro. Cada latifundio desbravado, cada sesmaria "povoada", cada curral erguido, cada engenho "fabricado" tem, como preambulo necessario, uma ardua empreza militar. Do norte ao sul, as fundações agricolas e pastoris se fazem com a espada na mão: "— Não se pode tratar da fabrica alli — diz um chronista do seculo II, frei LEONARDO OROS — sinão com a foice nesta mão e a espada na outra".

O processo seguido geralmente na conquista é o "povoamento" preliminar, isto é, o desbravamento da terra, a repulsão dos indios, a eliminção das feras, o

amanho dos campos, a formação dos rebanhos. Depois, allegando estes serviços, é que requer o "povoador" a concessão da sesmaria.

Em virtude mesmo da selecção militar, imposta por essas condições especiaes da conquista, forma-se, no interior rural, uma raça de homens admiraveis, rijos de corpo e rijos de alma, capazes de empresas homericas. Os paulistas, por exemplo. Estes excedem todos os demais pela sua estupenda resistencia physica, pela sua intrepidez prodigiosa, pela sua assombrosa aptidão militar. São batalhadores formidaveis.

Os colonizadores do norte, menos aguerridos do que esses colonizadores do sul, recorrem a elles, quando é preciso abrir o caminho através das tribus bravias, que infestam os altos sertões do São Francisco, do Itapicurú, do Piranhas, do Parnahyba e das chapadas da Borborema. Estas regiões asperas e agrestes são, com effeito, os páulistas que, partindo dos seus latifundios do sul, á frente dos seus homens de armas, as limpam da vermina numerosa dos "cariryrs", "icós", "sucurús", "canindés", "payacús" e "pimenteiras", permittindo assim a rapida diffusão dos criadores pelos sertões campinosos do nordeste.

No sul, o que elles fazem enche de espanto as imaginações mais frias e positivas: — "On est saisi — diz SAINT HILAIRE — d'une sorte de stupéfaction: on serait tenté de croire que ces hommes appartenaient à une race de géants".

IX

Este deslocamento para o interior, quer ao sul, quer ao norte, tem, como dissemos, o objectivo final da conquista da terra para a fundação de engenhos e para a fundação de curraes. O objectivo da exploração do ouro e da prêa ao indio, embora haja determinado uma grande actividade sertaneja, é, ou preliminar, ou intercurrente, ou episodico: exploradores de ouro ou caçadores de indios acabam, ao fim da sua carreira, tornando-se, todos elles, senhores de engenhos ou donos de vastos latifundios criadores.

Os "sertanistas", prêadores de indios, e os "bandeirantes", pesquisadores de terrenos auriferos, têm, além dessa funcção economica, uma funcção geographica culminante: elles são os vanguardeiros, os batedores que desvendam os sertões desconhecidos, abrem os caminhos, estabelecem os roteiros e dizem da existencia dos novos campos ou das terras ferazes, proprias para a fundação de engenhos e curraes. Trazida a noticia aos centros já povoados, formam-se immediatamente, na direcção dessas novas paragens, correntes de colonizadores, que alli estabelecem novos centros de riqueza e novos nucleos de povoamento e civilização.

Os primitivos nucleos coloniaes localizam-se nas zonas da costa, na região da faixa agricola, ou, para o interior, nas margens dos rios navegaveis que desaguam no Oceano. Dahi é que se irradiam, com mais ou menos

rapidez, para o recesso dos sertões, ao norte e ao sul do paiz. Uns são extremamente vivazes e expansivos; outros, ao contrario, permanecem estacionarios ou revelam uma capacidade limitada de expansão.

Desses primitivos nucleos, os da Bahia, Pernambuco e S. Paulo são os mais poderosamente dotados de energias colonizadores: *no delimitar das suas respectivas áreas de expansão teremos delimitado toda a área do Brasil actual.* Por fim, os círculos de cada uma dessas áreas de expansão se interferem e, confundidos, bahianos, pernambucanos e paulistas, tendo estes como capitães, ultimam a obra formidavel do desbravamento e colonização das regiões mais centraes do paiz.

Nas zonas puramente agricolas, como a faixa florestosa da costa, desde Pernambuco a S. Vicente, o movimento de expansão para o interior é lento — porque, como já observamos, as fundações de engenhos exigem grandes capitaes. Desde o momento, porém, em que a colonização attinge a região das planicies e tableiros campinosos do interior, a sua irradiação adquire uma rapidez extraordinaria, a profundidade da sua penetração é surprehendente e maravilhosa. E isto tanto ao sul como ao norte.

Nos primeiros tempos, dada a difficuldade dos transportes, a grande cultura dos engenhos se limita á zona da costa ou ás margens dos rios navegaveis. Depois, facilitando-se-lhes os transportes com a apparição dos muares e cavallos, estende-se pelo interior; galga, ao sul, o amago dos planaltos e, ao norte, as zonas do sertão,

acompanhando, onde as condições agrológicas permitem, a marcha da irradiação pastoril: e vemos assim os primitivos engenhos da costa surgirem tanto nos valles centraes do S. Francisco, como nos vastos platós de S. Paulo.

O movimento pastoril, porém, é de uma intensidade muito maior e a sua área de irradiação é incomparavelmente muito mais ampla do que a da irradiação agricola. Pelas suas condições geographicas, topographicas e botanicas, o interior do nosso paiz, desde o norte até ao sul, se presta, com effeito, optimamente para o estabelecimento da industria pastoril. Se ha zonas privilegiadas e quasi paradisiacas, como a dos campos geraes do Iguassú, igualmente excellentes para o pastoreio e agricultura, outras ha que, pelas suas condições vegetativas e climaticas, absolutamente não se adaptam á industria agricola e só podem ser utilizadas para o pastoreio. Estão neste caso as zonas de carrascaes e caatingas dos sertões do norte, pedregosas, calcareas, seccas, cobertas de uma vegetação especifica, de character xerophilo: cactus, cereus, macambiras, gravatás, xique-xiques, mandacarús, palmatórias e imbús — a “silva horrida”, de Martius. Só o gado pôde subsistir ali e só com o gado estas terras estereis adquirem um valor economico apreciavel. Os primitivos colonizadores do norte, que não podem, por insufficiencia de capitaes, fundar engenhos nas regiões fertéis e irrigadas da costa, são forçados a se apoderar desses rincões ingratos e seccos — e o fazem disseminando largamente por todos elles, como veremos, os seus rebanhos de gado grosso e as suas fazendas innumeraveis.

X

No norte ha que distinguir duas irradiações colonizadoras: a das zonas da costa e a das zonas do interior, independentes uma da outra, e tendo cada qual os seus agentes especiaes. Pela costa, desde da Bahia até Maranhão, se constituem pequenos centros dispersos de colonização, de origem mais ou menos official, em Ilhéos, na Bahia, em Recife, na Parahyba, no Rio Grande do Norte, no Ceará, no Maranhão; centros, aliás, que não têm, devido á opposição do gentio, grande força de penetração, nem conseguem attingir, na sua irradiação, as regiões dos altos sertões septentrionaes.

Estes vão ser attingidos e desbravados por uma outra corrente de colonizadores, mais audazes, mais ambiciosos, mais energicos do que os retardios conquistadores do littoral. São os vaqueiros, os pastores, os criadores do São Francisco. Dadas as particularidades do curso desse grande rio, os criadores pernambucanos e bahianos, que se haviam accumulado nos seus valles inferiores, por elle sobem e chegam ao centro dos nossos sertões septentrionaes.

Para que os criadores bahianos possam attingir os valles campestres do São Francisco, faz-se preciso desalojar das suas cabildas o gentio, que infestava a actual região de Sergipe. CHRISTOVÃO DE BARROS, em 1590, conquistando Sergipe, abre caminho á vanguarda dos povoadores bahianos. Estes, libertos da pressão

do selvagem, chegam rapidamente ao grande rio, em cujas margens batem as vagas colonizadoras dos criadores, vindos de Pernambuco.

Um grande sesmeiro, GARCIA D'AVILA, senhor da Casa da Torre, com as suas duzentas leguas de testada á margem do mesmo rio, constitue-se, na segunda metade do II seculo, o centro de um prodigioso movimento de expansão pastoril na direcção do nordeste. É das suas terras que saem DOMINGOS SERTÃO e DOMINGOS JORGE VELHO, com os seus poderosos exercitos de mamelucos e indios domesticados, para a conquista do Piauhy, do Maranhão e da banda occidental do Rio Grande, da Parahyba e do Ceará.

Estes dous formidaveis sernatistas, tangendo á sua frente os seus rebanhos de gado grosso e apoiados em possantes massas de homens de guerra, sóbem pelo valle do S. Francisco e, no ponto em que este faz a sua maxima inflexão para o sul, deixam-no e, subindo pela margem septentrional, galgam a Serra dos Dous Irmãos, que separa Piauhy de Pernambuco, e conquistam, pela força das armas, contra os ferozes "pimenteiras", as immensas planicies piauhyenses. Percorrendo as cabeceiras do Canindé, do Piauhy, do Itahim, do Poty, fundam por toda a parte numerosas fazendas de gado: e com isto devassam todos os sertões do Piauhy e do Maranhão e os valles do Parnahyba e seus afluentes.

Na sua diversão pelas zonas orientaes do nordeste, elles atravessam o planalto da Borborema e, repellindo

os sucúrús e icós e ariús e carirys, conquistam para a sua gadaria os campos e caatingas da Parahyba e do Rio Grande, através do Piancó, do Piranhas e do Apody. Transpondo a serra do Araripe, penetram a zona fértil dos Carirys, os campos do Salgado e do Jaguaribe e levam os seus rebanhos e os seus mamelucos ás regiões do alto sertão cearense (14).

Expurgadas essas zonas remotas do gentio feroz pela combatividade dos dous grandes sertanistas, secundados por outros não menores, como MATHIAS CARDOSO, MORAES NAVARRO e ANTONIO FIGUEIRA, paulistas todos, o povoamento dellas se opera rapidamente com o affluxo dos criadores, vindos de Pernambuco e da Bahia.

Essa corrente de colonizadores, intensa e poderosa, descendo as cabeceiras dos rios parahybanos, cearenses e piauihyenses na direcção das suas fôzes, encontra a outra pequena corrente de povoadores, que vêm, em sentido contrario, do littoral: e uns e outros completam o devassamento e o povoamento das regiões septentrionaes. *Na sua maior parte, as povoações existentes nos nossos altos sertões do nordeste, desde a Bahia até o Maranhão, têm, por isso, a sua origem em antigas fazendas de gado.*

Esta a génese, esta a marcha, esta a expansão da colonização do centro-norte.

• No extremo-norte, nas regiões do valle amazonico, a conquista colonizadora mostra outro aspecto: tem um

(14) BASILIO DE MAGALHÃES — *A conquista do nordeste no seculo XVII* (Revista Trimensal vol. 85).

caracter essencialmente agricola e não tem o aspecto guerreiro da conquista do nordeste. Os indios, que habitam a nossa vasta Hyléa, são, na sua maioria, de indole mansa e habitos pacificos. Demais, é alli a região onde é mais intensa e efficiente a acção civilizadora dos missionarios catholicos, jesuitas especialmente. Estes congregam o gentio em aldeias numerosas, em que buscam a sua origem muitas cidades e povoações actuaes.

Fixados em aldeias e pacificados, os incolas não se tornam em obstaculo ao povoamento. Os colonos brancos penetram a terra, dispensando-se do apoio dos mameucos aguerridos. Podem fixar-se, dest'arte, em massa mais compacta e mais pura, em verdadeiras "colonias". Dessa preponderancia do elemento branco no inicio da colonização da Amazonia resulta a singularidade da toponymia das povoações alli formadas: Vianna, Portel, Soure, Vinhaes, Moura, Guimarães, Pinhel, Aveiros, Thomar, Faro, Serpa, Olivença, Extremoz, Souzel, Amaranthe, Ourem, Bragança, Ayrão, Santarem, Viseu, Magzagão. São todos, como se vê, nomes de localidades e povoações portuguezas, principalmente alemtejanas (15).

Dá-se no extremo-norte o que se dá no extremo-sul: um nucleo consideravel de colonos brancos, que se con-

(15) BASILIO DE MAGALHÃES — *Expansão geographica do Brasil até fins do sec. XVII*. Do estudo sobre a formação dos municipios paraenses, feito dos *Annaes do Archivo Publico do Pará*, 1916 por Palma Muniz, vê-se que Bragança, Breves, Curralinho, Cachoeira, Igarapémirim, Macapá, Mojú

centra e fixa sem nenhum caldeamento preliminar com as outras raças formadoras. Hoje ainda, apesar da enorme população de origem mestiça, são os portuguezes os elementos que preponderam social e economicamente nas regiões do baixo Amazonas. No alto Amazonas, a preponderancia vae caber, mais tarde, a um outro typo de colonizadores, vindos do nordeste, como veremos (§ XVI).

XI

Pernambucanos, bahianos e portuguezes, de comparsaria com paulistas, operam o povoamento do norte e do extremo-norte. Do Brasil central e meridional a obra gigantesca do povoamento vae ser, porém, realizada integralmente pelos paulistas, sem outro auxilio senão o da sua energia, da sua ambição e da sua bravura (16).

Não é este o lugar mais proprio para fazer o historico dessa maravilhosa expansão operada quasi simultaneamente com o povoamento dos campos sertanejos do nordeste. Nestes, os objectivos immediatos da expansão

são municipios em que só o portuguez apparece. Exémplos de colonização em massa: Mazagão, Ourém, (açoritas), Bê-lém, Salinas, Guamá. Sobre colonização do Amazonas: v. FERREIRA REIS — *Historia do Amazonas*, Manáos, 1931; e ARAUJO LIMA — *A Amazonia* 1933.

(16) Cf: OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil*, vol. I, cap. V.

são, como vimos, puramente pastoris; no sul, com estes objectivos coexistem outros igualmente poderosos, porquanto, ao lado da industria pastoril, a exploração do ouro é ahi um agente efficacissimo de colonização.

Não será exacto, porém, dizer que é o ouro, a sua descoberta, a sua exploração, a principal força motriz que impelle os bandeirantes paulistas para os sertões do norte, do oeste e do sul. Na phase mais intensa, já não diremos da descoberta, mas mesmo da exploração effectiva dos campos auriferos, vemos uma larga e tranquilla migração de colonizadores paulistas para rumos diversos dos das regiões do ouro. O povoamento dos altos platós do Iguassú, por exemplo, dos campos geraes do Paraná e Santa Catharina, não tem outro objectivo senão o da fundação de curraes, nem outro fundamento economico senão os vastos rebanhos de gado grosso. Os paulistas antigos, embora feitos provisoriamente caçadores de indios e mineradores de ouro, são, antes de tudo, uma raça de homens dominada por indissimulaveis predilecções pastoris. Criadores de gado, por tradição e gosto, onde quer que encontrem campos adaptaveis á criação, elles para logo ahi fundam as suas fazendas pastoris: no valle do S. Francisco, nos sertões de Goyaz, nas caatingas do nordeste, nos planaltos de Curityba ou nas planicies immensuraveis do extremo sul. Só nas suas directrizes para os sertões do norte e do oeste é que os objectivos principaes são a descoberta e a exploração do ouro.

Ha dous focos iniciaes da irradiação paulista: São Vicente e São Paulo de Piratininga. Este gera tres outros: Taubaté, Itú e Sorocaba. *Destes tres centros partem as migrações colonizadores que senhoreiam todo o Brasil central e meridional.*

O foco littoraneo de S. Vicente não só fornece os melhores elementos aos focos da serra acima, como tem uma expansão propria. Delle é que saem os colonizadores da orilha atlantica, na direcção do norte e do sul: Itanhaem, Iguape, Cananéa, Paranaguá, São Francisco, Desterro, Laguna são povoações de origem vicentista, como de origem vicentista são Ubatuba, Paraty e Angra dos Reis. São tambem bandeirantes de S. Vicente que projectam através de Laguna a expansão paulista até os pampas do extremo-sul.

Os grandes focos, porém, de expansão, conquista e povoamento são os de serra acima. Nelles é que se inicia aquelle “espantoso ondular das bandeiras”, de que fala um historiador contemporaneo.

Na sua marcha, os paulistas seguem, de preferencia, o curso dos grandes rios. Quando têm de tomar vias xerographicas, são os trilhos dos indios os caminhos de que se servem. Por vias terrestres ou fluviaes, elles conseguem attingir os rincões mais profundos dos nossos sertões centraes, a distancias prodigiosas dos seus pontos iniciaes de irradiação. Quando na phase heroica da caça ao indio e da caça ao ouro, chegam a ultrapassar, na sua projecção sertaneja, os limites do Brasil actual. De alguns se diz, como de ANTONIO RAPOSO, que, através-

sando as grandes planícies bolivianas, vingam a cordilheira andina e miram, deslumbrados, as aguas do Grande Oceano...

XII

Na sua portentosa expansão para Minas Geraes, de que elles são os primeiros colonizadores, os paulistas tomam, como caminho principal, o valle do Parahyba, onde já haviam disseminado numerosas povoações. Com os seus bandos de mamelucos e indios flexeiros, galgam a Mantiqueira e alcançam as cabeceiras do Rio das Velhas, do Paraopeba e do S. Francisco. Esses rios, correndo na direcção do norte, os levam ao recondito do sertão bahiano e dahi, como já vimos, aos sertões do nordeste, com as bandeiras de DOMINGOS JORGE e MATIAS CARDOSO.

Por esse lado, o campo da sua expansão é incomensuravel. Da bacia do São Francisco, já de si mesma amplissima, e dos seus afluentes, os povoadores paulistas passam facilmente para a bacia do Rio Doce, onde enxameiam varias povoações, como Serro Frio e S. José, e para a do Jequitinhonha, onde fundam Diamantina, Grão-Mogol, Minas Novas, Arassuahy, Salinas e tantos outros centros de povoamento e riqueza. É, porém, nos valles da vastissima bacia do S. Francisco onde elles desenvolvem a sua mais intensa acção colonizadora. Na região das minas, os arraiaes, as povoações, as villas se multiplicam com uma rapidez prodigiosa. Visitando-a, nos começos do IV seculo, SAINT-HILAIRE enche-se de

surpresa ante o numero extraordinario de aldeias e povoações que encontra dentro de uma pequena área de algumas leguas apenas.

Ouro Preto, Marianna, Sabará, Caeté, Queluz devem todas a sua origem á acção colonizadora dos pioneiros paulistas. Esses centros mineradores são, por seu turno, os focos originarios de um sem numero de villas, aldeias e arraiaes, que se distribuem pelos valles do Rio das Velhas, do Paraopeba e do S. Francisco e pelas chapadas das serrarias, que os circumdam (17).

Descendo para o trecho médio do S. Francisco, os povoadores paulistas, como mineradores ou como simples criadores de gado, fundam egualmente muitas povoações, hoje cidades florescentes, como Montes Claros e Januaria, e enchem de curraes os valles campinosos do grande rio até ás extremas meridionaes de Pernambuco.

Não é só pelo caminho do Parahyba e da Mantiqueira que esses sertanistas audazes penetram os sertões auriferos de Minas. Ha tambem o caminho do Rio Grande e do Paranahyba. Os bandeirantes paulistas, descendo o Tieté, entram no Paraná, que sobem até á foz do Rio Grande, por onde alcançam o amago do sertão occidental de Minas. Ou então proseguem pelo Paraná acima, alcançam o Paranahyba e por este rio vão aos immensos desertos auriferos e pastoris, que constituem o vastissimo territorio do actual Triangulo Mineiro.

(17) v. *Collectanea da Cartographia Antiga de S. Paulo*, vol. I. (edição do Museu Paulista), mappa de 1791-1792.

Muitas povoações e cidades dessa incomparavel região, como Prata, Araxá, Paracatú, por exemplo, têm sua origem em nucleos de colonizadores vindos de S. Paulo (18).

O Paranyba não leva os descobridores e colonizadores paulistas sómente aos remotos sertões do Triangulo e do valle do Paracatú; pelos seus affluentes da margem occidental, elle os leva tambem ao recesso do planalto goyano. Catalão, Bomfim, Morrinhos, Santa Luzia, Anicuns, Goyaz, Pilar, Amaro Leite são povoações nascidas da admiravel actividade colonizadora dos paulistas.

Da bacia do Paranyba passam esses indefessos conquistadores, sem difficuldade, para a do S. Francisco e para a do Amazonas, através do Tocantins e do Araguaya. É, com effeito, na bacia desses dous rios que estão as povoações goyanas de Curralinho, Ouro Fino, Pilar e Amaro Leite e a actual capital do Estado.

O assalto aos campos pastoris e aos chapadões auríferos de Matto Grosso é feito por outro caminho. Os paulistas descem pelo Tieté, entram o Paraná e penetram, através dos affluentes da margem occidental, o Pardo, o Ivinheima, o Iguatemy e outros, esses admiraveis campos ditos da Vaccaria, comprehendidos entre o Paraná e as serras de Amambahy e Maracajú (19).

(18) Ha tambem um outro caminho, que é, mais ou menos, o que segue o actual Traçado da Mogyana. Por elle é que o Anhanguera penetra os sertões goyanos.

(19) v. THEORONIO JOSÉ JUZARTE — *Diario da Navegação dos Rios Tieté, Rio Grande e Paraná e Rio Gatemy* — 1769 (Ed. do Museu Paulista). E, tambem, na *Collectanea*

Percorrem-n'os todos, repellindo victoriosamente a opposição dos cayapós; depois, galgando os contra-fórtes da serra de Maracajú, penetram a bacia do Paraguay, através do Taquary e do S. Lourenço, que os levam até Cuyabá e ao planalto matto-grossense, onde desenvolvem uma larga actividade mineradora. Dahi descem pelo Araguaya, pelo Tapajóz e pelo Madeira até ao valle amazonico.

Na conquista dos campos meridionaes, que formam o planalto paranáense e catharinense, os povoadores paulistas preferem, ao contrario, as vias xerographicas. Depois de fundarem, nos fins do I seculo, o centro de Sorocaba, dahi, como ponto de apoio e base de operações, elles se arremessam sobre as planuras que se extendem, intervalladas de mattas e florestas, desde Sorocaba até ás bordas da região serrana riograndense: e são os campos de Curityba, os campos de Guarapuava, os campos das Lages, os campos de Palmas, os campos de Curitybanos, os campos de Vaccaria e os campos do Viamão.

Ha, a principio, uma corrente pastoril, com que elles enchem de curraes o longo itinerario, que de Sorocaba vae até Lages, no plató catharinense, passando por Itapetininga, Itapeva, Jaguarahyva, Castro, Ponta Grossa, Curityba, Campo Largo e Lapa. Dahi, pela estrada de Araranguá, aberta por elles nos flancos da

da Carthographia Antiga de S. Paulo, vol. I, o mappa de 1628. V. ainda *Revista Trimensal*, v. 77, pg. 330.

cordilheira marítima, descem até Laguna, onde se misturam aos colonizadores, vindos, na corrente do litoral, do fôco de S. Vicente — e é de comparsaria com elles que assaltam as vastas campinas da planicie platina.

Mais tarde, os criadores de Sorocaba e Curityba, para encurtarem o caminho, que por Araranguá vae ter ás savanas do Rio Grande, abrem, pelo alto da serra, na estrada de Lages e através dos rios das Canôas, das Caveiras e das Pelotas, uma outra estrada que, passando pelos campos da Vaccaria e do Viamão, no alto da serra riograndense, leva os tropeiros sorocabanos ao valle do Guahyba, á Lagôa dos Patos, á Lagôa Mirim e aos pampas platinos, de onde retornam aos platôs de S. Paulo com numerosas tropas de cavallos, muares e bois, ali arrebanhadas pelos prêadores (20).

Dos campos do Viamão os colonizadores paulistas passam, tomando o rumo do oeste, para a região das Missões, onde se fixam com estancias em Passo Fundo, em Cruz Alta, em Palmeira, em Santo Angelo, em Nonohy, em S. Borja, já nas margens do Uruguay. Todo o povoamento inicial da região serrana do Rio Grande, desde os campos da Vaccaria ás Missões, é obra dos sertanistas de São Paulo.

Na região da campanha, desde o littoral lacustre até ás ribas do Uruguay, desde o Guahyba, o Rio Pardo e o Jacuhy até ás linhas divisoras do Quarahym, do Ja-

(20) E' ponto a ser estudado nas *Populações meridionaes do Brasil*, vol. II. (Os pastores rio-grandenses). E tambem v. *Pequenos estudos de psychologia social*, pag. 139.

guarão e do Chuy, a colonização pastoril, que alli se diffunde, é, a um tempo, producto da actividade dos criadores paulistas e dos colonos açorianos, que, nos meados do III seculo, se fixam, em massa, á margem do Guahyba, em Porto Alegre.

No Rio Grande, o movimento de expansão e conquista tem, como em todo paiz, um caracter guerreiro e neste mais do que em qualquer outro ponto, porque, ao lado do indio, o "tape", o "minuano", o "charrua", ferozmente bellicosos, está o hespanhol, magnificamente marcial, que os nossos conquistadores são forçados a repellir, pollegada por pollegada, dos seus dominios, até atiral-o para a outra margem do Uruguay. Dahi o facto singular de que, na sua maioria, os primeiros senhores de estancias, que se fixam nas regiões interiores do pampa gaúcho, em São Gabriel, em Bagé, em D. Pedrito, em Alegrete, em Uruguayana, em Itaquy, em São Borja, são guerrilheiros e caudilhos brilhantes, vindos das grandes campanhas platinas. Dahi tambem o facto de que, na sua quasi totalidade, as cidades actuaes, que se espalham pelas planicies do Rio Grande, têm a sua origem em velhos centros de aquartelamento, em antigos presídios militares ou em postos de guardas avançadas das fronteiras.

XIII

Exceptuando certas regiões do sul, como os campos de Guarapuava e de Palmas, no valle do Iguassú, que sómente se colonizam na primeira metade do IV seculo,

todas as outras regiões do paiz, desde o Amazonas ao Rio Grande e dos littoraes aos sertões de Matto-Grosso e de Goyaz, são devassadas e povoadas nos tres primeiros seculos, como vimos. O climax do movimento expansionista da-se, porém, no periodo que vae da metade do II seculo á metade do III seculo, isto é, dos meiadados dos seiscentos aos meiadados dos setecentos. Neste periodo, assistimos a uma prodigiosa movimentação de clans ser-tanistas, ao norte e ao sul do paiz, que se arremessam sobre os sertões, partindo de varios pontos da costa e do interior, e entrecruzando-se e baralhando-se no portentoso scenario do interior. Dá-se como que um abalo formidavel da massa colonial, mais ou menos comprimida nas regiões proximas da costa; abalo que, num dado momento, a derrama pelos recessos dos altos sertões, fraccionada em bandos innumeraveis, dotados de maravilhosa mobilidade (21).

Nessa estupenda projecção dos nossos grupos colonizadores para o interior, ha qualquer cousa que recorda a formidavel contradansa de povos barbaros, ao abrir-se a Idade Média, quando, por occasião da grande invasão, sob a pressão violenta dos hunos, precipita-se sobre a Europa Meridional a avalanche das tribus septentrionaes. Ha, nestas como naquelles, o mesmo nomadismo inicial, a mesma instabilidade, a mesma mobilidade, a

(21) v. *Collectanea da Cartographia Antiga de S. Paulo*: mappas já citados e mais o de 1793.

mesma impetuosidade bellicosa dos grupos em migração. Nas zonas dos campos auríferos, em Minas, em Goyaz, em Matto-Grosso, a mobilidade e o nomadismo dos bandos povoadores dão uma sensação estonteante e perturbadora a quem os imagina deslocando-se sucessivamente de um para outro ponto, através de cursos d'agua, cascatas, riachos, ribeiros, ribeirões, ou agglomerando-se compactamente, em multidão formigueira, em torno das "catas", para abandonal-as logo depois, em massa, á noticia de uma nova descoberta, a alguns kilometros de distancia. No sul, vemos egualmente, com a descoberta de uma nova região de campos, mover-se para elles, como em hostes de assalto, uma multidão incontavel de aventureiros, que delles se apoderam, entre si os dividem e os povoam para logo com "sementes de animaes criadores". E' o que acontece com os campos de Guaruapuava, os de Palma, os de Curitybanos e outros do planalto meridional.

Essa extraordinaria phase de nomadismo e conquista, em que o paiz é percorrido em todas as direcções por grupos guerreiros mobilissimos, perde, aos poucos, a sua theatralidade e movimentação á medida que nos approximamos dos fins do seculo III. Quando entramos o IV seculo, já esses grupos, assim tão extremadamente instaveis e nomades, se acham sedentarizados: ou agglomerados em pequenas villas e povoados, ou disseminados em vastos latifundios criadores e grandes dominios de base agricola, desde a faixa costeira ás mais entranhadas profunduras do sertão.

Dissemos (§ V) que o regimen omniproductivo, que regula a vida desses grandes dominios no periodo colonial, torna-os verdadeiros organismos autonomos, sem nenhuma ou quasi nenhuma relação de interdependencia uns com os outros. O modo por que se realiza a expansão e a conquista do interior pelos povoadores do norte e do sul, isto é, por meio de bandos instaveis, de grande capacidade de deslocação e penetração, agrava, como se vê, ainda mais esta situação de independencia e isolamento — porque dá causa a que esses latifundios se localizem de uma maneira dispersiva, intervallados por grandes extensões de deserto. Dahi este estado de rarefacção que caracteriza a massa da nossa população no periodo colonial, subdividida em myriades de pequenos “nodulos sociaes”, espalhados disseminadamente por toda a immensa superficie desvendada pela audacia dos conquistadores sertanistas.

Este facto vae ter sobre a organização dos poderes publicos e sobre a evolução das instituições politicas, no periodo colonial, uma influencia poderosissima, como veremos (III, § IV, V, VI e VII).

XIV

Durante o IV seculo, que é o seculo da Independencia e do Imperio, até quasi o seu ultimo decennio, essa physionomia da nossa população não se modifica, nem soffre nenhuma alteração sensivel, senão no sen-

tido da sua maior fixação e estabilidade. O espirito guerreiro e nomade desaparece completamente ao sul ; só nas zonas mais centraes do nordeste subsistem certos fermentos de instabilidade, turbulencia e anarchia, oriundos das condições anteriores, em que se operou a conquista. Os habitos proprios ás populações sedentarias e agricolas se consolidam nas tradições ruraes: os sentimentos se abrandam, os habitos aggressivos e predatorios da phase conquistadora cedem lugar ás affeições tranquillias e suaves, elaboradas no recesso dos lares, pacificos e estaveis (22).

O longo periodo do Imperio, comparado com o periodo anterior, é, por isso, um remanso amoravel e ameno, onde domina uma aristocracia rural, majestosa na sua grandeza moral, soberbamente assentada sobre bases economicas de perfeita estabilidade: o criatorio, a canna de assucar, o café.

O gosto pela vida rural, por outro lado, se apura e refina, despindo-se dos aspectos grosseiros do periodo da conquista : a posse de um latifundio fazendeiro se torna uma aspiração commum a todos os espiritos amantes da tranquillidade e da paz. Os elementos do escol social, os politicos em evidencias, os estadistas, como todos os que querem possuir um pouco de autoridade social, procuram o ponto de apoio de um dominio rural; de modo que, na vida publica e privada, agem com o decoro, a independencia e a hombridade, que só podem

(22) v. OLIVEIRA VIANNA — *Pequenos estudos de psychologia social*, pag. 47 e s.

ter aquelles cujo problema de subsistencia está resolvido de uma maneira estavel e cabal. — “O brasileiro que póde — diz um publicista do II Imperio — é agricultor ; vae exercer a unica verdadeiramente nobre profissão da terra. Os empregos servis, elle os pospõem. Recordae-vos dos ares senhoris e certas maneiras fidalgas do grande proprietario: eis o typo do brasileiro rico”.

Essa aristocracia rural é que fornece todos os elementos dirigentes da politica no periodo imperial. Os cargos da administração local, nos municipios e nas provincias, são preenchidos por ella. Della saem a nobreza do Imperio e os chefes politicos, que fixam e arregimentam, nos municipios e nas provincias, os elementos eleitoraes e partidarios locaes (23). Della, a juventude que afflue para as academias superiores do norte e do sul, em Recife, na Bahia, em São Paulo, no Rio, e dahi para o campo das profissões liberaes e para as altas espheras da vida parlamentar e politica do paiz.

Contribue para isso, poderosamente, o advento de uma cultura, que vae ser, no IV seculo, o principal fundamento dessa aristocracia rural. E’ o café. Vindo do norte, do Pará e Maranhão, nos fins do III seculo, encontra no centro sul, em S. Paulo, no Rio de Janeiro e em Minas, o seu *habitat* privilegiado. Diffunde-se,

(23) OLIVEIRA VIANNA — *Pequenos estudos de psychologia social* pg. 69 — E tambem *Populações meridionaes do Brasil*, vol. , caps. II e III.

no IV seculo, por toda a região serrana do Rio de Janeiro, seguindo o valle do Parahyba. Espalha-se, depois, pela zona da Matta, em Minas, e, através o Parahyba, entra as terras paulistas. Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, Caçapava, Jacarehy, são cidades que, no IV seculo, prosperam e florescem porque têm para cercal-as a majestosa moldura dos cafezaes.

Durante todo o periodo imperial a área de expansão do cafeeiro quasi não ultrapassa, póde-se dizer, os limites do valle do Parahyba. Só mais tarde, já no periodo republicano, é que ella transpõe a bacia do Parahyba e, alcançando a bacia do Mogy-Guassú, inicia a sua formidavel irradiação para o oéste paulista.

O latifundio cafeeiro, como o latifundio assucareiro, tem uma organização complexa e exige capitaes enormes ; pede tambem uma administração habil, prudente e energica. E', como o engenho de assucar (§ IV), um rigoroso seleccionador de capacidades. Só prosperam, com effeito, na cultura dos cafezaes as naturezas solidamente dotadas de aptidões organizadoras, afeitas á direcção de grandes massas operarias e á concepção de grandes planos de conjuncto. O typo social della emergente é, por isso, um typo social superior, tanto no ponto de vista das suas aptidões para a vida privada, como no ponto de vista das suas aptidões para a vida publica. *Dahi formar-se nas regiões, onde essa cultura se faz a base fundamental da actividade economica, uma elite de homens magnificamente providos de talentos politicos e capacidades administrativas.*

Com estes homens e com os que lhe fornecem os latifundios assucareiros, distribuidos pela larga faixa agricola da costa, é que o Imperio realiza e perfaz a sua grande e admiravel obra de unificação, organização e legalização do paiz, como veremos ao estudarmos a evolução das nossas instituições politicas.

XV

O movimento e a dispersão da massa social, apesar dessa crescente estabilização das populações do interior, não cessam inteiramente. Os ultimos tempos do Imperio e, principalmente, os tres decennios republicanos representam, ao contrario, uma phase de consideraveis alterações na estrutura da nossa população. Esta, durante esse periodo, não só dilata, ao sul e ao norte, a sua base physica, como entra a soffrer modificações sensibilissimas na intimidade da sua organização economica e social. Este facto é perfeitamente visivel no periodo republicano, em que, do ponto de vista do seu dynamismo, vemos a nossa massa social sujeita a um duplo movimento : um movimento de centrifugismo e um movimento de centripetismo, perfeitamente coincidentes e concordes.

O movimento do centripetismo é dado pelo deslocamento da população rural para as grandes cidades da costa e do planalto e pela formação de grandes focos de

condensação urbana no interior. Este movimento, particular ao periodo republicano, é uma consequencia da abolição do trabalho servil em 1888.

Somos, com effeito, até essa data uma população accentuadamente rural, como vimos, com o gosto e a tendencia da vida do campo : as proprias capitaes de provincia não passam então de aldeias grandes ; e, no interior, as cidades e villas mostram um aspecto rudimentar, vivendo uma vida obscura e mortíça.

Desde o momento, porém, em que a nossa tradicional organização do trabalho agricola, assentada sobre a base da escravidão, é substancialmente refundida, toda a sociedade rural é, consequentemente, abalada das suas cumiadas aos seus fundamentos. Dado o imprevisto e o subitaneo do golpe que lhe é desferido a 13 de Maio de 1888, ella não tem, por assim dizer, tempo para reorganizar-se no sentido de uma adaptação immediata á nova ordem de cousas — e desmorona quasi inteiramente. Os grandes latifundios assucareiros, que se extendem pela longuissima faixa da costa, do sul ao norte do paiz, e cuja actividade agricola se apoia exclusivamente sobre o braço negro, soffrem uma desorganização profunda e entram numa phase oppressiva e prolongada de agonia economica. Os grandes latifundios cafeeiros do planalto egualmente se desorganizam e só não succumbem inteiramente porque circumstancias favoraveis ao nosso commercio internacional elevam, por um momento, o preço do café exportavel a alturas inimaginaveis. Cessadas essas circumstancias favoraveis,

para logo todas aquellas zonas da região caféira, que possuem menor resistencia economica, entram em rapido e irremediavel declinio; de sorte que onde pompeavam a riqueza florescente e as sumptuosidades da opulencia se diffundem já agora as tristezas da desolação e da ruina. E' este o aspecto que ainda hoje apresentam certas regiões caféiras, outr'ora opulentissimas, como a zona serrana do Estado do Rio, a zona da Matta mineira e o trecho paulista do valle do Parahyba (24).

Desmoronada essa velha e soberba edificação, que é a nossa aristocracia territorial, parte dos seus elementos entram a viver, na solidão dos seus vastos dominios, agora incultos, a vida vegetativa dos decahidos: de modo que hoje não raro encontramos, quando percorremos o nosso interior agricola, descendentes de grandes e antigas familias aristocraticas niveladas com os elementos mais obscuros da nossa plebe rural. Outra parte, porém, fugindo á decadencia no seu proprio meio, emigra para as capitaes mais importantes, em busca de uma nova situação nas industrias, nas profissões liberaes ou na burocracia.

Dahi a rapida formação de grandes centros urbanos durante o trintennio republicano. Dahi a importancia das cidades e do seu espirito na comprehensão da historia do novo regimen.

(24) V. OLIVEIRA VIANNA — *Pequenos estudos de psychologia social*, pg. 78 e ss.

XVI

Este moderno deslocamento das nossas populações ruraes para os centros urbanos, acelerado, aliás, pela nossa politica de protecção industrial, não abrange a totalidade da massa nacional : circumscreve-se mais propriamente áquellas populações sujeitas, pelo facto da proximidade geographica ou pelas facilidades dos meios de circulação, á *influencia centripeta das grandes cidades industrializadas*, isto é, á influencia do Rio, de S. Paulo, de Bello Horizonte, de Recife ou da Bahia. Fóra dahi, as forças que movimentam o grosso da população nacional são de outra natureza e imprimem-lhe directrizes inteiramente oppostas ás do centripetismo urbano assignalado.

Podemos distinguir, neste sentido, dous movimentos caracteristicos, perfeitamente definidos: um ao norte, outro ao sul ; este, operado inteiramente dentro do periodo republicano ; aquelle, sendo apenas a rapida prolação de um movimento iniciado no periodo imperial. *Estes dous movimentos destacam-se pelo seu character centrifugo e pela sua orientação essencialmente sertaneja.*

O primeiro delles é a colonização do Acre pelos nossos caboclos do nordeste. Desde a grande sêcca de 1877 que os rudes vaqueiros do Ceará começam a invadir as florestas da Amazonia. Cada cyclo do grande flagello arremessa a essas immensas solidões florestaes

multidões de colonos, dotados de prodigiosa resistencia physica. O novo meio, em que elles se fixam, é inteiramente opposto ao seu meio de origem : saem de um clima secco, ardente e sadio, para um clima humido e insalubre ; de uma região de vegetação caracteristicamente arbustiva e xerophila para um mundo de florestas e aguas, em cujas vastidões o homem se perde e como que desaparece. Estes caboclos intrepidos conquistam essa terra ingrata, fundam ali nucleos de povoação e fazem da Amazonia, por um momento, um centro de riqueza tão activo e importante, como os centros caféiros, fundados, no mesmo periodo, pela actividade incomparavel dos lavradores do sul.

O affluxo immigratorio tem, ali, uma intensidade surprehendente : em menos de trinta annos concentra no territorio acreano quasi noventa mil sertanejos. O indice do crescimento demographico daquella zona é o maior do Brasil, attingindo 0,0785, quando Estados de immigração intensa, como S. Paulo, Paraná e Rio Grande, não conseguem elevar, respectivamente, o seu indice de crescimento a mais de 0,0349, 0,0324 e 0,0273 (25).

Ha, porém, nessa sociedade, tão rapidamente crescente, uma inevitavel instabilidade, derivada da natureza mesma da sua base economica, que é a industria extractiva da borracha. O homem não está ali radicado á terra, mas apenas como um explorador transitorio da

sua riqueza, deslocando os seus pontos de fixação á medida que se cansam e exgotam os seringáes. Esta instabilidade ainda mais se accentúa na região da castilhôa, onde os grupos "caucheiros", pela condição mesma da sua industria, se mostram dotados de uma incoercível mobilidade (26).

XVII

No sul, esse movimento de assalto á floresta tropical se generaliza numa immensa linha de batalha, que se estende desde o "oeste" paulista até á região serrana do Rio Grande. E' um movimento de centrifugismo urbano, que, embora haja começado, em grande parte, no periodo imperial, é no novo regimen que tem a sua phase de mais accentuada intensidade.

Na zona serrana do Rio Grande, o movimento de penetração da floresta subtropical vem de longe, desde o primeiro Imperio. Não o realiza, como no extremo-norte, o elemento nacional : é o allemão, é o italiano, é o polaco, é o russo quem está operando ali essa obra admiravel de desbravamento. O allemão e o italiano,

(26) Cf. OLIVEIRA VIANNA — *Pequenos estudos de psychologia social*, pag. 127. E tambem ALCEU DE LELLIS — *O Nordeste* (in "Geographia do Brazil" I pg. 35); PEDRO MOURA — *Physiographia da Guyana Brasileira* ("Boletim do Serviço Geologico, n.º 65, 1934); VIANNA MOOG — *O cyclo do ouro negro*, 1936.

principalmente. Estes dous bellos typos de colonizadores estão recobrando a fertilissima região da serra rio-grandense de uma constellação de centros coloniaes rapidamente progressivos e florescentes. O seu campo de expansão se estende cada vez mais : tendo começado a installar nas bordas orientaes da região serrana os seus primeiros centros de fixação, elles, galgando a chapada, se vão irradiando para o oeste, na direcção dos valles do Ijuhy e do Uruguay, desbastando os massiços florestaes do famoso territorio das Missões, cujas planuras campinosas os criadores paulistas, vindos de Sorocaba, Curityba, Guarapuava e Lapa, haviam, como já vimos (§ XII), povoado com os seus rebanhos de gado grosso.

O desbravamento e a colonização de Santa Catharina e Paraná são tambem obra do colono estrangeiro, especialmente o allemão e o italiano. Como no Rio Grande, é tambem no periodo imperial que se inicia o movimento de penetração sertaneja, com a fundação de nucleos coloniaes da zona costeira de Santa Catharina e do Paraná : Itajahy, Blumenau, Brusque, Joinville, na região catharinense, e Morretes, na região paranáense, são todas cidades oriundas de primitivos centros coloniaes.

Os nucleos coloniaes de Santa Catharina são singularmente dotados de capacidade expansionista. Delles é que se irradiam a corrente colonizadora do planalto catharinense, cujo centro é o municipio de S. Bento, e a corrente que se dirige para o platô paranáense,

distribuindo-se pelos valles do Iguassú e do Rio Negro e misturando-se com os colonos italianos e polacos, que tambem para ali affluem.

No plató paranaense, o grande centro de gravitação colonial é Curityba, em cujos arredores se forma uma soberba cercadura de colonias florescentes. Dahi é que a expansão colonizadora dos italianos e dos alle-mães se orienta no sentido do oeste, em busca de Ponta Grossa, Rio Negro, Porto União e Campo Largo, desbravando o deserto e fazendo recuar a floresta majestosa dos pinheiraes.

XVIII

Nessa immensa e grandiosa linha de assalto á selva primitiva, o ponto de maior dramaticidade e violencia não está, porém, nem na serra rio-grandense, nem nos altos platós do Iguassú. São os immensuraveis sertões do oeste paulista, comprehendidos nas bacias do Paranapanema, do Tieté, do Mogy-Guassú e do Pádo, onde se está travando a nossa grande batalha do homem contra a floresta tropical e o deserto. E' ahi que o colonizador nacional revela a sua superioridade sobre o colonizador estrangeiro pela sua capacidade organizadora e pela energia da sua acção. Não é, como o colono allemão, o desbravador isolado e em pequena escala ; não ataca a floresta paulatinamente e aos boccados ; bate-a em cheio e em grande, abrindo-lhe clareiras formidaveis, sobre as quaes faz ondular o oceano verdejan-

te dos cafezaes. Não entra a selva, modesto e humilde, armado do seu machado e da sua foice, acompanhado da familia, como um pequeno proprietario : invade-a, senhorialmente, como a invadia outr'ora, acaudilhando um numeroso exercito de batalhadores, armados já agora, não de arcos, espadas e mosquetes, mas de instrumentos e utensilios aptos para o desbaste, a monda, as carpagens.

Começam os paulistas o seu assalto á floresta pelas collinas e taboleiros que circumdam o valle amplissimo do Mogy-Guassú, cuja mattaria devastam rapidamente ; entram o valle do Rio Pardo e o cobrem de cafezaes ; buscam as chapadas e encostas florestaes do Tieté e extendem por ellas os seus latifundios verdejantes ; e voltam-se, por fim, pelo velho caminho de Sorocaba, para o valle do Paranapanema, que vão enchendo de fazendas e povoações florescentes.

Não ha exemplo de mais vasta e poderosa expansão agricola, operada em tão curto espaço de tempo. Em dez annos, de 1890 a 1900, elles desbastam, mondam e cultivam mais de um milhão de hectares, conquistados á matta virgem, plantam para mais de setecentos milhões de cafeeiros, inundam com uma avalanche de mais de dez milhões de saccas os entrepostos de Santos e os mercados do mundo. Na sua esteira victoriosa seguem legiões e legiões de trabalhadores ; só na região do Mogy-Guassú, do Pardo e do Tieté, accumulam centenas de milhares de colonos italianos. Surgem, nos mais remotos rincões bravios, como nascidos de improvisio, povoa-

dos, villas, cidades opulentas: e Jahú, Baurú, Pirajú, Araçatuba, Rio Preto se assentam onde ha trinta annos atrôava a floresta o boré do selvagem.

Os trilhos da Mogyana, que já se estendem por Goyaz, os estão levando pelo mesmo caminho trilhado pelos contemporaneos do Anhangüera. Eguualmente, a Noroeste os projecta pelos valles do baixo Tieté até os sertões meridionaes de Matto Grosso, que já começam a invadir, de assalto, repellindo a mattaria a golpe de machado e a tiros de carabina o bugre recalitrante.

Para os lados do sudoeste, a corrida é ainda mais impetuosa. Pelo traçado da Sorocabana e da S. Paulo-Rio Grande, depois de inçarem de latifundios agricolas e pastoris os valles do Paranapanema e dos seus affluentes, estão senhoreando rapidamente os vastos sertões septentrionaes do Paraná, em cujas solidões desbastadas já começam a branquear, em florada, os cafezaes.

Esse formidavel assalto á floresta tem dous bate-dores originaes : o "bugreiro" e o "grilleiro". Um e outro se completam e são creações desse mesmo espirito de conquista a todo transe, que caracteriza a nossa moderna expansão para o oéste.

O bugreiro surge nas zonas de attrito do civilizado com a nossa selvageria remanescente : no Paraná, em Santa Catharina e, principalmente, no Paranapanema e no traçado da Noroeste. E' um descendente degenerado do primitivo mameluco das bandeiras : tem a deshumanidade e a ferocidade deste, mas não a bravura cavalheiresca e a impetuosidade bellicosa. E' trai-

goeiro, subrepticio, colleante, friamente perverso. Está mais bem armado do que o seu ancestral de ha trezentos annos, mas não ataca o inimigo ao trom da guerra : é sobre as cabildas adormecidas, na tranquillidade das altas madrugadas, que elle e a sua malta despejam as cargas rolantes das suas carabinas dizimadoras (27). O mameluco antigo assalta para escravizar; o de hoje, mais cruel e positivo, é meramente exterminador : varre e limpa a floresta tropical da sua sevandijaria americana. E' que atraz delle vem o paulista moderno, tão ambicioso como o antigo e como este tenaz, arrastando a sua ruidosa e galharda "bandeira" de colonos italianos. O bugreiro é apenas o sapador temerario desse exercito pacifico de colonizadores incomparaveis.

Nessa obra de conquista civilizadora da terra, o bugreiro vence o obstaculo material, que é o indio nomade, povoador infecundo da floresta fecunda. Ha, porém, um outro obstaculo, o obstaculo juridico, que é o direito de propriedade. Hoje, ao contrario de outr'ora, não ha terras sem dono : ou pertencem a particulares, como sobrevivencia das immensuraveis sesmarias primitivas, ou são "terras devolutas" e pertencem, neste caso, ao Estado. Estas terras, quando não pertencem ao Estado, se conservam inexploradas e virgem, mas "apropriadas" por latifundiarios atrazadões, muito ciosos da grandeza dos seus latifundios — "velhos barbaças que

(27) *Relatorio do Ministerio da Agricultura, 1911, vol. II, pag. 316.*

as detêm aos milheiros de alqueires para tirar dellas um prato de feijão e uns porquinhos de céva” (28).

É ao “grilleiro” que cabe resolver esta difficulda-de. Elle é que vae dar ao colonizador progressivo, cheio de ambição e de capitaes, o direito de explorar este the-souro infecundo. Para isto, crêa, pela chicana e pela falsidade, o indispensavel titulo de propriedade : — “Opera as maiores falcatrúas ; falsifica firmas, papeis, sellos, falsifica rios e montanhas ; falsifica arvores e marcos ; falsifica juizes e cartorios ; falsifica o fiel da balança de Themis, falsifica o ceu, a terra e as aguas ; falsifica Deus e o Diabo. Mas vence. Divididas as gle-bas em lotes, vendem-n’os os grilleiros á legião de colo-nos que os seguem como urubús pelo cheiro da carniça. Cinco, dez annos depois, a flor do café branqueia a zona e a incorpora ao patrimonio da riqueza nacional” (29).

O bandeirante antigo, prêador de indios e prêador de terras, rude, massiço, inteiriço, brutal, desdobra-se pela propria condição do meio civilizado, em que repou-ta : e faz-se “bugreiro” insidioso, eliminador do inco-la inutil, e “grilleiro” solérte, salteador de latifundios improductivos. Exercem ambos, porém, duas funcções essenciaes á nossa obra de expansão colonizadora : e a ferocidade de um e a amoralidade de outro têm assim, para excusal-as, a magnitude incomparavel dos seus ob-jectivos ultteriores.

(28) MONTEIRO LOBATO — *A onda verde*, pag. 14.

(29) MONTEIRO LOBATO — *idem, ibidem*.

XIX

Essa poderosa avançada sobre os sertões, esse deslocamento em massa da nossa população para o interior do planalto é um phenomeno geral que abrange a totalidade do paiz. Póde-e dizer que aquella maravilhosa irradiação dos sertanistas meridionaes e criadores septentrionaes dos tres primeiros seculos não parou ; prosegue, ao contrario, surda e quasi imperceptivel em muitos pontos, mas não menos incoercivel e efficiente : o que lhe falta é apenas o estrondo, o movimento, a theatralidade das antigas bandeiras conquistadoras (30).

No sul e no extremo-norte, essa penetração do deserto tem uma maior ou menor visibilidade. No centro-norte, porém, é inteiramente obscura e invisivel : só a indiscrição dos dados estatisticos a denuncia e revela aos nossos olhos surprehendidos.

Já viajantes observadores, que haviam nestes ultimos tempos percorrido o interior do Brasil central, principalmente estas remotas regiões de Goyaz, fronteirinhas dos sertões do Maranhão, do Piauhy, da Bahia e de Minas, contaram a sua surpresa ao deparar nessas paragens desconhecidas uma população ignorada de lavradores e pastores, mesmo pequenos nucleos de po-

(30) OLIVEIRA VIANNA — *Pequenos estudos de psychologia social*, pg. 11.

voamento, de que embalde procuraram noticia nos mapas dos nossos cartographos mais recentes (31). Eram sertanejos do nordeste, vindos do Piauhy e do Maranhão, vindos do Ceará e da Bahia, ou espontaneamente, ou acuados pelas seccas, e que ali se haviam infiltrado, em colonização formigueira, sem que ninguem, cá fóra, nos littoraes, dêsse por isso.

O estudo comparado do crescimento médio da nossa população, no quarentennio de 1872-1912, segundo os seus centros regionaes de fixação e desenvolvimento, comprova a segurança destas observações. Comparando o desenvolvimento dos Estados do nordéste, durante este lapso de tempo, com o dos Estados centraes, como Amazonas, Matto Grosso e Goyaz, vemos que o crescimento demographico destes tres Estados do centro é incomparavelmente mais rapido e intenso do que o dos outros Estados, que possuem fronteiras maritimas.

O crescimento médio, por exemplo, da população do Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parabyba, Sergipe e Bahia não vae além de 1 a 2 % ; enquanto que o crescimento médio de Goyaz e Matto Grosso é de 2 a 3 %. No Amazonas, essa média é ainda maior, oçcillando entre 4 a 5 %, só inferior á do Districto Federal e do Acre, que é de 7 a 8 % (32).

(31) V. ROQUETTE PINTO — *Seixos Rolados*, pg. 85.

(32) *Anuario Estatistico do Brasil*, 1912, vol. I, graphico VIII (entre pag. 252-253).

Estes Estados centraes não estão em condições de civilização material e moral de modo algum superiores aos Estados do nordéste ; a sua população não encontra nelles mais do que nestes um ambiente physico menos improprio á sua multiplicação e vitalidade. O seu maior crescimento médio não se explica, pois, sinão pelo affluxo crescente de immigrants provindos daquelles Estados limitrophes — o que prova que *a nossa população septentrional não se está deslocando apenas no sentido das florestas do extremo norte, como já vimos, mas tambem no sentido das florestas e campos do centro-norte* (33).

Este facto completa as conclusões anteriores e mostra que o abalo da população nacional, no sentido dos altos sertões, estende-se desde o valle amazonico até as hordas occidentaes do grande massiço central já em pleno territorio riograndense.

XX

Caucheiros e seringueiros da Amazonia ; criadores sertanejos do nordéste e do centro ; grandes plantadores de café e cereaes no oéste paulista ; pequenos cultivadores de trigo, aveia, centeio, cevada e vide, nos platós paranáenses, catharinenses e riograndenses, são to-

(33) v A. MARQUEZ — *Matto Grosso*, 1923, pg. 77; e "Congresso da Historia da America", IX pg. 593.

dos soldados obscuros, mas heroicos, dessa formidável batalha que estamos travando com a floresta e o deserto — e que é o aspecto mais empolgante e dramático do Brasil contemporâneo (34).

(34) O quadro abaixo, organizado sobre os dados do Censo de 1920, nos mostra a extensão da área ocupada pelos estabelecimentos rurais em proporção à área total de cada Estado. Por elle podemos fazer uma idéa exacta da marcha da nossa actual expansão territorial.

Estados	Área cultivada %	Estados	Área cultivada %
Rio de Janeiro . . .	72,0	Santa Catharina . . .	87,8
Parahyba	67,1	Sergipe	35,1
Rio Grande do Sul	65,1	Espirito Santo . . .	28,8
São Paulo.	56,2	Acre	28,6
Pernambuco	52,0	Paraná	26,5
Alagoas	47,2	Piauhy	22,6
Minas Gerães . . .	46,1	Bahia	16,0
Rio Grande do Norte	46,0	Matto Grosso . . .	13,3
Goyaz	38,6	Maranhão	8,7
Ceará	38,0	Pará	7,2
		Amazonas	4,8



SEGUNDA PARTE

Evolução da raça

SUMMARIO:

I. O povo portuguez; sua composição ethnica na época do descobrimento. — II. Os colonizadores brancos. Seus caracteristicos anthropologicos e ethnologicos. — III. População indígena. Caracterização anthropologica do "Homo americanus". IV. Elemento negro. Somatologia e psychologia do "H. afer". Tribus negras importadas. — V e VI Distribuição geographica do elemento vermelho. — VII. Distribuição geographica do elemento negro. — VIII. Distribuição social: a) do homem vermelho; b) do homem negro; c) do homem branco. — IX. Potencialidade eugenistica das raças barbaras. Eugenismo do negro Eugenismo do indio. — X. Os mestiços. Sua genese; sua condição; sua capacidade ascensional. — XI. O typo anthropologico do brasileiro. Difficuldade da sua fixação. Caracteres communs aos typos regionaes do norte e do sul. — XII. Evolução dos typos regionaes no sentido da sua aryanização progressiva. — XIII. Selecções telluricas e sociaes: o sentido aryanizante da sua acção. Natalidade e mortalidade do "H. afer" na sociedade colonial. O homem branco e sua alta fecundidade em nosso clima. — XIV. Selecções ethnicas. O problema do cruzamento. Instabilidade dos typos mestiços. Tendencia para a clarificação dos mestiços. O apuramento da raça. — XV e XVI. O phenomeno da aryanização progressiva da nossa população. Dados estatisticos que a demonstram.



VASTO campo de fusão de raças, o nosso paiz se faz, nos primeiros seculos da sua formação, o centro de convergencia de tres raças distinctissimas, duas das quaes exoticas. Em nenhum povo a origem ethnica ha provindo da mistura de raças tão radicalmente differentes. Os caldeamentos ethnicos têm aqui uma intensidade, uma generalidade e uma complexidade que os nossos irmãos latinos do continente não conhecem. Nestes pôde-se dizer que o seu miscigenismo evolue em torno de duas raças apenas : a branca e a india : o negro tem ali uma intervenção muito secundaria na formação ethnica do povo. Entre nós, ao contrario, o negro, o indio e o branco caldeiam-se profundamente, cruzam-se e recruzam-se em todos os sentidos, dous a dous, tres a tres, em todos os pontos do territorio e, como cada um desses elementos traz uma estrutura anthropologica propria e uma constituição psychologica especifica, comprehende-se como é arduo o problema da determinação da influencia que cada um delles tem na formação do nosso povo e na constituição dos caracteres somaticos e psychologicos dos nossos typos nacionaes. Esta difficuldade augmenta ainda mais quando consideramos que, mesmo dentro de cada uma dessas raças originarias, os seus representantes não possuem todos a mesma unidade morphologica, nem a mes-

ma mentalidade ; ao contrario, variam mais ou menos sensivelmente num e noutro sentido, apresentando, ás vezes, como nas duas raças barbaras, a negra e a vermelha, typos de tão accentuada diversidade somatica e psychologica que dir-se-iam provindos de raças inteiramente distinctas e inconfundiveis.

I

Dos grupos ethnicos, que habitam o solo europeu, o portuguez é um dos de formação mais complexa. Pelos ibéros, que constituem o fundo dominante da sua população, elle se prende ao ramo chamita ; pelos arabes, elle tem muito do ardente sangue semita ; pelos celtas e pelos romanos e pelos gregos, muito da espiritalidade e da sensibilidade da gente mediterranea ; e pelos godos e suévos, algo da indole dos povos da origem germanica. Cada uma dessas raças, vindas de pontos tão differentes e oppostos, lhe traz, não apenas os attributos dominantes da sua sensibilidade e intelligencia, mas tambem os attributos dominantes do seu typo anthropologico. Embora todos esses grupos ethnicos, que se misturam na Peninsula desde os tempos pre-historicos, sejam ramos da mesma raça branca, entretanto, é grande, como não podia deixar de ser, a diversidade dos typos representativos do povo sahido dessa vasta comixtão ; pois, conforme a maior ou menor concentração deste ou daquelle grupo numa dada

região, o typo ethnico emergente, reflectindo esta particularidade da sua formação historica, apresenta, mais ou menos accentuado, este ou aquelle attributo somatico ou psychologico. Em certas regiões da Peninsula, por exemplo, onde os arabes se accumulam mais intensamente, e mais duradouramente, como no Algarve, o typo regional reproduz mais dominadoramente os caracteres somaticos e psychologicos dos semitas. Noutras regiões, como no Minho, são os celtiberos os elementos preponderantes na formação do povo — e o typo regional revela uma caracterização anthropologica, que o include entre os dessa grande familia. Regiões ha em que os invasores godos e suévos se adensam mais e se cruzam mais intensamente com os celtas e iberos preexistentes — e dão ao typo ethnico resultante muito dos seus attributos particulares. Nos recantos penhascosos da Serra da Estrella, os habitantes devem, ao contrario, conservar, na sua pureza, os caracteristicos raciaes dos iberos primitivos, acantoados naquellas brenhas alpestres peios grandes conquistadores das planuras : celtas, romanos, godos.

Como quer que seja, é possivel, não obstante essa diversidade de typos, distinguir, na massa da população peninsular, ao abrir-se o cyclo dos descobrimentos, dous grupos perfeitamente caracterizados e distinctos : — um, louro, alto, dolicoide, de habitos nomades e conquistadores ; outro, bruno, de pequena estatura, dolicoide ou brachyoide, de habitos sedentarios e pacificos.

Para a formação deste segundo grupo concorrem toda a massa primitiva dos iberos e os contingentes vindos nas grandes invasões dos celtas e romanos, accrescidos, na zona do littoral, da contribuição trazida pelos traficantes phenicios, carthaginezes e hellenicos.

Para a formação do primeiro grupo, são os godos, suévos, flamengos, normandos e borguinhões, que ali affluem como colonos ou conquistadores, durante a Idade Média, os que mais copiosamente contribuem; porque os elementos louros, dolicoides e de alta estatura, que vêm misturados aos celtas e romanos das invasões anteriores, são relativamente pouco numerosos e rapidamente se diluem na massa da população celtiberica, brunoide e pequena, de temperamento patriarcal e costumes ruraes (1).

Os elementos dolicoides e louros devem preponderar na classe aristocratica: na nobreza militar e feudal da Peninsula. Os elementos brunos, dolicoides ou brachyoides, formam a base das classes médias e populares.

Na obra da reconquista e do descobrimento são os dolico-louros os que, na qualidade de membros da aristocracia, tomam a dianteira e se constituem os centros dirigentes e propulsivos das outras classes. Nos primeiros tempos da colonização das novas terras descobertas, são esses mesmos dolicoides os que naturalmente devem

(1) v. OLIVEIRA VIANNA — *Raça e Assimilação*, 1932, cap. sobre "*Os estudos anthropologicos em Portugal*".

constituir os elementos mais numerosos ou mais dominantes nas correntes emigratorias (2).

Não é possível explicar-se, com effeito, o facto do typo peninsular actual caracterizar-se como um typo bruno e de pequena estatura, senão pela desaparição desses elementos louros e de alta estatura, tão abundantes no periodo da formação da nacionalidade e na era dos descobrimentos. Realmente, se esses elementos de typo germanico não tivessem desaparecido, o povo portuguez actual não seria, como é, um povo melanoide e de estatura sub-mediana (3).

E' verdade que esses elementos germanicos podiam ter desaparecido, em virtude de selecções intersticiaes; mas, a grande causa da sua eliminação da massa peninsular, outr'ora tão ricamente provida delles, é a emigração para os novos mundos descobertos pela audacia dos grandes navegadores.

Realmente, o homem dolico-louro (*H. europeus*, de Lapouge) é essencialmente um grande migrador, como o homem brachycephalo e de pequena estatura (*H. alpinus*, de Linneu) é caracteristicamente um sedentario, estreitamente aferrado ao seu *ubi* e á sua *gens*. Topinard o reconhece, para os tempos modernos, attribuindo á "disposição ao movimento" essa capacidade migra-

(2) cfr. HENRI DE TOURVILLE. — *Histoire de la formation particulariste*, pag. 427 e segs.

(3) V. MENDES CORRÊA — *Os povos primitivos da Lusitania*, 1924; e tambem — *Homo*, 1926.

toria dos dolico-louros : — “la disposition au mouvement l'un des caractères de la race blanche de haute taille qui pousse les sujets grands à émigrer de préférence à ceux de petite taille qui descendraient de la race celtique ou brune aux goûts sédentaires”.

Se, nos tempos modernos, os descendentes dos antigos guerreiros odinicos são assim tão inquietos e migradores, é facil imaginar o que não seriam nestes remotos tempos, em que estão em pleno fastigio da sua vitalidade expansionista e da sua formidavel capacidade combativa. São elles, com effeito, que enchem a Europa medieval com o brilho e o estrondo das armas, ou projectando sobre o Oriente a avalanche das cruzadas, ou limpando o Occidente da ignominia sarracena. Quando os grandes descobridores desvendam ao velho mundo os novos continentes, são eles, pelo seu gosto de movimento e aventura, os primeiros a emigrar, a correr para essas novas paragens desconhecidas, prêando-as, como flibusteiros, ou povoando-as, como colonos.

Depois, quando as novas terras já estão desbravadas pela intrepidez desses pioneiros audazes, e exploradas, e amansadas, e povoadas, é que então chega a vez de emigrar dos outros elementos menos intrepididos, menos aventureiros, menos bellicosos e mais amigos do repouso, da tranquillidade e da paz. Ora, na Europa medieval e moderna, esses elementos sedentarios e pacificos são representados pelos homens de typo celta ou iberico, brunoide e de pequena estatura. São elles, por-

tanto, os que, na colonização das ilhas atlânticas e do continente americano, deveriam formar o grosso das correntes migratorias ulteriores.

II

Nada sabemos, infelizmente, da caracterização anthropologica dos primeiros colonizadores brancos da nossa terra. Sabemos apenas que uns provêm da plebe da península, porque, no dizer de um chronista, tão pobres são que trazem nas costas tudo o que possuem; e que outros pertencem á nobreza, porque só mais de vinte fidalgos traz Martim Affonso para São Vicente. Demais, no dizer de outro chronista, a aristocracia de Pernambuco procede de "nobilissimas casas de Portugal, Castella, França, Italia e Allemanha". Lendo, aliás, as genealogias de Jaboaão, de Tacques, de Borges da Fonseca e de Loreto Couto, vemos que são abundantissimos, nos primeiros seculos, os colonos provinidos da grande e pequena nobreza, não só de Portugal, como de toda a Europa.

Dada a composição ethnica das classes sociaes na península e na Europa, por aquelle tempo, tudo nos levaria a crer :

a) que nos primeiros contingentes colonizadores, que para aqui vêm voluntariamente, os elementos mais importantes ou influentes deviam pertencer ao typo dolico-louro e de alta estatura :

b) que as copiosas correntes de colonos que affluem, mais tarde, para a nossa terra, no II e III seculos, principalmente neste, depois da descoberta das minas, deviam ser, ao contrario, compostas de brachyoides ou dolicoïdes brunos e de pequena estatura, da raça celtiberica, que é a que dominava e domina nas classes populares e ruraes da sociedade peninsular.

Quanto aos elementos dolico-louros, ha uma série de indicios que nos levam á convicção de que grande numero delles aqui se fixam, formando as figuras centraes da nossa aristocracia rural.

Como sabemos, na fidalguia peninsular da éra dos descobrimentos dominam os descendentes dos velhos conquistadores germanicos: godos, suévos, normandos e burguinhões (4). Ora, esses fidalgos, arruinados pelas guerras e pelas dissipações da côrte, são os que, buscando reconstruir o seu patrimonio destruido, deviam ter vindo para a nossa terra tentar a fortuna na exploração das minas de ouro ou na cultura dos grandes latifundios. Desses fidalgos, aliás, nem todos pertencem á nobreza lusitana. Os Buenos, são de Hespanha ; de Hollanda, os Lemes ; os Cavalcanti, da Italia. Todos, porém, de linhagem aristocratica e pertencentes naturalmente ao typo dos grandes migradores de raça nordica.

Demais, o centro principal de formação das correntes emigratorias, que se dirigem para o Brasil, é o norte

(4) RABELLO DA SILVA. — *População e agricultura de Portugal*, pag. 21

da Península : são o Minho, o Douro, as duas Beiras, o Traz-os-Montes que fornecem, em todos os tempos, os colonizadores da nossa terra. Só no valle amazonico parece preponderar uma colonização de origem meridional, principalmente no Alemtejo, como já vimos (I, § X) e, portanto, mestiçada de sangue semita. Excepto este caso, particular á Amazonia, são principalmente de origem septentrional os emigrantes peninsulares que realizam o povoamento e a colonização do Brasil. Ora, o norte da Península, especialmente a região do Douro e Minho, é onde mais densamente e mais prolongadamente se fixam os conquistadores e colonizadores de origem germanica, não só os das grandes invasões suévas e godas, como os que vêm na esteira de D. Henrique de Borgonha. E' natural, portanto, que nas correntes migratorias, que partem dahi para o nosso paiz, durante os primeiros seculos, venham numerosos e abundantes contingentes do typo dolico-louro, homens de alta estatura e de temperamento migrador e aventureiro.

Esta supposição se faz tanto mais razoavel, quanto mais attentamos na nossa aristocracia territorial dos primeiros seculos, na força de character dos seus representantes, na sua indole, no seu espirito, no seu prodigioso amor de aventuras, nos seus instinctos bellicosos. Os nossos sertanistas e bandeirantes antigos, para quem os estuda no seu viver fragueiro e nas suas proezas asombrosas, offerecem numerosos pontos de contacto e analogia com os homens da raça germanica, não só os

que formavam a feudalidade militar européa, como os seus mais puros representantes actuaes, que são os anglo-saxões. Como estes e os seus antepassados medievaes, elles têm o mesmo espirito imperialista e conquistador, o mesmo gosto das empresas penosas e arrojadas, a mesma tenacidade indomavel de character, o mesmo temperamento nomade, inquieto e bellicoso, a mesma amplitude desmedida na sua ambição de fortuna e grandeza.

Esses grandes senhores territoriaes são, como sabemos, extremamente zelosos das suas linhagens aristocraticas ; procuram manter o mais possivel a pureza da raça branca, de que descendem (5). Ora, como brancos puros, o temperamento aventureiro e nomade, que os impelle para os sertões á caça de ouro ou de indios, tudo parece indicar que lhes provem de uma ancestralidade germanica ; a presença nas suas veias de globulos de sangue germanico bem lhes poderia explicar a sua combatividade, o seu nomadismo, essa mobilidade incoercivel, que os faz irradiarem-se por todo o Brasil, ao norte e ao sul, em menos de um seculo (1, § XII). Os brachyoides peninsulares, de raça celtica, ou os dolicooides, de raça iberica, de habitos sedentarios e de indole pacifica, não parece que lhes pudessem ter dado nem essa mobilidade, nem essa bellicosidade, nem esse espirito de aventura e conquista.

(5) v. OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil*, vol. I, cap. I, III e VI.

Outro facto, que parece reforçar tambem a presumpção da presença de dolico-louros, puros ou cruzados com celtas e iberos, na massa da nossa primitiva população, é o soberbo eugenismo de muitas familias da nossa velha aristocracia rural. Os Cavalcanti ao norte, os Prados, os Lemes, os Buenos ao sul, são exemplos de familias excepçionaes, que têm dado ao Brasil, ha cerca de trezentos annos, uma linhagem copiosa de authenticos grandes homens, notaveis pelo vigor da intelligencia, pela superioridade do character, pela audacia e energia da vontade. Na sua maioria, as grandes familias primitivas, que figuram nas genealogias de Taçques, Jaboatão e Borges da Fonseca, obscurecem-se completamente nos ultimos tempos do periodo colonial; aquellas familias, entretanto, continuam, ainda hoje, a fornecer bellos typos da superioridade intellectual e moral ás nossas letras, ás nossas sciencias, ás nossas industrias, á nossa politica. São familias, pois, ricamente dotadas de eugenismo — o que prova que os troncos fundadores o possuiam em alta dóse. Ora, na raça branca, os typos dolico-louros são os mais fecundos em eugenismo — o que não quer dizer, como observa um anthropologo, que “um eugenico ou um homem superior deve ser sempre grande, dolicocephalo e louro”. Os typos dolico-louros são, porém, os que, na Europa, apresentam os caracteres mais fortemente accentuados de eugenismo e em cujas familias o eugenismo é mais numeroso e persistente. O grande numero de elementos eugenicos oriundos do tronco dos antigos Prados, Lemes, Buenos e Cavalcanti, e principalmente a persistencia excepcional do

seu eugenismo durante cerca de trezentos annos, parece indicar que os troncos fundadores dessas familias em nossa patria, se não são puros e authenticos dolico-louros, como parece ser Antão Lemes, fundador da casa dos Lemes, herdado delles, cruzados embora com typos de raça celtica ou iberica, como provavelmente Francisco Tacques e Felipe Campos, troncos dos Tacques e dos Campos, as grandes qualidades de energia, audacia e intrepidez, que caracterizam, na Europa medieval e moderna, o typo dolico-louro.

Infelizmente, como já observámos, nada sabemos de positivo sobre este ponto ; as nossas conclusões são simples conjecturas, embora baseadas em modernas revelações da anthropologia, da ethnologia e da critica historica. Comtudo, si nos fosse possivel analysar, nos cemiterios do periodo colonial, os craneos dos bandeirantes antigos e da nossa primitiva "nobreza da terra" como o fizeram nos cemiterios athenienses e romanos os modernos anthropologos europeus — talvez chegassemos a descobertas surprehendedentes, que viriam talvez confirmar essas conjecturas (6).

(6) Nas excavações feitas, em 1910, na velha igreja de São Bento, em S Paulo, deu-se, sob a capella-mór, com o tumulo de Fernão Dias Paes Leme. "Aberto o tosco jazigo — diz A. d'E. Taunay — foram encontrados um femur de homem agigantado, duas ou tres vertebrae do sacro, pedaços de parietal e do occipital, a que adheriam restos de cabelleira ruiva, de cabellos muito finos, de individuo indubitavelmente branco".

O que, porém, não póde ser posto em duvida é que as correntes ultteriores da colonização, que se dirigem da Peninsula para varios pontos do nosso territorio, sejam constituídas quasi inteiramente, senão inteiramente, de elementos pertencentes á raça celtiberica, morena e de pequena estatura. Os representantes desse *typo ethnico*, com effeito, só emigram, quando as condições do novo habitat offerecem já garantias de segurança e possibilidades de triumpho facil. Nos primeiros tempos, quando o nosso paiz é ainda considerado como um lugar de desterro, povoado de indios bravios e de fêras, só as naturezas intrepidas, os temperamentos audazes, as vontades energicas, como a dos dolico-louros, são capazes de abandonar o seu *ubi* e transpor os mares, para vir tentar a fortuna deste outro lado do Atlantico.

Por isso, os immigrants peninsulares, que, por occasião do grande *rush* das minas, já no III seculo, vemos subirem tranquillamente, com o seu bastão de peregrino e a sua trouxa ás costas, para as serras de Minas, e que vão, dentro em pouco, ser os antagonistas dos mineradores paulistas na guerra dos "emboabas" devem ter todos elles, anthropologicamente, os caracteres da raça celtiberica, isto é, devem ser de pequena estatura, morenos, de olhos e cabellos castanhos ou escuros, brachyoides, quando propendem para os celtas, ou dolicoides, quando para os iberos. O seu gosto pelos trabalhos pacificos, como o pequeno commercio das aldeias, o trafico da mascateação, os officios manuaes, especial-

mente a ourivesaria, revela o seu temperamento de celtas ou iberos, pacifico, sedentario, laborioso. Desse typo devem ser tambem aquelles obscuros "homens de calidades", que, depois de uma pequena estadia na plebe colonial, como "rendeiros" ou "foreiros" dos grandes latifundiarios, requerem, com o seu parcimonioso peculio de "criações q'ha um morador san pertensentes", cartas de sesmarias e ingressam, com isto, na grande aristocracia territorial (I, § II).

III

Não são só os contingentes áricos, que confluem em nossa terra, os que apresentam essa diversidade de caracteres anthropologicos e de caracteres psychologicos ; a população aborigene, que elles encontram e dominam e com que largamente se mesclam, tambem é profundamente complexa na sua estructura physica, como na sua estructura moral. Dentro de cada um dos dous grandes grupos, os "tupys" e os "tapuyas", em que se distribue a totalidade das nossas innumeradas tribus selvagens, ha logar para varios typos anthropologicos distinctos, embora reunidos sob um nome commum. O gráo de cultura, a força da intelligencia, a feitura do temperamento, os instinctos sociaes não são, por outro lado, identicos em todas as tribus.

Dahi as difficuldades de uma classificação exacta e completa dos nossos varios typos aborigenes. Os ethno-

graphos, que os têm estudado, nacionaes e estrangeiros, estão longe, ainda hoje, de chegar a um accôrdo sobre este ponto.

Por ocasião da descoberta, os grupos tupys dominam todo o littoral, desde o Amazonas ao estuario platinico, sob varias denominações : “tupinambás”, “potiguaras”, “tabajaras”, “caetés”, “tamoyos” e “carijós”. No interior e em alguns pontos da costa, estão os “tapuyas”, repellidos pelos guerreiros tupys para o receso dos sertões — e são, entre innumeradas tribus, os “aymorés”, os “goytacazes” e os “cariris”, contra os quaes os invasores brancos do norte e do sul, na conquista dos sertões parahybanos e cearenses, como na costa meridional, são obrigados a travar uma luta formidavel, de duração secular.

Entre esses aborigenes alguns possuem temperamento pacifico e docil, como os guayanazes de Piratininga, e, em geral, os que habitam o valle amazonico ; outros, porém, são guerreiros intrataveis, como os aymorés, por exemplo, cuja ferocidade enche de pavor os primeiros colonizadores brancos. Em alguns as qualidades intellectuaes são mais accentuadas — o que se revela pela posse de uma civilização superior e por certo gosto artistico na elaboração dos seus artefactos. Outros nem sequer haviam evoluído até a organização social das aldeias, que não conhecem. Estes são inteiramente nomades e caçadores ; aquelles já praticam uma agricultura rudimentar e têm uma vida sedentaria mais ou menos organizada.

Em tudo isto se presente a enorme diversidade de attributos de ordem moral, que essas varias tribus vão trazer á formação ethnica do nosso povo, quando, ou puros ou cruzados com os dominadores brancos, se incorporam á sociedade colonial, como elementos de trabalho ou como força guerreira.

No ponto de vista dos caracteres propriamente anthropologicos, não é menor a diversidade. Não obstante os seus caracteres communs, que os distinguem das outras raças, a branca, a preta e a amarella, essas tribus americanas, vistas mais em detalhe, mostram diversidades consideraveis de typo physico: diversidades de estatura, diversidades de côr, diversidades craniometricas, diversidades de compleição. Estes, por exemplo, são de pequena estatura e extremamente feios; aquelles, ao contrario, apresentam uma physionomia agradável e uma compleição alta e esbelta. Entre os aymorés, segundo o padre SIMÃO DE VASCONCELLOS, alguns delles são tão brancos como os portuguezes. Nos sertões de Minas, o explorador KNIVET, que os percorre nos fins do I seculo, diz ter encontrado uma tribu de indios, os "molopagues", em que os homens têm os cabellos louros e a pelle branca como os europeus e as mulheres, a acreditar no mesmo chronista, não são menos claras do que as suas compatriotas. Para PERO LOPES, as mulheres tupinambás são "alvas e mui formosas" e não devem ter nenhuma inveja ás de Lisbôa. Os tupys são mais bronzeados do que os tapuyas; mas, a coloração das

diversas tribus varia desde a tez quasi alva, como as tupinambás, de PERO LOPES, até o vermelho, passando pelo bronze ou o ambar.

Esses selvícolas, assim tão differentes nos seus attributos de ordem physica, como nos de ordem psychica, cruzam-se, nos principios da colónizaçãõ, intensamente com os diversos typos da raça branca dominadora: dolico-brunos, trahindo a sua origem iberica, brachy-brunos, denunciando o sangue celta, ou dolico-louros, da poderosa prosapia germanica.

Por ahi já se vê como é revoltoso e confuso o chaos ethnico, donde vae sahir o nosso typo anthropologico e racial.

IV

São, porém, os typos africanos os que vão trazer a esse chaos o contingente maior de confusão e discordancia. Sensível é a diversidade dos typos peninsulares: muito mais sensível ainda, a dos typos americanos; mas, a diversidade dos typos negros essa é desconcertante. Só a enumeração das tribus ou “nações” aqui entradas forma um rosario interminavel: e são “felupos”, “minas”, “cabindas”, “angolas”, “gêgis”, “moujolos”, “bengalas”, “cassanges”, “libolos”, “gingas”, “mandingas”, “haussás”, “jolofo”, “yorubas”, “egbas”, “felanins”, “achantis”, “fulás”, “yebús”, “krumanos”, “timinins”, “efans”, “congos”, “cangalas”, “bambas”,

“bantús”, “nagôs”, e tantissimas outras, todas ellas possuindo caracteres differenciaes especificos, divergindo e distinguindo-se entre si por particularidades morphologicas e attributos psychologicos inconfundiveis. Os negros da tribu yebú, por exemplo, ou os da tribu cassange, ou haussá, embora reforçados e entroncados, têm a fealdade repulsiva dos typos negros puros. Os da nação mina, ou fula, ou achanti, ou felanin, são typos, ao contrario, de grande belleza pela proporcionalidade das fórmãs, pela suavidade dos traços, pela esbelteza da estatura, pela côr mais clara e pelos cabellos menos encarapinhados do que os das outras nações. No ponto de vista da pigmentação, a variedade é tambem enorme: ha desde o negro retinto e luzidio, como os loandas, os papels, os balondas, até o azeitonado, como os gêgis, e dahomeyanos e fellahs, ou mesmo o bronzado, como os minas, os achantis, os felanins, os agoins. No tocante á compleição e á estatura, ha typos athleticos e robustissimos, como os dahomeyanos, os haussás, os krumanos, os achantis, os gallas, e typos mais franzinos e debeis, menos solidos de compleição, como os monjolos e os angolas. Em relação á belleza plastica, nenhum delles sobreleva os jofos e os sêreres, cuja soberba compleição tem a pureza, a graça e a nobreza do typo europeu.

Essa diversidade de caracteres morphologicos se acompanha de igual diversidade de attributos mentaes. Os grupos negros differem muito pelo temperamento, pela moralidade, pela intelligencia, pela acti-

vidade. Ha tribus de negros indolentes, como os gêgis e os angolas, como os ha de negros laboriosos, como os timinis, os minas, os dahomeyanos. Os minas, os yorubas, os egbas, os krumanos, os felanins possuem temperamento docil e civilizavel, são negros pacificos, afeitos á obediencia e á humildade; já os haussás, os efans, os gallas mostram qualidades de altivez, rebeldia e mesmo ferocidade, que os fazem pouco apreciados pelos senhores ou insusceptiveis de captiveiro. O gráo de moralidade tambem varia muito de tribu a tribu e, si ha negros de costumes honestos, como os yorubas, os egbas, os haussás, ha-os de caracter pouco resistente e facilmente corrompiveis, como os gêgis e os angolas. Estes ultimos são, porém, superiormente dotados no ponto de vista intellectual, ao passo que outros, como os gêgis, os krumanos, os cabindas, revelam a inferioridade mental, propria aos typos mais baixos da raça negra (7).

Essas varias "nações" se fundem com os colonizadores brancos ainda mais intensa e extensamente do que as varias tribus aborigenes: e os seus mestiços, os "mulatos", ostentam, como é facil de comprehender, uma variedade indescriptivel de typos, tanto na sua psychologia, como na sua caracterização anthropologica. Com o indio puro não é grande a commixão, porque o indio tem pelo negro uma viva repulsão; mas,

(7) Cf. BRAZ DO AMARAL — *As tribus negras importadas* (Revista Trimensal, t. especial. v. II).

através dos “mamelucos”, mestiços provindos da mistura do indio com o branco, o sangue aborigene se infunde largamente no grupo negro: e gera a classe dos “cafusos”, ou “caborés”, ou “carijós”, cujo typo anthropologico é polyforme, como é de prever, synthese que é de tres hereditariedades diversissimas.

V

Essas tres raças fundamentaes, assim tão differentes e diversificadas, caldeiam-se em nosso territorio em dosagem muito variadas, conforme o maior ou menor gráo de condensação de cada uma dellas neste ou naquelle ponto do paiz. Em certas regiões, os elementos indigenas dominam e preponderam na sua mestiçagem com o branco; noutras, são os negros a base principal do caldeamento; noutras ainda, a percentagem dos elementos áricos é mais elevada e o typo ethnico emergente reflete, na sua caracterização, essa condição particular da sua genese. Devido a essa diversidade na distribuição geographica das tres raças formadoras, os typos ethnicos regionaes não apresentam a mesma unidade de caracteres morphologicos, nem a mesma identidade de temperamnto e mentalidade: *dahi a impossibilidade de enfeixal-os, no ponto de vista da anthropologia e da ethnologia, num typo unico e nacional.*

Os homens da raça branca, menos numerosos do que os da negra e da indigena, não se distribuem de

uma maneira uniforme pelo territorio da colonia. Em toda a parte os encontramos, é certo, porque são elles os elementos de civilização e a força de direcção da massa colonial; mas, em certos pontos, elles apparecem mais concentrados, mais abundantes, mais extremes de mesclas barbaras. Ha, por exemplo, tres regiões coloniaes, onde elles se condensam mais compactamente, onde entram a terra em massa mais unida e mais organizada: na hyléa amazonica; na zona da mineração; na planice gaúcha.

No valle amazonico, desde os meados do II seculo, como vimos, os elementos peninsulares podem, devido á indole pacifica da população indigena, localizar-se em condições mais favoraveis de pureza e em fórma mais densa, de modo a constituirem-se ali agentes activos de differenciação, naquella época pelo menos.

Nas zonas metalliferas, é sabido o affluxo extraordinario de forasteiros reinóes, que para ellas sobem em levass copiosas, nos começos do seculo III. E' tamanha a corrente dos emigrantes que da Peninsula e das ilhas se dirige para as minas, que o governo ultramarino se alarma, receiando o despovôamento do paiz: — "Por esta fórma se despovoará o reino — diz elle — e em poucos annos virá ter o Brasil tantos vassallos brancos como tem o mesmo Reino". Esses elementos áricos, que se localizam nas zonas mineradoras, vêm principalmente do fóco minhoto e beirão, pertencem á plébe rural e representam aquella raça "de petite taille, aux gouts sédentaires", de que fala TOPINARD; e devem

encontrar alli muitos typos dolico-louros, de alta estatura, vindos nas phalanges das bandeiras, de S. Paulo e Taubaté.

No extremo-sul, o nucleo principal da colonização é a povoação, sita, em 1742, á margem do Guahyba, e composta inteiramente de açorianos, homens pobres, pertencentes á plebe insulana, que ali se fixam com as suas familias, em pequenos dominios, lavrados pelos seus proprios braços. Dahi é que se expandem na direcção das planicies interiores, de mistura já com os colonizadores paulistas, vindos na corrente da serra, como já vimos (I, § XII). Estes immigrants insulares, pela força mesma das selecções sociaes, devem ter, como os açorianos actuaes, uma compleição mais elevada e uma dolicocephalia maior do que os seus compatriotas que se dirigem, pela mesma época, para os serros mineiros.

Nas cidades mais importantes da costa, como o Rio e Recife, esses elementos aryanos tambem se condensam fortemente, formando nucleos poderosos: e a guerra dos "mascates" em Pernambuco, nos começos do III seculo, e as luctas ardentes, pela mesma época, no Rio, travadas entre a aristocracia rural e os "mercadores" luzitanos, mostram como é grande o numero dos elementos brancos ali concentrados.

Essa concentração urbana é, aliás, inevitavel — porque o homem branco, como observa BALTHASAR LISBOA, que aqui chega, não encontrando no interior,

onde estão os engenhos, applicação para os seus braços, porque os escravos bastam para o serviço das lavouras e moendas, é forçado a retornar sobre os seus passos, fixando-se nas cidades, no grangeio dos pequenos officios, como o de ourives, ou do pequeno commercio, como "negociantes de vara e covado".

E' claro que essa concentração forçada dos novos colonos nas cidades é, para os temperamentos mais ambiciosos e mais ricos de eugenismo, apenas um estagio passageiro, bastante para que possam grangear o peculio necessario á obtenção de sesmarias. Porque, dado o espirito da época, profundamente rural, toda a sociedade e, especialmente, *todos os seus individuos mais activos e energicos tendem, como vimos, para o campo, para os engenhos e para os latifundios pastoris.*

De maneira que as cidades do periodo colonial funcionam como poderosos centros de selecção e concentração dos elementos brancos superiores. São esses elementos superiores que, deslocando-se para o campo e entrando na aristocracia rural, concorrem para assegurar a esta classe o alto coeffericiente aryano e eugenistico, que tanto a distingue nessa época (I, § § II e III).

VI

Na distribuição geographica das outras duas raças e seus mestiços, notamos a mesma desigualdade observada na distribuição do contingente aryano. Os

pontos de fixação do indio não são os mesmos do negro; e é claro que, onde domina o negro, ahi se multiplicam os seus mestiços, os mulatos, e onde o indio, ahi os mamelucos e cafusos.

Os indios dominam, a principio, em todas as regiões de colonização; espalham-se largamente não só pelas zonas pastoris, que são o seu habitat predilecto, como pelas zonas agricolas, onde se cultivam os canna-viaes. Prêados duramente pelos sertanistas do norte e do sul, formam elles o grosso da massa popular concentrada, nos primeiros tempos da colonização, na faixa costeira, desde o norte até o sul: e ahi se caldeiam intensamente com os colonos da raça branca. Já nos meados do III seculo, é tão grande a sua abundancia ao sul, que as autoridades coloniaes são obrigadas a deslocal-os, como colonos, para os sertões. O Morgado de Matheus, por exemplo, diante do sem-numero de carijós que vagueiam sem domicilio, nem occupação, pela capitania de S. Paulo, ordena a CORREA PINTO, o fundador de Lages, que os carreie para aquelles sertões catharinenses: — "... e lhe permitto convoque para o dito effeito todos os fôrros carijós administrados, que tiver noticia andam vadios, e não têm casa, nem domicilio certo, nem são uteis á Republica. e os obrigue a povoar as ditas terras".

Com o crescer da corrente africana, elles recuam para o interior e vão abandonando, aos poucos, a zona dos latifundios agricolas, que os negros começam a invadir progressivamente. Depois, com a descoberta

dos campos de ouro, concentram-se em Minas, em Matto Grosso, em Goyaz: são elles, com effeito, a principio, os operarios mais numerosos na lavra das "catas" auríferas. Mas, ahi ainda os negros, mais resistentes, mais doces, mais capazes, os vencem e acabam substituindo-os inteiramente no trabalho minerador.

Sobrepujados pelos negros na faixa agricola e nas zonas da mineração, os indios e os seus mestiços passam a dominar nas regiões das industrias extractivas e, principalmente, na zona do pastoreio, do norte ao sul da colonia. São elles, com effeito, como se vê do testemunho de AYRES MALDONADO (I, § IV), os que exercem as humildes e arriscadas funcções de curraleiros nos latifundios pastoris dos velhos paulistas. Hoje ainda, é esta a sua principal funcção em nosso interior sertanejo.

Por isso, a zona geographica da nossa civilização, onde mais se accentua a hegemonia ethnica do elemento americano, é justamente aquella onde dominam, como fórmas principaes de actividade economica, ou a industria extractiva, ou o pastoreio: a região das caatingas do nordeste, os campos do planalto central e a região florestosa da Amazonia.

Em summa: *si fôra possivel organizar para o nosso paiz uma carta ethnographica do caboclo, o colorido indicativo do seu coefficiente na massa da nossa população tornar-se-ia cada vez mais intenso e carregado á medida que caminhassemos do littoral para os sertões e do sul para o norte, attingindo o seu maximo de coloração no valle amazonico.*

VII

Pela distribuição da gente vermelha, já podemos determinar as zonas de maior condensação do elemento negro. São evidentemente as zonas agrícolas e, depois, as zonas mineradoras. Superior pela operosidade e pela obediência ao índio, onde quer que seja preciso lavar a terra ou escavar minas o negro ahí se concentra e ahí se fixa: e, em consequência, na composição ethnica da população, o coefficiente aryanico e vermelho se reduz progressivamente.

No período colonial, os dous grandes centros de condensação africana são, no I e II séculos, Bahia e Pernambuco; depois, no II e III séculos, Bahia e Rio: é para esses dous pontos que confluem as correntes dos escravos, vindos da Africa, numa média de 40.000 cabeças por anno. Desses centros de redistribuição é que elles se disseminam pelos latifúndios agrícolas de toda a colonia, substituindo rapidamente, e repellindo-a para o interior, a massa da população vermelha. Como, no período colonial, as zonas principaes da actividade agrícola são a faixa costeira e as margens dos grandes rios, que desaguam no oceano, é ahí que se fixam de preferéncia os negros, é ahí a zona classica da sua preponderancia ethnica.

Com a exploração das minas, elles penetram copiosamente o interior e dominam numericamente a

população das zonas do ouro (8). E' tão grande a sua affluencia ali que se tornam superabundantes e inuteis, sem outra applicação senão a de servir de agentes de criminalidade e turbulencia: — pois, como observa o governador do Rio de Janeiro, LUIZ VAHIA MONTEIRO, em 1730, para as minas “bastam a metade dos negros que hoje ha nellas, porque a outra metade servem aos habitadores que hoje têm para valentes, e matadores, e taverneiros, sem uso algum de minerar”.

De maneira que os tres primeiros seculos do periodo colonial assignalam dous movimentos da massa da população negra: um, de concentração, na zona da faixa agricola, e outro, de transmigração para as regiões do ouro. O advento da cultura do café, no IV seculo, provoca uma outra deslocação da massa africana para o valle do Parahyba. Este ultimo movimento é, sobretudo, notavel pela amplitude do seu campo de repercussão: para os latifundios cafeeiros de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, não confluem sómente as massas negras existentes ao sul, mas tambem as que fazem o trabalho agricola dos nossos latifundios septentrionaes. Desde o momento em que os cruzeiros inglezes começam a embaraçar o trafico africano para o Brasil, o grande centro de abastecimento de escravos para os latifundios do sul é, com effeito, o norte, que desloca, dest'arte, para as zonas meridionaes grande parte da sua população negra.

(8) v. *Documentos interessantes, etc.*, v. XII, pg. 68.

Sobre a caracterização anthropologica das nossas varias populações regionaes do norte e do sul, esses movimentos de concentração e transmigração da massa africana vão exercer, como é natural, uma influencia consideravel. O trabalho aryanizante, exercido pelas selecções ethnicas sobre a massa mestiça, soffre, com effeito, um retardamento ou uma acceleração, conforme se trate de uma zona de concentração ou de uma zona de transmigração.

Não é só, porém, a maior ou menor densidade da população negra neste ou naquelle ponto do territorio que vae influir sobre a caracterização anthropologica dos varios typos regionaes: as diversas tribus negras não se repartem igualmente por todas as zonas geographicas de distribuição da massa africana. Estas se concentram mais num ponto, aquellas preferem a fixação em outro ponto e, como todas ellas differem sensivelmente entre si, os typos locaes emergentes devem reflectir essas diversidades originarias. Os negros da nação "mina", por exemplo, tendem a concentrar-se nas regiões mineradoras — porque, como explica o citado VAHIA MONTEIRO, "os negros minas são os de maior reputação para aquelle trabalho, dizendo os mineiros que são os mais fortes e vigorosos... e pela mesma causa não ha mineiro que possa viver sem nenhuma negra mina, dizendo que só com ellas têm fortuna".

Esta affirmação de VAHIA MONTEIRO nos vae explicar esse factó, que pessoalmente observamos, da delicadeza de traços e relativa belleza dos negros actuaes

de Minas, onde não nos foi possível, desde Juiz de Fóra até Bello-Horizonte, encontrar um só delles de physionomia repulsiva e facies troglodytico. Estas cataduras simiescas são, ao contrario, abundantissimas na região occidental da baixada fluminense — o que indica que ali se concentrou e fixou alguma tribu de negros, caracterizados pela sua fealdade: talvez, ou “bisagos”, ou “yebús”, ou “mandingas”.

Em summa: *na carta ethnographica do nosso paiz durante o periodo colonial, a zona de preponderancia do H. afer se estende, fortemente colorida, desde São Vicente até Maranhão, em toda a extensão da faixa costeira e, para o interior, em todos os centros de actividade agricola ou mineradora, quér os do planalto meridional, quér os do sertão do norte.* Do Maranhão para cima já o seu colorido se attenua, como de São Vicente para baixo até á região dos pampas, onde o indice do melanismo é muito fraco.

VIII

Pelo estudo da distribuição geographica das tres raças formadoras, já podemos ajuizar qual a sua distribuição social, isto é, a sua especialização funcional na economia da sociedade colonial. Cada raça se distribue pelas diversas classes sociaes conforme as suas aptidões especificas, e já vimos como os brancos sabem distinguir essas aptidões e orientar a distribuição e a

fixação das duas raças inferiores no sentido do seu melhor aproveitamento.

Os negros se fazem, por isso, na zona rural, os principaes instrumentos do trabalho agricola, os grandes manejadores do machado, da foice e da enxada. Nas cidades, os senhores os empregam nos serviços mais rudes e que exigem menos intelligencia, como o de carregadores de trapiches e trabalhadores braçaes.

Os indios são progressivamente acantoados naquelles serviços ruraes que exigem menos esforço continuado, permittem folgas maiores e não possuem um character muito accentuado de servilidade. Os latifundiarios antigos os empregam, por isso, como vimos, no serviço do pastoreio, na guarda dos curraes, como “vaqueiros”, ou, segundo TACQUES, como “remadores” — officio para que revelam grande aptidão, pois ainda hoje são elles os que fazem o duro serviço de “canoeiros” no Araguaya, no Tocantins e no Amazonas. São elles tambem e os seus mestiços “mamelucos” e “cafusos” os que, pela sua maior rusticidade e humor guerreiro, são aproveitados pelos sertanistas e bandeirantes para formar, de preferencia, o corpo dos seus exercitos de prêa e de conquista. Os negros mais intelligentes e os seus mestiços “mulatos” ficam nos latifundios, applicados em outros officios menos arriscados, enquanto o seu senhor vagueia pelos sertões com a sua horda de curibocas e carijós bellicosos.

Das diversas tribus negras aquellas mais bem dotadas de intelligencia e de sentimentos são utilizadas

nas profissões, em que esses dotes se fazem mais necessários: é por isso que os "minas", os "fulas", os "angolas" e os "yorubas" dominam principalmente entre os officiaes de officio manual, com pedreiros, carpinteiros, tanoeiros, ferreiros, calafates. Nos serviços domesticos, as negras "minas", doces, affectuosas e possuindo uma innata habilidade culinaria, são preferidas como mucamas e cozinheiras. Ellas e as de raça fula, porque são mais bellas, elevam-se mesmo, ás vezes, á condição de "donas de casa" ou "caseiras", conforme se deprehende do citado testemunho de VAHIA MONTEIRO.

Os mulatos, em regra, mais intelligentes do que os negros puros, mais vivazes e destros, mais ladinos, applicam-n'os os senhores em officios mais finos, como sapateiros, sirgueiros, marcineiros e alfaiates, em que se revelam habillissimos. Os mais claros e esbeltos são preferidos para o serviço de pagens: entre os paulistas antigos é mesmo uma das grandes vaidades o poder ostentar um corpo de pagens da melhor apparencia aryana. Os de JOSÉ DE MORAES GÓES, por exemplo, diz o autor da *Nobiliarchia paulistana*, são mulatos "tão claros na côr que competem com os brancos neste accidente". Esses mulatos, assim tão bem aquinhoados anthropologicamente, originam-se naturalmente do cruzamento de brancos com negras "fulas" ou

“felanins”, que são as que mais se aproximam do typo branco.

Na classe dos escravos dominam, pois, os negros e os mulatos, intelligentemente distribuidos pelos diversos serviços e officios do latifundio.

Os mulatos tendem, entretanto, a sahir desta classe para a classe livre dos “moradores”, principalmente os mais claros, filhos, em regra, de paes brancos, que os libertam pela alforria. *Dahi a desproporção existente entre os mulatos livres e os mulatos escravos na massa da população colonial.* No Maranhão, por exemplo, em 1822, é esta a composição ethnica da sua população negra e mulata (9):

Pretos livres . . .	9.300		Pretos escravos . . .	77.954
Mulatos livres . . .	25.111		Mulatos escravos . . .	6.580

Vê-se a enorme desproporção entre a massa de mulatos livres e a de mulatos escravos, sendo aquella o quadruplo desta; ao passo que para 77.954 negros escravos ha apenas 9.308 alforriados, ou cerca de $\frac{1}{8}$. O mesmo verificamos em Minas, cuja população negra e mestiça é, em 1835, segundo RUGENDAS (10), a seguinte:

Homens de côr livres	130.000		Homens de côr escravos	40.000
Negros livres . . .	55.000		Negros escravos . . .	250.000

(9) PEREIRA LAGO. — *Estatistica historico-geographica da Provincia do Maranhão*, 1822.

(10) RUGENDAS — *Voyage pittorèsque dans le Brésil*, 1835.

Em 170.000 homens de côr (mulatos), ha 130.000 fôrros, ou sejam $\frac{3}{4}$; ao passo que, em cêrca de 300.000 negros, só apenas a sexta parte está liberta, ou sejam 55.000.

Esses mulatos livres formam a base da população rural: constituem o grosso da plebe dos campos. São, em regra, lavradores, sitiantes ou rendeiros dos senhorios, ou vegetam nos pequenos officios manuaes, nas cidades e nos campos, ao lado dos brancos inferiores, que ainda não ascenderam ou não têm capacidade para ascender.

Os brancos, já o vimos, a sua distribuição social se faz, ou pela plebe rural, ou pela peonagem das cidades, ou pela aristocracia territorial. Quando na plebe dos campos, quasi nunca trabalham com os seus braços, porque o trabalho enxadeiro é deprimente para o branco: — “ainda que sejam criados com a enxada na mão, em pondo os pés no Brasil nenhum quer trabalhar”, diz VAHIA MONTEIRO. Mercadores nas cidades, mascates no interior, modestos proprietarios de engenhocas, donos de pequenos rebanhos de gados grossos e miudos, em cada um delles, durante o periodo colonial, ha sempre um aspirante á aristocracia rural, á classe dos grandes senhores de engenhos e de latifundios pastoris.

Nesta classe é que se encontram os elementos brancos superiores: já o dissemos porque (I, §§ II e III). Os elementos mestiços, especialmente mamelucos, que ahí apparecem, são em numero limitado.

Tambem os cargos publicos no periodo colonial são privilegio exclusivo dos brancos e são elles os unicos que formam, por essa época, a classe dos funcionarios, quer civis, quer militares. E' tão grande o preconceito sobre este ponto que, já no Imperio, ainda é extranhavel que um mulato exerça um cargo modesto, como é o de "capitão-mór". O que nos conta Koster é significativo. Observando elle que um certo capitão-mór, pelo que denotava o seu facies, era mulato, responderam-lhe com ironia: — *Era, mas já não é.* E explicavam: — *Pois é lá possivel um capitão-mór ser mulato?!*

IX

O valor de um grupo ethnico é aferido pela sua maior ou menor fecundidade em gerar typos superiores, capazes de ultrapassar pelo talento, pelo character ou pela energia da vontade, o estalão médio dos homens da sua raça ou do seu tempo. Esses homens são os unicos elementos que "marcam" numa qualquer sociedade, são elles que dirigem as massas, elles que, modelando a consciencia dos individuos sem personalidades, que são a maioria, modelam a alma e a physionomia dos grupos a que pertencem. Em todas as raças humanas, mesmo as mais baixamente collocadas na escala da civilização, esses typos superiores apparecem: *não ha raça sem eugenismo.* O que principalmente as distingue é a sua maior ou menor fecundidade em eugenicos. Quando duas ou mais raças, de desigual fecun-

didade em typos superiores, são postas em contacto num dado meio, as raças menos fecundas estão condemnadas, mesmo na hypothese da egualdade do ponto de partida, a serem absorvidas ou, no minimo, dominadas pela raça de maior fecundidade. Esta géra os senhores; aquellas, os servidores. Esta, as olygarchias dirigentes: aquellas, as maiorias passivas e abdicatorias.

E' neste sentido que se deve comprehender o problema das raças inferiores. Não ha raças que sejam absolutamente inferiores; mas, qualquer raça, posta em contacto com uma outra mais rica em eugenismo, torna-se, por esse mesmo facto, inferior (11).

Povo oriundo de multiplas combinações ethnicas, o estudo do gráo de eugenismo das diversas raças, postas em contacto em nosso meio, é, portanto, dos mais interessantes: por elle poderemos aferir o gráo de superioridade do nosso typo nacional, porque por elle poderemos medir o valor do contingente, que á dynamica da nossa historia trazem as forças formidaveis da hereditariedade (12).

(11) Entenda-se: eugenismo *psychico* (moral e intelectual) — e não *physico*. Este, nas suas possiveis correlações com o eugenismo *psychico*, não entra na conceituação da thése formulada.

(12) V. OLIVEIRA VIANNA — *Raça e assimilação*, 1932, caps. II e III e pag. 211, e — *Aryano no Brazil e Anthropologia Social* (em preparação).

Entre as tribus negras, como dissemos em paragraphos anteriores, variam muito as capacidades de intelligencia e de character, conforme se trata desta ou daquella tribu; de maneira que a sua maior ou menor fecundidade em eugenicos em nosso paiz está dependendo da preponderancia, na corrente immigratoria dos africanos, de tribus caracterizadas pela sua maior ou menor superioridade mental. Dessas tribus superiores muitas aqui se fixam e, por isso, não são raros os casos, em que vemos negros elevarem-se socialmente, por seu proprio esforço, acima de sua condição servil. Estes, quando libertos, se fazem pequenos proprietarios; aquelles, pequenos commerciantes; outros, officiaes de officios manuaes. FERDINAND DENIS dá testemunho de ter visto, no Rio e na Bahia, muitos negros "occupando posições que em toda a parte se reservam para a população branca: officiaes de commando de certos regimentos, padres que receberam as ordens em São Thomé, etc."

E' claro que a proporção entre esses typos superiores, que emergem da sua servilidade, e a massa da população escrava, é extremamente diminuta. Não só a potencialidade eugenicistica do *H. afer* é reduzida em si mesmo, como, posta em funcção da civilização organizada pelo homem da raça branca, ainda mais reduzida se torna. O negro puro nunca poderá, com effeito, assimilar completamente a cultura aryana, mesmo os seus exemplares mais elevados: a sua capacidade de civilização, a sua *civilizabilidade*, não vae além da imi-

tação, mais ou menos perfeita, dos hábitos e costumes do homem branco. Entre a mentalidade deste é a do homem africano puro ha uma differença substancial e irreductivel, que nenhuma pressão social ou cultural, por mais prolongada que seja, será capaz de vencer e eliminar. Os proprios negros americanos, muito superiores, aliás, aos nossos, em virtude da selecção imposta pelas contingencias da lucta com um adversario temivel, como é o anglo-saxão ficam muito abaixo do theor médio da civilização norte-americana: mesmo os seus typos superiores, como BOOKER WASHINGTON, não são negros puros, mas perfeitos mestiços, authenticos mulatos (13), cuja superioridade deve provir provavelmente do sangue aryan0 que trazem nas veias.

O homem branco cultiva, com effeito, certas aspirações, move-se segundo certas predilecções e visa certos objectivos superiores, que de modo algum serão capazes de constituir motivos determinantes da actividade social do homem negro. Esses objectivos, que são a causa intima da incomparavel aptidão ascensional das sociedades aryanas, deixam indifferentes os homens da raça negra, na sua quasi totalidade incapazes de se elevarem, quando transportados para um meio civilizado, acima das aspirações limitadas da sua civilização originaria. O poder ascensional dos negros em

(13) v. BOOKER WASHINGTON. — *Up from slavery*, pag. 13; HUNTINGTON — *Civilisation and Climate*, pag. 36; principalmente REUTER — *The mulatto in the United States*, 1918.

nosso povo e em nossa historia, si é, pois, muito reduzido, apesar da sua formidavel maioria, não o é apenas pela pequena capacidade eugenistica da raça negra, não o é apenas pela acção compressiva dos preconceitos sociaes, mas principalmente pela insensibilidade do homem negro a essas solicitações superiores que constituem as forças dominantes da mentalidade do homem branco. Quando sujeitos á disciplina das senzalas, os senhores os matêm dentro de certos costumes de moralidade e sociabilidade, que os assimilam, tanto quanto possivel, á raça superior; desde o momento, porém, em que, abolida a escravidão, são entregues, em massa, á sua propria direcção, decáem e chegam progressivamente á situação abastardada, em que os vemos hõje

Os indios não estão, neste ponto, em condições superiores aos negros. O eugenismo do *H. americanus* pôde ser grande em funcção da sua civilização rudimentar e do seu estado selvagem; posto, porém, em funcção da civilização organizada aqui pelo homem peninsular, é absolutamente negativo: em nossa sociedade, modelada á européa, o seu poder de capillaridade social, a sua *ascensionabilidade* é mesmo muito inferior á do negro. O negro, pelo seu temperamento imitador, ainda se deixa suggestionar por certos aspectos da civilização superior, dentro da qual se acha e, aqui e ali, vem-o operar certos movimentos ascensionaes; mas, o indio, o caboclo puro, arrancado das suas florestas pela ferocidade do sertanista ou pela funcção do missionario, é absolutamente incivilizavel,

isto é, inteiramente refractario a qualquer influxo educativo no sentido da aryanização. Parece que a estrutura do seu typo mental é mais solida do que a do negro e dahi, desta sua menor malleabilidade, a sua invencivel resistencia á acção dos agentes civilizadores. Quando incorporado á sociedade colonial, nos primeiros tempos da conquista, vemol-o succumbir rapidamente, ferido pela nostalgia das suas tabas, ou refugir, na primeira oportunidade, para o recesso das suas florestas.

Extincta por POMBAL a ordem dos jesuitas, os indios aldeiados por esses missionarios deixam a civilização e retornam á sua selvageria anterior. Durante todo o periodo colonial, os esforços feitos pelas autoridades administrativas para eleva-los socialmente resultam absolutamente inefficazes: tanto ao norte, como ao sul, elles se mostram, por exemplo, absolutamente incapazes de se tornarem proprietarios de terra (14). Esta grande ambição da vida civil, que, como vimos, domina tão imperiosamente, na sociedade colonial, o espirito do homem branco, não exerce a menor reacção sobre a mentalidade do aborigene mais ou menos civilizado. Na sociedade colonial, já o demonstramos, o grande padrão por onde se afere a capacidade ascensional, o indice de eugenismo dos individuos, é a propriedade da terra; é o desejo de conquistal-a que é a força motriz de toda a historia colonial. De modo que

(14) V. OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil* vol. I, cap. VI § VI.

essa refractariedade do indio á propriedade rural torna-o, como agente historico do nosso progresso colectivo, como elemento activo do nosso dynamismo civilizador, absolutamente inferior ao proprio negro.

Este, ao menos, nos seus exemplares mais elevados e mais eugenicos, tem, como uma das grandes preoccupações dominantes, justamente a conquista de um retalho de terra, onde constrúa a sua choupana e estabeleça a sua independencia: para a realização deste pequenino objectivo, elle se mostra tenaz, obstinado, operoso, em perfeito contraste com a indifferença e a indolencia do aborigene. Comtudo, pela limitação e mesquinhez dos seus objectivos, esses exemplares mais selectos e excepçoes da raça negra não trazem nenhuma contribuição apreciavel ao progresso da massa colonial, nem podem ser computados como elementos numeraveis no conjuncto das forças que têm impellido para deante a nossa civilização.

Esta é obra exclusiva do homem branco. O negro e o indio, durante o longo processo da nossa formação social, não dão, como se vê, ás classes superiores e dirigentes, que realizam a obra de civilização e construção, nenhum elemento de valor. Um e outro formam uma massa passiva e improgressiva, sobre que trabalha, nem sempre com exito feliz, a acção modeladora do homem de raça branca (15).

(15) v. OLIVEIRA VIANNA — *O typo ethnico brasileiro e os seus elementos formadores* (in *Diccionario Historico, Geo-*

X

Estas duas raças barbaras só se fazem agentes de civilização, isto é, sómente concorrem com elementos eugenicos para a formação das classes superiores, quando perdem a sua pureza e se cruzam com o branco. Si, em função da nossa civilização, o eugenismo do indio é quasi nullo, si é limitadissimo o do negro, já o dos dois typos cruzados, o mulato e o mameluco, é mais desenvolvido e sensível. Da plebe mestiça, em toda a nossa historia, ao sul e ao norte, têm sahido, com effeito, poderosas individualidades, de capacidade ascensional incoercível, com uma acção decisiva no nosso movimento civilizador.

Os que negam o valor dos nossos mestiços, como os que affirmam a sua superioridade, falseiam a verdade, porque a vêm unilateralmente: *os nossos mestiços nem são todos absolutamente inferiores, nem todos absolutamente superiores*. Ha, entre nós, mestiços superiores e mestiços inferiores. O conhecimento, que temos da diversidade do typo mental das varias tribus negras e indias que entram em caldeamento com o branco, nos leva, aliás, logicamente, a essa conclusão. Um cruzamento feliz de um typo superior de negro ou

graphico e Ethnographico do Brasil, I, pag. 284). E tambem para os negros americanos, HUNTINGTON — *ob. cit.*, passim, e cap. I e II, pag. 22; REUTER — *obr. cit.*, passim.

de indio com um branco bem dotado de eugenismo póde produzir um mulato ou um mameluco superior, se porventura, pelo jogo das influencias hereditarias, preponderar nesse cruzado o eugenismo do typo branco.

E' claro que essas combinações felizes não são communs: na sua maioria, os mestiços ficam abaixo do typo superior, de que provêm. Nestes, por exemplo, o branco imprime os seus attributos intellectuaes, mas é do negro ou do indio que elles herdam a estructura do character. Naquelles, dominam, ao contrario, os sentimentos do homem branco, mas a intelligencia se limita e a energia da vontade, a ambição de riqueza, o desejo de ascenção, dominantes no aryano, desapparecem, destruidos pela acção regressiva dos atavismos barbaros.

O que está fóra de duvida, porém, é que *combinações de hereditariedades favoraveis geram, por vezes, mestiços superiores, que se esforçam, por todas as maneiras, para ascender ás classes superiores*: ao clero, á burocracia colonial, á militança e á aristocracia territorial — e o fazem com tanto mais rapidez quanto têm para auxiliar-os uma caracterização anthropologica tambem favoravel, isto é, quanto mais se aproximam, pela côr da tez e pela fórmula dos cabellos, principalmente, do typo anthropologico do homem branco.

E' justamente esse conjuncto de caracteres anthropologicos favoraveis que torna, na sociedade colonial, a ascensão dos mamelucos superiores mais facil e se-

gura do que a dos mulatos superiores. Os mamelucos, cruzados de branco e indio, têm sobre os mulatos, cruzados de branco e negro, uma dupla superioridade: não descendem de uma raça escrava, aproximam-se mais do typo somatico do homem branco, não só pela pigmentação, como, principalmente, pelos cabellos, nitidamente negros e corredios. Ora, para o juizo empirico do vulgo, são os cabellos lisos e a tez clara os signaes indicativos de raça pura. Por isso, os mamelucos se julgam brancos: "Muitos querem ser brancos — diz um chronista colonial — e alguns já são havidos por taes, desde que, por meio do cruzamento das raças, têm esquecido a sua origem. Taes são muitas familias novas de curta genealogia". Estas invocam mesmo, com orgulho, o seu "sangue de caboclo". Dahi, na massa mameluca, tão numerosa, aliás, ao norte do paiz, *todos os elementos eugenicos, que nella existem com capacidade de ascender, effectivamente ascendem, porque nenhum preconceito social embaraça realmente a sua ascensão.*

Os mulatos superiores estão em situação diversa: a sua capillaridade social funciona com um systema de vasos de calibre mais reduzido e de filtração mais apurada. Os preconceitos sociaes têm para com elles rigores selectivos de uma meticulosidade exagerada. Elles descendem de uma raça servil, sem nenhuma tradição de nobreza. Os estigmas da raça inferior, ao demais, lhes recaem, em regra, justamente sobre aquelles dous

attributos, que aos olhos do povo são os indices mais seguros da bastardia de origem: os cabellos e a côr. Esta e aquelles os tornam, noventa e nove vezes sobre cem, indissimulaveis. Essa indissimulabilidade é o grande embaraço, o maior embaraço que elles deparam no seu incoercivel movimento de ascensão para as classes superiores. E' tão vivo o preconceito contra o mulato, durante o periodo colonial, que, na organização militar da colonia, os mulatos têm uma situação á parte: e ha "batalhões de homens de côr" e "regimentos de pardos" — meio que os administradores coloniaes encontram para conciliar a repugnancia dos brancos em se nivelarem com os mulatos. Os cargos publicos lhes são negados, conforme se vê da anedocta de Koster. Na organização judiciaria ha mesmo uma alçada para "indios, negros e mulatos".

Nestas condições, durante o periodo colonial, a potencialidade ascensional dos mulatos é muito reduzida. Não é que lhes falte eugenismo; *ao contrario, parece até que a percentagem dos mulatos eugenicos é superior á dos mamelucos.* Nestes, ha talvez mais solidez de estructura moral, mais equilibrio de caracter; mas, naquelles, ha talvez mais vivacidade mental, dotes mais abundantes de sagacidade e finura, e mais brilho de intelligencia. Elles excellen, por isso, nas profissões em que as qualidades de intelligencia são mais necessarias do que as de caracter. Depois da Independencia, quando se fundam as academias superio-

res ao norte e ao sul do paiz, só então encontram os nossos mulatos, nesses altos centros de cultura, o meio mais seguro e rapido de ascensão ás classes superiores e dirigentes.

XI

O typo psychologico do brasileiro não póde deixar, como se vê, de offerecer uma enorme variedade; cada raça tem a sua psychologia propria e, dentro de cada raça, cada grupo ou tribu, em que ella se divide. Cada um desses grupos, ou puros, ou cruzados, traz ao conjuncto da massa nacional uma sensibilidade propria, uma affectividade propria, uma intellectualidade propria; em summa, sentimentos e idéas, tendencias e aspirações especificas. De maneira que, na sua totalidade, a massa nacional se move segundo um conjuncto de forças muito complexas, nem sempre convergentes e harmonizadas.

Essa extrema diversidade de estructura mental dos varios typos ethnicos nacionaes, ou puros ou mestiços oriundos de cruzamentos e recruzamentos successivos, só encontra par na sua extrema diversidade de caracteres anthropologicos. Se é problema difficil determinar o typo psychologico do brasileiro, mais difficil ainda é determinar o seu typo anthropologico: cada raça tem a sua caracterização physica e cada mestiço, conforme os sangues que entram na sua composição, reproduz, em combinação harmonica ou desharmonica,

os caracteristicos somaticos mais dominantes dos typos originarios.

O typo mestiço, oriundo da fusão desses typos originarios, e que viria a ser realmente o verdadeiro typo brasileiro, não pôde, por outro lado, apresentar uma egual caracterização em todo o territorio nacional. Estudando, no ponto de vista historico, a distribuição geographica das diversas raças formadoras do nosso povo, vimos que, desde os primeiros tempos coloniaes, essas raças se repartem irregularmente, concentrando-se preferencialmente nesta ou naquella região.

O mais recente quadro ethnographico da nossa população, que é do recenseamento de 1890, mostra claramente como é variabilissimo o coefficiente de cada raça e do sub-grupo mestiço, segundo as diversas regiões do paiz (16).

O contingente branco é maximo nos Estados do Sul, de S. Paulo para baixo, attingindo em Santa Catharina mais de 4/5 da população local. Nos Estados do Norte, é minimo na Bahia, em que representa apenas 1/4 da população.

O negro fortemente concentrado no Rio de Janeiro, na Bahia e em Minas, é de pequenissimo coefficiente na Amazonia, onde constitue apenas 3% da população local. Mesmo, em zonas limitrophes, a dis-

(16) Vide quadro da pag. 180.

tribuição do contingente negro se faz muito irregularmente; ao passo, por exemplo, que o Maranhão apresenta um coefficiente de 15,16%, o Pará, que lhe fica contiguo, não apresenta mais de 6,76%: e, ao lado do Piauhy com os 15,18% de negros, vemos o Ceará tendo apenas 8,65%. No sul verificamos a mesma cousa: emquanto no Rio de Janeiro 26.79 % da sua população são de negros, em S. Paulo, que lhe é limitrophe, ha apenas 12,97% e no Paraná, que lhe fica vizinho, vemos apenas 5,17%.

O elemento indigena, contribuindo para a população da Amazonia com quasi 50%, entra na população fluminense com pouco mais de 2 %. Como para o negro, observamos tambem em zonas proximas a mesma irregularidade na sua distribuição: no Amazonas, elle fórma a metade dos habitantes, já no Pará e Piauhy é apenas 1/5 da população; em Alagoas, entra com 18,40, já em Sergipe região limitrophe e tendo quasi que a mesma historia, a sua contribuição é apenas de 6,52 %; em Santa Catharina, o seu coefficiente é de 3,25 %, emquanto que no Paraná sóbe a 12,37 %.

Os mestiços, que em Santa Catharina se reduzem ao baixo coefficiente de 7,16, elevam-se em Sergipe a 48,99, ou sejam quasi 50% da massa dos habitantes.

PROPORCIONALIDADE DAS RAÇAS NO BRASIL
EM 1890 (17)

ESTADOS	Branços	Pretos	Caboclos	Mestiços
Alagoas	31,08	10,14	18,40	40,38
Amazonas	28,32	8,03	48,38	20,27
Bahia	25,59	20,39	7,83	46,19
Ceará	44,51	8,65	37,12	29,72
Districto Federal. .	64,72	12,35	3,33	21,60
Espirito Santo . .	44,14	36,09	6,38	35,32
Goyaz	33,53	13,03	11,26	42,18
Maranhão	31,63	15,16	15,22	37,99
Matto Grosso . . .	49,83	13,86	14,80	41,42
Minas Geraes . . .	40,60	38,31	6,16	34,93
Pará	89,21	6,76	39,94	34,09
Parahyba do Norte .	46,89	7,08	30,71	35,39
Paraná	63,80	5,37	12,37	18,66
Pernambuco	41,14	11,53	7,71	39,62
Piauhý	48,34	15,18	20,19	36,29
Rio de Janeiro . . .	42,95	6,79	4,16	28,10
Rio Grande do Norte	44,12	8,98	9,39	37,51
Rio Grande do Sul .	70,37	8,68	5,35	15,80
Santa Catharina . .	84,79	4,80	3,25	7,16
São Paulo	63,07	12,97	8,24	15,72
Sergipe	49,72	14,77	6,54	48,99

Da analyse do quadro ethnographico acima resalta, contudo, o alto coefferiente dos elementos mestiços.

São elles e os elementos brancos os que formam o grosso da população do paiz. Os negros e os caboclos collocam-se em segundo plano e, visivelmente, a importancia de uns e de outros tende a se reduzir cada vez mais.

Dahi, dessa diversidade na dosagem regional dos elementos formadores do nosso povo, a difficuldade, senão a impossibilidade, de caracterizar o typo actual do brasileiro no seu aspecto anthropologico. Cada região tem sua formação ethnica particular, caldeia em doses deseguaes os varios typos puros e deveria gerar o seu typo local proprio, si fôra possivel esperar um typo local uniforme de uma população oriunda do cruzamento de tres raças tão distinctas e inconfundiveis na sua caracterização anthropologica.

Essa variedade de typo é tão consideravel que, mesmo dentro de cada zona de fusão, nós a sentimos. No Paraná, por exemplo, ao passo que na região da costa, em Morretes, Paranaguá, Antonina, Guaratuba, o typo local mostra um aspecto anthropologico, que denuncia uma larga mescla do branco com a população indigena e só muito raramente revela a intervenção do elemento negro; nos platós, na região dos campos geraes, o typo anthropologico predominante é o do branco, não só porque os mestiços primitivos, o indo-aryco e o afro-aryco, se estão apurando e clarificando progressivamente, como porque os novos contingentes aryanos, que para ali têm affluido nestes ultimos tempos, estão

impondo á massa da população, cada vez mais, os seus caracteres anthropologicos (18).

O estudo somatologico do nosso povo não está, de modo algum, feito: nem a anthropologia, nem a ethnologia tem, entre nós, cultores efficientes. De modo que sobre a nossa caracterização anthropologica tudo é incerto e vago, tendo por base, principalmente, a observação pessoal e directa, ou então o juizo popular. Sem dados mais precisos para uma caracterização segura, podemos dizer, entretanto, que em nosso paiz os unicos caracteres somaticos, que parecem ser communs a todos os individuos do norte e do sul, são a estatura e a côr: o brasileiro é naturalmente um povo moreno e de estatura não elevada.

O melanismo do nosso povo é perfeitamente explicavel, não só porque á sua formação ethnica assim o impõe, como porque assim o impõe o meio climaterico. Os elementos dolico-louros, que aqui devem ter entrado, como vimos, nos primeiros tempos da colonização, desaparecem e se fundem cêdo na massa crescente

(18 JAYME DOS REIS. — *Ethnographia parandense* (in "Revista do Instituto Historico", de São Paulo, vol. XIV, pag. 118). Para a Parahyba do Norte, v. *Diccionario Historico e Geographico e Ethnologico*, pag. 510. Para o Ceará, *idem*, pag. 898. Para o Maranhão, *idem*, pag. 270 e FRÓES DE ABREU — *Na Terra das Palmeiras*. Para o Pará, *idem*, pag. 128. Para o Amazonas, *idem*, pag. 34. Para o centro-norte, v. NEIVA E PENNA — *Viagem scientifica pela Bahia, Pernambuco, Piauhy e Goyáz*, pag. 167

dos colonizadores morenos, de raça celtiberica. Esse melanismo inicial se accentúa ainda mais com a intervenção poderosa, no nosso processo ethnogenico, do africano e do indio: este, nas regiões do sertão; aquelle, na região da orla maritima: actuando, principalmente, um e outro sobre o indice de nigrescencia das classes inferiores e da plebe dos campos.

O meio tropical tambem concorre poderosamente para este effeito, vestindo os nossos typos regionaes do norte e do sul com aquillo que alguém chamou a "libré do clima", principalmente á medida que avançamos na direcção da linha equatorial, que corta o valle amazonico. Na forte coloração morena dos nossos sertanejos septentrionaes não se deve ver apenas a larga collaboração do sangue caboclo, mas tambem a innegevel acção chromatizante dos climas equatoriaes.

Quanto á estatura, o que nos vem do elemento aryano, não póde contribuir para eleva-la. O portuguez é povo de estatura sub-mediana: os dois typos ethnicos, que são os elementos fundamentaes da sua formação, o ibero-insular (*H. meridionalis*, de RIPLEY) e o celta (*H. alpinus*, de LINNEU), são todos typos caracterizados pelo seu pequeno talhe.

Do elemento indigena a contribuição é muito variavel, porque, no tocante á estatura, os nossos indios vão desde o pequeno porte dos botocudos, por exemplo, até á soberba e alta compleição dos corôados. De maneira que os mestiços indo-arycos variam muito no ponto de vista deste caracter anthropologico.

Póde-se dizer que só o negro traz sob este aspecto uma contribuição apreciavel; um dos caracteristicos mais definidos do *H. afer* é justamente a alta estatura. Nas regiões, onde a massa africana prepondera, como na zona da costa, os typos afro-arycos de alta estatura, que deparamos, devem naturalmente este bello attributo á influencia do sangue negro, que possuem.

O que, por outro lado, explica o alto porte do gaucho actual — o mais aryanizado dos nossos typos regionaes — é talvez a sua origem açoriana. Em Minas, são muito communs tambem os homens de grande altura; estes, se são brancos puros, tráem necessariamente, por este caracter anthropologico, uma remota ascendencia nórdica; mas, se são mestiços, é ao negro que devem, sem duvida, o seu talhe elevado. Os sertanejos do norte, mestiços indo-arycos, possuem, entretanto, pequena estatura: é que os elementos ethnicos, de que se originam, são ali, principalmente o indio, typos de pequeno porte.

Não deve ser desprezado, na discriminação dos factores que concorrem para a redução da nossa estatura, o fraco theor calcarea do nosso solo. Temos um territorio, em cuja composição abundam os varios elementos necessarios ao organismo humano, mas que é, infelizmente, pobre de cal. Ora, quando mesmo as raças originarias fossem de alto talhe, essa insufficiencia calcarea do nosso solo tenderia a reduzir progressivamente a estatura da população.

O typo anthropologico do brasileiro só poderá, pois, surgir com a sua definitiva caracterização depois de uma lenta elaboração historica, quando o trabalho de fusão das tres raças originarias se tiver completado e as selecções ethnicas e naturaes tiverem ultimado a sua obra simplificadora e unificadora. Por emquanto, os typos cruzados estão ainda muito proximos das suas origens. Demais das duas raças barbaras ainda se conservam, no seio da massa nacional, grandes contingentes, que ainda não se fundiram inteiramente e guardam intacta a sua pureza primitiva. Ora, a absorpção desses contingentes barbaros pela massa mestiça obedece a um processo selectivo de lenta e laboriosa realização.

Entretanto, podemos já assignalar, nos movimentos desse chaos em elaboração, uma tendencia que cada vez mais se precisa e define: a tendencia para a aryanização progressiva dos nossos grupos regionaes. Isto é, o *coefficiente da raça branca eleva-se cada vez mais em nossa população.*

Ha, collaborando nessa tendencia aryanizante, varias causas poderosas. Entre ellas, está o quasi nenhum augmento, sinão o verdadeiro estacionamento, da população negra e mestiça. De 1835 e 1890 é este, com effeito, o volume dos tres grupos ethnicos, o branco, o negro e o mestiço, segundo os dados de RUGENDAS para o anno de 1835 e os dos recenseamentos officiaes para os annos de 1872 e 1890:

ANNOS	Branços	Mestiços	Pretos
1835	845.000	648.000	1.987.000
1872	3.818.403	3.833.015	3.970.509
1890	6.302.198	4.638.495	2.097.426

Os negros, que entram em nosso paiz numa média annual de 40.000, formam, em 1835, uma população de cerca de 2 milhões de individuos. Depois de 1850, com a lei da prohibição do trafico negreiro, cessa completamente a nossa importação de africanos. Desde ahi o augmento da população negra sómente poderia vir do crescimento natural da massa crioula: ora, como veremos depois, esse crescimento é nullo, porque, apesar da sua fecundidade, o indice da mortalidade do *H. afer* em nosso meio é muito alto. De modo que a população negra, como se verifica do quadro acima, não augmenta sensivelmente em cêrca de meio seculo, permanecendo, de 1835 e 1890, por assim dizer estacionaria dentro dos seus 2 milhões de individuos.

O mesmo podemos dizer da população mestiça, que de 1872 a 1890 apresenta um desenvolvimento muito inferior ao da população branca. Esta, que se conta, em 1835, apenas por 845.000 individuos, em 1890 attinge quasi 6 milhões e meio. Em pouco menos de vinte annos, de 1872 e 1890, o crescimento médio annual é, em summa: para o grupo africano de 7.000 individuos e para o grupo mestiço de 44.700; enquanto

que para o grupo aryano sóbe á somma consideravel de 137.900 individuos.

Esse rapido augmento do grupo branco deve-se, em parte, ao crescimento natural da massa aryana no paiz; mas, em parte, deve-se tambem ao grande desenvolvimento da immigração, ao norte e ao sul, nestes ultimos tempos. Sómente S. Paulo recebe, em pouco mais de um decennio, de 1890 a 1901, quasi 700.000 colonos italianos, portuguezes, hespanhões e austriacos (não contando os de outras nacionalidades), como se vê do quadro seguinte:

ANNOS	NACIONALIDADES				TOTAL
	Italianos	Hespanhões	Portuguezes	Austriacos	
1890 . . .	20.991	4.875	5.561	620	32.047
1891 . . .	84.486	9.284	5.552	1.876	101.198
1892 . . .	34.274	3.166	3.551	535	41.526
1893 . . .	48.739	19.122	11.421	1.996	81.278
1894 (*) . .	22.420	5.869	4.676	1.042	34.007
1895 (*) . .	84.722	13.989	14.185	1.120	114.016
1896 (*) . .	49.846	14.965	5.713	3.663	74.187
1897 (*) . .	52.880	9.943	3.751	3.097	69.671
1898 (*) . .	20.389	3.439	2.470	463	26.761
1899 (*) . .	11.496	2.342	2.140	498	16.476
1900 (*) . .	7.460	2.055	251	1.335	11.101
1901 . . .	55.764	6.744	4.927	540	67.975
TOTAL . .	493.467	95.793	64.198	16.785	670.243

(*) Nesses annos, a divisão por nacionalidade refere-se, exclusivamente, aos immigrants que vieram com passagem paga pelo Governo. (Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas — "Departamento Estadual do Trabalho", S. Paulo, 1915).

Não é sómente S. Paulo que vê crescer o volume do contingente branco da sua população; por todo o paiz, do norte ao sul, o affluxo immigratorio dos povos europeus tem sido consideravel nos ultimos tempos. Tomando apenas para exemplificação o quinquennio que vae de 1908 a 1912, e considerando exclusivamente, entre os immigrantes aqui entrados por esse tempo, os de origem italiana, franceza, portugueza, hespanhola, alleman, austriaca, ingleza, slava e hollandeza, que são os de maior contingente, teremos o seguinte quadro estatistico:

Nacionalidades	Immigrantes	Nacionalidades	Immigrantes
Portuguezes .	223.085	Austriacos . .	19.834
Hespanhóes .	114.557	Francezes . .	6.277
Italianos . .	96.403	Inglezes . . .	5.208
Russos . . .	37.112	Hollandezes .	2.760
Allemaes . .	22.230	SOMMA. . .	527.466

Ha, pois, uma média annual de cêrca de 100.000 immigrantes das melhores raças européas, que se distribuem pela massa da nossa população, influndo poderosamente para a redução do indice de nigrescencia da nossa gente (19).

Como se vê tambem do quadro acima, o grupo arya-no predominante nas correntes immigratorias é o das

(19) *Anuario Estatistico do Brasil*, vol I, pag. 456.

populações melanocroides e de pequena estatura, dos typos *H. alpinus* e *H. meridionalis*, isto é: portuguezes, italianos, hespanhóes e slavos. Os representantes do *H. europeus*, de LAPOUGE, devem ser raros e sómente podem vir misturados nas correntes de origem germanica (allemães, austriacos, hollandezes e inglezès) e tendem naturalmente a fixar-se nas regiões do sul, do Paraná para baixo.

Estudando-se a distribuição dessa colossal massa immigratoria, vemos que ella abrange todos os centros progressivos do paiz, do sul até o norte. E' este, com effeito, no periodo de 1908 a 1920, o quadro estatístico da sua distribuição por portos de entrada: (20).

(20) *Idem*, pags. 457-461 e Directoria do Serviço de Povoamento.

ANNOS	Belem	Recife	Bahia	Victoria	Rio de Janeiro	Santos	Paranaguá	Florianopolis	Rio Grande	Somma
1908	3.440	1.683	753	24	46.210	39.333	1.414	544	1.251	94.658
1909	3.533	610	843	20	42.763	36.014	114	448	1.099	85.444
1910	6.408	715	804	10	37.393	41.191	89	481	1.473	88.564
1911	6.086	802	902	25	72.970	53.067	78	427	1.550	135.907
1912	—	1.094	1.342	—	83.054	92.882	80	437	1.266	180.155
1913	—	—	2.150	24	78.208	110.976	81	62	986	192.487
1914	—	—	—	4	33.913	47.570	67	22	877	82.453
1915	—	—	—	—	16.180	15.575	40	—	411	32.206
1916	—	—	—	—	10.997	22.783	52	46	155	34.033
1917	—	—	—	—	6.264	24.448	138	34	308	31.192
1918	—	—	—	—	7.251	13.013	19	23	195	20.501
1919	—	—	457	—	19.303	17.641	33	20	444	37.898
Total	—	956	643	—	40.508	28.624	13	18	265	71.027
1920	19.467	5.860	7.894	107	495.020	543.117	2.218	2.562	10.280	1.086.525

Ha, portanto, tres fócios de convergencia aryana ao norte; Belém, Recife e Bahia; e cinco ao sul: Rio, Santos, Paranaguá, Florianopolis e Rio Grande. São estes os centros principaes que realizam a redistribuição pelo interior do paiz dos affluxos aryanos. Os portuguezes, de preferencia, orientam-se para Bélem; elles e os italianos e hespanhóes para Santos; e os allemães, russos e austriacos para o sul, especialmente o Rio Grande.

Esse admiravel movimento immigratorio não corre apenas para augmentar rapidamente, em nosso paiz, o coefficiente da massa aryana pura; mas tambem, cruzando-se e recruzando-se com a população mestiça, contribue para elevar, com igual rapidez, o theor aryano do nosso sangue. Não conhecemos dados que nos indiquem a intensidade desse cruzamento com as populações locaes do Pará, de Pernambuco, da Bahia e dos Estados do sul, S. Paulo, Paraná e Santa Catharina; mas, no Rio Grande, os dados que possuímos revelam quanto intensa e rapida é a fusão dos colonos europeus com a nossa população nacional. Realmente, os dados estatisticos dos casamentos, no territorio rio-grandense, durante os annos de 1918 e 1920, segundo as nacionalidades, discriminam-se da seguinte fórma para os allemães, italianos, portuguezes e hespanhóes (21).

(21) *Relatorios da Repartição de Estatistica do Rio Grande do Sul de 1919 e 1921.*

	Annos	
Alleães e brasileiras	63	91
Alleães e allemãs	22	29
Italianos e brasileiras	138	107
Italianos e italianas	38	60
Portuguezes e brasileiras	308	97
Portuguezes e portuguezas	9	32
Hespanhões e brasileiras	38	59
Hespanhões e hespanholas	4	7

Como se vê, o numero de estrangeiros que se casam com brasileiras é maior do que o dos que se casam com as suas respectivas compatriotas. E' digno de nota a alta percentagem de alleães casados com brasileiras — o que mostra que a tendencia ao cruzamento é tão profunda e intensa ali, que a ella não escapanem mesmo uma raça, que, pelo seu orgulho ethnico, parece gosar de uma certa infusibilidade (22).

XII

Neste trabalho de aryanização do nosso povo, ha outros collaboradores mais energicos do que a immigração das raças brancas da Europa. Ha as selecções naturaes e sociaes, que acceleram extraordinariamente entre nós a rapidez do processo reductor dos elementos barbaros. O meio physico e o meio social têm

(22) v. OLIVEIRA VIANNA — *Raça e assimilação*, 1932, cap. V: *Os grupos aryanos ao sul e sua tendencia á assimilação*.

uma poderosa função selectiva e a sua acção sobre cada um dos grupos ethnicos, puros ou cruzados, é muito particular, variando conforme a maior ou menor resistencia biologica de cada raça, a sua maior ou menor fecundidade, ou a sua maior ou menor adaptabilidade. Nada disto, porém, está estudado entre nós de uma maneira positiva e definitiva, com o character de precisão scientifica, que vemos nos trabalhos dos anthropologos e sociologos estrangeiros, especialmente americanos, inglezes e allemães (23).

No ponto de vista das selecções naturaes, está ainda por fazer o estudo da acção do nosso meio tropical sobre as duas raças exoticas, que collaboram na nossa formação. Nada sabemos, por exemplo, do sentido das selecções telluricas sobre a raça negra e a branca em nosso paiz. Evidentemente, o problema da acclimação do negro e do branco não parece ser de difficil solução em nosso meio; mas, em regra, a acção selectiva da terra se exerce, a não ser nos casos de climas extremos, não propriamente sobre o indiyiduo immigrado ou o colono, mas sobre a sua descendencia: — ora, nenhum dado estatistico nos informa seguramente sobre a influencia que o nosso meio tropical tem tido sobre a mortalidade dos filhos de estrangeiros aqui nascidos. Sabe-se, por observação, da fecundidade dos colonos brancos nas regiões meridionaes do paiz, mais

(23) V. OLIVEIRA VIANNA — *obr. cit.*, cap. III: *Os typos anthropologicos e os problemas da bio-sociologia.*

proximos dos climas subtropicaes. Esta fecundidade conservar-se-á, porém, nas regiões septentrionaes, que mais se aproximam da linha equatorial? (24).

Esta modalidade da selecção tellurica importa muito sobre a fixação do typo anthropologico e ethnico de uma dada população local — porque basta uma pequena differença no coefficiente de fecundidade desta ou daquella raça, pura ou cruzada, para que a raça mais fecunda acabe impondo a sua preponderancia e modelando pelo seu o typo anthropologico da população.

Por outro lado, os mestiços podem ter uma maior ou menor resistencia biologica, este ou aquelle indice de fecundidade. Nada sabemos, por exemplo, de positivo sobre a resistencia biologica do mulato — producto de duas raças exoticas — nem da sua fecundidade. O mesmo se dirá do mameluco. Ou do indio puro, quando mergulhado em meio civilizado. São investigações demographicas, que ainda estão por ser feitas em nosso paiz.

O passado, entretanto, nos dá alguns informes de alto interesse neste particular. Os observadores de então, lidando com uma população de volume muito menor, podem realizar uma observação mais acurada e minuciosa — e os dados que nos fornecem são tanto mais dignos de fé, quanto estão em harmonia com as conclusões a que chegamos pela nossa observação actual.

(24) São problemas a serem discutidos em — *O aryano no Brasil*.

Estudando, por exemplo, ha um seculo passado, a população do Maranhão, PEREIRA LAGO, de que já falamos varias vezes, constata esse duplo facto, tambem observado na mesma época entre as populações do sul: *a redução do grupo africano e a fecundidade do grupo aryano*. Dizendo que a população branca tem augmentado sensivelmente, attribue este facto á immigração, mas observa que, sendo os immigrantes, em regra, homens moços, a sua capacidade procreadora é maior: dahi, o augmento da população da raça branca. Os negros, ao contrario, têm, ao seu vêr, diminuido em numero, porque, diz elle, desde 1756 haviam entrado no Maranhão cerca de 98.000 escravos e, como o numero delles, em 1822, é apenas de 87.000, ha um *deficit* de cerca de 11.000 negros. Reconhece que, para este effeito, destruidor do *H. afer* em nosso meio, collaboram tres causas: miseria, vicio e castigo. Quer dizer: uma selecção social, uma selecção pathologica e uma selecção economica; ou, mais expressivamente: o açoitado, o alcool e a má alimentação. O coefficiente da mortalidade infantil por aquelle tempo é tambem enorme: segundo a observação popular, 2/3 das crianças morrem; e elle mesmo encontra em certas aldeias, sobre 35 crianças, 20 mortas — o que dá uma percentagem de quasi 60% para o indice da mortalidade infantil na provincia, por aquella época. Não nos diz elle quaes as raças ou os grupos ethnicos mais devastados; mas, é de presumir que, tratando-se de populações ruraes, seja sobre a plebe dos campos e não sobre a aristocracia territorial, que as selecções patholo-

gicas se exerçam com mais violencia, como ainda hoje. Ora, como na plebe dos campos, os elementos ethnicos dominantes pertencem aos typos barbaros (negros, cablocos, mulatos, mamelucos), são certamente os descendentes destes os, de preferencia, eliminados. Esta indução tem para amparal-a e robustecel-a o facto do augmento da população branca por elle mesmo assignalado.

Esta tendencia aryanizante das nossas selecções sociaes e ethnicas verifica-a, pela mesma época, em relação ás populações do sul, um outro observador, este mais autorizado e já armado de dados mais positivos e concretos do que o seu contemporaneo do norte. Estudando a natalidade e a mortalidade das populações branca, negra, india e afro-arica em Minas, ahi pelo anno de 1821, ESCHWEGE chega ás seguintes conclusões para a massa da população livre (25).

Branços:	— em 99 nascem 4;	em 106 morrem 3
Indios:	— em 99 " 4;	em 108 " 4
Mulatos:	— em 109 " 4;	em 109 " 3
Pretos:	— em 84 " 4;	em 98 " 5

Para tornar mais sensivel a differença especifica da natalidade e da mortalidade das diversas raças em

(25) ESCHWEGE — *Reflexões estatisticas de Minas Geraes*, 1821.

confronto, poderemos reduzir estes dados á mesma base centesimal — o que dá, em consequencia, o seguinte quadro.

Grupos ethnicos	Natalidade %	Mortalidade %
Branços . . .	4,04	2,88
Mulatos . . .	3,67	2,75
Indios	4,04	3,70
Pretos. . . .	4,76	5,38

Observa-se ahí a pequena fecundidade dos mulatos livres e a alta fecundidade dos negros livres. Estes, embora mais fecundos, são mais trabalhados pelas selecções pathologicas, que elevam o seu indice de mortalidade acima dos de todas as outras raças. Em confronto com o branco e o mulato, o indio, posto em meio civilizado, é inferior, como se vê, em resistencia biologica. Isto nos faz comprehender o porque da rapida destruição daquella parte da população indigena, que, nos primeiros tempos coloniaes, estava adstricta ao trabalho agricola nos latifundios: sujeito á disciplina de uma civilização superior, o indio succumbe rapidamente, não tão rapidamente quanto o negro, mas muito mais do que o mulato e o branco.

Quanto á população escrava, é esta a conclusão de ESCHWEGE:

Mulatos: — em 105 nascem 4; em 100 morrem 6
 Pretos: — em 103 " 3; em 102 " 7

Ou reduzindo á base centesimal:

Grupos ethnicos	Natalidade %	Mortalidade %
Mulatos	3,81	6,08
Pretos.	2,91	6,86

Este quadro dá-nos uma revelação assombrosa: sente-se, como que ao vivo, na sua dramaticidade dantesca, a formidável acção destructiva das selecções ethnicas e pathologicas no interior das senzalas. Emquanto a fecundidade do negro escravizado desce de 4.76 para 2.91, o seu coeﬃciente da mortalidade sóbe de 5.38 para 6.86. O mulato, embora um pouco mais fecundo quando sob o regimen do captivo, vê elevar-se, entretanto, o seu indice da mortalidade de 2.75 a 6.00.

Em summa, com uma mortalidade incomparavelmente superior á sua natalidade, a população escrava estava condemnada, logo nos primeiros seculos coloniaes, a uma rapida desaparição, si não fôra continuamente renovada, até 1850, por um largo aﬄuxo immigratorio, vindo da Africa. Sob este aspecto, pôde-se dizer que *a lei da abolição, de 1888, concorre para retardar a eliminação do H. afer em nosso paiz* — porque, não ha duvida que, conservado em escravidão, elle teria desaparecido mais rapidamente.

Na população livre, os diversos grupos ethnicos apresentam indices de crescimento muito deseguaes. O indice de crescimento effectivo de um dado grupo é,

como se sabe, determinado pela differença entre o seu indice de natalidade e o de mortalidade. Neste caso, teremos para os quatro grupos, que figuram no primeiro quadro acima:

Grupos ethnicos	Crescimento %
Branços	+ 1,21
Mulatos	+ 0,92
Indios	+ 0,34
Pretos	— 0,52

O grupo ethnico de crescimento negativo é justamente o grupo africano. O mulato, por outro lado, se mostra muito mais fecundo que o indio e o mameluco.

Como quer que seja, os indices da fecundidade effectiva dos dous grupos inferiores, o mulato e o indio, são extremamente baixos e ficam muito distantes do indice de crescimento do homem branco: ao passo que o indice deste tende para 1.50, os daquelles dous não chegam sequer a 1. Dahi: *mesmo admittindo a equaldade numerica inicial dos quatro grupos, seria inevitavel a preponderancia final do grupo branco, dada a superioridade da sua fecundidade effectiva.*

LAPOUGE não havia previsto, como não o havia LE BON, essas surpresas, realmente desconcertantes, das selecções ethnicas operando sob os tropicos, nem as maravilhas do seu funcionamento sob os nossos climas, incomparaveis na sua benignidade para o ho-

mem branco. De modo que, quando aquelle grande sabio, com a sua alta autoridade de anthropologo e sociologo, vaticina que "le Brésil constituera sans doute d'ici un siècle un immense État nègre, à moins qu'il ne retourne, et c'est probable, à la barbarie". (26) — nós temos, sem duvida e sem a menor irreverencia, o direito de sorrir...

XIII

Os elementos barbaros, que formam o nosso povo, estão sendo, pois, rapidamente reduzidos: a) pela situação estacionaria da população negra; b) pelo augmento continuo dos affluxos aryanos nestes ultimos tempos; c) por um conjuncto de selecções favoraveis, que asseguram, em nosso meio, ao homem de raça branca condições de vitalidade e fecundidade superiores aos homens das outras raças.

Esse movimento de aryanização, porém, não se limita apenas ao augmento do volume numerico da população branca pura; tambem as selecções ethnicas estão operando, no seio da propria massa mestiça, ao sul e ao norte, a redução do coefficiente dos sangues barbaros. Isto é, nos nossos grupos mestiços o quan-

(26) LAPOUGE. — *Les selections sociales*, pag. 187; LE BON. — *Lois psychologiques de l'evolution des peuples*, liv. III, cap. II.

tum de sangue branco cresce cada vez mais, no sentido de um refinamento cada vez mais apurado da raça.

O cruzamento das raças humanas é um problema de zootechnica, como o cruzamento das raças animaes, a bovina, a ovina, a cavallar, ou qualquer outra; as leis que regem este applicam-se inteiramente ao cruzamento humano. Simplesmente, o cruzamento humano se faz sob o regimen da panmixia; ao passo que o cruzamento das raças domesticas se faz, em regra, sob o regimen da selecção, racionalmente conduzida e disciplinada. Ora, nos cruzamentos animaes, sabe-se como se pôde “enzertar” numa raça inferior, pouco a pouco, os caracteristicos e as qualidades de uma outra raça superior, de maneira a formar, por selecções successivas, um novo typo ethnico, que, embora de origem espuria, possua os attributos mais excellentes da raça superior. Ha, por isso, na classe dos animaes puros, a dupla categoria dos “puros por *pedigree*” e “puros por selecção”. Estes, é claro, não são puros realmente, porque é uma regra, em zoologia como em anthropologia, que “sangue cruzado não se torna puro”; de modo que quaesquer descuidos ou erros de selecção podem abrir ensanchas aos retornos atavicos, capazes de reconstruir o typo da raça inferior.

Nos cruzamentos humanos, esses retornos atavicos são muito communs, porque o cruzamento entre os homens não obedece a nenhum criterio racional. Dahi um perpetuo *fieri* no seio da nossa massa mestiça, onde os typos que propendem para as raças barbaras renascem

continuamente, por via de atavismo regressivo, ao lado dos typos que, por via de atavismo progressivo, propendem para as raças aryanas.

E' provavel que, se as immigrações aryanas não estivessem constantemente renovando, desde os primeiros seculos coloniaes, o contingente dos reproductores puro-sangue em nosso povo, os cruzamentos, forçados a sómente se realizarem entre individuos de sangue impuro, acabassem permittindo a reconstituição dos typos barbaros: e é esta a presumpção de LAPOUGE e LE BON. Estes ethnologos, porém, não levam em conta o soberbo augmento dos contingentes aryanos pelas immigrações e raciocinam como se o nosso paiz, depois de ter accumulado em seu territorio, num dado momento, uma massa formidavel de negros, indios e brancos, se isolasse dahi por diante dos contactos europeus e deixasse ás selecções ethnicas, com o seu cortejo inevitavel de atavismos degenerescentes, a plena liberdade de realizar a sua obra de abastardamento e regressão.

O facto da existencia desse nucleo de reproductores aryanos, puros por *pedigree*, no seio da nossa população, tem valido como uma causa poderosissima de accleração na marcha do nosso apuramento ethnico. Os typos mestiços, que se cruzam com elles, geram individuos que, pela maior dosagem do sangue aryano, tendem a se aproximar rapidamente, pelos caracteres anthropologicos e psychologicos, do typo europeu. O processo clarificador, é, ao contrario, incomparavel-

mente mais demorado e retardio, quando os cruzamentos dos nossos elementos mestiços se fazem com typos aryanos, mas trazendo dóses, embora pequenas, de sangues barbaros. Dahi a rapida clarificação das populações locaes, observada nas regiões do sul, como no plató do Iguassú, no Paraná, em Santa Catharina, no Rio Grande, em S. Paulo, zonas de grande affluxo immigratorio, em contraste com a lentidão do processo clarificador nas outras regiões do paiz, especialmente os nossos sertões septentrionaes, zonas onde a infiltração dos novos contingentes aryanos tem sido intermittente e diminuta.

Nesse trabalho de refinamento da raça, vemos o branco impôr cada vez mais aos typos mestiços os seus caracteres somaticos bem como os psychologicos. Comtudo, os elementos barbaros, ao se cruzarem com o branco, não perdem inteiramente os seus attributos raciaes: certos caracteres ha que se conservam, com mais ou menos persistencia, nos typos mestiços mais apurados.

Nos mulatos, mesmo os mais claros, por exemplo, o sangue negro, em regra, se denuncia nos cabellos, que se lhes encrepam ou "ondeiam" indiscretamente, e nos traços physionomicos, que nem sempre guardam a pureza e elegancia do typo aryano. Os labios grossos e o nariz chato do negro persistem, ás vezes, em mestiços, que por outros caracteres em nada differem de um perfeito exemplar da raça branca. Entretanto, o sangue negro é menos resistente do que o do indio á

acção selectiva do sangue aryano: a clarificação do mulato é mais rapida do que a clarificação do mameluco.

Este, nos primeiros cruzamentos, traz mais accentuados os caracteres anthropologicos do *H. americanus*, que lhe transmite o bronzado da pigmentação, o negro e o corredio dos cabellos, o feitio mongolico dos olhos e a solidez soberba do arcabouço. Estes caracteres persistem longamente nos typos cruzados, por maior que seja a dosagem do sangue branco. Quando mesmo este vem a eliminar do mestiço a coloração bronzada do americano, não consegue substituir, sinão muito lentamente, os outros caracteres (26).

Para essa preponderancia dos caracteres arianos nos typos mestiços, as selecções sexuaes concorrem tambem como uma acção inestimavel. Tendo de cruzar-se com raças barbaras, que absolutamente não primam pela belleza, os brancos procuram os exemplares menos repulsivos e que mais se aproximam do seu typo physico. Dahi, no seu cruzamento com indias e negras, darem elles preferencia áquellas, cujos caracteristicos anthropologicos estão mais em consonancia com o seu ideal de belleza. Em relação ao typo negro, por exemplo, já vimos que os colonos brancos têm particular attracção pelas negras de raça "mina", porque estas, como as "fulas", as "felanins", as "achatins", estão entre as mais bem dotadas no ponto de vista da

(26) Pontos a serem debatidos em — *O aryano no Brasil.*

belleza plastica: a côr não tem o negro retinto de certas tribus, mas um matiz agradável, tirando mais para o azeitona ou o bronze; os traços da physionomia são mais harmoniosos e puros. Por outro lado, quando elles têm que escolher entre a negra e a mulata, escolhem esta ultima, porque está mais proxima do seu typo — o que faz o austero ANTONIL dizer que o Brasil “é o inferno dos negros, o purgatorio dos brancos e o paraíso dos mulatos e mulatas”. Esta predilecção dos colonos brancos pelas mulatas e caboclas, durante o periodo colonial e mesmo na actualidade, tem uma funcção superior na evolução da nossa raça, porque opera como um agente incomparavel de acceleração no processo de clarificação do nosso typo nacional.

Este, em virtude dessas selecções sexuaes, não só se aryaniza na côr, como tambem nos outros attributos physicos, inclusive o da belleza. Embora o nosso typo ethnico, oriundo, como é, do cruzamento do aryano com duas raças feias, não possa, por emquanto, nessa phase de elaboração em que está, ostentar um typo plasticamente perfeito, comtudo, nas altas classes urbanas e ruraes, e especialmente entre as mulheres, tanto hoje, como no periodo colonial, apresenta esplendidos especimens de belleza incomparavel. Já o citado PEREIRA LAGO dizia que “no Maranhão ha duas cousas que excedem muito as suas correspondentes no resto do Brasil, que são: as senhoras em formosura, agrado e espirito e, entre as fructas, o ananaz-abacaxi, pela sua figura, aroma e sabor”. Nos campos geraes de

Curityba, SAINT-HILAIRE, pela mesma época, surpreende-se com o typo dos homens e a belleza das mulheres: — “Bem diversamente dos pobres mestiços, que povôam os campos perto de Itapeva, os moradores dos Campos geraes são altos e bem feitos, de cabellos castanhos e tez corada e trazem na physionomia o cunho da bondade e da intelligencia. São as mulheres, na sua maior parte, summamente bonitas; têm as faces côr de rosa e nos traços delicadeza tal como nunca notei em brasileira alguma”.

XIV

Disse alguém que as estatísticas são a consciencia das sociedades: por ellas é que estas tomam conhecimento das transformações obscuras, que se operam na intimidade da sua economia, ou, por assim dizer, dos phenomenos da sua vida subconsciente. Essas mysteriosas operações, que as varias modalidades de selecção ethnica estão realizando na intimidade da nossa massa nacional, no sentido de clarifical-a e aryanizal-a, si são, a bem dizer, imperceptiveis a olho nú, mostram-se, entretanto, clarissimas, de uma visibilidade meridiana, quando reveladas á luz dos dados estatísticos. Estes é que nos vão dar a conhecer, na sua plenitude, a portentosa efficiencia desse maravilhoso, si bem que obscuro, trabalho selectivo, a que está sujeito o nosso povo, desde o primeiro seculo colonial, mas cuja realidade sómente se torna demonstravel ao chegarmos aos fins do IV seculo.

O delicado e complexo mecanismo das selecções ethnicas já o explicamos nos paragraphos anteriores: mas, a demonstração da excellencia dos seus effeitos é o presente quadro estatístico que nos dá (27):

ANNOS	Branços %	Negros %	Indios %	Mestiços %
1872.	38.1	19.7	3.9	38.3
1890.	4.0	14.6	9.0	32.4

Como se vê, o coefficiente do *H. afer* em nossa população desce, em menos de vinte annos, de 19.7 a 14.6 — o que confirma os dados de ESCHWEGE colhidos nos principios do seculo passado. Embora haja a assignalar um certo augmento para o contingente do *H. americanus*, os dous pontos mais impressionantes desse quadro, em que se dá o balanço ethnico do nosso povo, em menos de 20 annos de evolução, são os que se referem ao contingente aryano e á massa numerosa dos mestiços. Estes, que formam 38.3% da nossa população em 1872, reduzem-se, em menos de vinte annos, a 32.4%. E' que grande numero desses mestiços foram eliminados pela morte e outros, já clarificados pelo trabalho subtil das selecções sexuaes, passaram-se para a columna dos brancos.

Os brancos, que representam os 38% da população em 1872, são, em 1890, já 44%: isto é, ao passo

que os negros se reduzem de 5.1% e os mestiços de 5.9%, o volume da população branca augmenta de cerca de 6.0%.

Em certas zonas de immigração aryana mais intensa, como no Rio Grande do Sul, por exemplo, a redução dos coefficients das raças inferiores ainda é mais rapida e sensivel. O quadro abaixo, referente apenas ás tres raças fundamentaes, e com exclusão dos mestiços, é extremamente expressivo neste ponto (28) :

ANNOS	Branços	Negros	Indios
1872 . . .	59,4	18,3	5,9
1890 . . .	70,2	8,7	5,4

Vê-se como é rapida, no extremo-sul, a destruição da população negra. Em menos de um vintennio, o seu coefficiente, que é de 18.3, cáe a 8.7, com uma grande redução, portanto, de 9.6%. O elemento indigena, por seu turno, conserva-se, por assim dizer, estacionario, apresentando mesmo uma pequena redução de 0.5. Em contraste com esta evolução descendente dos dous typos barbaros, o magnifico movimento ascensional do typo aryano, que, em 1872, representa quasi os 60% da população e que, em menos de vinte annos, em 1890, passa a representar os seus 70% : mais 26%, portanto, do que a média geral do paiz.

(28) Recenseamento de 1872 e 1890.

XV

No norte e no centro, o processo aryanizante tem uma marcha menos sensível e rápida. Dada, porém, a maior fecundidade do elemento branco, em confronto com a do negro, do índio e do mestiço, é obvio que essa aryanização da nossa gente também se está operando, lentamente embora, nas regiões centrais e septentrionais do país, nas zonas da costa mais intensamente do que nas zonas do interior.

Nenhum dado digno de fé científica justifica, por outro lado, a afirmação, um tanto generalizada, de que, na zona do nordeste, se está elaborando uma sub-raça mestiça. Os tipos cruzados, como vimos, não têm estabilidade somatológica; estão sempre sujeitos a movimentos de regressão ao tipo anthropologico das raças originárias. Os chamados "caboclos" do nordeste, em geral, mestiços indo-americanos, têm que evoluir, portanto, num sentido ou noutro, ou para o homem americano, ou para o homem europeu. Por isso, não nos parece possível a fixação definitiva do tipo anthropologico dos nossos sertanejos do nordeste, isto é, a formação, naquella parte do país, de uma nova categoria ethnica, perfeitamente definida e estabilizada. Dado, porém, o sentido, que mostram ter, entre nós, as selecções ethnicas, tudo nos leva a crer que a regressão dos tipos mestiços se dará em favor do homem branco, pela progressiva eliminação do sangue vermelho. Na massa cabocla do nordeste.

te os typos que hão de emergir ao fim desse trabalhoso processo selectivo, a que ella está sujeita, hão de ser, alli — como ao centro, como ao sul, como em todo o paiz — variantes do aryanoide, vestidas com a libré dos climas tropicaes.

TERCEIRA PARTE

Evoluções das instituições politicas

SUMMARIO:

I. Dispersão inicial dos centros de colonização. — II. O problema da organização politica e os estadistas coloniales. — III. O primeiro governo: simplicidade da sua organização. — IV e V. Fragmentação crescente da estructura politica inicial. — VI. O problema da circulação politica no periodo colonial. — VII. Os factores geographicos e sua acção pulverizadora. — VIII e IX. Os factores geographicos e sua acção diferenciadora. — X, XI e XII. Os factores sociaes: acção diferenciadora. Synthese do periodo colonial. — XIII. Os estadistas do Imperio e o problema da organização politica. — XIV e XV. O movimento da Independencia. A aristocracia da terra. — XVI a XXI. O problema da unidade politica. O poder moderador. O "poder pessoal". Elementos auxiliares. Reacção liberal. — XXII e XXIII. O ideal federativo. — XXIV. Os estadistas imperiales e sua objectividade. — XXV. O ideal republicano. Sua victoria. — XXVI. Organização republicana federativa. — XXVII a XXIX. Os primordios da Republica. — XXX. Evolução politica dos Estados. — XXXI a XXXIII. Os fundamentos da hegemonia da União. Reacção contra o centrifugismo estadual. O exito da politica unitaria.

O PERIODO COLONIAL

I

DADA a extensão da parte do continente que, pelo tratado de Tordezilhas, de 1494, cabe á Corôa portugueza, a disseminação do seu povoamento é um facto inevitavel. O meridiano de Tordezilhas córta a linha da costa brasileira, mais ou menos, na fóz amazonica e dahi, penetrando pelo interior, vae sahir em ponto não muito distante da actual cidade de Laguna, no litoral catharinense. Tudo que fica áquem desta linha forma o dominio portuguez da America.

Embora relativamente pouco consideravel em profundidade, esse dominio é considerabilissimo na sua extensão pela linha da costa. Deslumbrado pelo encanto das Indias, o governo portuguez desdenha-o durante os primeiros annos da sua descoberta. Desde o dia em que as caravellas de CABRAL fundêam na bahia de Porto Seguro até a vinda de MARTIN AFFONSO e dos primeiros donatarios, o Brasil permanece esquecido da metropole portugueza: apenas algumas feitorias

rudimentares se perdem, anonymas, em varios pontos da vasta costa despovoada.

Com os primeiros donatarios começam-se a formar os nódulos iniciaes do povoamento, as bases, elementares embora, mas regulares, da colonização. Dos doze donatarios, a quem coube a partilha da vasta colonia, nem todos chegam, é certo, a colonizar efficazmente os seus quinhões, vastas extensões de cincoenta leguas de costa, prolongando-se pelo sertão até encontrar a supposta linha de Tordezilhas. Uns não conseguem sequer iniciar o povoamento; outros, iniciando-o, fracassam, ou por insufficiencia de meios pecuniarios, ou porque succumbem diante da opposição do gentio indomado e bellicoso.

Pequenos fócios iniciaes se constituem, entretanto, ao norte e ao sul, oriundos desse esforço preliminar de colonização, e tem cada um delles destino vário e historia differente: São Vicente, Victoria, Ilhéos, Bahia, Itamaracá, Olinda. Dentre esses fócios, São Vicente, Olinda e Bahia vão presidir, respectivamente, ao norte e ao sul, nas suas ultiores expansões, quasi toda a historia colonial. Delles, directa ou indirectamente, novos nucleos saem, que se multiplicam em outros, ou no sentido da linha dos littoraes, ou na direcção das terras interiores: mattas, campos geraes, sertão.

O habitat variadissimo, dentro do qual se realiza essa multiplicação dos nódulos da colonização inicial; as condições especiaes em que se opera essa multiplicação; as causas que lhe dão origem; os objectivos

visados; factores de isolamento e diferenciação, que surgem ulteriormente, reagindo sobre cada um desses nódulos e modificando-os na sua estrutura interna e nas suas condições de vida: tudo concorre para tornar esses nucleos de povoamento, não só dispersos e quasi sem contacto uns com os outros, ou de contacto difficilimo ou intermittente, como profundamente diferenciados na sua composição ethnica, nas suas bases economicas, na sua organização social.

II

Dahi a difficuldade do problema politico, proposto ao tino dos estadistas coloniaes. Trata-se de organizar um mecanismo de governo administrativo e de governo politico, que seja mais adaptado e conveniente a esse conjuncto incoherente e heteroclitico de nódulos sociaes, caracterizados pela sua *extrema dispersão*, pela crescente *complexidade da sua estrutura intima*, pela *differenciação das suas bases geographicas* e pela *diversidade das pressões externas*, a que estão submettidos. Esses factores todos são levados em conta por aquelles politicos, quando se faz preciso compôr as varias peças do governo geral, como os pequenos aparelhos do governo local e regional.

O senso objectivo dos velhos estadistas coloniaes mostra-se, neste ponto, na plenitude da sua efficiencia. Ha, de certo, muita trasladação injustificada de orgãos e peças do velho mecanismo do governo da metropole

para o novo meio americano. Ha instituições sem razão de ser aqui, ha aparelhos que não podem funcionar regularmente, pela discordancia entre a sua finalidade e as condições especificas da nova sociedade a organizar; ha peças do mecanismo administrativo, que invéz de regular e normalizar a marcha do nucleo, a que se ajustam, a retardam, a embaraçam ou a desviam; outras funcionam como factores de irritabilidade e dissociação dos pequenos organismos em formação; outras os comprimem em demasia e os asphyxiam, e são causas, ora de destruição de centros vivazes de vida colonial, ora de um estado permanente de instabilidade e desordem, que se faz o germen de futuras e perigosas agitações. No meio desses desacertos, ha, porém, grandes acertos, um superior espirito de objectividade, um admiravel senso das nossas realidades, um conhecimento profundo e meticoloso das peculiaridades da nova terra e da gente que a conquista, a desbrava e a povôa.

Os erros iniciaes, commettidos por elles na adaptação das velhas instituições peninsulares, são inevitaveis, considerando-se que esses homens trazem uma mentalidade formada num meio inteiramente differente do meio em que vão exercer a sua acção organizadora, e que os problemas que os defrontam são inteiramente novos, contendo dados de equacionamento para elles absolutamente ineditos e mesmo imprevisiveis. Demais, faltam a essa nova sociedade, já original na sua estrutura e physionomia, as condições de relativa estabilidade, dentro das quaes funcionam os órgãos da super-

estructura politica da metropole; e a extrema mobilidade e instabilidade dos grupos, que a compõem, altera a simplicidade da organização administrativa inicial, e a distende, e a complica, e a differencia, no sentido de um continuo reajustamento ás novas condições da sociedade e do meio. O modo por que operam esse trabalho de adaptação e reajustamento honra, porém, sobremaneira o talento politico e a capacidade organizadora dos estadistas coloniaes.

III

O mecanismo inicial do governo geral da colonia é extremamente simples. Ha o "governador geral", concentrando em suas mãos o "governo politico" e o "governo militar" da colonia. Em torno desse órgão central aggrupam-se outros órgãos elementares e essenciaes á administração: o "ouvidor-mór", encarregado geral dos negocios da justiça; o "procurador da fazenda", encarregado das questões e interesses do fisco real; o "capitão-mór da costa", com a função da defesa do vasto littoral, infestado de flibusteiros. Nesta ultima criação já se começa a sentir a influencia do novo meio: é já ella uma adaptação ás condições especiaes da colonia, com as suas costas desabrigadas e indefesas, aguçando o instinto predatorio dos corsarios.

O desenvolvimento e a diffusão da massa colonial, ou, melhor, a incoercivel irradiação colonizadora dos varios focos iniciaes de dispersão, Bahia, Pernambuco,

São Vicente e São Paulo principalmente, vae modificar dentro em pouco essa simplicidade inicial da nova super-estructura governamental, differenciando-a, complicando-a, distendendo-a, ou pela multiplicação de velhos órgãos, já pre-existentes no mecanismo politico da metropole, ou pela criação, *in loco*, de outros órgãos, inteiramente novos e originaes.

IV

O primeiro elemento de differenciação do organismo politico-administrativo inicial é a dispersão mesma dos nódulos de povoamento, a enormidade das distancias que os separa e os perde na vastidão immensuravel da terra. Em vez de ter partido de um centro unico, a colonização, como vimos, partiu de varios centros extremamente distantes uns dos outros, tendo cada qual a sua evolução autonoma e propria. O problema da organização do governo dessa massa assim rarefeita e ganglionar, numa época em que os meios de inter-communicação são os mais rudimentares, torna-se, pois, um problema politico dos mais arduos e penosos para os homens de estado peninsulares. Dahi essa longa e secular oscillação em que, nos primeiros seculos, vivem todos elles, no tocante á conveniencia de um governo unico ou de um governo duplo para a nova colonia.

O systema unitario domina desde THOMÉ DE SOUZA a MEM DE SÁ, durante mais de um vintennio. Rompe-

se, em 1572, com este systema para adoptar-se o systema duplo, que rege a nova colonia apenas durante cinco annos. Retoma-se a antiga unidade em 1577, para de novo abandonal-a em 1608 pelo systema da divisão, que tem uma duração ephemera, apenas de quatro annos. De 1612 em diante os dous governos se fundem novamente até a chegada do primeiro-vicey, D. JOÃO DE MASCARENHAS, em 1640.

Neste rythmo secular, sente-se que o *pensamento dominante dos estadistas coloniaes é o da unidade; a duplicidade do governo é sempre uma solução provisoria, uma situação excepcional, de que elles procuram sahir o mais rapidamente possivel.*

Esse alto pensamento de centralização e unidade não tem, porém, para amparal-o um systema complexo e efficiente de circulação inter-regional, que só muitissimo mais tarde se pôde constituir. E' então forçado a ceder diante do facto geographico da dispersão dos nódulos iniciaes da colonização. O apparatus rudimentar, de estructura unitaria, inaugurado por THOMÉ DE SOUZA, quebra-se e reconstitue-se varias vezes, já o dissemos; mas, essa reconstituição é meramente illusoria, porque a sua fragmentação se torna cada vez mais imperiosa e necessaria, á medida que os nucleos colonizadores dilatam as suas respectivas bases geographicas (1).

(1) O fundamento da duplicação do governo colonial em 1572 é justamente a desmedida amplitude da base geo-

E' assim que a irradiação para o norte do nódulo pernambucano, a colonização consequente do Ceará e do Maranhão e a conquista do Amazonas, augmentando desmedidamente a área geographica do povoamento, produz a ruptura da primitiva unidade governamental. Desde então (1621), a colonia é dividida em duas secções, inteiramente independentes uma da outra — o *Estado do Brasil* e o *Estado do Maranhão*; este tendo governo sobre todas as capitanias do Ceará até o extremo norte; aquelle comprehendendo sob o seu dominio todas as capitanias, que se extendem desde o Rio Grande do Norte até São Vicente, ao sul.

Nesta separação, a acção do factor geographico é poderosamente influente. Circumstancias materiaes, inteiramente particulares ao regimen dos ventos e das correntes oceanicas da nossa costa septentrional, fazem, com effeito, com que as communicações dessa região com a metropole sejam muito mais commodas e facéis do que com o governo geral, localizado na Bahia. Determinando, por exemplo, que, nas causas crimes e civeis do Estado do Maranhão, os recursos sejam interpostos para a Casa da Supplicação, em Lisboa, e não para a Relação da Bahia, o governo da metro-

graphica da colonia — "...sendo as terras da costa do Brasil tão grandes e distantes uma das outras... não podiam ser inteiramente governados como cumpria, por um só governador, como até aqui nellas houve" — diz a carta regia de 10 de Dezembro de 1572, pela qual se institue o duplo governo da colonia.

pole allega, como justificativa, "a maior facilidade que ha das ditas partes do Maranhão para este Reino que para a Bahia, onde está a Relação do Estado do Brasil".

O elemento geographico, com essa secessão da colonia em dous Estados perfeitamente distinctos, não pára, entretanto, a sua obra de desintegração da primitiva unidade politica do governo. Dentro de cada um desses Estados o trabalho desintegrador, resultante da latitude geographica excessiva, continúa a operar-se intensamente, ou criando novos centros independentes de actividade politica, ou distribuindo entre novos órgãos periphericos parte da autoridade dos órgãos centraes e, portanto, reduzindo nestes a força do seu prestigio e a capacidade da sua acção.

O Estado do Maranhão, por exemplo, mantem, com vicissitudes várias e no meio de formidaveis difficuldades, a unidade do seu governo geral até 1760, isto é, durante cerca de seculo e meio. O desenvolvimento, porém, dos centros de colonização do valle amazonico, a sua irradiação para o interior, através das facilidades da grande arteria fluvial, que fórma a base do seu systema hydrographico; a presença, por outro lado, dos francezes nas regiões proximas das Guyanas; tudo concorre para difficultar cada vez mais a efficiencia administrativa e militar do governo geral, cuja séde está no Maranhão. Essa dispersão dos centros do povoamento, consequencia do crescimento cada vez mais rapido da sua base geographica na direcção

do extremo-norte, reagindo sobre a unidade da organização politica, acaba, por fim, rompendo-a em dous fragmentos. Desaggrega-se então o velho "Estado do Maranhão": e a nova capitania do Pará constitue-se em um novo governo geral, imperando sobre Pará e Amazonas, enquanto o Estado do Maranhão reduz a sua base geographica, passando a comprehender sómente Maranhão e Ceará.

De modo que, num dado momento, tres são os governos geraes, que procuram regular a vida da população colonial, incoherente e instabilissima, distensa em nucleos disseminados por uma vasta extensão de terra, que comprehende na sua enormidade quasi todo o Brasil actual: o governo geral do Pará, o governo geral do Maranhão e o governo geral da Bahia, cada qual com a sua economia á parte e entendendo-se com Lisboa.

O proprio governo geral da Bahia, que rege todas as capitancias do Rio Grande do Norte para baixo, acaba desintegrando-se tambem, em 1657, com o estabelecimento do governo geral de Pernambuco, com imperio sobre Parahyba, Rio Grande do Norte e Alagôas.

Mal se reconhece nesta multiplicidade de mecanismos politico-administrativos, com tendencias cada vez mais sensiveis para subdividirem-se, os simples do primitivo aparelho, de feitura elementar, com que, em 1549, THOMÉ DE SOUZA inaugura, na Bahia, o governo geral do Brasil.

Os homens de estado portuguezes procuram, como se vê, resolver os problemas da administração e da defesa militar da colonia, segundo um pensamento de centralização e unidade, de modo a manter unida e cohesa essa vasta massa amorpha e ganglionar, que é a população colonial dos primeiros seculos. Contra essa pretensão levanta-se, porém, a fatalidade inexoravel, que ainda hoje nos pesa e embaraça, da latitude excessiva do territorio, criando o problema das distancias insuperaveis e invenciveis. Elles são levados, dest'arte, a abandonar o seu bello sonho de unidade politica para realizar, pela fragmentação do poder e da autoridade, uma melhor administração e uma melhor defesa dos nucleos coloniaes.

Este facto tem, ao sul, uma evidencia ainda maior que ao norte. E'ahi que sentimos a acção poderosamente desintegradora da nossa desmarcada base physica.

V

Repellidos os francezes do Maranhão, expulsos os hollandezes de Pernambuco, o norte entra numa phase de calma e silencio e perde, aos poucos, o interesse politico, que possuia aos olhos da metropole: o seu desenvolvimento é agora todo interior, caracterizado principalmente pela surda e incoercivel expansão dos criadores bahianos e pernambucanos pelos valles dos grandes rios até o amago dos altos sertões. O sul, ao contrario, começa a atravessar uma phase de extraordinaria

actividade e a adquirir cada vez mais interesse e importancia. Os sertanistas de São Vicente e de São Paulo entram a estender as suas incursões pelo interior dos planaltos, caçando indios, fundando curraes e engenhos, pesquisando o ouro (2). Por outro lado, os hespanhoes, avançando cada vez mais as suas conquistas, começam a chocar-se com os vanguardas da colonização portugueza, que tambem se adianta rapidamente. Tudo isto repercute sobre a organização do governo colonial de uma maneira consideravel: *o centro de gravidade economica e militar da colonia desloca-se do norte para o sul e com elle o centro de gravidade politica.* Dahi o expediente da mudança do governo geral, cuja séde é a Bahia, para o Rio, que, desde 1760, passa a ser capital do Brasil.

Esse deslocamento do centro do governo geral da Bahia para o Rio é mais uma prova do quanto é dominante nos estadistas coloniaes o pensamento da unidade politica. Elles só a quebram quando é inteiramente impossivel deixar de o fazer, sem prejuizo da administração e da defesa da colonia. No norte, empregam egual recurso no *Estado do Maranhão*, deslocando a capital do Maranhão para o Pará (1751), para onde se havia deslocado o centro de gravitação do extremo-norte. No sul, usam ainda o mesmo expediente, quando o movimento em torno das minas se intensi-

(2) v. OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil cap. V.*

fica: e vê-se então o governador da capitania de São Paulo assistir, ora em S. Paulo, ora em Minas, e mesmo quando a expansão mineradora se estende mais para o noróeste, em Matto Grosso (3).

Logicamente, todas as vezes que a massa colonial, dotada, como já vimos, de extrema mobilidade, criasse um novo centro de condensação e rompesse o equilíbrio social estabelecido, o que os politicos coloniaes deviam fazer era criar um novo centro politico correspondente, partindo a unidade anterior; mas, as suas preoccupações unitarias os levam a essa contemporização da mudança das capitaes, impellindo para o zonas de maior tensão e interesse o centro do governo geral.

Entretanto, essa providencia, que é uma fórma habil de elidir o imperativo da secessão, não impede, nem ao sul, nem ao norte, a fragmentação do aparelho administrativo. Esta se faz inevitavel, ao sul, por exemplo, desde o momento em que os bandeirantes paulistas, expandindo-se, com prodigiosa rapidez, para os sertões do planalto central — para Minas, para Matto Grosso, para Goyaz — bem como para os campos geraes do Iguassú, no planalto paranaense e catharinense, ampliam, de uma maneira surprehendente, a base geographica da população.

E' de ver-se, então, como sob a apparente centralização do vice-reinado, imponentemente fixado no Rio,

(3) v. *Documentos interessantes*, v. XII, pg. 8.

os governos locais se vão multiplicando e, pelas circunstancias particulares em que actúam, vão arrebatando ao governo central a maior parte da sua autoridade.

Desagregado o Rio da subordinação da Bahia, meio seculo depois delle se desagrega a capitania de São Paulo, formando com Minas um só governo (1709). Pouco depois (1720), é já Minas que se desprende do governo de São Paulo e organiza-se em capitania propria, com o seu governo particular, independente. Ficam, comtudo, pertencendo a São Paulo os vastos sertões de Goyas e Matto Grosso, batidos em suas bravias solidões pela audacia dos caçadores de ouro. Em 1744, porém, Goyaz se erige em capitania autonoma, separando-se da subordinação paulista. Quatro annos mais tarde, Matto Grosso o acompanha, obtendo um governo egualmente autonomo e proprio (1748).

O Rio Grande do Sul, é certo, só se constitue em capitania á parte em 1807, desligando-se do Rio: mas, antes mesmo, a sua subordinação ao governo do Rio é quasi que puramente nominal: as condições especificas, em que evolue a população do pampa, sob a pressão constante das guerras platinas, tornam o governo militar, que ali se constitue, perfeitamente independente do centro de subordinação fluminense — e disso se queixam, com amargura, os vice-reys. O acto de separação e autonomia de 1807 vem apenas reconhecer e legalizar uma velhissima situação de facto.

VI

O trabalho de desintegração, operado sobre o mecanismo governamental da colonia pelo factor geographico, depois de ter fragmentado assim a unidade do antigo *Estado do Brasil*, continua, ao norte, a exercer sobre os varios mecanismos politico-administrativos, que ali se haviam constituido, a sua formidavel acção descentralizadora. O velho *Estado do Maranhão*, que se bipartira, como vimos, em 1757, com a autonomia do Pará, continúa a desintegrar-se: em 1799, d'elle se desprende o Ceará e, já no seculo IV, em 1811, o Piahy — nebulosa politica, que ainda hoje, passado mais de um seculo, ainda não se definiu devidamente.

Dos flancos do governo geral de Pernambuco, por si mesmo um fragmento do antigo *Estado do Brasil*, destaca-se, em 1799, a Parahyba, que se organiza em governação autonoma. Depois, em 1817, Alagôas e, dous annos mais tarde, já nas vesperras da independencia nacional, o Rio Grande do Norte. Na mesma data (1820), da capitania da Bahia se liberta o pequeno Sergipe.

Os estadistas coloniaes tentam resolver, como se vê, um grande problema de conciliação: *a conciliação entre o principio da unidade do governo e a tendencia regionalista e desintegradora, oriunda da extrema latitude da base geographia, em que se assenta a população.* Este grande problema, que os politicos penin-

sulares resolvem, como estamos vendo, á sua maneira, vae ser o centro, em torno do qual vão girar todas as preocupações dos estadistas imperiaes e a razão de ser de todas as luctas civis, que encham a historia dos nossos cem annos de independencia.

Realmente, aos olhos dos estadistas colouiaes, o phenomeno brasileiro é inteiramente original; não ha então nenhum antecedente historico no mundo europeu, capaz de servir de guia aos politicos peninsulares. Trata-se de uma sociedade que realiza essa condição particular: *um maximo absoluto de base physica com um minimo absoluto de circulação social e politica.* Os seu nódulos sociaes se perdem, disseminados e rarefeitos, sobre uma área territorial immensuravel: emquanto que, em virtude desse mesmo facto, aggravado pelo rudimentarismo dos meios de communicação, principalmente os meios terrestres, a interpenetração desses nódulos, as suas zonas de contacto economico e social, a sua circulação interior e exterior estão reduzidas a condições quasi nullas ou negativas.

Realizar, numa sociedade assim estruturada, a unidade do governo é um problema inçado de arduas difficuldades e, na verdade, insolúvel. Um governo unitario implica uma base geographica reduzida, com uma perfeita circulação politica, ou uma base geographica ampla, mas tambem, correspondentemente, uma circulação politica extremamente desenvolvida: *ampliar as bases physicas do Estado, sem ampliar igualmente, e de uma maneira proporcional, os seus meios de*

circulação politica, é condemnal-o fatalmente á fragmentação.

Desde o momento em que o governo portuguez, para iniciar o povoamento do seu dominio americano, estabelece o systema das capitánias, distribuidas por toda a vasta costa brasilica, e cria, dest'arte, varios centros de colonização a distancias extraordinarias uns dos outros, elle, implicitamente, cria aqui as condições de inviabilidade a qualquer governo unitario. O governo geral de THOMÉ DE SOUZA repousa apenas numa illusão, aliás rapidamente dissipada. Chegados aqui, e entrados em contacto com a terra, os velhos estadistas coloniaes comprehendem lucidamente a originalidade da situação americana e, obedecendo á fatalidade geographica, resignam-se a essa conclusão inevitavel: *fragmentação do poder como meio melhor de defesa e administração.*

Não é essa a conclusão a que chegam os grandes fundadores de Imperios da antiguidade e dos tempos modernos. Os grandes Imperios antigos, como a Persia ou Roma, realizam a conciliação entre o principio da unidade do governo e uma base teritorial enormissima.

Roma estende o seu poder sobre tres continentes, desde as florestas da Germania aos desertos da Africa, desde as margens atlanticas da Ibéria até o centro das planicies da Asia. Distendido sobre essa prodigiosa superficie, o Estado Romano mantem, entretanto, a sua soberba unidade. O poder imperial, do alto da sua col-

lina, estende o peso do seu braço de ferro sobre todo o orbe conhecido. Nada lhe embaraça a rapidez do golpe; nenhuma distancia, por maior que seja, entre o centro do governo e o ponto sublevado pela felonía, ou atacado pelo inimigo, o impede de fazer chegarem até ali as manipulas das suas legiões.

Deste apparente milagre a chave está em que os conquistadores romanos resolvem como ninguem os problemas relativos á circulação politica. Esta cresce e se desenvolve e se complica e se ramifica e se distende em perfeita consonancia com a ampliação da base physica do Imperio pelas conquistas: por todo elle, do centro de Roma e á maneira de raios, partem para as Gallias, para as Hespanhas, para as regiões do Danubio, para o Oriente, as famosas estradas romanas, por onde o poder de Roma faz correr, através do seu leito batido, calçado como de silhares, as torrentes dos seus legionarios, a multidão dos seus funcionarios, os seus publicanos, os seus proconsules, os seus generaes e as suas phalanges bellicosas. Os interesses do fisco, os interesses da administração, os interesses da justiça, os interesses da defesa militar estão providos, attendidos, garantidos por meio dessa rêde de estradas, traçadas quasi rectilineamente e maravilhosamente conservadas, verdadeiros canaes, por onde a circulação politica se realiza, prompta, rapida, efficaç, carrêando para as provincias longinquas as ordens e as autoridades de Roma, ou rolando para as fronteiras, ameaçadas pelo inimigo, as cohortes velozes dos seus soldados.

Hoje mesmo, os grandes imperios coloniaes só subsistem, integros, quando conseguem vencer a fatalidade geographica das distancias: é articulando as suas partes com uma poderosa rêde de communicações que elles conseguem assegurar a sua integridade politica. E as grandes linhas ferroviarias modernas, a Transcaspiana, a Transiberiana, a linha de Oremburgo a Tachkend, com que os russos procuram prender á Russia européa a Russia asiatica, ou as linhas com que os inglezes estão realizando a ligação das diversas partes do seu vasto Imperio Africano, como o projecto da estrada do Cabo a Cairo, não têm outro objectivo senão corrigir os effeitos desintegradores de uma excessiva base physica pelo desenvolvimento rapido e intenso dos apparelhos de circulação.

Este ponto não havia escapado aos estadistas do periodo colonial. Elles bem comprehendem, grandes politicos que são, o perigo que o rapido crescimento da área colonial representa para a unidade do governo. Elles procuram atalhar o mal, luctam vigorosamente contra elle, combatendo, com os recursos insignificantes de que dispõem, a acção dispersiva dos factores geographicos. Como os romanos, elles tentam criar os apparelhos de circulação economica e politica, que possam facilitar a acção administrativa e militar do poder central sobre a immensa superficie recém-colonizada: *tambem elles são grandes constructores de estradas.*

E' uma providencia commum, com effeito, entre as actividades dos nossos velhos capitães-generaes e

governadores geraes, a abertura de "estradas reaes", que estabeleçam a inter-communicação entre os diversos centros do interior e as capitães da costa. No sul, por ocasião da grande expansão para os campos auríferos do interior, numerosas estradas são abertas entre os centros mineradores de Minas, de Goyaz e de Matto Grosso e os centros administrativos de São Paulo e do Rio, séde do governo colonial.

Não, obstante esse esforço enorme, elles não conseguem dar á circulação politica da colonia a efficiencia e a intensidade que seriam necessarias. O proprio interesse fiscal da metropole os obriga a não multiplicar demasiadamente a rêde das communicações: é preciso impedir os descaminhos dos reditos do Corôa, da safra dos diamantes, dos quintos de ouro e assegurar uma melhor arrecadação dos dizimos reaes. Quando um bandeirante qualquer rompe a espessura da floresta tropical, abrindo ao transito do interior um caminho mais commodo, os governadores para logo ordenam o fechamento da nova estrada e castigam com penas barbaras o sertanista audacioso. Uma estrada, que se abraza pelo valle do São Francisco, para communicar a Bahia com as minas do Rio das Velhas, é mandada trancar, no interesse do fisco, isolando inteiramente, pelas linhas do sertão, os dous grandes centros coloniaes do norte e do sul. O Espirito Santo, cuja colonização data desde os primeiros dias das capitánias hereditarias, permanece durante todo o cyclo mine-

rador, pela mesma razão, sem o menor contacto com os nucleos vivazes, que exploram o ouro nos chapadões de Minas.

Não é só o interesse do fisco que embaraça o desenvolvimento da circulação colonial. Os governadores geraes luctam tambem com o rudimentarismo dos meios de comunicação naquelle tempo: toda a vastidão do interior tem que ser batida pelo pé dos andarilhos e pela pata dos cavallos. Na região dos rios navegaveis, o recurso unico é a utilização das pirogas leves dos indios. De vinte e tres canôas se compõe, por exemplo, a comitiva de RODRIGO CEZAR DE MENEZES, quando parte de São Paulo para as minas de Cuyabá, em 1726, num percurso de cerca de 530 leguas, perfeito em 4 mezes de uma viagem penosa, através das intemperies do deserto e os perigos dos aborigenes indomados.

Na linha da costa, as communicações não são, por aquelle tempo, menos retardias e difficeis do que no interior dos sertões. Os veleiros, que levam ao norte e ao sul as ordens do governador geral, e as autoridades, e as forças militares, são pouco numerosos e de marcha incerta e demorada, incompativel com a presteza exigida pelas urgencias da defesa ou da administração. Tudo isto ainda mais aggravado pela extensão formidavel do littoral, hoje de cerca de 3.577 milhas, mas no periodo colonial muito mais longo, porque desce então até o estuario platino, no limite da antiga Colonia do Sacramento.

Estas condições geographicas, particulares á colonia americana, fazem-nos comprehender claramente porque os politicos coloniaes, apesar do seu tino administrativo e do seu profundo sentimento da autoridade, optam pela fragmentação do poder. E' que elles fraccassam no seu plano de corrigir os inconvenientes da amplitude geographica pela organização de um vasto systema de caminhos, terrestres, fluviaes e maritimos, que permittam manter, na plenitude da sua efficacia, a unidade do governo e da administração colonial. Os elementos de circulação politica, que alcançam organizar, são rudimentares, insufficientes e, na maior parte, negativos.

Sem o correctivo de uma circulação intensa e complexa, o factor geographico pôde exercer, então, sobre a estrutura do nosso mecanismo governamental, durante o periodo colonial, a sua acção integral e sem contraste: e o quebra, aos poucos, em partes successivamente menores, até pulverizal-o inteiramente.

Na maior parte das vezes, com effeito, o que explica e justifica a constituição de um centro de governo autonomo, destacado do governo geral, não é propriamente a prévia formação de um nucleo regional importante pela sua densidade e pela sua vitalidade economica e que, por isso mesmo, faça jus á autonomia politica. O que explica e justifica essa autonomia é, como no caso da capitania do Piauhy, apenas a difficuldade de communicação entre esse insignificante centro de colonização e a séde do governo geral, locali-

zado no Maranhão. Erigindo em capitania independente o Piauí, o governo colonial cede apenas á pressão incoercível do factor geographico — e nada mais. Porque essa immensa região é ainda hoje uma vaga expressão politica, como Matto Grosso e Goyaz, tambem, ha quasi dois seculos, feitos centros autonomos de governo e administração...

VII

Essa acção dispersiva e centrifuga do factor geographico, exercendo-se sobre a organização politica da colonia em plena liberdade, sem o menor entrave trazido por um systema de circulação efficiente, não podia limitar-se a unicamente dividir o governo geral em governos regionaes, e os governos regionaes (Estado do Maranhão, Estado do Brasil) em varias capitancias geraes, subordinando capitancias secundarias, que, por sua vez, pouco a pouco, tambem se libertam das suas metropoles, erigindo-se em capitancias autonomas. O seu trabalho desintegrador prosegue, surdo e intensivo, dentro da propria economia administrativa de cada capitania, subvidindo-lhe a autoridade e, por fim, pulverizando-a. E' este um dos mais curiosos aspectos da nossa historia politica no periodo colonial.

Cada capitania, para maior efficiencia da administração e defesa, divide-se em comarcas, em districtos, em termos. Em cada um desses centros adminis-

trativos o capitão-general distribue os representantes da sua autoridade, os órgãos locais do governo geral: os "ouvidores", os "juizes de fóra", os "capitães-móres" das villas e aldeias, os "commandantes de destacamentos" dos povoados, os "chefes de presidios" fronteirinhos, os "capitães-móres regentes" das regiões recém-descobertas, os regimentos da "tropa de linha" das fronteiras, os batalhões de "milicianos", os terços de "ordenanças", as "patrulhas volantes" dos confins das regiões do ouro.

Estes centros de autoridade local, subordinados, em these, ao governo geral da capitania, acabam, porém, tornando-se praticamente autonomos, perfeitamente independentes do poder central, encarnado na alta autoridade do capitão-general. Este, embora nominalmente exerça a sua autoridade sobre toda a extensão da capitania, vê realmente a sua acção muito reduzida, sómente efficaz dentro de uma área muito menor do que a área do seu capitánato: para além, a sua força politica se enfraquece progressivamente, á medida que se distancia do centro do governo; emquanto a força politica dos seus mandatarios, dos seus delegados, dos seus subalternos cresce, desenvolve-se e adquire uma efficacia maior do que a da autoridade central. E' assim que os capitães-móres das villas e aldeias são praticamente autoridades soberanas dentro dos limites dos seus districtos; o governador geral difficilmente os póde reprimir e corrigir nos seus abusos ou nos seus excessos de autoridade: "O governo do

paiz — diz um chronista colonial — ficou reduzido a tantas governanças patriarchaes quantos eram esses districtos, recorrendo os seus moradores nas suas dependencias e desavenças aos seus poderosos, e dando estes as decisões das duvidas, segundo ditava o amor ou o odio”.

Cada capitania, embora conservando todas as apparencias de um unico governo — o governo do capitão-general — é, dest’arte, no fundo e na realidade, um conjunsto heteroclitico e incoherente de governiculos locais, possuindo todas as condições de autoridades soberanas: *a unidade politica é nella apenas uma ficção vistosa, sem quasi nenhuma objectividade pratica.* Embora reduzida á área de uma capitania, ainda assim a base geographica do governo geral é muito vasta, para que os meios rudimentares de communicações, proprios daquelles tempos, possam permittir, dentro mesmo dos limites de cada capitania, uma circulação politica capaz de satisfazer sufficientemente ás necessidades da administração geral. E já agora não se trata propriamente da *fragmentação do governo geral*, conscientemente resolvida, como vimos, pelos velhos politicos coloniaes, no sentido da melhor administração e da melhor defesa; trata-se já agora da *pulverização do governo geral*, realizada, contra a vontade delles, pela simples acção desintegradora dos factores geographicos.

Essa acção dissolvente, oriunda da desmedida amplitude da base physica de cada capitania, não se reduz apenas á formação de governiculos locais, representa-

dos pela autoridade toda poderosa dos capitães-móres das aldeias; os proprios caudilhos locais, insulados nos seus latifundios, nas solidões dos altos sertões, eximem-se, pela sua mesma inacessibilidade, á pressão disciplinar da autoridade publica; e se fazem centros de autoridade effectiva, monopolizando a autoridade politica, a autoridade judiciaria e a autoridade militar dos poderes constituídos. São elles que governam, são elles que legislam, são elles que justificam, são elles que guerreiam contra as tribus barbaras do interior, em defesa das populações que habitam as convizinhanças das suas casas fazendeiras, que são como que os seus castellos feudaes e as côrtes dos seus senhorios (4).

O poder dos capitães-generaes, por maior que seja a majestade de que se revistam, mesmo que se dourem com os ouropéis e os symbolos dos vice-reys, não alcança ter dominio effectivo sobre esses possantes dominadores dos sertões (5). O reconhecimento official da jurisdicção despotica e militar dos chefes bandeirantes, não só sobre a sua tropa em marcha, como dentro mesmo das raias dos seus latifundios, é uma prova de que, *tanto quanto os capitães-móres das aldeias, os caudilhos terri-*

(4) OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil*, vol. I, cap. IX e XI.

(5) Excepto no centro-sul, onde, depois da guerra dos emboabas, a caudilhagem é batida pelo poder central de uma maneira definitiva (ob. cit cap. XII e XIII)

torias são também verdadeiros centros de autoridade, fragmentos minúsculos em que se dispersa, pela força centrífuga dos agentes geographicos, o imponente e complexo mecanismo dos governos geraes.

Escrevendo ao rei sobre varios potentados paulistas, o terrivel governador de São Paulo, RODRIGO CEZAR DE MENEZES, por exemplo, reconhece que é impossivel pensar-se em castigal-os; a unica cousa que ha a fazer é mandar-lhes o Rei o seu perdão, "principalmente porque, dispondo de grande poder, e achando-se a grandes distancias (*sic*), nenhum mal se lhes poderia fazer."

Chegada a esse ponto a desintegração do poder central da capitania, já não se póde falar mais da *fragmentação do poder*, nem mesmo da *pulverização do poder*: está-se já agora diante de uma verdadeira *dissolução do poder*. Tamanha e tão formidavel é a acção dispersiva dos factores geographicos.

Estes, afinal, póde-se dizer que modelam o governo colonial á sua imagem ou á imagem dessa sociedade elemental e rarefeita, que se dissemina e se perde por uma das mais vastas bases physicas, que já têm servido de assento a qualquer dos grandes imperios da historia.

Esse governo fragmentado, pulverizado, dissolvido, é bem, realmente, uma adaptação da organização politica á sociedade colonial. Esta não é um todo complexo e coheso, distribuindo-se, sem soluções ou intermittencias, pela superficie colonizada: é, ao contrario, um vastissi-

mo conjuncto de nódulos sociaes, de pequeninos grupos humanos, vivendo a sua vida isolada, dispersos pelos littoraes immensos, perdidos nas solidões do vastissimo *hinterland*: cidades florescentes na costa, no sertões, aldeias informes e mortijas, arraiaes e povoados insignificantes, pousos de tropeiros, nucleos mineradores, vivazes, congestos, densos, mas instaveis e transitorios; e, principalmente, em torno desses rudimentares centros urbanos ou urbanizantes, uma innumeravel malha larguissima de latifundios, agricolas e pastoris, extendendo-se até as zonas mais profundas do interior, todos autonomos e quasi sem o menor contacto economico e social entre si.

Sobre essa sociedade, assim ganglionar, o apparelho politico dos governos geraes, ao se ajustar a ella, estála, parte-se, fragmenta-se e se faz, pela necessidade mesma de adaptação, tambem ganglionar.

Na apparente uniformidade politica, sob que vive essa sociedade e a que a autoridade dos 'vice-reys dá um aspecto de universalidade, o que, durante o periodo colonial, principalmente nos dous primeiros seculos e meados do terceiro, se descobre é, pois, realmente um conjuncto desconnexo de nódulos politicos ou, melhor, verdadeiros "corpúsculos de Estado", representando, do norte ao sul, dos littoraes aos sertões, o effectivo governo da colonia.

Em summa, durante a phase colonial, o meio geographico não pulveriza e gangliona unicamente a sociedade; pulveriza e gangliona tambem o poder politico, e o subordina progressivamente á sua inexoravel fatali-

dade dispersiva. *Resignar-se e accomodar-se cada vez mais a essa fatalidade — eis o sentido intimo da actividade politica dos estadistas do periodo colonial.* Veremos depois que libertar-se cada vez mais dessa fatalidade é o sentido intimo da actividade politica dos estadistas do periodo imperial.

VIII

Os factores geographicos não exercem sobre a organização politica da colonia apenas essa acção directa, de character descentralizador e dispersivo. Ha tambem que assignalar uma fórmula indirecta de acção, resultante da *differenciação* por elles trazida á massa da população colonial.

Realmente, devido mesmo á sua prodigiosa amplitude, a base physica da população colonial comprehende um numero consideravel de zonas de differenciação. Extendendo-se desde 5°-10' de latitude Norte a 35°-45' de latitude Sul, nella se contêm regiões que, como o valle amazonico, estão sob a linha equatorial e regiões que, como os pampas rio-grandenses e os platós do Iguassú, estão em zonas francamente sub-tropicaes. Essas diversidades se multiplicam, se caminhamos dos littoraes para o interior: e são diversidades topographicas, diversidades climatologicas, diversidades geologicas, diversidades de flóra e de fauna. Não cabe aqui descrevel-as.

Dentro dessas numerosas diversidades, a população colonial, crescendo e desenvolvendo-se, cresce e se desenvolve num sentido da melhor adaptação a essas mesmas diversidades. Dahi as differenciações sociaes inevitaveis — differenciações de estructura economica, differenciações de estructura social e, por fim, consequentemente, differenciações de estructura administrativa e politica.

Nas regiões da faixa agricola, forma-se uma aristocracia poderosa, baseada na cultura da canna e explorando a industria do assucar, desde os primeiros dias da colonização. Para o interior, na região dos campos, dispersa-se uma outra sociedade, de base puramente pastoril, de estructura incomparavelmente menos complexa: criadores dos sertões do norte, estancieiros dos pampas do sul, boiadeiros do planato central. No centro-sul, um grupo especifico, inteiramente differente de todos os outros: a sociedade complexa, densa, instavel das minas, agglomerada em torno das catas ou "faiscando" as jazidas de diamante, dotada de extrema mobilidade e de intensa vitalidade, deslocando-se successivamente para este e aquelle ponto e, por fim, dissolvendo-se e desaparecendo quasi inteiramente nos fins do III seculo.

O reflexo dessas differenciações, oriundas das necessarias adaptações da população colonial ás diversidades da sua base geographica, é, no tocante á estructura da organização politica, sensivel e consideravel. Não é possivel discriminar-lhe com precisão todas as modalidades de que se reveste, mesmo porque o ponto é refractario á

precisão pela difficuldade que ha, dada a escassez dos subsidios documentarios, em discenir a organização politica ficticia, que é a que se contem nas leis, e a organização politica real, que é a organização viva e palpitante, criada pelo povo no seu viver quotidiano e medalhada á sua imagem.

Identica, por exemplo, é a organização municipal de todas as villas e cidades da colonia, do norte e do sul, da costa ou do sertão. Todas têm os seus senados com o mesmo numero de officiaes e a mesma chusma de funccecionarios subalternos: os seus juizes, os seus vereadores, os seus procuradores, os seus thesoureiros, os seus escrivães, os seus almotacés, os seus cobradores de sizas, os seus avaliadores, os seus quadrilheiros. Os poderes dessas corporações são os mesmos para todas ellas (6). Entretanto, a distancia maior ou menor entre ellas e o centro de governo, o prestigio maior ou menor da aristocracia, que as empolga, concorrem para augmentar-lhes praticamente as attribuições e dar-lhes uma autoridade, de que os textos legaes não cogitam.

Como prova, porém, da repercussão das diversidades da base geographica da população colonial sobre a estrutura do seu governo politico, é expressivo o modo por que se constituem as corporações municipaes ou os centros administrativos, conforme os nódulos sociaes respectivos se localizem em regiões proprias á explora-

(6) MAX FLEIUSS — *Historia administrativa do Brasil*, pags. 40 ss.

ção agricola, ou em regiões proprias á exploração mine-radora e pastoril.

Póde-se dizer de uma maneira synthetica: *no pe-riodo colonial, as zonas de corporações municipaes mais ou menos florescentes são todas zonas de intensa activi-dade agricola.* Nas zonas agricolas, como a faixa cos-teira, onde dominam os vastos cannaviaes e os gran-des engenhos, os factores de agglutinação demogra-phica são mais numerosos e energicos do que nas zo-nas pastoris (caatingas sertanejas do norte, campos ge-raes do centro e do sul, ou pampas extremo-meridio-naes). E' mais estavel e numerosa a classe aristocra-tica dos senhores ruraes, mais abundantes os elementos das classes inferiores, a complexidade social é maior do que nas regiões puramente pastoris. Ha, pois, nellas elementos superiores, em numero bastante para compôr, animar e vitalizar os corpos municipaes, os nodu-los locaes da organização politica. Por isso, no periodo colonial, as zonas de cannaviaes da costa e as zonas cerealiferas do interior são sempre zonas de sensivel vitalidade politica: — “Os senados das camaras de to-dos os ditos logares — diz um chronista colonial — são compostos de pessoas muito nobres, porque em toda a parte se acham moradores de calidades, que com ex-plendor e autoridade servem a republica”.

Desde que, deixando essas regiões agricolas, at-tingimos a vasta zona dos campos, onde as grandes florestas tropicaes são substituidas por uma vegetação graminosa ou mesmo arbustiva (carrascáes, caatingas), a organização politica da população, que ahi se disse-

mina, toma um outro aspecto. Esta zona é a zona classica dos "moradores dispersos", de que falam, com tamanha insistencia, os documentos coloniaes. Sociedade, cuja base economica é o latifundio pastoril, é forçosamente sociedade excessivamente rarefeita. Tendo de organizar o governo dessas regiões, os estadistas coloniaes procuram adaptal-o a essa condição particular da população. O regimen municipal das regiões agricolas não seria possivel: faltam ali os elementos de uma aristocracia rural, que não se organizou ainda de uma maneira estavel. Para o governo desses grupos pastoris, geralmente disseminados nas zonas de contacto com o gentio, os governadores geraes engenham o typo do "capitão-mór-regente". O "capitão-mór-regente", fundador de povoação, é uma sorte daquelles alcaides, que governavam, em nome do rei, os antigos postss militares das fronteiras na Peninsula: castellos, fortalezas ou alcáçovas. E' um verdadeiro dictador e, diversamente do que acontece com os capitães-móres das aldeias, centraliza, na sua pessôa, além dos poderes do governo militar, os do governo civil e politico da região (7).

Nessas zonas pastoris — onde, pela dispersão excessiva da população, a organização municipal não teria viabilidade e que, em regra, são zonas batidas pelas correrias dos barbaros — o unico systema de governo possivel é, realmente, essa dictadura politico-militar,

(7) v. *Documentos interessantes, etc.* v. XII pg. 53, 98.

consubstanciada na autoridade absoluta dos capitães-móres regentes. Os homens de estado daquelle tempo revelam, instituindo-o, o seu superior espirito de adaptação e o seu profundo sentimento das differenças essenciaes existentes entre os diversos grupos da população colonial (8).

O mesmo regimen elles estabelecem nessas regiões do ouro recém-descobertas, onde ainda faltam, por isso mesmo, como nas regiões pastoris, os elementos de uma organização social estavel: o cabo da tropa descobridora, "a bandeira", para o ser o "capitão-mór das minas" descobertas. E isto "para poder guardar todos os ribeiros de ouro, socavar, examinar, fazer posições com os minerios, e botar bandeiras, tantas aurinas, como aos inimigos barbaros (*sic*)" — diz um documento colonial.

Nas regiões dos campos de ouro e de diamantes, o typo da organização politico-administrativa é inteiramente differente. Não tem essa simplicidade rudimentar do das zonas pastoris ou dos centros minerados recém-descobertos. Não reveste um caracter tão accentuadamente democratico e municipal, como na zona rica e povoada dos senhorios agricolas. E' mais complexo; e mais autocratico; é mais vasto; contem

(8) v. OLIVEIRA VIANNA — *Pequenos estudos de psychologia social*, pag. 157 ss. E tambem DIOGO DE VASCONCELLOS — *Historia Media de Minas Geraes* pg. 25-30.

órgãos novos, originaes, que reflectem a differenciação especifica imposta aos grupos ali formados pelas condições particulares da sua base physica.

Nessas regiões, ricas, activas, extremamente condensadas, onde se accumulam, em torno das "catas", verdadeiros formigueiros humanos — porque, em toda parte, as zonas mineradoras são sempre zonas de alta eondensação humana —; nessas regiões, encontramos, é certo, os velhos órgãos de administração colonial, porém mais activos tambem, mais desenvolvidos, como que hypertrophiados pela acção mais intensa e continua. A organização militar é mais numerosa, desdobrando-se em varios regimentos de varios typos, o que indica a necessidade de uma compressão policial maior. Tambem a organização administrativa e judiciaria se complica, porque, ao lado dos antigos órgãos, accresce-se de novos órgãos especiaes. Ha ali, com effeito, um "capitão-general"; ha uma "junta de arrecadação da fazenda real", com os seus juizes e provedores; ha uma "contadoria geral", com os seus funcionarios tradicionaes, como nas demais capitancias. Ha, porém, nesse mecanismo administrativo peças, que só se explicam nas "capitancias do ouro", isto é, naquellas cujas populações têm como base physica de differenciação os campos metaliferos. São assim as "intendencias do ouro"; são assim as "guardas-morias das minas"; são assim as "casas de fundição"; são assim as "intendencias dos diamantes"; são assim as "patrulhas volantes", de pedestres, pequenos corpos mobilissimos, adaptados

é caça dos contrabandistas fugidios ou dos “garimpeiros”, esquivos por entre as fragas dos seus garimpos.

Na zona diamantifera, a organização administrativa é um pouco differente da das zonas do ouro. O “intendente dos diamantes” tem poderes excepçionaes e não é unicamente administrador das minas, como o intendente do ouro: “tem a função — diz um chronista — de juiz privativo dos empregados de serviços diamantiferos e dos habitantes (*sic*), exercendo jurisdicção civil e no crime, bem como o contencioso”. Juiz dos feitos, juiz do civil, juiz do crime, administrador e governador das minas, o “intendente dos diamantes”, com o seu numeroso corpo de auxiliares, é, pois, uma entidade completa e *sui-generis*, forjada *in loco*, modelada pelo meio e para o meio, como uma prova do quanto as particularidades da base physica da sociedade colonial repercutem sobre a super-estructura politica e administrativa, que a governa.

IX

Estes factos nos demonstam, da maneira mais evidente, quanto poderosa é entre nós a acção dos agentes geographicos sobre a organização dos poderes publicos, no periodo colonial. E’ impossivel penetrar-se o sentido intimo da nossa historia politica e da nossa formação nacional sem collocal-os em primeiro plano, como forças dominadoras e incontrastaveis. Elles não

se limitam, actuando directamente pela acção isolante das distancias, a dispartir a primitiva unidade, com que iniciamos o governo da colonia, em fragmentos cada vez menores até pulverizal-a e, mesmo, nas regiões mais inacessiveis, a dissolvel-a. Reagindo sobre o mecanismo politico e administrativo pela acção diferenciadora das diversidades locais, tambem criam typos de organismos politicos adequados a cada zona e a cada particularidade regional. De modo que funcionam, ao mesmo tempo como factores de *multiplicação* e factores de *differenciação*: os organismos politicos, que vão gerando, successivamente, por scissiparidade, vão, por seu turno, modelando-se ao ambiente regional e adquirindo uma estrutura peculiar e especifica. Onde quer que a expansão colonial alcance, por exemplo, uma região pastoril, o typo da organização politica, correspondente aos "borders" pastoris, surge immediatamente; si, em vez disso, ella dá numa zona metallifera, para logo surgem os intendentes do ouro", e as "casas de fundição", e os "guardas-morias das minas", e as manipulas volantes da policia fiscal; si conquista um campo diamantifero, a super-estrutura administrativa affecta para logo uma feição complexa, que é propria aos districtos dos diamantes.

Tudo isso nos dá tambem a ver o profundo senso pratico, que preside á organização dos apparatus governamentaes da colonia. Os estadistas coloniaes não cultivam o preconceito, que havia, mais tarde, de dominar, como veremos, o espirito dos estadistas do se-

culo da Independencia, isto é, o *preconceito da uniformidade politica*. Elles não adoptam o mesmo typo de organização administrativa para todos os nucleos sociaes, em que se divide a população da colonia: consideram-n'os nas suas differenças especificas e constróem para elles typos de governo adequados, de maneira a obter o maior rendimento util em administração e em defesa.

E' certo que, nesse trabalho de adaptação da estructura politica ás variedades regionaes, o pensamento supremo que inspira a acção dos estadistas coloniaes é o da melhor arrecadação fiscal, o da melhor policia fiscal, o da melhor defesa fiscal: os outros objectivos politicos não lhes são senão secundarios. O espirito, que domina toda a politica colonial do tempo, é o do fiscalismo: e os politicos peninsulares e os seus delegados americanos sabem mostrar-se á altura da sua perfeita fidelidade a esse espirito. Entretanto, na consecução desses objectivos, os seus talentos politicos se mostram de uma rara flexibilidade; é profundo o seu sentimento das realidades sociaes e das contingencias humanas; e o ácu-me da sua intuição administrativa é de veras surprehendente. Quando é preciso transigirem com a força indomavel dos agentes geographicos, transigem, como vimos, com habilidade, moderadamente, reagindo até o limite do possivel; quando se faz preciso adaptarem-se ás differenciações regionaes, tambem o fazem com capacidade superior.

X

Na organização do mecanismo politico da colonia, não são sómente os "*factores geographicos*" que actuam com a sua acção desintegradora e diferenciadora. Ha tambem que contar com a collaboração dos "*factores sociaes*", concorrendo para complicar e heterogenizar ainda mais a simplicidade da primitiva organização. Os homens do governo colonial, na solução do problema administrativo, não têm que attender apenas ás condições de *dispersão e diferenciação* dos varios nucleos humanos; são obrigados a considerar tambem a sua complexidade interior, a complexidade da sua estructura, oriunda da complexidade dos elementos ethnicos e sociaes, que entram na sua formação. Os aparelhos administrativos soffrem a repercussão dessa complexidade *interior* dos nucleos sociaes: e surgem instituições e órgãos, que não têm outra razão de ser senão as particularidades que revelam a massa colonial.

O elemento ethnico, por exemplo, é um agente de diferenciação politico-administrativo de grande valor no periodo colonial. Os governadores comprehendem que estão deante de uma sociedade, não sómente, dispersa e ganglionar, mas de uma heterogeneidade ethnica inteiramente desconhecida na Peninsula. Tres raças differentissimas, a branca, a negra, a vermelha, se defrontam, inconfundidas a principio; depois, pouco a pouco, se misturam, criando os typos intermedios da

mestiçagem. Cada um desses typos ethnicos têm o seu valor proprio e, entre elles, a separação social, durante a phase colonial, é rigorosamente determinada: na economia interna de cada nucleo esses elementos ethnicos evitam, tanto quanto possivel, o contacto e a commistão.

Os estadistas coloniaes reconhecem esta nova differenciação da massa social e, como de costume, procuram adaptar os orgãos administrativos a essa peculiarissima condição. Na organização do apparelho militar, por exemplo, elles comprehendem a impossibilidade de romper com essas divisões ethnicas e com esses preconceitos de côr, concentrando e misturando nos mesmos corpos homens de tão diversas raças, separados por uma tão incoercivel repulsão. Dahi vemos, ao lado dos classicos regimentos e companhias de homens brancos — “tropas de linhas” e “milicianos” — surgirem os batalhões de homens de côr, instituição original, que é uma prova do reflexo das peculiaridades da composição ethnica da sociedade colonial sobre a estrutura da sua organização militar.

Ha, assim, regimentos de homens pardos e regimentos de homens pretos, vivendo a sua vida propria, ao lado dos regimentos de homens brancos. Na guerra hollandeza, esta separação é de uma nitidez absoluta: as tres raças comprehendem a obra da defesa commum, sem, entretanto, se confundirem: no regimento de HENRIQUE DIAS estão os pretos; no de CAMARÃO, os indios; nos de VIEIRA e VIDAL DE NEGREIROS, os brancos.

Esta separação desce mesmo até á economia íntima dos proprios corpos. Nos regimentos de infantaria de pardos, ha companhias especiaes de pretos — porque é tendencia dos mestiços fugir ao contacto e á confusão com a raça barbara, de que provêm. Não haviam escapado aos argutos politicos coloniaes siquer essas modalidades subtis da nossa psychologia social.

Na organização da justiça, os factores ethnicos não criam órgãos especiaes, adequados a essas divisões de raça; mas, não deixam de influir, criando competencias especiaes e regulando a latitude das alçadas. E' assim que, nos tribunaes presididos pelo governador, este tem voto decisivo “nas causas-crimes de indios, pretos e mulatos” — o que mostra a acção diferenciadora dos elementos ethnicos sobre os aparelhos de administração da justiça (9).

Outras vezes, certas particularidades da organização social geram peças novas no mecanismo policial da colonia. O centro deste é, como sabemos, o “capitão-mór” das cidades e villas, com os seus terços de ordenanças, a que se subordinam os “commandantes de destacamentos” nos districtos ruraes ou nos povoados. Mas, essa sociedade, baseada na escravidão, gera em seu seio um typo social especifico: o “quilombola”, isto é, a alimária humana escravizada que, fugindo ás durezas do captiveiro, se alça no interior da floresta ou

(9) v. outros exemplos em **DIOGO DE VASCONCELLOS** — *ob. cit.*, pag. 83, 96.

nos grotões inacessíveis das montanhas. Este novo typo social vae dar causa, na sociedade colonial, a uma nova differenciação na sua estructura administrativa, criando-lhe este novo orgão de caracter policial: o "capitão-do-matto", entidade importantissima naquelles tempos.

Em S. Paulo, no I seculo, da necessidade de resguardar os aborigenes contra os prêadores sertanistas, nascem egualmente certas instituições especificas: o "capitão dos indios", encarregado de proteger os selvicolas aldeiados contra a violencia dos brancos; o "escrivão do campo", com eguaes attribuições protectoras sobre os indios mansos e tambem incumbido de reprimir o abuso das "entradas" no sertão. E tenta-se mesmo a criação de um "juiz dos indios" (10).

O espirito de adaptação das instituições politicas administrativas ás condições particulares do meio geographico ou do meio social da colonia, caracteristica da politica dos velhos capitães-generaes, revela-se sob muitos outros aspectos, além dos até agora referidos. Em certos casos, a differenciação operada por elles vae buscar a sua razão de ser em certas peculiaridades da psychologia dos grupos regionaes, peculiaridades que a sagacidade e a penetração desses velhos politicos apprehendem e levam na devida conta. Tendo de organizar, por exemplo, no extremo sul, entre a população

(10) v. AFFONSO E. TAUNAY. — *São Paulo no seculo XVI*, pags. 178, 183, 184 e 250.

pastoril, que ali vive, os meios de defesa contra os conquistadores hespanhoes, um governador da capitania rio-grandense, DON DIOGO DE SOUZA, sente a necessidade de desenvolver a arma de artilharia. Os gauchos, porém, são cavalleiros por excellencia, cultivam o pundonor equestre e desdenham o serviço militar nos corpos de pedestres. Mettel-os nos regimentos de artilharia a pé seria condemnal-os á deserção. Elle engenha então, para a sua capitania, um typo de organização militar adequado á indole da população: -o "regimento de artilharia a cavallo".

— "De toda a mesma tropa — diz elle — é indispensavel afastar a idéa de servir a pé; porque os habitantes, acostumados a andarem, desde criança, a cavallo, e a não mandarem nem pretos a recado desmontados, têm grande desprezo em serem alistado na infantaria e artilheria a pé, quando, aliás, se prestam voluntariamente para assentar praça nos corpos de cavallaria, dos quaes, ao contrario do que acontece naquelles, são muito raras as deserções".

XI

Dissemos (§ III) que a organização do governo politico-administrativo da colonia é um arduo problema proposto aos velhos governadores geraes. Realmente, além dos varios factores de differenciação e complicação, constituídos pela *dispersão* dos nódulos

sociaes, bem como pela sua *diversificação* e sua *complexidade* interior, esses grandes politicos defrontam com um outro factor, tambem influente na organização da estrutura governamental: as diversas *pressões externas* actuando, na linha das fronteiras, sobre a massa colonial. Essas pressões, agindo sobre o governo politico da colonia, vão influir, como é natural, principalmente sobre a composição do aparelhamento militar.

E' verdade que essa acção não se póde dizer que seja grandemente poderosa; não soffre comparação com a influencia exercida, por exemplo, pelos agentes geographicos de dispersão e differenciação. Nós nunca fomos um povo guerreiro e a nossa historia militar, brilhante embora, não tem a riqueza e a vastidão da historia militar dos velhos povos europeus. Exceptuando o grande cyclo das guerras platinas, iniciado, entretanto, já nos fins do periodo colonial, as nossas luctas como o estrangeiro têm sido, desde os primeiros tempos das capitánias, meramente episodicas e de importancia local. Os francezes de LA RAVARDIÈRE, ao norte maranhense, nos começos do II seculo; os de VILLEGIGNON, nos meados do I seculo, e os de DUCLERC e DUGUAY TROUIN, nos principios do III, no Rio; os flibusteiros inglezes, como os corsarios de CAVENDISH, nos littoraes do sul, são todos inimigos sem grande importancia militar, e as nossas refregas com elles factos de repercussão diminuta sobre a economia colonial. Mesmo a grande lucta com os hollandezes ao norte, a

sua longa e penosa expulsão do nosso territorio, tem um significado puramente local: o resto da colonia, fóra da árca do dominio hollandez, não lhe sente o choque, nem lhe soffre a repressão. Sómente quando o grande periodo platino se abre, é que a nossa historia militar, de local que é, começa a revestir uma feição nacional — e isto já no seculo da Independencia, em pleno II Imperio. Durante os tres seculos coloniaes nada ha que signifique um levante geral da colonia para defrontar e bater o inimigo commum.

Esse character intermittente e transitorio, demasiadamente localista e topico, das pressões externas, durante o longo periodo colonial, influe sobre a nossa organização militar uma fórma muito sensivel. *Elle retarda, por exemplo, até á phase da independencia, a formação de um verdadeiro exercito nacional.*

Durante o periodo colonial, a nossa organização militar repousa, com effeito, quasi inteiramente sobre a base dos corpos locais de milicias. Não ha, propriamente, corpos de exercitos regulares, compostos de profissionaes da guerra: ha, sim, numerosos regimentos, formados de paisanos. Estes por occasião dos rebates, accorrem, vindos em regra das suas fazendas e lavouras, para as guarnições, na obra da defesa local. Quanto propriamente ás tropas de linha, o que existe são pequenos grupos de soldados portuguezes, espalhados parcimoniosamente pelas capitancias mais importantes, no serviço permanente das fortalezas, na costa, ou dos postos militares, nas fronteiras.

Cada capitania provê a organização da sua propria defesa. Ha, por isso, regimentos de S. Paulo, regimentos de Minas, regimentos da Bahia, regimentos do Rio Grande do Sul, com varios nomes, com varios typos, com varia composição: milicianos a cavallo, milicianos a pé, terços de ordenanças, corpos de dragões, corpos de voluntarios, corpos de pedestres: "Regimentos das nobrezas", "Regimentos dos Henriques", "Regimentos de caçadores", "Voluntarios reaes", "Companhias de homens pardos", etc. — "Passei depois revista a algumas companhias de cavallaria de milicias, que é o corpo que defende esta provincia — diz o governador PAULO DA GAMA, da capitania do Rio Grande do Sul — porque a tropa de linha apenas chega para as guardas avançadas da dilatada fronteira". Por onde se vê que, *mesmo na região classica do choque com o hespanhol, são os batalhões locais de milicianos que realizam o serviço de defesa da colonia.*

Domina, pois, no periodo colonial, no tocante á organização do exercito, o mesmo systema dispersivo e regional, que preside á organização do governo civil: a unidade da super-estructura militar se fracciona e desarticula, como se fracciona e desarticula a unidade da super-estructura administrativa, de que ella é, aliás, uma parte integrante. E as mesmas causas geographicas, que explicam a fragmentação e a regionalização desta, explicam igualmente a fragmentação e a regionalização daquella.

No ponto de vista da estrutura politica, como da estrutura militar, as pressões externas têm, aqui, como em toda a parte, uma função contraria á dos factores geographicos. Estes são sempre agentes possantes, como vimos, de fraccionamento e dispersão; aquellas, ao contrario, são poderosos agentes de agglutinação e de synthese, de concentração e de unidade, todas as vezes que a sua acção chega a exercer-se de uma maneira intensiva e prolongada.

Esta acção unificadora das pressões externas é sensivel na zona do extremo-sul, onde a tensão militar é mais vigorosa, porque é a zona classica dos choques com os hespanhoes convizinhos. O governo civil ali é, por isso, absorvido pelo governo militar, as suas autoridades se unificam numa mesma individualidade: *a população rio-grandense, durante o periodo colonial, não conhece outro governo sinão o dos commandantes militares.* Sobre os centros locais a autoridade destes é, por sua vez, mais completa e mais perfeita do que a que exercem sobre os centros locais e respectivas autoridades os capitães generaes das outras capitánias. Uma articulação e uma coordenação entre o órgão central de direcção e os órgãos locais da periphécia, que realizam a defesa, ha ali taes, que não existem nas outras provincias, onde os choques do inimigo não mostram nem o vigor, nem a continuidade dos do sul.

Nos *borders* sertanejos do norte, por exemplo, onde o inimigo é o aborigene mal armado e militarmente desorganizado, os centros locais de defesa — os “pre-

sidios” — são órgãos rudimentares, de feitura barbara, alçados, á maneira de alcáçovas rusticas, nas bordas das florestas ou dos campos, mas sem quasi nenhuma dependencia ou subordinação efficiente com o centro do governo da capitania. No extremo sul, os “presidios militares”, as “guardas avançadas”, os “fortins” e as “fortalezas”, que se disseminam pela campina rasa ou se alteiam na eminencia das cochillas, não constituem nódulos dispersos, ganglios desarticulados de organização militar, como os “presidios” dos sertões do planalto; ao contrario, formam um conjuncto sábio e perfeito de pequenos órgãos militares, superiormente articulados e coordenados num poderoso systema, cujo centro está em Porto Alegre, residencia do governador:

“Os verdadeiros pontos de defesa das nossas fronteiras existem nesta capitania — diz, em 1812, o governador D. DIOGO DE SOUZA; — trezentos homens na fortaleza de Santa Thereza, a qual agora devemos abandonar, nos poupariam quatro mil que é preciso postar nas guardas de Serrito, Tahim, Albardão, para pôr o Rio Grande a coberto de qualquer invasão; um destacamento de quinhentas praças no Serro Largo, patrulhando Taquarembó, suppriam a outros quatro, indispensaveis a guarnecer a linha de Jaguarão até aos serros de Sant’Anna; e um exercito de tres a quatro mil homens, postado na margem oriental do Uruguay, desde o Salto até o Ibiuhy, emquanto os buques de guerra de Montevidéo embaraçavam do Salto para baixo a passagem das tropas inimigas, cobria toda a grande

extensão das serras de Sant'Anna até o Ibicuhy, e protegia a provincia das Missões portuguezas, que, aliás, tem a sua guarnição particular”.

Sente-se, através dessa exposição, a admiravel organização dos diversos centros de defesa da capitania, a sua coordenação profunda, o espirito de systematização e unidade que a domina. Quando se dá o choque em qualquer ponto da fronteira, todo esse complicado mecanismo de “centros de abastecimentos”, de “guardas avançadas”, de “guarnições militares”, de “postos de soccorros”, de “tropas de reserva”, espalhados numerosamente nas linhas da fronteira e nas zonas do interior, entra para logo como que automaticamente em acção, na direcção do ponto atacado, numa conjugação perfeita de movimentos, sob as ordens do general-governador. E' esta a impressão synthetica que se tem, estudando-se as campanhas platinas, durante o periodo colonial, desde a primeira invasão de CEBALLOS até as luctas com as hordas ferozes de ARTIGAS e LAVALEJA.

Sob a pressão crescente das guerras platinas, a organização politico-militar do extremo sul se modifica e differencia, como se vê, da organização politico-militar das outras regiões coloniaes. Os seus órgãos administrativos e technicos, á medida que se desenvolvem e multiplicam, se retravam cada vez mais: e o tecido militar da super-estructura politica se espessa, se incorpora, adquirindo, dest'arte, maior solidez, resistencia e homogeneidade.

Não se limitam estas pressões externas a exercer a sua função centralizadora e unificadora sob o mecanismo politico de uma capitania apenas. Com o crescer das ameaças dos caudilhos do Prata, depois da invasão de CEBALLOS, e com a perspectiva de possiveis tentativas de ataque á colonia por parte da Inglaterra, *o problema da defesa perde o seu character local e se torna geral*. Para logo o aparelhamento do alto governo colonial soffre a repercução immediata dessa nova situação: e o governo da metropole ordena que se organize no Rio uma "guarnição poderosa". Esta vaé ser o primeiro esboço do nosso exercito nacional.

— "Resolveu mandar estabelecer nesta cidade — diz o CONDE DE OEIRAS ao vice-rey CONDE DE CUNHA — um competente corpo de tres forças regulares, composto por ora dos tres Regimentos della, reforçados com os outros tres bons e disciplinados regimentos, que vão declarados na Relação que ajuntei a esta carta, de duas companhias de cavallaria, accrescentando V. Exa. uma, que já tem levantado; e os dos terços de Auxiliares, que V. Ex. ahi logo puder formar. Resolveu outrosim S. M. nomear para general em chefe de todas as referidas tropas o tenente-coronel JOÃO HENRIQUE BOHM, e para Chefe do Corpo de Engenheiros e Artilharia ao brigadeiro JACQUES FUNCK".

E' um novo órgão que surge na estructura militar e politica da colonia, sob a pressão das guerras externas. Sáe-se com elle do regimen dispersivo e fragmentario dos pequenos corpos regionaes, independentes

inteiramente uns dos outros, para um systema mais vasto de articulação e unidade, em que os nódulos de defesa, disseminados pelas capitánias, começam a se coordenar em torno de um centro commum. — “Não se tratava mais — diz um historiador — de um sentimento de defesa local dos governos das capitánias, criando suas guarnições, debaixo das impressões do momento, como succedia no Rio, na Bahia ou em Pernambuco. Tratava-se de organizar um exercito nacional debaixo das mesmas leis, da mesma direcção, da mesma disciplina e que fôsse a expressão do sentimento geral de defesa”.

XII

São estes, pois, os varios factores que, durante o periodo colonial, modelam os elementos da nossa super-estructura politica e imprimem-lhe o cunho das suas peculiaridades.

Os factores, que derivam da nossa base physica, actuam, como vimos, de uma maneira directa e de uma maneira indirecta. Directamente, elles actuam em virtude da força dispersiva da exaggerada amplitude geographica e funcionam como antes de parcellamento, multiplicação e pulverização. Indirectamente, elles intervêm na moldagem do organismo politico, como força de differenciação, em virtude das diversidades regionaes da nossa base geographica. Num

e noutro caso, elles fazem descer a sua acção desintegradora e diferenciadora até as camadas mais obscuras da massa colonial.

Os factores sociaes, por outro lado, reagem sobre o nosso mecanismo politico e o modificam tambem, afeiçoando-o ás variações e diversidades dos nódulos sociaes e aos elementos ethnicos e sociaes, que entram na composição dessa sociedade rudimentar. E' tambem dupla a sua acção: actuam como agentes de diferenciação, por um lado; por outro, actuam como agentes de integração e unidade.

Resumindo os principios que presidem á genese e á evolução das instituições politicas do periodo colonial, podemos dizer que o que domina a mente dos estadistas peninsulares, a quem cabe a incumbencia de criar os aparelhos do governo da colonia, é o espirito de transigencia com os factores de dispersão e diferenciação, sociaes ou naturaes, sob cuja poderosa influencia se modela a sociedade colonial. Muito ao contrario do que diz OLIVEIRA MARTINS, elles não estabelecem, na grande colonia americana, aquella "organização centralizadora, monopolizadora, protectora, absolutista", conforme as idéas ao tempo, vigentes na Europa. Cêdo comprehendem a inadaptabilidade desse systema politico á nova sociedade americana, incoherente, instavel, heterogenea: embora recalcitrantes, vão cedendo, aos poucos, com innegavel habilidade, ás forças novas da terra e do povo, ás forças indomaveis do localismo, triumphantes no seu trabalho de americanização das

velhas instituições europeas. Quando se estudam, no seu conjuncto e nas suas partes, nas suas linhas geraes e nos seus dados particulares, os apparatus da administração da colonia, o que se sente *é que os velhos principios politicos europeus são inteiramente relegados pelos estadistas coloniaes, e .que .é com elementos completamente novos que elles formulam e resolvem o problema formidavel da nossa organização politica e administrativa.*

E' certo que nem sempre esse senso de adaptação inspira a criação de certas instituições: muitos orgãos administrativos ha no mecanismo governamental da colonia, que não têm, como já observamos, nenhuma razão de ser nessa nova sociedade. Com a trasladação da Côrte portugueza em 1808, muitos institutos do velho organismo politico da metropole se transplantam tambem para aqui, sem o menor sentimento de adequação ao nosso caso — o que dá motivo á ironia de HYPOLITO DA COSTA, para quem o governo da colonia "fôra arranjado pelo Almanak de Lisboa".

Visto em conjuncto, porém, nos seus trezentos annos de evolução, o organismo politico-administrativo, que os homens do estado colonial compõem para o Brasil, é uma obra admiravel de senso pratico, de senso social, de senso politico. Dentro dos strictos objectivos fiscaes, que nunca perdem de vista, ha, certamente, não raras instituições de genio nas suas criações. Elles varrem da sua mente os velhos preconceitos europeus; conseguem mergulhar, livres dessas teias em-

baraçantes, que tanto turvam a visão clara das realidades, o olhar na vastidão inedita da terra; penetram os segredos da estrutura e do espirito dessa sociedade que se agita entre as bravezas de um mundo novo; de modo que, ao apprehenderem e realisarem a obra melindrosa e complexa da construcção do novo edificio politico, o fazem com o mais perfeito conhecimento do terreno e dos materiaes a empregar.

O PERIODO IMPERIAL

XIII

Essa politica de transacção e adaptação, com a qual os estadistas coloniaes vão ajustando a todas as particularidades do relevo geographico e social do paiz a cobertura das instituições politicas, se é habil e fecunda para o ponto de vista da metropole, é, para o ponto de vista brasileiro dos estadistas da Independencia e do Imperio, immensamente comprometedora e perigosa. Com esses processos de fragmentação e differenciação do poder, elles nos preparam problemas tremendos e dias angustiosos, que vão pôr á prova, não só o talento dos estadistas imperiaes, como a sua força incomparavel de character.

No fundo, os problemas propostos aos politicos da Independencia são antagonicos aos resolvidos pelos politicos coloniaes. Diremos mesmo que o que aquelles têm a fazer, na obra da organização politica da nacionalidade, é uma reacção integral contra tudo o que fizeram estes. Todos os velhos principios, que orientam a acção organizadora dos homens de governo da colo-

nia, têm que ser repellidos, ou por *necessidade*, ou por *impossibilidade* de applical-os no novo ambiente, em que respira a nova colonia recém-libertada.

Os politicos coloniaes praticam o methodo da transacção crescente com a acção dispersiva dos agentes geographicos. Os politicos do Imperio têm, como ponto supremo da sua politica constructora, justamente a reacção systematica contra essa acção dispersiva e pulverizadora dos agentes geographicos.

Os politicos coloniaes organizam, muito sabiamente, varios typos de governo local, conforme a natureza e o gráo de complexidade dos nódulos sociaes: o dos districtos agricolas, o dos districtos do ouro, o dos districtos do diamante, o dos districtos fronteirinhos do extremo sul, o das regiões auríferas recém-descobertas, o das zonas de contacto com o gentio, nos altos sertões. Os politicos da Independencia, ao contrario, são forçados a extender, em virtude do principio da egualdade, a uniformidade de um mesmo typo de organização politica a todas essas diversidades regionaes e locaes.

Os estadistas coloniaes compõem um aparelhamento politico com o intuito principal da melhor arrecadação fiscal. Para elles é indifferente, pois, que essa arrecadação venha através de um systema unitario de governo, ou de um systema federativo, ou de um systema fragmentario. O principio de unidade politica da colonia não póde realmente parecer essencial aos politicos coloniaes; esta unidade só lhes pareceria neces-

saria, si della dependesse a posse da colonia, si sem ella a colonia se viesse a perder para Portugal — o que absolutamente não se dá. Como os factores geographicos exigem o fraccionamento da colonia, elles logicamente a fraccionam em governos autonomos, em capitancias independentes; a relativa recalcitrancia que revelam em relação a essa politica é apenas uma homenagem ás velhas idéas absolutistas da Peninsula (11).

Proclamada a independencia da colonia, o pensamento dos homens, a que ia caber a formidavel incumbencia de organizar o governo nacional, já não podia ser o mesmo: *a necessidade de manter a unidade politica do paiz toma o primeiro logar no plano das suas cogitações constructoras.* Elles não têm diante de si uma vasta colonia a explorar, segundo os preceitos do fiscalismo; mas, uma patria a organizar, uma nação a construir, um povo a governar e dirigir.

Este povo está, como nos longos seculos coloniaes, ainda disseminado por um amplissimo territorio. Socialmente, é um conjuncto ainda incoherente de nucleos humanos, ganglionarmente distribuidos pela orla de um littoral vastissimo e pelos campos e sertões do

(11) — “Não escondem a intenção de converter as provincias do norte em differentes republicas, dizendo que a sua communicação é muito difficil com o Rio de Janeiro, e que só precisam de relações européas” — diz o Marquez de Barbacena em carta de 1 de Maio de 1822 a José Bonifacio (v. *Publicações do Archivo Nacional*, v. VII, pag. 244).

interior. Politicamente, é um amontoado de quasi vinte capitánias dispersas, muitas dellas com uma tradição mais que secular de autonomia e independencia.

Ha tambem que assignalar, no periodo da Independencia e do Imperio, a apparição de um novo factor, de um novo modificador da estructura politica, ao lado dos velhos factores já estudados. E' a influencia das idéas exoticas, a repercussão, na America, das novas theorias politicas, que então agitam e renovam, desde os seus fundamentos, o mundo europeu: o Liberalismo, o Parlamentarismo, o Constitucionalismo, o Federalismo, a Democracia, a Republica (12).

Estes novos agentes de modelagem do aparelho politico têm, no periodo imperial, uma influencia que chega a obscurecer a influencia, aliás, sempre toda poderosa, dos agentes geographicos. Em regra, porém, dão-se as mãos estes e aquelles: e com isto mais aggravam ainda as difficuldades, já formidaveis, do problema politico na nova patria a organizar.

XIV

O nosso povo nunca foi, mesmo nos primeiros seculos coloniaes, um conglomerado informe de colonos

(12) v. OLIVEIRA VIANNA — *O idealismo na evolução politica do Imperio e da Republica*, pag. 27 e segs.

sem organização de classes, sem uma hierarchia social, sem uma forte aristocracia organizada. Embora disperso em nódulos pela vasta superficie do paiz, embora a sua desintegração politica, embora a sua falta de solidariedade, nem por isto a sua estrutura social se caracteriza pela ausencia de uma hierarchia de classes. Muito ao contrario, desde o I seculo, sobre a massa heterogenea da plebe, pompeia uma aristocracia magnifica, onde abundam authenticos representantes da velha fidalguia peninsular. Como dizia o velho chronista, de que já falámos: "em toda a parte se acham moradores de calidades, que com esplendor e auctoridade servem á republica". No momento da Independencia, essa aristocracia, que já surprehendia com os seus esplendores os chronistas coloniaes, é ainda mais numerosa, mais luzida, mais opulenta e mais culta (13).

Ha, de facto, de norte a sul, uma nobreza rural, assentada sobre a base dos grandes latifundios, numerosa, rica, orgulhosa, esclarecida pelas idéas novas, que revolucionam os centros cultos do Rio e de Pernambuco. Ha tambem uma aristocracia intellectual, graduada na sua maioria pelas universidades europeas, especialmente a Universidade de Coimbra, e que resume, não apenas a alta cultura da colonia, mas mesmo a alta cultura da metropole: porque, desde os fins do III seculo, os maiores poetas, os maiores escriptores,

(13) v. OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil*, vol. I. cap. I e III.

os maiores humanistas, os maiores sabios, os maiores talentos da raça são quasi todos brasileiros. Com a lei da abertura dos portos em 1808, o grande desenvolvimento commercial, que dahi resulta, cria uma poderosa burguezia dos grandes commerciantes, cujos descendentes são tambem mandados a Coimbra, onde se graduam em canones, em leis, em mathematicas, em sciencias naturaes e, ao retornarem á patria, trazem á nossa aristocracia mental novos brilhos, novas idéas, novas capacidades.

Essa nobreza da terra, assim numerosa e illustrada, com as idéas renovadas nos grandes centros da cultura européa, quando a Côrte portugueza se transmigra e aqui se installa, accorre para junto do Rei, domina no Paço e consegue, afinal, preponderar mesmo sobre a chusma dos emigrados, vindos, em tropel, na comitiva real. Quando, com a retirada de D. João VI para Portugal, fica na regencia do Brasil o Principe D. PEDRO, este, dentro em pouco, está inteiramente dominado pelos elementos da aristocracia brasileira, que penetram as intimidades do Paço. Os velhos amigos de D. João VI, que haviam ficado para assistir e ajudar o filho, acabam, pouco a pouco, tambem emigrando para o reino e deixando o principe entregue ás suggestões exclusivas dos elementos brasileiros (14). Estes são, afinal, os que dirigem e governam, mesmo antes de proclamada a independencia. O grito do Ypiranga

(14) v. ASSIS CINTRA. — *O Brasil de outr'ora*, pg. IX e seg.

é apenas o remate theatral de uma victoria de ha muito assegurada.

Comprehende-se agora porque a independencia nacional se consumma com este ar festivo de parada, no meio de uma cavalgata estrepitosa, como si o Principe e os seus companheiros viessem de uma caçada á raposa nos seus parques do sertão. Só a acção envolvente e absorvente da alta nobreza da terra, cercando e isolando inteiramente o joven Regente, é capaz de explicar o facto do proprio supremo representante do dominador se fazer paradoxalmente o centro da reacção contra o dominador.

Desde o momento, em que esse Principe, libertando-se das influencias dos senhores do paiz, se torna suspeito de infidelidade aos olhos destes, o ambiente politico se lhe faz para logo irrespiravel: e é forçado a abdicar. Isto prova que acima do poder da realenza, ha, na colonia, um poder mais forte ainda: o poder da aristocracia nacional.

Este poder da aristocracia do paiz, que attráe ou repelle reis, não lhe vem do prestigio das armas, porque ella não é uma aristocracia militar. Este poder, esta força, este prestigio lhe vem da riqueza, da cultura e do character: está no poder economico, está na força moral, está no prestigio da intelligencia.

Dessa nobreza, assim triplicemente prestigiosa, é que vão sahir os constructores da nacionalidade. Na Constituinte, em que se vae elaborar a primeira Constituição nacional, figuram grandes nomes, os maiores

da nossa historia. Lá estão os ANDRADAS — JOSÉ BONIFACIO, MARTIM FRANCISCO e ANTONIO CARLOS. Lá, o futuro CAYRÚ. Lá, o futuro CARAVELLAS. Lá, o futuro OLINDA, o futuro INHAMBUQUE, o futuro JEQUITINHONHA, o futuro SAPUCAHY e tantos outros. Só não estão lá FEIJÓ e BERNARDO DE VASCONCELLOS. Todos, grandes espiritos, grandes culturas, grandes parlamentares, grandes juristas, grandes homens de estado, que haviam de encher com a sua soberba actividade todo I Imperio, o periodo tumultuario e brilhante da Regencia e mesmo, como OLINDA, por exemplo, os primeiros annos do II Imperio.

Essa enumeração gloriosa basta-nos para explicar estes dous paradoxos da nossa historia: o episodio theatral do Ypiranga e a surpresa do 7 de Abril. Num paiz, em que os elementos dirigentes têm esse relevo e essa estatura — ou se governa com elles, ou sem elles não se governa.

XV

Realizada a independencia em 1822, são esses grandes homens que vão refundir, sob novos moldes, as peças da velha aparelhagem politica, que aqui haviam construido os estadistas coloniaes. Quaes os orgãos que criam? quaes os aparelhos que compõem? quaes os moldes em que os fundem? quaes os principios que os norteiam e inspiram na sua monumentalissima construcção?

Evidentemente, esta construcção não é má; porque sob ella o paiz se abriga durante mais de meio seculo, e cresce, e prospera, e se robustece, e se prestigia aos olhos do mundo. O novo regimen republicano recebe, em 1889, desse velho regimen uma nação pacificada, tranquilla, obediente, organizada, progressiva, moralizada. Então é que esses velhos politicos, que vimos presidir á alvorada da nacionalidade, agem com sabedoria; sabem o que fazem; são dignos da grandeza da incumbencia que recebem.

Em torno delles, freme um ambiente de idéas descontraçadas e exóticas; sadias umas, maleficas outras; umas, de construcção, outras de demolição; umas adaptaveis á nossa sociedade, outras inteiramente repugnantes á sua estructura e ao seu governo. No meio dessa desorientação geral, como se orientam elles? quaes os criterios que adoptam para separar as boas das más idéas? os systemas nocivos dos beneficos? as theorias acceitaveis das que devem repugnar?

Meditando bem, a obra, que os nossos estadistas da Independencia e do Imperio empreendem, é realmente cyclopica. Elles são forçados a renovar tudo, tanto os methodos de politica como os apparatus de governo do periodo colonial — e o fazem com capacidade admiravel. E a sua actuação, durante os quasi setenta annos do Imperio, póde ser resumida nessa phrase synthetica: *uma lucta heroica e continua em prol da unidade nacional contra a formidavel acção dispersiva dos factores geographicos.*

XVI

O problema da unidade nacional impõe-se como o primeiro ponto a ser resolvido pelos organizadores das novas instituições: a colonia nos havia legado, como vimos, com os seus methodos de politica, um povo esphacelado em quasi vinte partes autonomas, com pequenissimas, sinão nullas, relações de interdependencia.

O sentimento de uma patria unica não está ainda formado: as varias capitancias, que vão ser as futuras provincias, não se sentem membros de uma mesma familia; cada uma tem sua evolução propria, sua historia propria, sua administração propria, suas tendencias proprias para este ou aquelle ponto de attracção. E' completa entre ellas a insolidariedade. Quando elegem os seus deputados ás Côrtes de Lisboa, estes não se sentem unidos pelos sentimentos de conterraneidade: não se sentem representantes do Brasil, mas apenas representantes das localidades que os elegem. — “Não ha aqui mandatarios do Brasil — exclama FEIJÓ, deputado por São Paulo, em pleno recinto das Côrtes — não ha aqui mandatarios do Brasil; os americanos neste recinto representam exclusivamente as provincias, que os elegeram”. O sentimento de sua condição commum de brasileiros não os prende, nem mesmo fóra da patria, em face do dominador. Nas deliberações das Côrtes, nos seus debates, certos delegados se collocam mesmo contra os interesses do Brasil: os delegados das provincias do norte mostram-se mais presos a Por-

tugal do que aos seus collegas do sul. Quando se discute o projecto da extincção dos tribunaes do Brasil: o Desembargo do Paço, a Mesa de Consciencia e Ordens, o Conselho da Fazenda, a Juncta do Commercio, a Casa de Supplicação e outros — o que representa a primeira tentativa de recolonização do nosso paiz — não protestam contra isso os nossos delegados e muitos ha que o applaudem. Sente-se que elles vacillam entre Portugal e Brasil. Um delles, PINTO FRANÇA, confessa mesmo que a situação de um delegado brasileiro é a mais triste, porque, si agrada aos brasileiros, desgosta os portuguezes, si agrada a estes, aquelles o odeiam. Ou, na synthese de VILLELA BARBOSA, delegado pelo Rio de Janeiro: — “mal com o Brasil por amor de Portugal; mal com Portugal por amor do Brasil”.

Essa condição de sentimento nacional mal definido se patenteia na indicação de FEIJÓ, o energico representante paulista, que havia de ser, mais tarde, na Regencia, o grande organizador da nossa unidade; indicação, pela qual elle propõe como remedio para harmonizar as relações entre o Brasil e Portugal:

“— que se declare que o Congresso de Portugal, emquanto não se organizar a Constituição, reconheça a independencia de cada uma das provincias do Brasil;

— que a Constituição sómente obrigará aquellas provincias, cujos deputados nella concordarem pela pluralidade de votos”.

Vê-se por ahi como havia sido profundo o effeito da politica desintegradora dos estadistas coloniaes e

como é fraco, em 1822, o sentimento da unidade nacional.

Com a retirada de D. João VI e com a regencia do Principe D. PEDRO, essa dissociação das diversas provincias revela-se da maneira mais clara e positiva. D. PEDRO, apesar do seu prestigio de Principe, não estende realmente o seu poder para além do Rio, séde do Imperio: *as outras provincias recalcitram em reconhecer-lhe a autoridade.* Umas procuram tornar-se autonomas, como Pernambuco; outras preferem obedecer ao governo de Lisboa, como Maranhão, Pará e Bahia. Só o Rio, São Paulo e Rio Grande do Sul se conservam fieis a elle.

SILVESTRE PINHEIRO presente o perigo dessa dissociação e duvida que essas provincias, assim tão separadas e indifferentes, se possam unir sob um governo commum: — “A Bahia acaba de desligar-se da obediencia de S. M., com o pretexto de adherir ao systema das Côrtes de Lisboa — diz elle. Provavelmente a esta hora tem feito outro tanto Pará, Maranhão e Pernambuco. As demais provincias seguil-as-hão de perto. Que feliz concurso de circumstancias poderá tornar ainda doces os habitantes de cada qual daquellas provincias á voz de uma auctoridade? E se isto é difficil de conceber em cada uma, quanto mais difficil não é que jamais voltem todas a obedecer a uma auctoridade commum a todas ellas?”

Essa dissociação é tambem o reflexo da condição rudimentar dos apparatus de circulação geral. Esta,

por ocasião da independencia, é tão precaria e deficiente como nos primeiros seculos do povoamento. Os inconvenientes da enormidade da nossa base physica continuam a se fazer sentir em toda a sua plenitude. Entre provincias limitrophes, e das mais progressivas e ricas, como as de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, os meios de communicação não haviam melhorado em nada — e são tão insufficientes e raros como no II e III seculos. E' assim que, segundo ESCHWEGE, a estrada que conduz a Minas, por S. João d'El-Rey, é nada mais do que uma simples picada aberta no matto, obstruida pela vegetação e dando passagem difficil a um cavallo. Como nos primeiros seculos coloniaes, os meios de circulação se reduzem, nas regiões do interior, ás tropas de mulas e á navegação em canôas, movidas a força de remos, nos trechos praticaveis dos rios. E' por meio de uma esquadilha de canôas, que Minas se communica com o littoral do Espirito Santo, através do curso do Rio Dôce.

Tendo optado pela transacção com a acção desintegradora dos agentes geographicos, os estadistas coloniaes do IV seculo se haviam descuidado, como os do I, do II e do III, do desenvolvimento dos grandes meios de circulação. HYPOLITO DA COSTA observa, no seu *Correio Braziliense*, que, ao passo que o governo portuguez, ao transmigrar, transporta para aqui uma multidão de instituições anachronicas existentes na metropole, esquece de fundar no paiz os seus verdadeiros instrumentos de administração, e aponta entre estes:

“uma inspecção para abertura de estradas, uma redacção de mappas, um exame da navegação dos rios”. De nada disto se cogitára: o plano de communicar o Pará com Matto-Grosso pelas cachoeiras do Rio Madeira e Pará com Goyaz pelo Tocantins e Tapajós é apenas uma fantasia brotada na imaginação ardente de D. RODRIGO DE SOUZA COUTINHO. Entre as capitánias, pela linha da costa, as communicacões continuam a ser feitas por morosos navios a vela, em numero insignificante e em viagens sem regularidade.

E', portanto, quasi absoluto o isolamento das diversas provincias do Brasil, na éra da Independencia: os meios de intercommunicaçáo espirital, com os correios, participam da condiçáo rudimentar dos meios de circulaçáo material. E' as estradas de ferro só veriam surgir trinta annos mais tarde os seus primeiros embryões.

O centrifugismo das provincias é, então, logico. Justificam-no tres seculos de autonomia. Explicam-no o estado ganglionar da massa nacional, a dispersão dos centros de colonizaçáo, uma base physica latissima, uma circulaçáo material precaria, falha, morosa, deficiente e, em certos pontos, inexistente ou meramente local: de qualquer fórma, incapaz de assegurar á circulaçáo politica a rapidez e a complexidade necessarias a uma articulaçáo poderosa desses diversos centros autonomos e a sua subordinaçáo a um centro commum de governo.

Esta subordinação é, entretanto, necessaria. *E' preciso fundar a hegemonia do centro fluminense*, prendendo a elle, num systema centralizado, essa constelação de nucleos dissociados, trabalhados todos elles pelas forças do mais intenso centrifugismo.

O problema, considerado nos seus elementos concretos, é realmente insolúvel. Seria tentar realizar o que nem os grandes conquistadores e fundadores de imperios puderam realizar, isto é: *fundar a unidade do governo sem meios efficazes de circulação politica*. Os estadistas da independencia têm diante de si a mesma situação embaraçosa, diante da qual pararam, indecisos, os estadistas coloniaes: *um maximo de base physica com um minimo de circulação* (IV).

XVII

Para compôr o mecanismo desse governo necessariamente unitario, os estadistas da Independencia encontram á mão, por um acaso feliz, uma peça essencial: um Rei. Com elle, vão fazer gravitar em torno do centro fluminense todas as provincias dissociadas, mesmo as mais remotas. Sem elle, o desmembramento do paiz seria absolutamente inevitavel.

O dominio portuguez só se mantem unido, na phase da emancipação, em virtude da força centripeta da realza. Uma arrancada do imperialismo napoleonico havia arremessado sobre estas plagas um throno

de precaria estabilidade: e este accidente — este mero accidente — vae dar aos constructores da nacionalidade a chave da solução do tremendo problema da nossa unidade politica. Pela acção catalytica da pessoa real, elles conseguem neutralizar a acção dispersiva dos factores geographicos, mantendo unida a nação durante os dous Imperios. Desde o momento em que esta acção cessa, pelo afastamento da pessoa real com o advento da Republica, para logo os factores geographicos reivindicam os seus direitos: e o regimen federativo surge como o meio de evitar a secessão.

O Rei é, pois, a peça mestra de todo o mecanismo do governo nacional, construido pelos estadistas imperiaes (15).

Estes, em todas as suas acções, inspiram-se, por isso, no principio da intangibilidade dessa peça essencial: não lhe consentem nenhuma modificação, nenhuma alteração, nenhuma restricção á sua influencia. Com ella, jogando-a com habilidade, elles realizam as duas grandes missões do poder central do paiz: *a unificação da nacionalidade e a organização da sua ordem legal*. Sem ella, não teriam realizado a primeira e, portanto, não teriam realizado a segunda: — e seriamos hoje talvez um amontoado de pequenas republicas desorganizadas.

(15) v. OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil*, vol. cap. XII,

Nada mais admiravel do que observar a acção centripeta da personalidade imperial, o prestigio que ella exerce sobre a massa geral da população, sobre os escóes locaes, sobre as altas camadas dirigentes do paiz, sobre os nucleos do norte e do sul, sobre as gentes ainda indisciplinadas e incultas dos nossos sertões, como sobre as gentes civilizadas do littoral. Em todas as revoluções civis, que agitam o imperio, paira, sempre, acima de todas as luctas, o principio da lealdade á pessoa do Rei, o dever de obediencia á sua majestade imperial. Os rebeldes apressam-se sempre em declarar que o seu protesto, a sua reacção, a sua rebeldia não é contra o monarcha, e sim contra o governo, contra o partido, contra a lei: o governo, porque arbitrario; o partido, porque intolerante; a lei, porque oppressiva; nunca, porém, contra o Rei. Este recebe sempre de todos os insurgentes os protestos mais respeitosos da mais perfeita lealdade. No norte, as revoluções republicanas fracassam justamente por isso. No extremo-sul, a revolução de 1835 não tem, no seu inicio, nenhum character republicano. No centro-sul, a revolução de 1842 é feita sob o pretexto de libertar a pessoa do Rei das más influencias que o cercam — sophisma em que se dissimula o espirito de reverencia á realleza, mesmo entre os que contra ella se rebellam.

O periodo regencial vale como uma contra-prova dessa poderosa acção de presença, exercida pela pessoa do monarcha sobre a massa nacional. Ha, nesse periodo, como que um eclipse da pessoa real, represen-

tada, aliás, por uma ficção constitucional, na Regencia trina e, depois, na Regencia una. Mas, apesar da ficção constitucional, essa falta do Rei na direcção effectiva do Imperio basta para que os velhos particularismos provinciaes encham o paiz, do norte ao sul, com o estrondo das suas explosões. O periodo regencial é, por isso, a época da mais intensa exacerbação do espirito provincial. *Para impedir a fragmentação do paiz se faz preciso o appello ao golpe de estado, com que se epilougou o chamado movimento da Maioridade.*

XVIII

Os estadistas do Imperio se utilizam dessa acção catalytica, desse prestigio immenso do monarcha para executarem, com perfeita segurança, o plano admiravel de unificação e legislação do paiz. O mecanismo centralizador, que constróem, encheria de surpresa os velhos politicos coloniaes. Estes, apesar de agirem numa época de absolutismo, não haviam conseguido apparellhar cousa equal. E' uma edificação possante, solida, massiça, magnificamente estruturada, constringindo rijamente nas suas malhas resistentes todos os centros provinciaes e todos os nódulos de actividade politica do paiz: *nada escapa, nem o mais remoto povoado do interior, á sua compressão poderosa.*

O movimento conservador, que culmina na Lei de interpretação do Acto Addicional, de 1840, havia permittido, com effeito, aos estadistas do Imperio com-

pletarem, da maneira mais perfeita, o seu soberbo mecanismo politico, montado em 1824. Com essa Lei de interpretação, que restringe a competencia das Assembléas provinciaes, elles adquirem a faculdade de intervir nos menores detalhes da economia provincial e local. Leis posteriores lhes vão facilitar a objectivação, tanto quanto possivel, deste grande pensamento de unificação e legalidade, ou enriquecendo o organismo do poder central com novos órgãos da mais segura eficiencia sobre os centros locaes e provinciaes, ou dando a órgãos já existentes poderes ou attribuições, que não tinham até então.

O primeiro órgão, com que elles asseguram a subordinação dos centros provinciaes ao poder nacional e corrigem as tendencias separatistas, é o "presidente da provincia", nomeado pelo Imperador e escolhido por elle. Os estadistas do Imperio repellem, por isso, systematicamente, todas as tentativas da reforma constitucional que visam dar ás provincias o direito de elegerem os seus presidentes. Estes são sempre homens de confiança do Imperante, reflectem, de um certo modo, o prestigio deste e, sobre os centros provinciaes, a sua acção é formidavel. — " O presidente — diz um publicista do tempo — é no Brasil um instrumento eleitoral. E' por meio d'elle que se elege periodicamente a chancellaria do nosso absolutismo dissimulado. Então é o governo logico nomeando quem lhe pareça mais habil e mais despejado para fabricar-lhe, nas vinte provincias, uma assembléa que sustente a politica preferida pelo Imperador".

O segundo órgão do mecanismo politico central, com acção nas provincias, é o "chefe de policia", escolhido e nomeado pelo Imperador. Tendo attribuições não só policiaes, como judiciaes, sua acção na vida provincial é enorme. Só em 1870, com a lei que separa a magistratura da policia, as suas attribuições se reduzem ás de meramente policiar a provincia. Deste órgão provincial estão dependendo outros menores, com acção nas localidades, cidades, villas, logarejos, districtos: os "delegados de policia", os "subdelegados de policia", os "inspectores de quarteirão", os "carcereiros" das cadeias publicas e o "pessoal subalterno" da administração policial.

No tocante á organização dos apparatus da justiça local, o poder central não é menos absorvente. E' elle quem nomeia o "juiz de direito". E' elle quem nomeia o "juiz municipal". E' elle quem nomeia o "promotor publico". Todo o pessoal subalterno do Forum está dependendo d'elle, directa ou indirectamente. Outras tantas peças, que representam agentes de subordinação dos centros locais ao poder supremo, localizado no Rio.

Este poder não se limita a agir através desses órgãos locais: opulenta-se com attribuições, que lhe dão meios de influir sobre os proprios órgãos da autonomia local. Elle pôde annullar as eleições de vereadores municipaes e juizes de paz. Elle pôde reintegrar o funcionario municipal demittido pela Camara. Elle

póde suspender mesmo as resoluções das Assembléas provinciaes.

Uma instituição — o “recrutamento” — permite tambem ao poder central actuar, da fórma mais effi- caz, sobre os elementos locaes de dissolvencia social, sobre a turbulencia das zonas ruraes, sobre o bandi- tismo das regiões sertanejas, sobre as tropelias da cau- dilhagem territorial.

O desenvolvimento crescente das instituições mi- litares, a formação do Exercito Nacional, faculta, por outro lado, ao poder central reforçar e assegurar, atra- vés as guarnições militares das capitaes, o prestigio da sua autoridade sobre as provincias. E não só nas ca- pitaes das provincias, como nas comarcas, nos termos, nos districtos, elle dissemina os contingentes das for- ças armadas: “dissolve o exercito em destacamentos”, como diz o publicista do II Imperio, TAVARES BASTOS.

Ha tambem uma outra instituição, a “Guarda Na- cional”, em que se haviam transformado as antigas mi- licias locaes, e cuja força é consideravel naquella época. Esta instituição passa tambem a ser subordinada, des- de 1850, ao poder central, que completa, com esta con- quista, os seus meios de dominação local. — “Genera- lissimo da policia — exclama o mesmo publicista — o Ministro da Justiça ficou tambem sendo o da Guar- da Nacional. São dous exercitos que marcham ao mes- mo signal de commando. A conquista é infallivel: eis as camaras unanimes de 1850!”

E', então, realmente poderoso e soberbo na sua estrutura o mecanismo centralizador e legalizador, composto pelo genio politico dos estadistas imperiaes. O que haviam engenhado os estadistas coloniaes lhe pôde ser superior em complexidade, em flexibilidade, em adaptabilidade; não o é em solidez, em precisão, em efficacia.

XIX

Para montar esse formidavel apparelho de administração e politica, para fazel-o funcionar durante quasi cincoenta annos, sem que o abalem as reacções desintegradoras dos factores geographicos; não contam apenas os estadistas imperiaes com o simples prestigio do Rei, com essa acção centripeta, oriunda do espirito de lealismo. O grande personagem, que forma o centro do systema por elles organizado, tem uma acção mais directa, mais activa, mais pessoal. Delle emana uma acção moderadora sobre todos os órgãos do grande mecanismo politico, de cuja solidez e efficiencia já dissemos. Essa acção moderadora do Imperante reforça ainda mais o magnetismo da sua personalidade, o que permite aos politicos do Imperio realizarem a sua obra centralizadora sem grandes e assignalaveis embarços.

Realmente, criando o Poder Moderador, enfeixado na pessoa real, os estadistas do antigo regimen armam o soberano de faculdades excepcionaes. Como poder moderador, elle age sobre o Poder Legislativo

pelo direito de dissolução da Camara, pelo direito de adiamento e de convocação, pelo direito de escolha, na lista triplice, dos senadores. Elle actua sobre o Poder Judiciario pelo direito de suspender os magistrados. Elle influe sobre o Poder Executivo pelo direito de escolher livremente os seus ministros de estado e livremente demittil-os. Elle influe sobre a autonomia das provincias pelo direito de suspender as resoluções das Assembléas provinciaes. E, como chefe do Poder Executivo, que o exerce por meio dos seus ministros, dirige, por sua vez, todo o mecanismo administrativo do paiz.

Ora, esse poder enorme de moderação e fiscalização, encarnado na pessoa do Rei, dissimula de algum modo a acção dos politicos da centralização, resguarda os das animosidades populares, torna menos antipathica a sua acção, sinão aos olhos dos partidos, pelo menos aos olhos do povo: e isto previne muitas revoltas, muitos tumultos, muitas explosões de anarchia, á medida que as malhas da centralização vão constringindo, cada vez mais, provincias e municipios.

O ponto central da acção moderadora desse poder é, com effeito, a formação dos gabinetes ministeriaes. Com a fromação dos gabinetes, o Poder Moderador intervem no jogo dos partidos. Dado o mecanismo da centralização, a organização, por exemplo, de um gabinete conservador implica o triumpho do partido conservador, isto é, a ascensão dos seus elementos, não só

ao governo central, mas aos governos provinciaes e aos governos municipaes. A situação liberal é, com isso, litteralmente varrida das posições dos governos locaes e provinciaes. Desde o momento, porém, em que a situação liberal é chamada ao poder com a formação de um gabinete liberal, é o contrario que acontece: cabe aos conservadores a vez de deixarem as posições.

Durante todo o II Imperio, as facções locaes e provinciaes, filiadas ás duas grandes divisões partidarias, vivem nessa constante alternativa de quédas e ascensões: e isto as torna, quando na opposição, contidas, pacientes, resignadas, sempre na esperança da victoria proxima e da proxima ascensão.

Dahi, o milagre de vermos todos éssas forças temiveis do localismo e do provincialismo acceitarem, quasi sem nenhuma reacção, o systema centralizador e unitario, forjado pelos estadistas imperiaes. Não é difficil imaginar até onde ellas teriam levado o protesto e a reacção, si essa esperança de ascensão não lhes houvesse moderado a impaciencia e a irritabilidade.

XX

Os grandes constructores do governo central comprehendem então quanto é importante, para a efficiencia do seu formidavel aparelho politico, o Poder Moderador. Dahi o seu vivo empenho em augmentar o mais possivel a esphera de acção desse poder. Elles a

dilatam, tanto quanto é possível dilatar, embora deturpando a função desse poder na pureza da sua significação doutrinaria.

E' das boas doutrinas constitucionaes, bebidas nas fontes puras do parlamentarismo inglez, que "o Rei reina, mas não governa". Os estadistas imperiaes comprehendem bem que a applicação exacta desse principio aqui seria o fracasso do seu systema. O dia em que o Rei se limitasse á sua méra função constitucional e se alheasse das luctas dos partidos, o poderoso mecanismo, que haviam construido e sob o qual mantêm unido e disciplinado todo o paiz, estalaria em mil fragmentos e, com elle, a Nação. Elles formulam então, com arrogancia e firmeza, o principio contrario — da intervenção do soberano, não só no governo do paiz, como na sua administração: — "o Rei reina, governa e administra" — dizem pela palavra de ITABORAHY.

Ha, no apparelho politico do governo central, dous orgãos, que tambem concorrem para reforçar esta acção do poder do soberano, permittindo que se objective na actividade administrativa e politica do paiz a formula de ITABORAHY. Um é o Senado; o outro é o Conselho do Estado.

O Senado exerce uma função de reacção contra os movimentos em que, na Camara baixa, se corporizam os principios liberaes, cujos sectarios consideram essa ampliação das prerogativas reaes um facto aberrativo e condemnavel. Nenhuma reforma, passada nessa Camara, estabelecendo a eliminação dos apparelhos da cen-

tralização, logra a aprovação da Camara alta. Esta é essencialmente conservadora, o que equivale dizer que é defensora systematica do poderoso systema construido pelos politicos do imperialismo.

Essa feição conservadora do Senado deriva, em parte, da sua condição de vitaliciedade e, em parte, da intervenção directa que, na sua composição, tem o Poder Moderador. Este possui, como já dissemos, a faculdade de escolher entre tres senadores eleitos pelas Provincias — e, naturalmente, escolhe dentre os tres aquelle mais á feição da sua politica. Libertos da pressão das vicissitudes eleitoraes pela vitaliciedade, os senadores podem reflectir, dest'arte, mais seguramente o pensamento da politica conservadora e os seus objectivos centralizadores.

O Conselho de Estado é um orgão consultivo, cuja função é enorme. E' elle que aconselha o Imperador nas medidas administrativas e politicas. E' o supremo interprete da Constituição, com uma missão, neste ponto, equivalente á do Supremo Tribunal no novo regimen. Composto de membros escolhidos pelo Imperador, já isto dá ao soberano um poder definitivo de selecção. O Conselho de Estado se faz, por isso, um exegeta constitucional, em cujas interpretações prevalece um pensamento centralizador, um pensamento de prestigio ás regalias do poder da Corôa, de fortalecimento do poder central.

Em summa, Senado e Conselho de Estado dão á Corôa, aos seus privilegios, á sua ascendencia, uma for-

ça incomparavel, que realça e exalta a que deriva naturalmente da majestade imperial.

Ou agindo, directamente, pela acção moderadora do “poder pessoal”, ou, indirectamente, como Poder Executivo, por intermedio dos ministros, o soberano consegue, por esta ou por aquella forma, fazer descer a sua vontade desde a organização dos gabinetes até ás molas mais obscuras da administração local do paiz.

Cheio desse grandioso prestigio, o formidavel mecanismo centralizador e unitario, fundido pelos estadistas imperiaes, regula sem contraste a vida politica, administrativa e partidaria da Nação, desde o centro ás provincias, desde as provincias ás localidades mais remotas, durante cerca de cincoenta annos, sem que os terremotos, que de quando em vez o sacodem, cheguem a abalal-o na solidez da sua estrutura.

XXI

Os liberaes bem sentem que a força do colossal mecanismo está apenas nesta peça. Elles bem sabem que, enquanto ella subsistir, a força agglutinante do poder central é incontrastavel. Elles bem comprehendem que, para fazer ruir com estrondo toda esta portentosa edificação, basta atacal-a neste ponto vulneravel. Elles dizem então pela voz de VERGUEIRO: — “O poder moderador, tal qual existe na Constituição, póde destruir todas as liberdades da Nação; e o modo

de remediar isto é fazer passar para o Poder Executivo ou determinar que elle seja executado com a referenda do ministro de estado" — o que importaria collocar o Poder Moderador sob a dependencia immediata da Camara e, portanto, dos partidos.

Quasi todas, sinão todas as campanhas parlamentares e partidarias, que illuminam tão magnificamente os annaes do velho regimen, se prendem, directamente ou indirectamente, a este ponto. São um debate exhaustivo sobre as prerogativas desse poder, sobre a extensão desse poder, sobre a necessidade desse poder, sobre a constitucionalidade da acção desse poder.

Os "conservadores", que são os edificadores do grande apparatus centralizador, defendem vivamente esse poder, contra o qual os "liberaes" investem ainda mais vivamente, atacando-o quasi sempre lateralmente, de flanco; mas, ás vezes, de frente e em cheio, como os da corrente republicana.

Os partidos politicos, que se agitam durante o longo periodo imperial, o "conservador", o "liberal", o "progressista", o "radical", o "republicano", discriminam-se em torno desse poder e das suas attribuições. Lendo-se-lhes os programmas, vê-se que todas as suas medidas tendem: nos conservadores, a ampliar os direitos do Poder Moderador; nos liberaes, a restringir esses direitos, a delimital-os ou até a annullal-os. Mesmo naquellas medidas suggeridas, que, á primeira vista, parecem não ter relação nenhuma com o grande poder constitucional, a elle se referem, pela repercussão

que a sua acção tem sobre a vida politica e administrativa do paiz. E' o caso da "policia electiva" e da "abolição da guarda nacional", propostas pelo partido radical, de 1868, ou a "reducção das forças militares em tempo de paz", suggerida pelo partido liberal, de 1869. De qualquer fórma, o que os adversarios do Poder Moderador querem é enfraquecel-o, tirando-lhe, por esse modo, os meios de acção sobre os centros locaes e provinciaes.

Esses grandes principios e essas grandes theses doutrinarias, que enchem os debates parlamentares e as paginas da publicistica no Imperio, isto é, o "liberalismo", o "parlamentarismo", o "contitucionalismo", o "federalismo", a "descentralização", a "democracia" — todos estão, directa ou indirectamente, substancial ou accessoriamente, principal ou subsecivamente, relacionados com a existencia dessa peça central das instituições. Dil-o magnificamente o manifesto republicano de 1870:

— "Um poder soberano, privativo, perpetuo e irresponsavel fórma, a seu nuto, o Poder Executivo, escolhendo os ministros, o Poder Legislativo, escolhendo os senadores e designando os deputados, e o Poder Judiciario, nomeando os magistrados, removendo-os aposentando-os.

— "Militarizada a nação, arregimentada ella no funcionalismo dependente, na guarda nacional pela acção do recrutamento ou pela acção da policia, é illusoria a soberania, que só póde revelar-se sob a condição de ir sempre de accôrdo com a vontade do poder".

Dahi as tentativas de eliminação desse poder. O partido liberal de 1831 propõe a sua extincção. Egualmente, o partido radical, de 1868. O partido progressista, de 1862, e o liberal, de 1869, o conservam; mas, propõem que dos seus actos sejam responsaveis os ministros — o que, praticamente, importaria destruil-o.

Em todas essas medidas, porém, mesmo as que propõem a suppressão do Poder Moderador, nenhuma ousa atacar o principio mesmo do systema. O partido progressista, de 1862, ao formular o seu programma, deixa claramente manifesto o seu pensamento de lealismo: — “O partido progressista não quer a reforma da Constituição politica, a qual, como ao Imperador e á sua dynastia, consagra o maior respeito e adhesão”. Só em 1870, os republicanos affirmam francamente que, para destruir o systema centralizador, que os estadistas imperiaes haviam construido, só ha este expediente radical: a suppressão do proprio Imperante.

XXII

Os elementos liberaes, na sua reacção contra a organização cazarista formada pelos conservadores e na predicação das suas idéas parlamentaristas, federalistas, descentralizadoras e democraticas, inspiram-se inteiramente em theorias e idéas exoticas e reflectem as campanhas politicas, que agitam então o scenario europeu e americano. O systema, organizado pelos estadistas

conservadores, é contrario ao systema dominante nos povos mais em voga, a Inglaterra e a America do Norte principalmente: dahi a reacção contra elle.

Os federalistas, por exemplo, que começam, aliás, a apparecer desde a Constituinte de 1823, não comprehendem que vivamos sob um regimen centralizador, quando ao norte do continente resplandecem, na sua pureza, a constellação dos Estados americanos e, na Europa, a dos Estados suissos.

Para os parlamentaristas, o mecanismo do “poder pessoal” é um apparelho de monstruosa corrupção do bello regimen, com que se bemaventuram os livres cidadãos da Inglaterra.

Os democratas, por seu turno, extasiam-se ante o chamado “regimen da opinião”, dominante entre inglezes e americanos — e pedem a eleição directa e as instituições do *self-government*, á maneira saxonica.

Organizar o poder sobre estas bases é para elles dar provas de civilização, progressividade e liberalismo; construil-o sob outros modelos que não estes, é rotina, é atrazo, é regresso. E’ desse preconceito que se nutre o nosso liberalismo, que nelle haure vitalidade e entusiasmo.

De modo que, *entre os factores que concorrem para modelar a nossa organização politica, durante o seculo da Independencia, ha que contar com a enorme acção dessas influencias estranhas.* O espirito conservador as evita, as repelle, as combate; ellas acabam, porém, for-

quando-o a uma transacção, como em 1832, com o Código do Processo; como em 1834, com o Acto Adicional; como em 1889, com a Republica e a Federação.

Dentre essas idéas estranhas, aquella que trabalha com mais vehemencia e tenacidade para modelar as nossas instituições politicas, é a da *descentralização*, de que a republica federativa é a sua mais moderna e victoriosa expressão. Tenta-se, a principio, a monarchia federativa, que é repellida por incompativel com a instituição monarchica. Propõe-se depois a *descentralização pelo municipalismo* — e vem a legislação do Código do Processo, de 1832, modelada segundo os principios do *self-government* americano: o centro de gravidade da politica nacional desloca-se então do “poder nacional” e do “poder provincial”, para fixar-se no “poder municipal”. Propõe-se, depois, a *descentralização pelo provincialismo* — e promulga-se o Acto Adicional: e o centro de gravidade da politica desloca-se do “município” para as “assembléas provinciaes”. Depois da grande reacção conservadora de 1840, a idéa descentralizadora continua a ser a base de todos os programmas liberaes e de todos os partidos progressistas — o que não impede que, durante cincoenta annos, o espirito conservador triumphe de todas essas idéas e mantenha o prestigio crescente do principio da centralização.

XXIII

Ha muita suggestão doutrinaria e exotica nesse appello á descentralização. Ha porém nelle um innegavel fundamento nacional. Dá-se aqui uma coincidência entre as theorias politicas e a nossa realidade americana. Os descentralizadores — “federalistas”, “municipalistas”, “liberaes”, emfim — não são apenas theoristas ou sonhadores: elles exprimem tambem um estado d'alma nacional. Os principios de philosophia politica, com que justificam a descentralização, o federalismo, o *self-government*, colórem ambições mais intimamente radicadas á terra e ao povo: são uma racionalização doutrinaria de um estado da psychologia collectiva, que tira suas origens das realidades do proprio-meio.

Na verdade, os organizadores do poderoso mecanismo centralizador do Imperio não resolvem o problema pre-existente da dispersão da massa social. O factor geographico, com sua acção desintegradora e fragmentadora, havia sido comprimido apenas, ou dissimulado: *não havia sido eliminado*. O prestigio catalytico do soberano neutraliza, aparentemente, a sua acção dispersiva; mas, elle continua a agir no seu trabalho subterraneo. Permanece latente até o fim do Imperio; de quando em quando, explode, denuncia-se, provocando pequenas rupturas locaes na formidavel super-estrutura da monarchia unitaria. “Balaiadas”, “Cabana-das”, “Sabinadas”, etc., outra cousa não são, com ef-

feito, sinão manifestações daquella “represalia das causas geographicas comprimidas na sua acção”, de que fala VIDAL DE LA BLACHE.

O equacionamento do problema da organização nacional, racionalmente, é este: *um maximo de base physica + um maximo de circulação = um maximo de unidade politica*. Estabelecer um maximo de unidade politica sobre um maximo de base physica, sem o indispensavel maximo de circulação é, evidentemente, violar as condições naturaes da actividade politico-administrativa: sem o prestigio da Realeza, já o vimos, os estadistas conservadores não o teriam conseguido.

Os estadistas do periodo colonial comprehendem o inevitavel da situação — e cedem. Os edificadores do Imperio não têm a mesma liberdade, não podem ceder, sob pena de sacrificar a integridade nacional. Entre esta e a acção centrifuga dos agentes geographicos, elles não vacillam, como não poderiam vacillar e, com habilidade genial, dão ao problema a sua unica solução possivel.

Bem comprehendem elles, entretanto, que esta solução, embora necessaria, embora unica possivel, permanecerá artificial, emquanto não se der solução ao problema da circulação. *Unidade politica exige circulação intensa, numerosa, rapida, perfeita, pelos canaes de cuja rêde os elementos da actividade administrativa do Estado se possam deslocar e mobilizar com facilidade em todos os sentidos.*

Elles bem comprehendem que só a circulação póde contrabater os factores geographicos; dahi, para corrigir os inconvenientes desse minimo de circulação sobre esse maximo de base physica, iniciam a politica da redução das distancias, a aproximação dos centros dissociados, a eliminação da força isolante do deserto. E' justamente por isso que, no II Imperio, se desenvolve a nossa navegação de cabotagem. E' então que se constróem as nossas primeiras estradas de ferro. E' então que se estabelecem as nossas primeiras linhas telegraphicas.

Hoje ainda, o grande problema da circulação não está completamente resolvido; mas, a orientação dos estadistas imperiaes neste sentido revela o seu profundo sentimento das nossas realidades sociaes e das nossas necessidades politicas.

XXIV

No conceber e realizar o seu mônimo systema de governo e administração do paiz, esses grandes politicos agem como espiritos positivos, jogando com os dados da realidade objectiva, tendo diante dos olhos os factos concretos da nossa vida nacional. Podem invocar, para justificar os seus actos ou as suas creações, o apoio de theorias estrangeiras, de systemas e instituições de outros povos; mas, é apenas para condescender com o espirito da época, para dar certa côr dou-

trinaria e philosophica a idéias suggeridas pelo contacto com as realidades do mundo objectivo, que os cerca. Os constructores da nossa unidade politica são, antes de tudo, homens praticos, politicos experimentalistas, que nunca perdem de vista as condições reaes do povo, nem as particularidades da sua mentalidade. O mecanismo, que engenham, é differente do engenhado pelos estadistas coloniaes, espiritos tambem, como elles, opportunistas e praticos; mas, isto porque os objectivos que uns e outros visam são perfeitamente differentes: si estes visam objectivos, que são, antes de tudo, de fiscalismo, aquelles procuram attingir, com a sua organização politica, o duplo objectivo de assegurar a integridade do Imperio e de estabelecer a sua ordem legal. Uns e outros inspiram-se, porém, em dados concretos e experimentaes — e mantêm sempre um contacto permanente com as nossas realidades.

Como já vimos, o poder central, no II Imperio, é realmente uma monstruosa hypertrophia, comparado com o poder provincial e o poder municipal. Estes se rachitam e se atrophiam, absorvidos na sua vitalidade pelo grande órgão central. Tornando assim hypertrophico o poder central, os estadistas imperiaes não o fazem, porém, por nenhum espirito de orthodoxia doutrinaria; *obedecem apenas a uma necessidade de adaptação do aparelho politico ao meio social*. Elles, ao contrario, tentam a experiencia de regimens mais liberaes, transigem com os democratas, com os municipalistas, com os federalistas: ensaiam o municipa-

lismo, com o Código do Processo, em 1832, e o federalismo, com o Acto Adicional, em 1834; mas, são obrigados a reagir immediatamente, a abandonar estas experiencias, dar o contra-vapor á machina politica, diante da desorganização crescente e geral que esses novos systemas trazem á vida administrativa e politica do paiz (16).

O poder central cresce, desenvolve-se, hypertrophia-se no organismo da Nação, como todo orgão, de que se exija uma actividade exaggerada. Porque os estadistas do Imperio defrontam, no momento da emancipação, não apenas o problema supremo e dominante da unidade nacional, mas tambem o problema da organização da vida legal, da garantia dos direitos individuaes e da ordem publica num paiz vastissimo, de população disseminada, rarefeita e ganglionar, dispersa, em grande parte, pelas solidões de altos sertões inacessiveis. Ora, os poderes locaes não possuem — como o demonstram as experiencias do Código do Processo e do Acto Adicional — nem força material, nem a isenção de animo necessarias para realizar esta obra superior e complexa: organizar a ordem legal nesses desertos mal povoados, onde, desde o periodo colonial, a caudilhagem territorial havia instaurado um regimen de plena dissolução da autoridade (§ VII).

(16) V. OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil*, cap. XII: *Organização da ordem legal*.

O mecanismo do poder central e, principalmente, do poder moderador não deve constituir-se, pois, sómente de peças, que bastem para realizar a unidade das provincias; é preciso armal-o de outros órgãos, que os capacitem a realizar essa tarefa de legalização, que os poderes locaes, pelas condições especiaes da propria sociedade local, não são capazes de realizar de uma maneira efficaz e completa. Os estadistas imperiaes comprehendem essa situação e, com o mais objectivo dos criterios, dão ás instituições politicas do paiz esse aspecto centralizador, que as torna apparentemente monstruosas (17).

No fundo, como no periodo colonial, *são ainda as condições do meio e da sociedade que reagem sobre os aparelhos do poder, impondo-lhes uma nova estructura, no sentido de uma melhor adaptação aos fins visados.*

XXV

Todo esse systema tem como centro de gravidade, como vimos, o prestigio da majestade imperial. E' o sentimento de fidelidade ao Imperador, de veneração á sua pessoa, de admiração carinhosa pelas suas altas virtudes e pelos seus habitos democraticos, que man-

(17) v. OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil*, vol. I, cap. XII.

tem em equilibrio o gigantesco mecanismo da centralização. No povo, esses sentimentos envolvem apenas o monarcha; não, propriamente, a monarchia: *em verdade, o povo, não é monarchista, como também não é republicano; é inteiramente indifferente ás formas de governo.* Nas classes politicas, além da admiração pelo Imperante, ha também, na sua maior parte, o sentimento da grandeza e da superioridade das proprias instituições. O que tudo concorre para garantir uma perfeita estabilidade ao systema unitario, que domina o paiz até 1889 — data em que, eliminada a sua grande força de gravitação, esse systema rúe, num instante, com estrondo, no meio da surpresa geral.

E' antiga em nossa historia a idéa republicana. Mesmo no periodo colonial, reluz aqui e ali: na Inconfidencia mineira ou na revolução pernambucana de 1817. Na Constituinte, de 1823, reaparece. Torna a voltar, mais insistente, depois de 7 de Abril. Brilha longamente no extremo-sul, com a Republica do Piratinin; e apaga-se com esta, em 1845. Em 1870, renova-se, já agora de uma fórmula mais viva, — como phanal de um partido. Desenvolve-se desde então lentamente, gastando vinte annos para objectivar-se como systema de governo.

Embora antiga, as suas origens são exoticas: a sua primeira fonte inspiradora é a grande Republica Norte-Americana. E' nesta que os inconfidentes mineiros encontram o seu modelo e repousam as suas esperanças.

Depois, ha o exemplo das republicas sul-americanas: o Imperio brasileiro é uma singularidade na America. — “Somos da America e queremos ser americanos” — diz o manifesto de 1870. *Sómente o prestigio pessoal de D. PEDRO II explica, realmente, a existencia de uma monarchia num continente, como este, totalmente republicano.*

Esse prestigio, entretanto, começa a ser abalado, nos ultimos tempos, por varias causas, umas internas, outras externas. Entre estas, está o triumpho das idéas republicanas, não já na America democratica, mas na propria Europa das dynastias omnipotentes. E' a Republica em Hespanha. E' principalmente, a quéda de Napoleão III e a Republica Franceza, de 1870. Os signatarios do manifesto republicano têm o cuidado de invocar uma phrase do ultimo presidente do conselho do imperador desthronado: — “A perpetuidade do soberano, embora unida á responsabilidade, é uma cousa absurda; mas, a perpetuidade unida á irresponsabilidade é uma cousa monstruosa”.

E', como se vê, o proprio principio monarchico que está sendo atacado: *discute-se o direito da hereditariiedade, a inviolabilidade da pessoa real, a sua irresponsabilidade.* Esse debate, indiscreto e melindroso, põe em evidente perigo o prestigio do throno e vae reduzir a ascendencia moral do Imperante sobre o paiz.

Ha, por outro lado, circumstancias particulares á nossa vida interna, que agem como reforço dessas causas externas, no sentido do enfraquecimento do pres-

tigio da realza. O Exercito, que é, como vimos, o elemento com que os estadistas da centralização conseguem impôr o seu systema ao paiz e dominar os fôcos da rebeldia (§ XVIII), está já agora profundamente abalado pela propaganda republicana nos quartéis e, principalmente, nas escolas de guerra: e começa a dar signaes indissimulaveis de impaciencia, de indisciplina e mesmo de irreverencia para o velho monarcha, de que tinha sido, aliás, o braço direito na obra grandiosa da organização do paiz.

Por outro lado, a abolição do elemento servil, em 1888, afasta do throno as sympathias da grande aristocracia territorial, essencialmente conservadora e lealista. O proprio monarcha, já enfermo e envelhecido, não exerce mais sobre o paiz aquella acção moderada, mas energica e vigilante, dos primeiros tempos.

Extincto o prestigio do grande fetiche, que forma o centro do systema, todo o systema está abalado. E um dia, por uma bella manhã, uma simples passeata militar fal-o desabar, inesperadamente, com fragor, ante os olhos da Nação estupefacta (18).

Eliminada a peça mestra do systema, extincta a sua poderosa influencia magnetica e centripeta, a federação impõe-se como meio unico de impedir a secção do paiz. Os estadistas coloniaes haviam chegado

(18) v. OLIVEIRA VIANNA — *O occaso do Imperio*, cap. II: *O movimento abolicionista e a monarchia*; cap. III: *Genesis e evolução do ideal republicano*.

é formula: *integridade da colonia pela fragmentação do poder*. Os estadistas imperiaes são levados a uma conclusão contraria: *integridade do paiz pela unificação do poder*. Os estadistas republicanos voltam á conclusão colonial: *integridade da nação pela fragmentação do poder*.

Livres do fascinio imperial, é a vez dos factores geographicos reivindicarem os seus direitos.

O PERIODO REPUBLICANO

XXVI

Com a republica federativa, o poder central, todo poderoso no velho regimen, vê, com effeito, cerceada a sua omnipotencia. Não succumbe, é certo; primeiro — porque os fundadores do regimen republicano, transigindo com as aspirações autonomistas, libertam immediatamente as antigas provincias das malhas da centralização; segundo — porque o Imperio, nos seus quasi setenta annos de existencia, havia formado o habito de obediencia ao centro fluminense e fortalecido o sentimento da patria una. O principio dominante do regimen é, porém, um principio que colloca em posição subalterna o poder central diante dos poderes estaduaes: tudo o que a Constituição não confere expressamente ou implicitamente á União, ou não nega aos Estados, presume-se ter sido deferido aos Estados (1).

Os elaboradores do novo regimen, limitando cuidadosamente os poderes da intervenção do centro na

(1) *Constituição Federal*, art. 65 § 2.

vida política e administrativa dos Estados, dão a estes a plena liberdade de se organizarem como entender, com a restrição apenas de respeitarem "os principios constitucionaes da União" (2). Cada Estado elege, assim, as suas autoridades executivas e as suas assembléas legislativas, organiza, ao seu geito, a sua administração, forma a sua burocracia, institue a sua magistratura, perfaz o serviço policial com autoridades suas, tem as suas brigadas policiaes, os seus xadrezes, as suas penitenciarias, os seus serviços publicos, as suas escolas e o seu magisterio, os seus prefeitos ou intendentos municipaes, o seu codigo administrativo, a sua legislação processual: em summa, uma Constituição sua, um Poder Executivo seu, um Poder Legislativo seu, um Poder Judiciario seu, uma estrutura administrativa inteiramente sua. Só não tem um Codigo Civil e um Codigo Penal seus.

O poder central sómente intervem na vida dos Estados apenas para assegurar a execução de leis e sentenças federaes, para repellir invasão estrangeira ou de um Estado em outro, ou então para manter a fórma republicana federativa. No caso de perturbação da ordem e da tranquillidade publica, cabe ao governo do Estado providenciar com os seus proprios recursos; o governo central só intervem, se este lhe solicitar os auxilios (3).

(2) *Idem*, art. 68.

(3) *Idem*, art 6.

O novo systema organizado pelos constituintes republicanos dá, é certo, ao Presidente da Republica poderes que evidentemente são superiores aos do soberano nas monarchias constitucionaes: dir-se-á que o tornam um verdadeiro autocrata ou um dictador. E, realmente, assim o tem sido, sinão tanto pelo espirito da lei, ao menos pelas praticas consagradas. Não se removem facilmente cincoenta annos de centralização e imperialismo...

Entretanto, comparando o poder do presidente republicano com o "poder moderador" do velho regimen, evidentemente o poder do presidente se mostra muito menos lato, muito mais embaraçado na sua acção por uma multidão de obstaculos constitucionaes e politicos que aquelle não conhecia. Como o regimen é de separação dos poderes, elle não tem, por exemplo, o recurso da dissolução da Camara, na hypothese de um conflicto entre esta e elle. Não dispõe, como no velho regimen, como Poder Executivo, da força policial dos Estados; não dispõe das autoridades policiaes dos Estados; não dispõe do mecanismo administrativo dos Estados: não póde, pois, fabricar Congressos Nacionaes seus, ao seu geito e gosto; ao contrario, está sujeito aos Congressos manipulados pelas situações dominantes nos Estados. E', pois, incomparavelmente menos prestigioso e forte do que o poder moderador no regimen imperial. Elle tem, é verdade, ao seu lado a força respeitavel das guarnições federaes; mas, a sua intervenção *manu militari* na economia interna dos Estados

está estritamente prescripta na Constituição. Demais, esta é interpretada soberanamente pelo Supremo Tribunal Federal — centro do systema; de maneira que qualquer acto presidencial, que não esteja dentro do espirito rigoroso da Constituição, pôde vir a ser declarado nullo, por inconstitucional, pelo supremo interprete. O que tudo representa outros tantos embaraços á livre acção do supposto dictador.

XXVII

Modelado por padrões exóticos, extremamente complexo no jogo do seu mecanismo, desconhecido á maioria, o novo regimen vae ser posto em execução no justo momento em que a nação atravessa uma situação excepcional de instabilidade e desorganização. Dous abalos formidaveis a haviam sacudido, com pequena intermittencia um do outro: a abolição do elemento servil e a quéda do velho regimen. Este, em 1889; aquelle, em 1888 (4).

Com a revolução republicana triumphante, quebram-se os velhos quadros politicos e partidarios, que os cincoenta annos de velho regimen haviam lentamente formado: *a nação, colhida de surpresa, vê a sua*

(4) V. OLIVEIRA VIANNA — *O idealismo da Constituição*, Rio, 1927.

instabilidade, oriunda do abalo da abolição, agravada ainda mais pela instabilidade, oriunda nos novos idéaes victoriosos.

Ha uma sublevação das camadas sociaes, que se invertem e misturam: a Nação assiste, attonita, á aparição, ao lado das grandes figuras do republicanismo historico, de uma chusma de personalidades entrelapas, sem nenhuns titulos que credenciem a sua ascensão; mas, todas batalhando com audacia e vehemencia pela posse do poder e pela direcção do paiz. Os elementos sociaes, nessa sociedade sacudida do terremoto, movem-se desordenadamente, como moleculas actuadas por forças divergentes. Nesse jogo de acções e reacções indescriptiveis, a estrutura social, afrouxando o vigor da sua cohesão, adquire uma plasticidade enorme, sob a pressão das influencias mais descontraídas. Toda a nação torna-se então uma collectividade de super-excitados, extremamente suggestionaveis e receptiveis, em cuja consciencia se pôdem lançar os melhores germens da ordem, como os peores fermentos da anarchia.

Esta explode, paradoxalmente, um pouco mais tarde. No inicio do novo regimen, um facto accidental a contem e reprime. Sabe-se que o movimento militar, de que resulta a Republica, não tem, a principio, nenhum intuito republicano, mas apenas o intuito de depôr um ministerio, que se havia incompatibilizado com as classes armadas. Os republicanos, aproveitan-

do-se habilmente deste movimento, derrubam com elle, ao mesmo tempo, o ministerio e o throno. E eis porque, na constituição do novo regimen, apparece, provisoriamente, um dictador militar, DEODORO, tendo a seu lado o formidavel prestigio de alguns milhares de espadas.

Sob a compressão dessa dictadura agaloada, a anarchia, consequencia logica de todas as revoluções triumphantes, e que seria inevitavel com uma dictadura civil, é contida e reprimida. E a organização dos novos apparatus constitucionaes se perfaz sob um regimen de tranquillidade apparente e geral.

Ha tambem um outro facto, este já de character economico, que contribue, mais do que se pensa, para explicar essa surprehendente tranquillidade dos primeiros dias da Republica: E' o phenomeno, de duração. passageira, a que se dá o nome de "encilhamento". Durante o "encilhamento", ha, como que uma inebriante vertigem de fortuna rapida, as ambições de riqueza tomam, por um momento, aqui, uma feição de psychose absorvente: toda a sociedade fluminense palpita, anseia, freme sob a idéa delirante das especulações bolsistas. Imaginações megalomanas engenam empresas miraculosas, industrias fabulosas, estupendas explorações economicas, capazes de canalizar para o cofre dos accionistas incautos riquezas mais copiosas que as dos thesouros dos rajahs. Todas as classes sociaes — dos banqueiros opulentos aos mais modestos caixeiros, dos politicos influentes aos grandes proprie-

tarios territoriaes, “desplantados” pela Abolição — sonham, sob a magia desses encantos, com a Fortuna e esperam cada manhã o golpe venturoso da sua bagueta dadivosa.

O “encilhamento” funciona, pois, como um derivativo: mantendo os temperamentos ambiciosos entretidos nos seus sonhos de fortuna, desvia-os, por um momento, da arena da politica.

Extinta a influencia dessa subita psychose, é então que os ambiciosos de fortuna e os ambiciosos de poder, conjugando-se, vão agir já agora no campo exclusivo da politica: *e começa o periodo tormentoso das revoluções civis.*

XXVIII

Vinda de surpresa, a Republica não encontra preparada para ella a Nação. Os nucleos republicanos espalhados pelo paiz, durante a phase da propaganda, são extremamente diminutos (5) — e a grande massa politica está então dividida entre as duas grandes parcialidades do Imperio: o Partido Conservador e o Partido Liberal.

Este, com o abalo da abolição do elemento servil, cresce rapidamente. Dentre os seus partidarios, os mais exaltados e afoitos vingam mesmo a barreira

(5) V. OLIVEIRA VIANNA — *O accaso do Imperio*, cap. III: *Genese e evolução do ideal republicano.*

de lealismo e penetram, desassombrados, o campo republicano.

Tal facto torna, entretanto, melindrosa a constituição dos novos quadros dirigentes, porque a diminuta massa republicana, engrossada subitamente com esses novos contingentes, recebe com elles tambem o fermento das impaciencias, das irritações e, mesmo, dos odios dos antigos servidores do velho regimen, feridos nos seus interesses ou não premiados no seu lealismo. Estes "descontentes" vão corromper com as suas animosidades o ambiente de puro idealismo, em que sonham os evangelistas republicanos. Proclamada a Republica, são elles, em regra, os que investem com mais virulencia contra a antiga ordem de cousas e maculam, com ignominias dispensaveis e brutalidades innominaveis, os primeiros annos do novo regimen.

Ha outros elementos monarchicos, entretanto, que, não tendo antecipadamente bandeado para o grupo republicano, comprehendem o irremediavel da nova situação, despedem-se, com saudades, das suas antigas afeições e, acceitando as novas instituições, se dispõem a collaborar com ellas em beneficio do paiz. Vindos do velho regimen, trazem para a Republica os seus moldes antigos, a sua mentalidade antiga, os seus principios antigos, os seus habitos antigos e, sem terem passado pela forja purificadora do "historicismo", tomam, ao lado dos republicanos da propaganda e, ás vezes, com preterição destes, os primeiros logares na direcção do

paiz. São os "adhesistas", entre os quaes se contam nomes de grande relevo no II Imperio.

Os adhesistas exercem, na nova ordem de cousas, uma função altamente benefica, porque função moderadora e sedativa: *permitted que a substituição das velhas instituições pelas novas se faça sem grandes attritos nem contra-choques, mais ou menos normalmente, no governo central e no governo dos Estados.* Elles corrigem, com o seu equilibrio e a sua moderação, o radicalismo excessivo dos republicanos vermelhos e o desembaraçado interessismo dos descontentes de todas as origens: e poupam ao paiz reformas precipitadas e innovações perigosas, bem como reacções de intolerancia condemnaveis.

No meio desses mares encruzilhados, que são os primeiros tempos da Republica, ha um outro grupo inconfundivel: — os que não adherem. São homens que excellen pela austeridade das maneiras e pela honradez intangivel. Entre elles se contam authenticos grandes homens de estado, como SARAIVA e OURO PRETO; grandes politicos, como ANDRADE FIGUEIRA e JOÃO ALFREDO; grandes juristas, como LAFAYETTE; grandes diplomatas, como RIO BRANCO e JOAQUIM NABUCO. Delles alguns se mantêm infensos ao novo regimen e irreductiveis até a morte; outros, porém, mais razoaveis, como JOÃO ALFREDO, RIO BRANCO e JOAQUIM NABUCO, vêm prestar, convertidos mais tarde, grandes e inestimaveis serviços á Republica.

Vinda tambem do velho regimen, uma outra figura, singularisima, RUY BARBOSA, vae ser, na nova ordem de cousas, o centro de gravitação de todas as consciencias verdadeiramente liberaes.

XXIX

O regimen anterior, pela sua excessiva centralização, não havia preparado, na maioria das provincias, uma elite local, capaz de assumir a direcção dos negocios locais. Do centro, da "Côrte", é que saem, então, para as diversas provincias, na sua quasi totalidade, os altos funcionarios, que compõem o governo provincial.

Com o advento do regimen federativo, estas provincias, transformadas em Estados autonomos, vão organizar, com os seus proprios elementos, todas as peças do seu governo e da sua burocracia: e é então que começam a resentir os inconvenientes do regimen de centralização anterior.

Em muitos Estados, visto ser reduzidissimo o numero de elementos capazes, a direcção politica e administrativa vae cahir em mãos inteiramente inhabeis, de modo algum á altura das suas grandes responsabilidades. Dahi fracassos dolorosos, desordens, reacções, erros irreparaveis, que retardam o progresso de muitas Estados, os comprimem, os debilitam e os exhaurem.

Nos Estados, ao contrario, onde ha uma aristocracia politica organizada e numerosa, onde os homens capazes para o governo e administração peccam por excesso e não por insufficiencia; nestes Estados, o regimen federativo tem como que uma acção tonica e dynamogenica; é um desafogo; põe em liberdade energias adormecidas. Nelles o progresso se opera rapidamente, denunciando-se sob mil e uma modalidades: o augmento da riqueza privada, a criação de novas fontes de actividade, o desenvolvimento das lavouras, do commercio, das industrias, o progresso da cultura geral, o augmento da população. Taes, S. Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, etc.

E' que os organizadores republicanos haviam incidido no mesmo erro dos organizadores do velho regimen monarchico: o erro da symetria, a que já alludira TAVARES BASTOS, e pelo qual dão uma mesma autonomia a todos os Estados, qualquer que seja o seu gráo de cultura politica e a estructura intima da sua sociedade. Dahi esses resultados divergentes: o progresso ao lado da rotina, a marcha para diante, larga e desassombrada, de uns, e a marcha para traz de outros, rapida e incoercivel.

Em muitos Estados teria sido muito mais razoavel limitar a amplitude das suas prerogativas autonomicas, de modo a permittir um relativo regimen pupillar da parte dos poderes federaes. Ter-se-iam evitado, com isso, os inconvenientes de uma maioridade prematura.

Repartindo os poderes da soberania entre a União e os Estados, o novo regimen cria, ao lado da historia geral das suas instituições, uma historia local, que se capitula em vinte historias particulares, correspondentes aos vinte Estados da Federação. Estes trinta annos de Republica devem, pois, ser estudados sob um duplo ponto de vista: *o ponto de vista da historia da União e o ponto de vista da historia dos Estados*. E' claro que o estudo da historia politica e administrativa de cada um dos nossos Estados não é estudo para ser feito aqui: o que se procura fazer aqui é apenas uma synthese das directrizes geraes a que têm obedecido, nestes trinta annos de Republica e Federação, a politica dos Estados e a politica da União.

Cada Estado tem tido sua evolução propria; suas vicissitudes particulares; suas crises especificas; seus bons ou seus maus governos; seus momentos de depressão ou suas phases de prosperidade e exaltação.

Por seu turno, a União tem tido igualmente suas horas agitadas, atravessando periodos sombrios e épocas de esplendor, vacillado nos seus fundamentos, crescido na sua ascendencia e prestigio sobre os Estados e soffrido serias perturbações na sua estabilidade economica e na sua vida politica e administrativa.

Embora essa diversidade de destinos, embora essa complexidade de tantos factos, que se accumulam, se entrecruzam e se emmaranham, é possivel, entretanto, determinar, desde já, certas tendencias geraes, em cujo

sentido se orientam a evolução politica dos Estados e a evolução politica da União.

XXX

O nosso regimen federativo tem, como um dos seus argumentos principaes, a impossibilidade ou a inconveniencia que ha de uma organização uniforme e symetrica para todos os Estados, dadas as differenças da estructura social de cada um delles, as diversidades da sua base physica e das suas condições economicas. Só os proprios Estados poderão pezar todas essas particularidades e adaptar a ellas uma organização politico-administrativa, que com ellas se harmonize e concorde. E' um regimen, em que se procura antes de tudo attender a força modeladora dos agentes geographicos: estes, diversificando a estructura social, devem diversificar tambem a super-estructura politica e administrativa.

Cada Estado modela, ou deve modelar, assim, ao seu geito e feitio os apparatus da sua vida politica. Portanto, cada um delles deve ter o seu systema de governo particular e original: eis a conclusão.

Quem quer que procure essa originalidade de typos de governo local nas vinte Constituições, que os Estados autonomos organizam para si e a seu modo, de certo terá um desapontamento. Porque essas Constituições, com excepção da rio-grandense do sul, são

todas quasi absolutamente semelhantes, guardando entre si como que um ar de familia, com pequenas variações de fórma e quasi nenhuma de fundo (6) — o que, neste ponto, revela como ainda as novas organizações estaduaes se resentem do espirito de uniformidade e symetria do velho regimen imperial.

Quem, porém, tenha por habito raciocinar sobre realidades e não sobre phrases escriptas verá que, apesar dessa apparente uniformidade de Constituições, cada Estado tem, realmente um modo *seu* de mover-se no campo politico, de administrar os seus negocios, de organizar a sua vida partidaria e pôr em movimento o mecanismo da sua Constituição. O ponto mais interessante da historia politica dos Estados é justamente este. *O estudo dos textos das suas Constituições, na sua pura abstracção verbal, é de secundaria importancia para o historiador, como para o sociologo.*

Não obstante essas diversidades regionaes da organização politica dos Estados, é possivel, comtudo, estabelecer e discriminar certas tendencias communs á evolução da estructura governamental das vinte unidades federadas. Estas tendencias communs podem ser expressas nestas duas formulas syntheticas:

- 1.^a *absorpção crescente do poder municipal pelo poder estadual, isto é, reducção crescente da autonomia dos municipios.*

(6) cf. CASTRO NUNES — *As Constituições Estaduaes do Brasil*, 1922.

- 2.^a *hegemonia crescente do poder executivo estadual sobre os dous outros poderes, o legislativo e o judiciario, os quaes vão perdendo cada vez mais a sua necessaria independencia.*

Estas duas directrizes se objectivam, não apenas em habitos e praxes extra-legaes, mas tambem em textos de leis ordinarias e nas successivas reformas constitucionaes e administrativas, a que se vêm entregando os governantes e dirigentes estaduaes, numa actividade incansavel, ha cerca de quarenta annos. Estudem-se essas leis, analysem-se estas reformas — e ver-se-á que umas e outras procuram accentuar estas duas tendencias — o que redundo, afiual, no reconhecimento do crescente prestigio do executivo estadual sobre os dous outros poderes e sobre os poderes municipaes no nosso regimen federativo.

Em summa, a super-estructura politica dos Estados se vae modelando num duplo sentido: *de centralização e de augmento do “poder pessoal” dos presidentes.*

Essa formidavel omnipotencia dos presidentes de Estado obriga os presidentes da Republica a uma politica de transacções com diversas situações dominantes nos Estados. Esta politica tem o seu inicio no quadrennio CAMPOS SALLES, com a famosa “politica dos governadores”.

Estes, como conservam sob o seu poder toda a machina eleitoral dos Estados, mandam ao Congresso Nacional representações, que são, na sua quasi unanimidade, perfeitas expressões da sua vontade e interesses. Os presidentes da Republica, para atalhar opposições parlamentares embaraçantes da sua acção administrativa, procuram, portanto, como é natural, angariar o apoio das diversas bancadas por meio desse unico expediente efficaz, que é servir aos interesses dos governadores para com isto conquistar-lhes a adhesão.

Esta politica de reciprocidade reforça ainda mais o poder pessoal dos governadores e importa, para o poder federal, numa nova redução do seu direito de intervenção na economia dos Estados. Esta intervenção limitou-a, dentro de precisos textos legais, o mais possivel a Constituição Federal; ora, com essa nova adaptação da politica dos presidentes da Republica ás contingencias da politica dos Estados, ella ainda se limita mais, ainda mais se restringe, embaraça e enfraquece. Obrigados pela necessidade de ter no Congresso maiorias incondicionaes, os presidentes da Republica transigem com as situações estaduaes e deixam de exercer sobre as unidades federaes esse grande poder de disciplina e fiscalização, essa grande acção moderadora e correctora, que era, no velho regimen, uma das maiores garantias da liberdade dos cidadãos.

Desta ou daquella fórma, as limitações constitucionaes e as contingencias politicas fazem, no actual

regimen, do poder central um poder dependente e enfraquecido, subalternizado a vinte situações estaduais. Estas não têm apenas sob o seu poder a totalidade do aparelho politico local; tambem dominam o poder legislativo da União, através do Senado e da Camara dos Deputados.

Vê-se, pois, que o poder central, no regimen vigente, está sensivelmente diminuido do seu antigo prestigio. Pela posse do corpo eleitoral dos municipios, as situações estaduais influem, *directamente*, sobre o Congresso Federal. Pela politica dos governadores, ellas actuam, *indirectamente*, sobre o Poder Executivo da União. Só o Poder Judiciario Federal escapa, de certo modo, a este incontestavel predominio das influencias locais.

XXXI

Os estadistas republicanos são forçados, como vimos (§ XXIV), a ceder, como os do periodo colonial, diante da pressão dos factores geographicos. O regimen de federação centrifuga, que instituem com a Constituição de 1891 e que, como demonstramos, tanto enfraquece o poder central, é para elles uma solução de méra prudencia politica (7). O regimen unitario, entre

(7) RUY BARBOSA — *Relatorio do Ministro da Fazenda*, 1891, pgs. 33, 81.

nós, havia sido uma solução artificial, embora necessaria (§ XXII), mantida apenas pela habil utilização da força magnetica e centripeta da majestade imperial.

O problema da centralização implica, com effeito, a solução prévia do problema da circulação. Sem resolver este, tudo o que se fizer em favor daquelle é violencia á ordem natural das cousas. Condições especialissimas permittem aos grandes politicos do Imperio violar, sem difficuldade, essa ordem natural, mantendo sem circulação organizada, sobre a immensa latitude da nossa base physica, um systema politico da mais completa centralização. Desde o momento, porém, em que essas condições especialissimas desaparecem, o problema da circulação geral volta a ser o problema preliminar de toda e qualquer politica unitaria. O prestigio do poder central, o prestigio da União, está dependendo, pois, essencialmente delle. Resolvido, está aberto o caminho á hegemonia do Centro, á politica da unidade nacional. *Não é possivel nenhuma organização central forte num paiz de base physica vasta, de baixa densidade demographica e de circulação rudimentar.*

Enfraquecido pela federação, o poder central não tem, portanto, outro caminho racional para recobrar o seu antigo prestigio sinão o do desenvolvimento da circulação geral. Ou esta, ou então a fragmentação federativa do poder, como recurso unico para manter a integridade do paiz.

Ha dous meios de atacar, entre nós, o problema da circulação. Ha o meio directo: pela articulação ferro-

viaria do paiz; pelo desdobramento das nossas linhas de navegação interior; pela multiplicação dos meios de circulação inter-espirtual: correios, telegraphos, telephones, etc. Ha o meio indirecto: pelo desenvolvimento dos centros de povoamento; pela elevação do coefficiente da nossa densidade demographica; em summa, pela redução da dispersão social por meio da colonização intensiva e systematica. Um e outro tendem a eliminar aquillo que chamamos (§ XXII) “ a força isolante do deserto”: este, pela multiplicação das malhas do tecido social, demasiadamente rarefeito; aquelle, pela intercommunicação dos nódulos sociaes, excessivamente disseminados e isolados.

Ora, quem dêr, com imparcialidade, o balanço aos quadriennios republicanos, nestes tres decennios de regimen federativo, reconhecerá que *os governos da Republica têm norteado a sua actividade no sentido de alcançar esses dous objectivos superiores*. Descontados grandes e innegaveis erros commettidos, fica, para assegurar-lhes um logar honroso em nossa historia, o acerto dessas duas orientações salvadoras.

XXXII

Realmente, o periodo republicano caracteriza-se, principalmente, pelo rapido desenvolvimento dos meios de comunicação material e espirtual. Se, no ponto de vista da estabilidade politica e das garantias do cidadão, o Imperio não receia um confronto com a Re-

publica, esta não pôde temer com o Imperio um cotejo no tocante ao problema da circulação. Este é atacado com grande vigor, tanto quanto tem sido possível, pelos dirigentes republicanos.

O estudo, por exemplo, do desenvolvimento das comunicações postaes é dos mais expressivos. De 1860 até 1890 o movimento da correspondencia official e total, como se vê do quadro abaixo, é o seguinte (8):

ANNOS	Official	Particular	Total
1860	515.077	5.215.643	5.730.720
1870-71	542.508	9.200.162	9.722.670
1880-81	3.006.388	19.353.609	20.359.997
1890	3.401.049	49.039.969	50.441.078

Na Republica, esse desenvolvimento das comunicações postaes opera-se, porém, acceleradamente e, no mesmo espaço de tempo, decuplica para a correspondencia total (9):

(8) *Anuario Estatistico do Brasil*, vol. II, pag. 65.

(9) Estão incompletos os totaes referentes ao anno de 1920, por não se terem ainda recebido os dados relativos ás *agencias* das administrações postaes dos Estados da Bahia, da Parahyba, do Pará, do Rio de Janeiro, do Piauhy e das *sub-administrações* de Campanha e Diamantina, em Minas Geraes. (*Ob. cit.* até 1910 e Relatorio da Directoria Geral dos Correios, de 1920)

ANNOS	Official	Particular	Total
1890	1.401.049	49.039.969	50.441.018
1900	3.135.680	275.344.673	278.480.353
1910	5.603.320	538.065.837	543.669.157
1920	31.673.484	680.702.781	642.376.265

Para accentuar o admiravel desenvolvimento desse genero de communicacões durante o periodo republicano, basta fazer o cotejo entre o augmento da correspondencia official e total de 1860-1890 e o augmento da mesma correspondencia de 1890 a 1920, isto é, num mesmo periodo de trinta annos:

	Official	Total
Imperio (1869-1890) . . .	885.974	44.710.298
Republica (1890-1920) . .	10.272.435	591.935.247

Emquanto o Imperio, em trinta annos, augmenta de 885.972 objectos a correspondencia official e de 44.710.298 a correspondencia total, o novo regimen, no mesmo espaço de trinta annos, augmenta de.... 10.272.435 objectos a sua correspondencia official e de 591.935.247 a sua correspondencia total. Nada mais significativo.

No tocante a communicacões telegraphicas, sem duvida o Imperio nos lega, sob a inspiração de CAPANEMA, cêrca de 11.895 kilometros de linhas, ligando

(*) Em 1930: — 1.914.684.154.

todas as capitaes do paiz ao centro; mas, o progresso da rêde telegraphica é incomparavelmente mais rapido na Republica. O Imperio, por exemplo, estende até Cabo Frio, em 1864, os unicos 112 kilometros da sua rêde telegraphica; e, em vinte seis annos, até 1890, esta rêde tem apenas o augmento de 11.783 kilometros. Ora, em menos tempo, em vinte e dous annos, a Republica dá á rêde telegraphica um accrescimento de cêrca de 22.102 kilometros, elevando a sua extensão total, em 1912, a 33.997 kilometros (10).

De 1912 para cá o augmento prosegue com igual intensidade, chegando em 1920 a mais de 44 milhões de metros, como se vê do quadro abaixo (11):

ANNOS	NUMERO DE		Desenvolvi- mento
	Estações	Metros	
1913	740	34.377.419	68.968.925
1914	752	36.472.840	68.082.225
1915	729	37.097.548	67.354.047
1916	748	38.331.579	70.439.421
1917	801	39.666.821	72.011.661
1918	848	41.810.527	75.823.079
1919	916	43.212.060	78.048.982
1920	971	44.446.580	79.930.399 *

(10) *Annuario Estatistico do Brasil*, vol. II, pag. 80.

(11) Informações prestadas pela *Repartição Geral dos Telegraphos*.

(*) Em 1930: — 58.947.993.

E' porém, no dominio da circulação ferroviaria que os dirigentes republicanos revelam o seu plano superior de articulação do paiz e de redução da sua enorme dispersão demographica. Durante a Republica, é rapido o desenvolvimento ferroviario. Tomando, apenas para exemplificar, o periodo de 1907-1920, a estatistica das estradas em trafego assignala o seguinte progresso (12):

	METROS
1907	17.612.888
1908	18.632.655
1909	19.240.978
1910	21.325.501
1911	22.286.905
1912	23.491.382
1913	24.613.989
1914	26.062.268
1915	26.646.955
1916	27.014.534
1917	27.452.724
1918	27.706.034
1919	28.127.322
1920	28.553.316 (*)

(12) *Anuario Estatistico do Brasil* vol. II, pag. 81. A partir de 1913 as informações foram extrahidas da estatistica publicada pela *Inspectoria Federal de Estradas*.

(*) Em 1934: — 33.106.374.

Ha, como se vê, no periodo de 1907-1920, um augmento médio annual de cêrca de um milhão de metros, sendo que de 1909 para 1910 o augmento ultrapassa dous milhões de metros em trafego.

Considerando, não apenas as linhas em trafego, mas as linhas em construcções e as ainda em projecto, é este, no mesmo periodo, o quadro da nossa circulação ferroviaria:

1907	27.604.932
1908	28.007.246
1909	28.891.217
1910	29.493.613
1911	31.201.017
1912	34.995.145
1913	37.579.644
1914	38.527.828
1915	38.285.947
1916	38.580.272
1917	38.257.098
1918	38.578.884
1919	38.894.723
1920	39.310.213 (*)

O progresso é seguro, firme, sem intermittencias, nem desfallecimentos. Certo, o Imperio procura tambem desenvolver a circulação ferroviaria; o progresso que alcança é tambem continuo e sem remittencias,

(*) Em 1934: — 44.235.560.

mas, a Republica imprime a esse progresso uma intensidade maior e uma maior celeridade.

Um simples cotejo o demonstra. Em trinta annos, de 1860 a 1890, a nossa rêde de estradas de ferro cresce de 9.750.391 metros — differença entre os 222.696 metros de 1860 e os 9.937.087 metros de 1890. No mesmo espaço de tempo, de 1890 a 1920, o desenvolvimento da rêde ferroviaria augmenta de 18.580.229 metros — differença entre os 9.973.087 metros de 1890 e os 28.553.316 metros (linhas em trafego) de 1920.

Ha, pois, a favor da Republica um augmento de mais de 8 milhões de metros no mesmo espaço de trinta annos.

Esse maior progresso da rêde ferroviaria na Republica se evidencia egualmente pelo augmento maior do coefficiente de extensão por kilometro quadrado. E' assim, que, em 1860, o coefficiente por 1.000 km² é de 25,64 e, em 1890, é de 1.148m,21, com um augmento, portanto, de 1.122,m57. Ora, em 1920, este coefficiente sóbe a 3.364m,84 por 1.000 km². — o que dá, para os trinta annos republicanos (1890-1920), um augmento de 2.216,m63 por 1.000 km² (13). Conclusão, portanto, favoravel ao periodo republicano.

(13) *Annuario Estatistico do Brasil*, vol. II, pag. 81. A partir de 1913 as informações foram extrahidas da estatistica publicada pela *Inspectoria Federal das Estradas*.

Essa circulação ferroviaria está longe, comtudo, de bastar ás necessidades do paiz, não só pela sua grande insufficiencia, como pela irregularidade da sua distribuição. Do total de 28.553.316 metros em trafego em 1920, pouco mais de 77% favorecem exclusivamente a zona do sul e sómente cêrca de 23% beneficiam as regiões do norte (14).

Mesmo nas zonas do sul, a distribuição não é regular; condensa-se em certas regiões mais ricas e povoadas, como é natural. E' assim que, do total em trafego, S. Paulo possui 23,3, Minas 23, 1%, o Rio Grande do Sul 9,4% e o Rio de Janeiro 9,1%, isto é: — *só quatro dos Estados do sul absorvem cêrca de 65% da nossa rêde ferroviaria.* Quanto ao norte, os tres Estados mais beneficiados, Bahia, Ceará e Pernambuco, têm apenas, respectivamente, 6%, 3% e 2% de toda a extensão da rêde nacional. Até 1912, ha Estados, como Piauhy, Goyaz e Amazonas, que não têm uma pollegada de trilhos; e outros, como Pará e Maranhão, de enorme territorio, que não chegam a possuir uma centena de kilometros. O Maranhão, por exemplo, tinha naquella época 78 kilometros e o Pará 45 apenas. O que tudo revela a immensidade do trabalho a realizar para estabelecermos um systema completo de communição ferroviaria entre os diversos centros regionaes

(14) Segundo os dados fornecidos pela *Inspectoria Federal das Estradas.*

do paiz, entre as suas diversas zonas geographicas, entre as duas dezenas de Estados.

Geographicamente mal distribuida e insufficiente, a nossa rêde ferroviaria, na sua expansão nestes tres decennios republicanos, denuncia, entretanto, um pensamento superior, não tanto de *circulação* propriamente dita, como de *articulação* das diversas regiões do paiz. No seu rapido esgalhar para o norte e para o sul, na sua inflexivel projecção para o amago dos nossos sertões, sente-se que a idéa que a anima é, antes de tudo, a de prender nos seus tentaculos de aço as diversas porções dissociadas da nacionalidade. *O pensamento da sua expansão é, pois, menos economico do que politico.*

Sobre esse ponto, nada mais suggestivo do que essa grande preocupação de reunir os diversos systemas ferroviarios do paiz num unico e vasto systema, preocupação que domina da maneira mais insistente o espirito dos estadistas republicanos.

Ha, como se sabe, em nosso paiz, cinco systemas ferroviarios perfeitamente distinctos e autonomos:

1.º — o *systema pernambucano*, comprehendendo as estradas pernambucanas, parahybanas e alagoanas;

2.º — o *systema bahiano*, a que pertencem tambem as linhas de Sergipe;

3.º — o *systema mineiro*, subordinando tambem a viação do Espirito Santo;

4.º — o *systema paulista*, abrangendo a admirável rede do Estado de São Paulo, como as suas projecções em territorio goyano e mattogrossense;

5.º — o *systema riograndense do sul*, de importancia não apenas economica, mas estrategica e politica.

Desses cinco grandes systemas alguns já estão articulados entre si, outros caminham para essa articulação; o *systema pernambucano* com o bahiano; este com o mineiro; este com o paulista; este com o riograndense do sul.

Com a articulação do *systema mineiro* ao bahiano, vão prender-se o Rio, S. Paulo e Minas aos Estados do Norte até Parahyba, através da articulação do *systema bahiano* com o pernambucano.

Com a articulação do *systema paulista* ao riograndense do sul, através da S. Paulo-Rio Grande, prendem-se S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul ao *systema mineiro* e, portanto, pela articulação mineiro-bahiana, aos Estados septentrionaes.

Pela Noroeste e pela projecção da Mogyana até Goyaz, este Estado e Matto Grosso se ligam ao *systema paulista* e, portanto, a todos os outros Estados servidos pelas redes dos cinco grandes systemas existentes.

Planeja-se, por outro lado, articular o *systema pernambucano* aos pequenos centros ferroviarios do

Ceará, Maranhão e Pará — o que, realizado, viria estabelecer a articulação geral de todo o systema ferroviario do paiz e, com ella, a intercommunicação de todos os Estados do sul e do norte.

Essa obra formidavel se está realizando inteiramente dentro do periodo republicano: o Imperio não tivera tempo, nem meios para emprehendel-a.

Ora, *esse desenvolvimento da circulação ferroviaria vae ter no campo politico uma repercussão incalculavel.*

XXXIII

Nós temos uma população extremamente disseminada. O processo de povoamento inicial por meio de sesmarias, vastas superficies de varias leguas de extensão, condemnava-nos a esta dispersão: temos sido até agora um povo de latifundiarios. Cada latifundio, seja um nucleo pastoril, seja um centro agricola, é um pequeno organismo social mais ou menos independente, separado dos outros por muitas leguas de distancia (15).

Entre esses nódulos sociaes, que se diffundem por todo o nosso interior, ha, assim, enormes intervallos despovoados, verdadeiros trechos de deserto — o que embaraça profundamente a regularidade da circulação geral.

(15) OLIVEIRA VIANNA — *Populações meridionaes do Brasil* vol. I, cap. VII.

Esses trechos de deserto só poderão ser eliminados pela colonização: ou espontanea — devido ao augmento natural da população; ou official — pela fundação de nucleos coloniaes.

Ora, essa redução dos nossos espaços deserticos se está operando surda, mas efficazmente: o augmento da população nacional e o augmento do nosso coeffericiente de densidade demographica o demonstram.

O augmento da população é, com effeito, sensivel desde 1872 até os nossos dias. E' este o quadro geral a partir daquelle anno:

1872	10.112.061 hab.
1890	14.333.915 "
1900	17.318.556 "
1910	23.414.177 "
1920	30.635.605 "

Parallelamente, a elevação do indice da nossa densidade territorial:

1872	1,192	por	km ²
1890	1,689	"	"
1900	2,041	"	"
1910	2,759	"	"
1920	3,610	"	"

Em alguns Estados, este augmento da densidade territorial como que se opera aos saltos. E' o caso de São Paulo, de Minas e do Rio Grande do Sul.

De S. Paulo, por exemplo, são estes os dados estatísticos da sua densidade:

1872	2,879	por	km ²
1890	4,761	"	"
1900	7,846	"	"
1910	11,878	"	"
1920	12,787	"	"

O crescimento da densidade mostra que a massa nacional se está fazendo cada vez mais compacta, cada vez mais perdendo o seu caracter ganglionar e dispersivo. Os nódulos sociaes, que vimos tão separados durante o nosso longo periodo colonial, se vão, dest'arte, approximando e reduzindo os trechos de deserto, que os intervallam, augmentando os seus pontos de contacto e facilitando assim o desenvolvimento da circulação geral.

XXXIV

Estes dados permittem, pois, concluir que os fundamentos da nossa grande politica — a politica secular de reacção contra a acção dispersiva dos agentes geographicos — estão sendo lançados com segurança. Caminhamos para aquelle "maximum de circulação", sem o que será impossivel resolver a equação da nossa unidade politica. *Fragmentado pela federação em vinte centros estaduais, o paiz se está reintegrando, aos pou-*

cos, na sua primitiva unidade, sob a acção poderosamente articuladora da sua rêde ferroviaria.

Este desenvolvimento da circulação geral vae, por outro lado, fortalecendo nas populações estaduaes o sentimento da possibilidade de uma acção mais efficaç e rapida do poder central sobre os nucleos de vida local em todo o paiz. *O espirito federalista perde, assim, a sua melhor justificação.*

Quer dizer que o majestoso edificio da nossa unidade politica, que o Imperio não pôde assentar sinão sobre uma base artificial, começa agora a assentar-se sobre as suas verdadeiras bases, que são as de uma circulação politica, tanto quanto possivel, efficiente e completa. Isto é, tudo parece demonstrar que estamos evoluindo para esta equação final: *um maximum de base physica + um maximum de circulação = um maximum de unidade politica.*

XXXXV

Não é só o desenvolvimento dos nossos apparelhos de circulação geral que está preparando o nosso ambiente politico para o prestigio crescente da União, para a crescente ascendencia do poder federal sobre as unidades federadas. Outras circumstancias influentes trabalham, nestes ultimos tempos, egualmente no mesmo sentido.

Em primeiro logar, ha que contar *a collaboraçã* cada vez mais estreita do governo federal na vida econo-

mica dos Estados. E' uma intervenção auxiliar, mas não menos demonstrativa da sua força e da sua effi-
cacia. Raros são os Estados, com effeito, que não ha-
jam soffrido abalos sérios na sua estabilidade econo-
mica; todos elles vivem constantemente sob a acção
de crises violentas, que desorganizam por inteiro as
condições da sua riqueza industrial. Os Estados do
norte, com a borracha e o assucar; os do sul, com o café
e as suas industrias manufactureiras — todos têm re-
corrido á União, todos têm sido amparados por ella,
todos comprehendem que só por si, sem ella, não po-
derão vencer as difficuldades economicas que os asso-
berbam. E isto reforça nelles o sentimento da sua de-
pendencia para com o grande centro federal.

Ha tambem a resaltar que o admiravel desenvol-
vimento ferroviario, que acima descrevemos, é todo
quasi de iniciativa da União, principalmente nos Es-
tados do Norte. Dos 39.310.213 metros de linha em
trafego, em construcção e em projecto, existentes no paiz
em 1920, cerca de 31.000.000 pertencem ao governo
federal ou foram concedidos por elle; e apenas mais de
8.000.000 são de iniciativa dos Estados (16). Exce-
ptuando certas rêdes do Pará, Pernambuco e Bahia,
todas as estradas dos demais Estados no norte são pro-
priedade ou concessão da União. Da mesma fôrma, o
governo federal está intervindo no melhoramento dos

(16) Segundo os dados fornecidos pela *Inspectoria Federal das Estradas.*

portos dos diversos Estados do norte e do sul. O traço distinctivo do quadriennio AFFONSO PENNA é justamente a sua preocupação em desenvolver as nossas estradas de penetração e em melhorar as nossas condições portuarias — e os seus successores não têm abandonado essa directriz superior.

Outros empreendimentos grandiosos estão sendo realizados pela União nos Estados e que servem para robustecer nas populações beneficiadas a confiança no poder central, a fé na sua capacidade organizadora. E' assim o serviço de prophylaxia rural do paiz. E' assim o serviço contra as seccas do Nordeste. São todas obras da maior benemerencia, exigindo capitaes enormes e uma burocracia consideravel.

O serviço de defesa agricola tambem faculta uma interferencia constante da União na vida economica dos Estados e, por meio d'elle, ella dá a sentir a todo mundo a efficacia da sua acção vigilante. E já agora começa-se a appellar para o governo federal, começa-se a invocar o seu auxilio para este serviço de character essencialmente local: a lucta contra o analphabetismo, o desenvolvimento do ensino primario.

Este prestigio crescente da União é logico. Como já dissemos (§ XXVII), na sua maioria, os Estados não estavam preparados para a autonomia plena, que lhes deu o regimen federativo. Não havia em muitos delles elites locais, capazes de governal-os sabiamente; muitos delles não possuíam ainda uma base economica sufficiente para que sobre ella se pudesse assentar um

regimen tributario á altura das novas responsabilidades autonomicas. De tudo isto resultou a mesquinhez e a insufficiencia da acção administrativa dos poderes locais. Os grandes serviços publicos, especialmente a viação, o ensino, o fomento rural, não puderam ser comprehendidos.

Dahi a necessidade crescente da acção suppletoria da União. Dahi, consequentemente, com rarissimas excepções, o sentimento cada vez mais generalizado da incapacidade das administrações estaduais. Por toda a parte se diffunde e se radica o sentimento contrario: *o sentimento da superioridade do poder federal como força incomparavel de organização, coordenação e administração.*

De maneira que da "federação centrifuga", de JEFFERSON, estamos sensivelmente evoluindo para a "federação centripeta", de WEBSTER. Tolhida no terreno politico, pela força dos textos constitucionaes, a sua acção intervencionista, a União a dilata cada vez mais no terreno economico e social dos Estados. (17)

XXXVI

Tudo parece, pois, assegurar ao poder central, no futuro, sobre as forças centrifugas do provincialismo e do localismo, o triumpho definitivo.

(17) Esta tendencia para a "federação centripeta" reflecte-se claramente na Constituição de 16 de julho de 1934, e, mais ainda, na de 10 de novembro de 1932.



INDICE

Prefacio á 2. ^a Edição	9
Prefacio á 3. ^a Edição	18

INTRODUÇÃO

I — O moderno conceito da evolução social	23
---	----

I. O grande movimento da renovação scientifica no seculo passado. O pensamento evolucionista nas sciencias naturaes. Repercussão das theorias de Spencer, Darwin e Haeckel no dominio das sciencias moraes politicas. Fundação da sociologia e da critica historica. Os primeiros entusiasmos e as primeiras desillusões. II. O primitivo conceito da evolução social. Evolução unilinear da sociedade, da familia, da lingua, do direito, das instituições politicas. Falsidade do conceito da evolução unilinear. Reacção contra o "homogeneo inicial", de Spencer. Gabriel Tarde e seus seguidores. O moderno conceito da evolução social. III. O "heterogeneo inicial", de Tarde. Factores de diferenciação dos grupos humanos: sua complexidade. O moderno conceito da influencia do meio cosmico. O "possibilismo", de Vidal de La Blache. Reacção contra o fatalismo geographico de Ratzel. IV. O meio cosmico. Sua importancia como modificador social. Como os grupos humanos se adaptam ao meio physico. Revelações da anthropogeographia. Influencia do solo. Influencia do clima. O verdadeiro objecto das sciencias sociaes. Utilidade dos estudos morphicos. Os elementos da futura synthese geral.

II — Utilidade dos estudos brasileiros	41
--	----

I. Dupla utilidade do estudo da nossa historia. Conceito da historia como "mestra da politica". O preconceito da identidade entre nós e os povos civilizados: seus inconvenientes. Problemas locais. II. Pontos de semelhança: função uniformizadora das correntes de civilização. Função diferenciadora dos agentes locais: pontos de dissemelhança. III. Plano de estudos brasileiros: o seu desdobramento. Objectivos visados. Explicação das lacunas deste volume. IV. Methodos de escrever a historia.

O "methodo secular" e a sua insufficiencia. Os nossos velhos historiadores e a sua maneira. Factores esquecidos: necessidade de reintegral-os em nossa historia. O methodo objectivo na exegese historica: suas vantagens.

EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO

Primeira Parte — Evolução da Sociedade

61

I. O Brasil no tempo de CABRAL. Estado social da população indigena. — II. O regimen da grande propriedade. Porque se estabeleceu. — III. Fundação da agricultura. Importancia social da canna de assucar. Os engenhos do periodo colonial. — IV. O regimen pastoril. Como se institue e porque se institue. Função social do pastoreio. — V. Instituição da escravidão. Os escravos indios. Os escravos africanos. — VI. Organização social dos grandes dominios. Hierarchia das classes ruracs. — VII. Os grandes dominios e sua organização militar. — VIII. O movimento de expansão sertanista. Causas e directrizes. — IX. Os focos de irradiação das correntes povoadoras. — X. O povoamento do norte. Penetração pastoril. Desbravamento do nordeste. Colonização da Amazonia. — XI. Os principaes focos de irradiação ao sul. — XII. O movimento das bandeiras: directrizes. Expansão dos paulistas. Corrente mineira. Corrente goyana. Corrente de Matto Grosso. Corrente dos planaltos meridionaes. Povoamento do pampa rio-grandense. — XIII. O movimento de expansão nos seculos II e III. Mobilidade da população. — XIV. O seculo da independencia. Estabilização social. O Imperio e a aristocracia rural. O cafeeiro: sua função social. — XV. O regimen servil e sua abolição. Efeitos sociaes da abolição. — XVI. O moderno movimento de penetração sertaneja. Conquista do Acre. — XVII. O assalto á floresta tropical. Colonização dos platós catharinenses e paranaenses. — XVIII. Expansão para o oeste. O paulista e o italiano. Irradiação para o Parapanema. Conquista do valle inferior do Tieté. — XIX. A marcha para os sertões.

Segunda Parte — Evolução da Raça

137

I. O povo portuguez: sua composição ethnica na época do descobrimento. — II. Os colonizadores brancos. Seus caracteristicos anthropologicos e ethnologicos. — III. População indigena. Caracterização anthropologica do "Homo americanus". — IV. Elemento negro. Somatologia e psychologia do "H. afer". Tribus negras impertadas. — V e VI. Distribuição geographica do elemento vermelho. — VII. Distribuição geographica do elemento negro. — VIII. Distribuição social: a) do homem vermelho; b) do homem negro; c) do homem branco. — IX. Potencialidade eugenistica das raças barbaras. Eugenismo do negro. Eugenismo do indio. — X. Os mestiços. Sua genese; sua condição; sua capacidade ascensional. — XI. O typo anthropologico do bras-

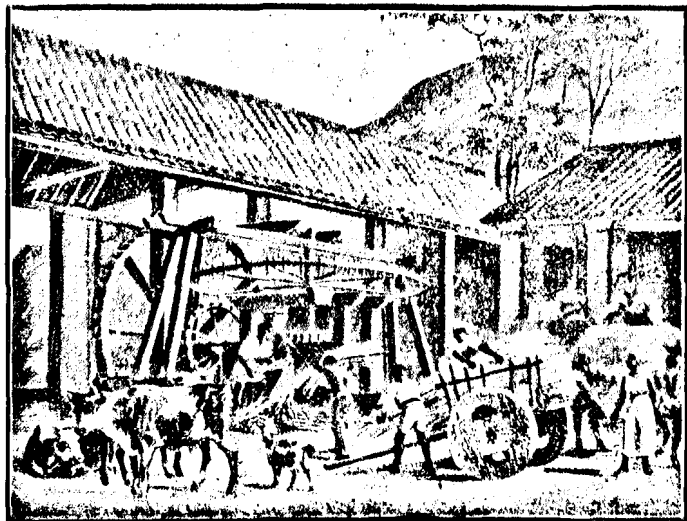
leiro. Difficuldade da sua fixação. Caracteres communs aos typos regionaes do norte e do sul. — XII. Evolução dos typos regionaes no sentido da sua aryanização progressiva. — XIII. Selecções telluricas e sociaes: o sentido aryanizante da sua acção. Natalidade e mortalidade do "H. afer" na sociedade colonial. O homem branco e sua alta fecundidade em nosso clima. — XIV. Selecções ethnicas. O problema do cruzamento. Instabilidade dos typos mestiços. Tendencia para a clarificação dos mestiços. O apuramento da raça. — XV e XVI. O phenomeno da aryanização progressiva da nossa população. Dados estatísticos que a demonstram.

Terceira Parte — Evolução das instituições politicas 217

I. Dispersão inicial dos centros de colonização. — II. O problema da organização politica e os estadistas colonias. — III. O primeiro governo: simplicidade da sua organização. — IV e V. Fragmentação crescente da estrutura politica inicial. — VI. O problema da circulação politica no periodo colonial. — VII. Os factores geographicos e sua acção pulverizadora. — VIII e IX. Os factores geographicos e sua acção diferenciadora. — X, XI e XII. Os factores sociaes: acção diferenciadora. Synthese do periodo colonial. — XIII. Os estadistas do Imperio e o problema da organização politica. — XIV e XV. O movimento da Independencia. A aristocracia da terra. — XVI a XXI. O problema da unidade politica. O poder moderador. O "poder pessoal". Elementos auxiliares. Reacção liberal. — XXII e XXIII. O ideal federativo. — XXIV. Os estadistas imperiaes e sua objectividade. — XXV. O ideal republicano. Sua victoria. — XXVI. Organização republicana federativa. — XXVII a XXIX. Os primordios da Republica. — XXX. Evolução politica dos Estados. — XXXI a XXXIII. Os fundamentos da hegemonia da União. Reacção contra o centrifugismo estadual. O exito da politica unitaria.



★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Graphica da "Revista dos Tribunass", Rua Xavier de Toledo, 72 — São Paulo — para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 118 — São Paulo, em abril de 1938.*



Um engenho de canna



Habitantes de Goyaz

SEMI-DE CARTE TOPOGRAPHICA

BRAZIL

1:500,000
1:500,000
1:500,000
1:500,000



NOMENCLATUR

AS BACIAS

- 1 Baía de Amazonas
- 2 Rio de Prata
- 3 S. Francisco
- 4 Paratyba
- 5 Iapicuru Grande
- 6 Marajó
- 7 Gurupá
- 8 Jariarihe
- 9 Paratyba
- 10 Paratyba do Norte
- 11 Paratyba
- 12 Iapicuru
- 13 Paratyba
- 14 Rio das Contas
- 15 Aquidauana
- 16 Mucury
- 17 Rio de Janeiro
- 18 Paratyba do Sul
- 19 Ribeira
- 20 Itajubá
- 21 Jacuhy
- 22 Lagoa Mirim

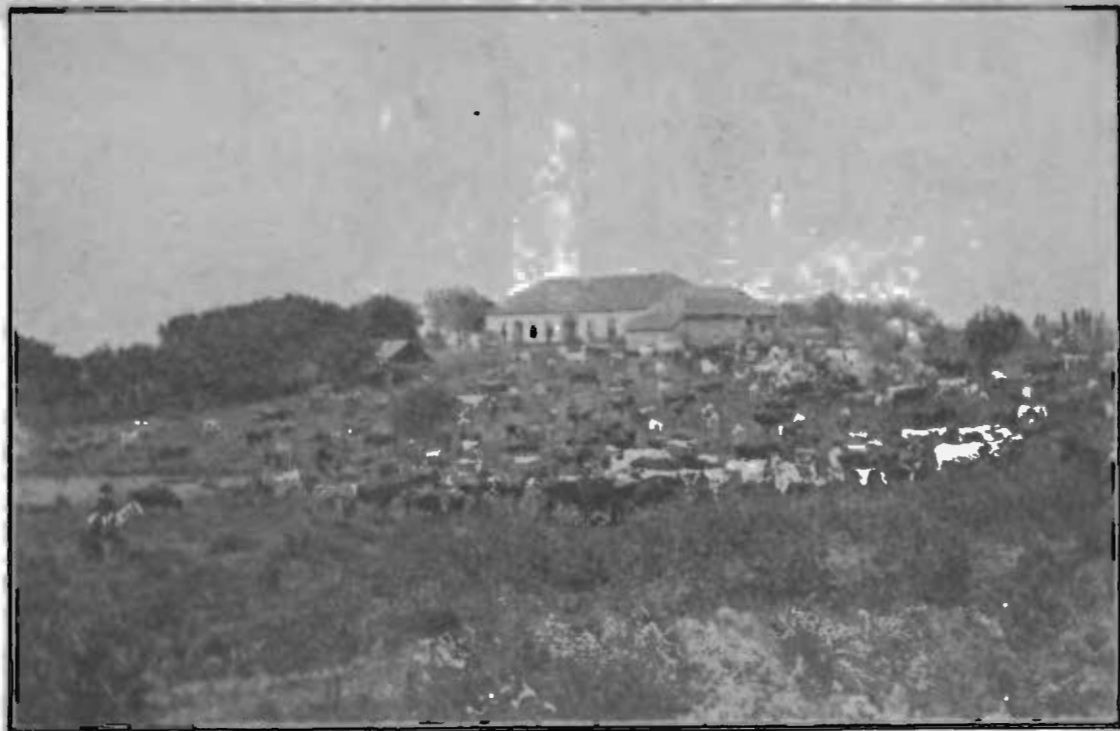
III



Caatingas do Noroeste (*Sertão pernambucano*)



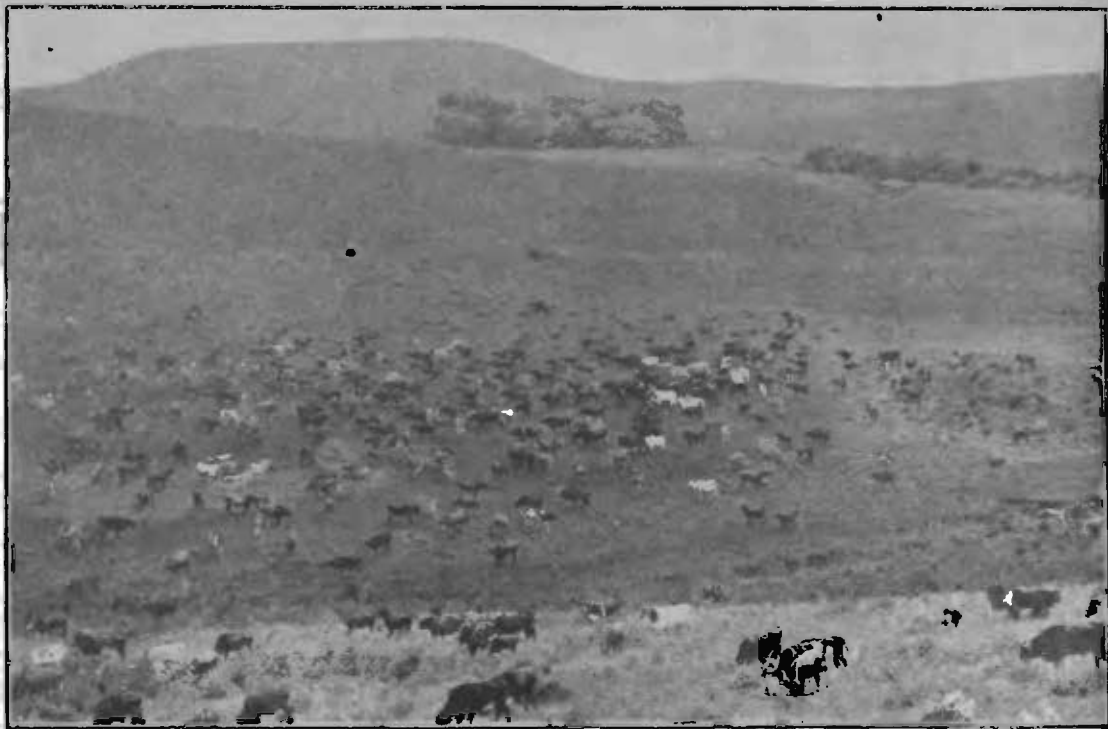
Floresta de Araucarias



Aspecto de uma fazenda nos Campos Geraes de Palmas. (*Estado do Paraná*)



Campos de Bagé na fronteira com a Republica Oriental do Uruguay e ao sul
do Rio Grande do Sul



Campos de criação no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul



Campos de Vaccaria, ao Norte do Estado do Rio Grande do Sul



Paulistas (*Época da Independência*)



Familia de Fazendeiros indo á Missa



Um interior de casa de Familia de Fazendeiros



Sertões Septentrionaes (*Zona de Caatingas*)



Aldeia de Seringueiros (*Amazonia*)



Fazenda de café no município de Dois Corregos (*Estado de S. Paulo*)



Estrada de rodagem entre Porto União e Palmas (*Estado do Paraná*)

XIII



Indios Purys



Indios Camacans



Indios Coroados



Indios Coropós



Indios Machacari



Negros Benguela



Diversos typos de negros "Moçambique"

XVII



Cabinda



Quilôa



Rebolla



Mina



Benguela



Angola



Congo



Monjolo



Os meios de transportes na época da Independência (*Tropas de mulas*)



Os meios de transportes na época da Independência (*Grupo de mineiros em viagem*)



Os meios de transportes na época da Independência (*"Bangué" ou liteira de tipo colonial*)



Os meios de transportes na época da Independencia



Capitão do Matto

